UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA A CIÊNCIA E O ENSINO DE MATEMÁTICA - MESTRADO

KÉCIA PRISCILLA PALOMBELLO MAGALHÃES

A EDUCAÇÃO SEXUAL NA CONCEPÇÃO E PRÁTICA DE PROFESSORES DE BIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO

MARINGÁ-PR
2016

KÉCIA PRISCILLA PALOMBELLO MAGALHÃES

A EDUCAÇÃO SEXUAL NA CONCEPÇÃO E PRÁTICA DE PROFESSORES DE BIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática do Centro de Ciências Exatas da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação para a Ciência e a Matemática.

Área de concentração: Formação de Professores, Renovação Curricular e Avaliação Escolar na área de Ciências e Matemática.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida Rodrigues

Maringá
2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

M188e

Magalhães, Kécia Priscilla Palombello
A educação sexual na concepção e prática de professores de biologia do ensino médio/ Kécia Priscilla Palombello Magalhães. -- Maringá, 2016.
205 f. : il., figs.

Orientadora: Prof. Dr.a. Maria Aparecida Rodrigues.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática, 2016.

1. Prática docente - Educação sexual. 2. Ensino de Biologia. 3. Sexualidade. 4.. I. Rodrigues, Maria Aparecida, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Exatas. Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática. IV. Título.

CDD 22. ED.372.372

JLM-001648

KÉCIA PRISICILLA PALOMBELLO MAGALHÃES

A Educação Sexual na concepção e prática de professores de Biologia do Ensino Médio

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática do Centro de Ciências Exatas da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em *Ensino de Ciências e Matemática*.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Aparecida Rodrigues
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Profa. Dra. Mary Neide Damico Figueiró
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. André Luis de Oliveira
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Maringá, 29 de Abril de 2016.

Dedico esta dissertação...

Aos meus pais Luiz e Marisa Magalhães

Ao meu esposo Leandro Marin e sua mãe Sueli

Aos meus irmãos Victor, Kelly e seus filhos

Aos meus avós maternos Raphael Palombello e Hélide (In Memorian)

Aos meus avós paternos Luiz e Rosa (In Memorian)

Marluce Leite Magalhães, minha tia querida (In Memorian)

Aos professores que me auxiliaram na obtenção dos dados expressados na pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Inicio agradecendo primeiramente ao meu paizinho querido... meu Deus, que me deu a vida e a oportunidade de renascer em espírito e em verdade. Creio que seja necessário explicar o motivo deste renascimento. No ano de 2013, após realizar a avaliação escrita para a seleção do Mestrado e ter sido aprovada, descobri uma enfermidade que veio com o intuito de apagar meus sonhos, me tirar o chão e me desestruturar física e psicologicamente. Tratavam-se de cinco tumores no fígado.

Após vinte dias de internação e várias promessas de morte, eis que decido me levantar e pedir autorização médica para poder comparecer a fase de entrevista. Neste momento, as forças já me faltavam, mal caminhava. Ao meu lado, pessoas que jamais me deixaram cair, minha mãe Marisa, meu marido Leandro e meu pai Luiz Magalhães. Voltei para casa com a certeza de que havia dado o meu melhor. Foram outros dois meses de tratamento em hospitais e médicos variados. Não havia expectativa de vida. Mas de quatro médicos que me deram a sentença de morte eu preferi acreditar em um único que me deu esperança de vida. Desta forma, preciso agradecer a ele também, Dr. João Malli, por não ter cortado meu último fio de esperança. Eis então, que surge o resultado de minha aprovação definitiva no Mestrado. É claro que neste momento a concretização de mais um sonho se inicia e as batalhas pela vida também. A fé não me deixou cair. Mal sabia que Deus já havia separado os anjos que me ajudariam no estudo. Minha orientadora Maria Aparecida Rodrigues, que sempre compreendeu minhas dificuldades e me ajudou em todas as etapas desta dissertação e também de minha cura. Quando estamos cercados de pessoas que emanam luz, tudo se torna mais fácil. Meu crescimento como pessoa e como aluna se tornou visível, principalmente quando olho o primeiro esboço do projeto de pesquisa. Aprendemos juntas, crescemos juntas e nos tornamos amigas. Amo você professora.

Agradeço de todo meu coração o professor Dr. André Luis de Oliveira, que tornou esta dissertação mais rica através de suas contribuições, sua ética e dedicação com a leitura plena desta pesquisa me deixou encantada. Agradeço à professora Dr.ª Mary Neide Damico Figueiró, grande pesquisadora a quem muito admiro, que com grande esmero, contribuiu para meu

crescimento como professora, como mestranda, como pesquisadora e pessoa, promovendo em mim uma visão ampla do que defendo acerca da Educação Sexual.

Agradeço aos professores que se disponibilizaram a participar desta dissertação, e ao Núcleo Regional de Educação de Apucarana-Pr que nos autorizou a desenvolver a pesquisa.

Agradeço também a todo corpo docente do PCM pelos conhecimentos trocados. À Sandra secretária, que sempre nos socorria com os documentos e prazos solicitados pelo programa.

Aos meus irmãos Victor e Kelly, meus sobrinhos Anthony, Nicoli e Izadora que por tantas vezes sentiram minha falta enquanto estava focada na pesquisa. À minha sogra Sueli que sempre intercedeu por mim e me apoiou em todos os momentos.

Ao Leandro Marin, meu esposo, luz da minha casa, que me apoia, me faz compreender e me sentir amada. Este que mesmo sabendo que eu poderia ter morrido a qualquer instante não desistiu de mim. Lutou, chorou, cuidou e respeitou todo o tempo necessário para que eu pudesse me reestabelecer e ter forças para subir ao altar. Apesar de eu sempre te dizer, eu te amo muito e louvo a Deus pela sua vida.

Minha mãe Marisa e meu pai Luiz. Deus sempre foi generoso comigo, e eu agradeço infinitamente por ter dado a mim pais tão maravilhosos. Pessoas que se alegraram com minhas conquistas e choraram as minhas dores. Que contribuíram para que meu tratamento fosse digno, para que conseguisse terminar o Mestrado, e tantas outras. De todas, o amor sempre foi maior. Amo vocês com todas as minhas forças e que Deus os recompensem cem vezes mais por tudo o que já investiram em mim.

"Tenho a impressão de ter sido uma criança brincando à beira-mar, divertindo-me em descobrir uma pedrinha mais lisa ou uma concha mais bonita que as outras, enquanto o imenso oceano da verdade continua misterioso diante de meus olhos".

(Isaac Newton)

A EDUCAÇÃO SEXUAL NA CONCEPÇÃO E PRÁTICA DE PROFESSORES DE BIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO

RESUMO

Algumas pesquisas em Ensino de Ciências têm dado ênfase ao tema Educação Sexual na escola, destacando sua importância para a formação dos educandos, bem como dificuldades enfrentadas pelos docentes para promover a Educação Sexual de forma plena, considerando, além dos aspectos conceituais e científicos, questões que envolvem o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo. A presente pesquisa, de caráter qualitativo, investigou como professores de Biologia do Ensino Médio compreendem e desenvolvem a Educação Sexual em suas aulas. Para tanto, onze professores responderam a entrevistas semiestruturadas. Tais entrevistas foram norteadas por um roteiro de questões relacionadas à Educação Sexual, envolvendo os aspectos familiar, escolar e profissional. Os dados coletados foram analisados, seguindo os pressupostos da análise de conteúdo e confrontados com o referencial teórico que embasou a pesquisa. Como resultados, destacamos algumas das categorias que emergiram das respostas dos participantes: responsabilidade da escola na educação sexual, compreensão sobre sexo e sexualidade, dificuldades para desenvolver a Educação Sexual na escola, visão sobre o tema Orientação Sexual recomendado nos PCN e influência dos PCN na prática pedagógica do professor. Os professores apontaram, como dificuldades para desenvolver a Educação Sexual, a incompreensão dos pais, a imaturidade dos alunos e a falta de apoio da equipe pedagógica. Evidenciamos que alguns dos entrevistados possuem uma visão tradicionalista da Educação Sexual, não mobilizando os alunos para a construção desse conhecimento. Somente uma parte dos pesquisados mostrou preocupação e comprometimento com a Educação Sexual dos educandos. Portanto, vemos a necessidade de se repensar os currículos dos cursos de Biologia e Ciências e se investir, de forma mais intensa, na formação continuada de professores dessas áreas, de maneira a suprir as lacunas da formação inicial desses professores, capacitando-os para desenvolver uma Educação Sexual pautada em aspectos sociais, culturais, psicológicos e afetivos, além dos biológicos.

Palavras-chave: Educação Sexual; Sexualidade; Prática docente.

SEXUAL EDUCATION IN THE VIEW AND EXPERIENCE OF HIGH SCHOOL BIOLOGY TEACHERS

ABSTRACT

Some science teaching studies have emphasized the importance of sexual education in the school, as well as difficulties faced by teachers to fully promote it, considering, in addition to conceptual and scientific aspects, questions that involve the personal and social development of the individual. This study was of a qualitative nature and investigated how high school biology teachers understand and develop sexual education in their classrooms. To this end, eleven teachers were interviewed using semi-structured interviews. The interviews were guided by a list of questions related to sexual education, involving family, school and professional factors. The data was analyzed following the content analysis assumptions and compared to the theoretical framework that supported the research. As regards the results, we highlight some of the categories that emerged from the responses of the participants: responsibility of the school in sexual education, understanding of sex and sexuality, difficulties to develop sexual education in the school, view on sexual orientation recommended in the national curriculum parameters and influence of the national curriculum parameters in the pedagogical experience of the teacher. The teachers indicated difficulties to develop sexual education such as the incomprehension of the parents, immaturity of the students and lack of support of the pedagogical team. We demonstrate that some of the interviewees have a traditionalist view of sexual education, which does not mobilize students to construct this knowledge. Only a part of those surveyed showed concern and commitment as regards the sexual education of students. Therefore, we see the necessity to rethink the curricula of the courses of biology and sciences and invest more intensely in the continuing education of teachers of these areas, so as to fill gaps in the initial education of these teachers, enabling them to develop a sexual education based on social, cultural, psychological and emotional aspects, in addition to the biological.

Key words: Sexual Education; Sexuality; Teacher experience.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Conteúdos estruturantes e básicos da disciplina de Ciências_____ 62
Quadro 2- Conteúdos estruturantes e básicos da disciplina de Biologia_____64
Quadro 3 - Perfil dos professores pesquisados_____72
Quadro 4 - Subcategorias e unidades de análise com relação ao momento de escolha da profissão_____ 78
Quadro 5 - Subcategorias e unidades de análise no que diz respeito à motivação pela escolha da profissão_____ 81
Quadro 6 - Subcategorias e unidades de análise no que diz respeito à Educação Sexual recebida_____84
Quadro 7 - Subcategorias e unidades de análise sobre os temas abordados na Educação Sexual durante a Educação Básica dos professores_____89
Quadro 8 - Subcategorias e unidades de análise sobre a responsabilidade da escola na Educação Sexual_____ 94
Quadro 9 - Subcategorias e unidades de análise sobre a concepção acerca de Sexo_____ 99
Quadro 10 - Subcategorias e unidades de análise sobre a concepção acerca de Sexualidade_____101
Quadro 11- Subcategorias e unidades de análise sobre a abordagem da Educação Sexual no Ensino Superior_____ 106
Quadro 12- Subcategorias e unidades de análise sobre estratégias didáticas no desenvolvimento da Educação Sexual na formação inicial_____ 109
Quadro 13- Subcategorias e unidades de análise sobre confortabilidade para desenvolver a Educação Sexual_____ 113
Quadro 14- Subcategorias e unidades de análise sobre Dificuldades para desenvolver a Educação Sexual na escola_____ 116
Quadro 15- Subcategorias e unidades de análise sobre desempenho dos alunos em relação à aprendizagem sobre Educação Sexual_____ 122
Quadro 16- Subcategorias e unidades de análise em relação o tema

Orientação Sexual recomendado nos PCN_____ 124
Quadro 17- Subcategorias e unidades de análise sobre a influência dos PCN na prática do professor_____127

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Humana adquirida

CAPES – Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior

CNE – Conselho Nacional de Educação

COPEP – Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual de Maringá

DCE – Diretrizes Curriculares da Educação Básica (Paraná)

DCN – Diretrizes Curriculares Nacional

DSTs – Doenças Sexualmente Transmissíveis

GDE – Gênero e Diversidade na Escola

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da educação brasileira

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis

NRE – Núcleo Regional de Educação

PBSH – Programa Brasil sem Homofobia

PCN – Parâmetros Curriculares Nacional

PSS – Processo Seletivo Simplificado

PTD – Plano de Trabalho Docente

QPM – Quadro Próprio do Magistério

RH – Recursos Humanos

SPE – Saúde e Prevenção nas Escolas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO_____ 16

1. A EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL E SEUS DESDOBRAMENTOS_____ 21

1.1 Situando a trajetória: contextualização teórica_____21

1.2 Aspectos históricos da Educação sexual no Brasil_____ 33

2. FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE BIOLOGIA_____48

2.1Construção de uma identidade social e docente frente à transversalidade_____48

2.2 Diretrizes Curriculares de Ciências e Biologia no Estado do Paraná (DCE) _____ 57

2.2.1 Dimensão histórica e curricular das disciplinas de Ciências e Biologia_____ 59

3. PROCEDIMENTOS INVESTIGATIVOS_____ 66

3.1 Seleção dos Participantes_____ 66

3.2 Participantes dPesquisa _____ 67

3.3 Constituição de Dados _____ 67

3.4 Análise E Tratamento Dos Dados_____ 69

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS _____ 71

4.1. Perfil do Grupo Participante da Pesquisa _____ 71

4.2 Análise das Entrevistas _____ 77

4.2.1 Categoria 1 – Fase em que optou por ser professor de Biologia_____ 78

4.2.2 – Categoria 2 – Motivação pela escolha da profissão_____ 81

4.2.3 Categoria 3 – Educação Sexual recebida_____ 83

4.2.4 Categoria 4 – Temas abordados na Educação Sexual durante a educação básica dos professores_____89

4.2.5 Categoria 5 – Responsabilidade da escola na Educação Sexual_____ 94

4.2.6 Categoria 6 – Concepção acerca de Sexo_____ 99
4.2.7 Categoria 7 – Concepção acerca de Sexualidade_____ 101
4.2.8 Categoria 8 – Abordagem da Educação Sexual no Ensino Superior__ 106
4.2.9 Categoria 9 – Estratégias didáticas no desenvolvimento da Educação Sexual na formação inicial_____ 108
4.2.10 Categoria 10 – Confortabilidade para exercer a Educação Sexual_____ 112
4.2.11 Categoria 11 - Dificuldades para desenvolver a Educação Sexual na escola_____ 116
4.2.12 Categoria 12 - Desempenho dos alunos em relação à aprendizagem sobre Educação Sexual_____ 121
4.2.13 Categoria 13 - Visão sobre o tema Orientação Sexual recomendado nos PCN_____ 124
4.2.14 Categoria 14 - Influência dos PCN na prática do professor_____ 127

CONSIDERAÇÕES FINAIS _____ 130

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS_____ 133

APÊNDICE_____ 141
APÊNDICE A – Autorização para coleta de dados junto ao NRE de Apucarana_____ 142
APÊNDICE B – Ficha de contato dados de formação acadêmica e atuação profissional_____145
APÊNDICE C – TCLE- Termo de consentimento livre e esclarecido_____147
APÊNDICE D – Roteiro de Entrevista_____ 150

ANEXO_____151
ANEXO A – Transcrição da entrevista professora P1_____ 152
ANEXO B – Transcrição da entrevista professora P2_____ 155
ANEXO C – Transcrição da entrevista professor P3_____ 161
ANEXO D – Transcrição da entrevista professora P4_____ 169
ANEXO E – Transcrição da entrevista professora P5_____ 176

ANEXO F – Transcrição da entrevista professora P6_____ 179
ANEXO G – Transcrição da entrevista professora P7_____ 182
ANEXO H – Transcrição da entrevista professora P8_____ 186
ANEXO I – Transcrição da entrevista professora P9_____ 190
ANEXO J – Transcrição da entrevista professor P10_____ 195
ANEXO K- Transcrição da entrevista professora P11_____ 201

INTRODUÇÃO

Comecei a me interessar pela área de Biologia ainda no Ensino Médio. A ilustração de uma célula eucarionte desenhada pelo professor Célio despertou em mim o desejo pela disciplina, o que me levou a querer cursar Ciências Biológicas.

Durante o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (2004-2008), foram sucintas as abordagens relacionadas à sexualidade, tanto no que diz respeito aos aspectos biológicos quanto aos plurais, isto é, social, cultural, psicológico, entre outros.

Ao assumir minhas primeiras aulas como docente de Biologia no Ensino Médio, fui bombardeada pelos alunos com diferentes questionamentos sobre sexualidade, que iam desde as mudanças hormonais estabelecidas na puberdade até as mais diversas curiosidades sobre sexo e sexualidade, das quais muitas eu não sabia responder.

Na busca de aprofundamento teórico, realizei algumas leituras e resolvi cursar Pedagogia (2011-2015), acreditando que o curso, por ser amplo em diversas áreas, me daria respaldo para melhor abordar a sexualidade e promover a tão necessária Educação Sexual. No entanto, minhas expectativas não foram atingidas, pois em nenhum momento a sexualidade foi alvo de discussões.

Ao ser selecionada para o Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática em 2014 e começar a cursar as disciplinas no Mestrado, pude ampliar minha visão em relação ao Ensino de Ciências. Assim, a busca por questões que propiciassem a reflexão de professores sobre a Educação Sexual sempre esteve presente em meus objetivos quando pensava em um projeto de pesquisa.

Durante minha caminhada como docente, fui percebendo certa resistência e dificuldade também em colegas de profissão quanto ao desenvolvimento da Educação Sexual. Passei, então, a refletir sobre a importância do ensino desse tema para a vida do aluno.

Algo em minhas aulas estava falho, a qualidade das aulas de sexualidade estava se perdendo, pois não conseguia atingir as dúvidas e os anseios de todos os alunos. De repente, me dei conta de que o biológico

estava adequado, porém, os aspectos culturais, sociais e psicológicos estavam vagos. No período em que realizei as especializações em Fisiologia Humana (2009), Gestão Escolar (2010) e Educação Especial (2010), me deparei com a real necessidade de trabalhar esses aspectos e de me preocupar qualitativamente com a maneira como os alunos compreendem e constroem os conhecimentos sobre sexualidade.

Nesse contexto, entendemos que, para pensar em uma forma de melhorar a Educação Sexual no espaço escolar, é necessário termos conhecimento de como esta vem sendo desenvolvida. Pensou-se em desenvolver esta pesquisa com professores de Biologia do Ensino Médio, pelo fato de a pesquisadora ter observado durante sua prática que alunos desse nível de ensino vêm com dúvidas relacionadas à sexualidade, que já deveriam ter sido sanadas no decorrer do Ensino Fundamental.

A Educação Sexual, de modo amplo e transversal, apresenta dimensões que devem ser desenvolvidas, além do ponto de vista biológico. Ela vai muito além, uma vez que envolve os aspectos histórico, psicológico, social e cultural. Está inerente ao sujeito e seus conceitos são delimitados conforme as mudanças ocorridas na sociedade. Consideramos que a Educação Sexual não tenha função apenas de informar, mas também de formar, haja vista que inclui valores baseados no saber primário, que se refere à afetividade, ao amor, à ética, ao desejo, à religiosidade, ao corpo, e os ideais pessoais devem ser respeitados.

A escola é um ambiente de aprendizado e de socialização. É nesse ambiente que crianças e adolescentes com diversas vivências sociais podem discutir seus medos, anseios, alegrias e dúvidas. Assim, é considerado oportuno também para o desenvolvimento da Educação Sexual.

Devemos nos ater ao fato de que a escola não é um espaço onde somente os conteúdos curriculares devem ser aplicados. Pelo contrário, por ser um ambiente pedagógico, temas como a sexualidade devem ser, tão logo, vinculados ao currículo. Afinal, a importância da Educação Sexual vai além da abordagem dos altos índices de contaminação pelo vírus da AIDS e da gravidez na adolescência, como era vista na década de 1980. A Educação Sexual deve tratar, também, das questões de gênero, diversidade, padrões

normativos estabelecidos pela sociedade, e destaca o papel social tanto do homem quanto da mulher, promovendo o respeito por si e pelo outro.

A família provê a Educação Sexual baseada nos valores e no comportamento dos que a desenvolvem. Neste sentido, é na escola que o sujeito aprende as noções com as quais irá construir e expressar a sua sexualidade. Cabe então à escola desenvolver uma ação educativa crítica que gere reflexões; afinal, quando dúvidas são esclarecidas, novas questões surgem e o aprendizado torna-se significativo.

Na escola, vemos os jovens com a puberdade refletida em falas ou atitudes maliciosas. É nessa fase em que as dúvidas aparecem e os desejos fluem, nela predomina um dos momentos em que podem ser evidenciados os direitos sexuais e reprodutivos, a prevenção aos abusos sexuais e a violência de gênero, a necessidade de luta contra a desigualdade de gênero e a luta pelo respeito à diversidade sexual, além de discussões polêmicas na vivência de sua sexualidade ou de outros.

Por essa razão, fazemos opção pela proposta de Educação Sexual com abordagem emancipatória, a qual

> [...] vê-se comprometida com as práticas que assegurem a emancipação de seus sujeitos. É um modelo de educação sexual que pretende “compreender o ser humano em sua totalidade” em que a sexualidade é uma dimensão que o constitui como “cidadão pleno”. Uma educação sexual emancipatória busca desalojar certezas, desafiar debates e reflexões [Melo, 2002 apud Furlani 2011]. Admite a sexualidade e seus sujeitos como uma dimensão “reprimida, histórica, social e politicamente”, assumindo como válida a hipótese repressiva como base de seus argumentos (FURLANI, 2011, p. 15).

Alguns autores, como Figueiró (2006), Bonfim (2009) e Furlani (2011), defendem a abordagem emancipatória na Educação Sexual. Para ilustrar, trazemos aqui os argumentos de Figueiró (2006, p.31), que afirma:

> essa abordagem concebe a educação sexual como um caminho para preparar o educando para viver a sexualidade de forma positiva, saudável e feliz e, sobretudo, para transformá-lo como cidadão consciente, crítico e engajado nas transformações sociais de todas as

> questões sociais ligadas, direta ou indiretamente, à sexualidade.

Para Figueiró (2010), as transformações sociais passam pelo processo de efetivação conforme entendemos como as pessoas se relacionam socioeconômica, política e culturalmente. Porém, é necessário compreender que os padrões e as normas sexuais sofreram mudanças históricas ao longo de cada época, justificando a importância da história da sexualidade.

Salla e Quintana (2002) descrevem a Sexualidade humana de forma abrangente, além do foco no sexo genital. É interessante que a abordemos em sala de aula, levando em conta aspectos “psicológicos, religiosos, políticos, éticos, sociais e culturais”.

Acreditamos que poderemos contribuir com a Educação Sexual à medida que identificarmos e refletirmos sobre as concepções e práticas apresentadas pelos professores de Biologia em relação a essa temática.

Diante dessas considerações, procuramos responder nesta pesquisa a seguinte questão: A Educação Sexual no Ensino Médio vem sendo tratada pelos professores de Biologia sob os aspectos plurais de maneira cultural, social e biológica?

Buscando responder a referida questão, perseguimos o objetivo de investigar se os professores de Biologia são preparados para desenvolver a Educação Sexual e como a desenvolvem na prática.

Esta dissertação apresenta quatro capítulos e as considerações finais. No primeiro capítulo, tratamos os aspectos históricos da Educação Sexual atrelada à educação no Brasil; algumas pesquisas relacionadas à Educação Sexual no espaço escolar, bem como influências educacionais no ensino do tema em questão, desde os jesuítas até o surgimento das universidades.

No capítulo 2, abordamos a formação inicial dos professores de Biologia e a deficiência de conteúdos relacionados à Educação Sexual em sua amplitude, bem como a construção da identidade social e docente frente à transversalidade, que busca integrar a ciência, a sociedade e a cultura.

No terceiro capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos da metodologia escolhida e os caminhos percorridos para o desenvolvimento da pesquisa.

No quarto capítulo, apresentamos a discussão dos resultados obtidos com base na análise dos dados coletados e autores que fundamentam o objeto de estudo.

Por fim, tecemos algumas considerações acerca dos resultados encontrados.

1. A EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL E SEUS DESDOBRAMENTOS

No presente capítulo, buscamos enfatizar historicamente como se deu a Educação Sexual no Brasil, bem como ressaltar os marcos que moldaram a organização social, cultural e curricular dos professores de Ciências Biológicas no ensino da sexualidade. Poderemos perceber que, ao longo do tempo, algumas mudanças até foram significativas; porém, a Educação Sexual até os dias atuais não é consolidada nos currículos das Licenciaturas. Isso se torna um agravante, pois muitos dos docentes, por não saberem lidar com o conteúdo, se sentem amedrontados e inseguros, o que pode gerar no professor uma resistência, impedindo o desenvolvimento amplo da Educação Sexual.

1.1 Situando a trajetória: contextualização teórica

Para que possamos refletir melhor sobre a história da Educação no Brasil atrelada à Educação Sexual, faz-se necessário primeiramente apresentarmos alguns dos conceitos abordados no decorrer do trabalho. A Sexualidade pode ser dividida em categorias, dentre elas, Sexo, Sexualidade e Educação Sexual. Quanto aos termos Sexo e Sexualidade, Brêtas (2011, p. 45), descreve Sexo como ato sexual, e também aquele que conota “qualidade masculina ou feminina, processos fisiológicos e psicológicos de um indivíduo que determina um relacionamento físico destinado à procriação e/ou prazer erótico”. O Sexo é a distinção entre o macho e a fêmea, atribuindo-se a eles a reprodução e evolução da espécie, sendo considerado também “a parte física da relação sexual”.

A Sexualidade se refere a comportamentos, ações, relações sociais e identidades construídas pela sociedade e pela história. É uma “manifestação psicoafetiva e social oriunda da base biológica do sexo” e sua expressão é ainda normatizada pela sociedade. O termo Sexualidade envolve o “sexo, identidade e papel de gênero, orientação e desejo sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução”. Tanto que a Sexualidade é exercida e propagada através dos pensamentos, dos desejos, dos valores e das fantasias do indivíduo, mas não só isso: ela também é altamente influenciada por fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, históricos, religiosos e espirituais (BRÊTAS, 2011, p. 45).

Em relação ao termo Sexo, o consideramos um processo natural do ser humano voltado para a reprodução e o prazer, sendo a ele atribuído também a diferença anatômica entre o aparelho reprodutor masculino e o feminino. Já o termo Sexualidade refere-se ao sentimento, ao prazer, ao sexo, à intimidade, ao desejo, à manifestação de afeto entre duas pessoas, sendo elas do mesmo sexo biológico ou não. A sexualidade aponta para a forma como as pessoas vivenciam o sexo inerente ao ser humano.

Vários são os autores que definem Educação Sexual. Neste trabalho, trazemos aqueles que consideramos de grande influência para o estudo do nosso objeto. Iniciemos pelo conceito definido por Vasconcellos (1971), o qual apresenta um leque de possibilidades. Para essa autora, a Educação Sexual

> Pode abrir possibilidades, dar informações sobre os aspectos fisiológicos da sexualidade, mas principalmente informar sobre as suas interpretações culturais e suas possibilidades significativas, permitindo uma tomada lúcida de consciência. É dar condições para o desenvolvimento contínuo de uma sensibilidade criativa em seu relacionamento pessoal. Uma aula de educação sexual deixaria então de ser apenas um aglomerado de noções estabelecidas de biologia, de psicologia e de moral, que não apanham a sexualidade humana naquilo que lhe pode dar significado e vivências autênticas: a procura mesmo da beleza interpessoal, a criação de um erotismo significativo do amor. Uma educação estética cobriria perfeitamente essa lacuna. Afinal, quando uma educação sexual conseguisse efetuar a passagem de uma motivação pornográfica da sexualidade para uma motivação em que a busca da beleza sensível fosse um estimulante mais poderoso que a obscenidade, ela já teria colocado as bases necessárias para que o indivíduo, daí por diante, resolvesse humanamente sua sexualidade (VASCONCELOS, 1971, p. 111).

Já Werebe (1998, p.106) afirma que a Educação Sexual amplamente "compreende ações conscientes ou não", ao longo do desenvolvimento do indivíduo, permitindo "situar-se em relação à sexualidade em geral e à sua vida sexual". Contudo, Werebe (1998, p.55) complementa esse conceito quando considera o termo Educação Sexual mais apropriado para as práticas educativas; afinal, o termo orientação sexual, muito utilizado por educadores e presente na maioria dos materiais didáticos, pode ser considerado ambíguo com relação ao sentido da sexualidade expressa pelo sujeito, ou seja, ser homossexual, heterossexual, bissexual, entre outros. De forma intencional, a

Educação Sexual envolve “intervenções deliberadas, sistemáticas, em geral regulares e planejadas, relativas ao domínio da vida sexual”, destinando-se a todos, dentro e fora do âmbito escolar.

Assim, destaca a Educação Sexual formal e informal:

> Educação sexual formal, deliberada, institucionalizada, feita dentro ou fora da escola; educação sexual informal, processo global, não intencional, que engloba toda ação exercida sobre o indivíduo, no seu cotidiano, desde o nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre sua vida sexual (WEREBE, 1981, p.106).

Bonfim (2010, p. 27) explica que “a Educação Sexual é antes de tudo, uma prática ou ação de transmissão de conhecimentos, representações, valores e práticas, ou seja, é essencialmente uma forma de educação”. Como uma prática educacional, não pode deixar de ser cultural, histórica e social; sua reprodução conceitual sempre dependeu das mudanças da sociedade. A Educação Sexual envolve a “dimensão biológica, a subjetividade, a afetividade, a ética, o desejo, a religiosidade, entre outras dimensões”.

Concordamos com Bonfim que a Educação Sexual envolva todos esses elementos destacados por ela; no entanto, não a entendemos como uma ação de transmissão, mas, sim, de construção de conhecimentos.

Figueiró (2010, p.3) contextualiza a Educação Sexual como:

> Toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja no nível do conhecimento de informações básicas, seja no nível do conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionados à vida sexual.

Figueiró (2010, p.4) também destaca que “a Educação Sexual não deve ser vista como uma ação que ocorre à parte da educação global do indivíduo, mas pelo contrário, deve ser entendida como parte desta”.

Dentre os conceitos apresentados, adotamos o considerado por Figueiró (2010), por entendermos que, para essa estudiosa do tema, a Educação Sexual não deve ter um caráter apenas informativo, mas também formativo. O formar se torna especialmente importante, pois a Sexualidade está dentro de um corpo biológico, porém é mais que isso: ela envolve o despertar

do indivíduo para o desejo, o medo, os anseios e, muitas vezes, sua autoaceitação.

Concordamos ainda com Figueiró (2010, p.198) sobre a necessidade de compreendermos que a Educação Sexual “formal deve ser um trabalho a longo prazo, que precisa ser sistematizado e ter sua continuidade assegurada, preferencialmente, indo desde a Educação Infantil, até o Ensino Médio”, e que o termo Educação Sexual é apropriado, pois aquele que aprende deve ser considerado

> sujeito ativo do processo de aprendizagem e não mero receptor de conhecimentos e/ou orientações, como sugerem as outras terminologias: orientação, informação, instrução... Estas últimas denotam destaque na ação do professor (FIGUEIRÓ, 2010, p.188).

Figueiró nos despertou também a observar que, na denominação Educação Sexual, “o adjetivo sexual já comporta em si o afetivo, o integral, o reprodutivo, sendo redundante o acréscimo de cada uma dessas palavras”, justificando, mais uma vez, nossa escolha nesta pesquisa por uma Educação Sexual de acordo com os princípios denominados pela autora (FIGUEIRÓ, 2010, p.195).

Teoricamente, a escola seria o local mais adequado para a promoção e o desenvolvimento da Educação Sexual, pois é nesse ambiente que, de acordo com Lima (1996, p.81), “surgem os primeiros “amassos”, desejos confusos e inconfessos, situações de inadequações, desde os pequeninos que se masturbam na sala de aula até os adolescentes rolando as escadas”. O ambiente escolar permite que os jovens se sintam à vontade para conversar, desabafar, contar de suas experiências, seus anseios e outros assuntos relacionados a esse momento. A Educação Sexual deve ir além dos métodos contraceptivos, preservativos e DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis); é necessário que proporcionemos, no espaço escolar, debates sobre a gravidez precoce e também valores, tais como: “respeito mútuo, liberdade de escolha, valorização pessoal e muitos outros”. Com isso, possibilitaremos aos educandos habilidades diferenciadas e capacidade de tomar decisões adequadas quanto a si e ao seu corpo, promovendo o respeito próprio e ao outro.

O ambiente escolar, de fato, não remete apenas aos conteúdos pedagógicos. A escola deixa marcas na formação do indivíduo, marcas muitas vezes impressas no corpo e na mente, marcas que remetem à construção de uma identidade social (LOURO, 2000).

O tema sexualidade pode ser identificado em vários trabalhos de pesquisa com enfoque em Ensino de Ciências. Quirino e Rocha (2012) desenvolveram uma pesquisa entre 2009 e 2010 intitulada “Sexualidade e educação sexual na percepção docente”, a qual envolveu sete professores de diferentes áreas: Biologia, Química, Matemática, Filosofia, entre outras. Esses professores responderam entrevistas semiestruturadas e permitiram a observação de algumas de suas aulas em turmas de 9.° ano de Ensino Fundamental e 1.° ano do Ensino Médio.

Como resultados, esses pesquisadores encontraram, entre os professores, duas categorias acerca de sexualidade: sexo e opção sexual. Conforme discutem Quirino e Rocha (2012, p. 211), “a primeira categoria refere-se à diferenciação sexual em seus aspectos físicos (macho/fêmea) e psíquicos (masculino/ feminino), à relação sexual e afetiva entre os seres, sendo inerente à natureza humana, tendo um caráter essencialista”.

Com relação à segunda categoria, os autores retratam-na como orientação sexual denotada através da homossexualidade e/ou heterossexualidade.

> Nela observou-se o uso do termo opção sexual com a conotação de escolha da identidade de gênero/sexual, sendo que esta pode ser influenciada por outras pessoas quando não se tem ainda uma posição definida e a adolescência apresenta os elementos fundamentais do processo transitório, no qual essa influência pode agir de maneira mais efetiva (QUIRINO, ROCHA, 2012, p. 214).

Entre os resultados, foi constatado também que os professores pesquisados consideram importante e necessária a abordagem do tema sexualidade em sala de aula, levando em conta as dúvidas e os anseios dos estudantes em relação ao tema.

Carvalho e Bertolli Filho (2011, p.2) refletem teoricamente sobre a sexualidade como um dispositivo histórico que teve sua construção baseada em relações de saber e poder. O artigo em questão trata enunciados, temas e

projeções sobre a Educação Sexual na escola e compreensões no ensino de ciências, biologia e outras áreas do conhecimento. Os autores esclarecem que, apesar de a maioria dos professores entender a importância de se abordar a sexualidade de maneira transversal, “professores de todas as áreas do conhecimento elegem o território do ensino de ciências e um predomínio do discurso biológico como espaços-estratégias para as abordagens da sexualidade”.

Dentre as possíveis causas desse discurso, estão a insegurança e a dificuldade de se desenvolver os conteúdos sobre sexualidade, devido a um despreparo pedagógico advindo de

> Carências na formação inicial; dificuldades devidas à sobreposição de dogmas religiosos; pressão por parte das equipes diretivas e por parte das famílias dos alunos em não assumir discussões contundentes; crer que as atividades desenvolvidas percam o “status” de aula; interferências de tabus, preconceitos e pensamentos do senso comum (CARVALHO; BERTOLLI FILHO, 2011, p.2).

Os autores complementam ainda, destacando que os despreparos pedagógicos descritos acima não servem como justificativa para a não abordagem da Educação Sexual. Dessa forma, consideram que as relações históricas de saber e poder podem influenciar nas compreensões sobre sexualidade construídas por esses professores. Essas relações possuem influências observadas ainda hoje, nos currículos escolares e nos currículos de ciências. Carvalho e Bertolli Filho (2011) atentam para o fato de a escola servir como subsídio na complementação de informações e intervenções pedagógicas, considerando que a educação sexual advinda da família, por si só, já não é mais suficiente. Por isso, a transversalidade deve ocorrer em todos os níveis de ensino de forma flexível, nas diferentes áreas de conhecimento, no currículo e nas atividades extracurriculares, divididos em torno de três blocos de conteúdos:

> Corpo: matriz da sexualidade, Relações de gênero e prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS. Essa divisão pauta-se nos critérios de relevância sociocultural e nas dimensões biológica, psíquica e cultural da construção da sexualidade (CARVALHO; BERTOLLI FILHO, 2011, p. 8).

Segundo esses autores, os blocos de conteúdos possuem o objetivo de considerar, de maneira ampla, não só os aspectos conceituais e científicos, mas também as questões que envolvem o desenvolvimento pessoal do indivíduo.

Em uma monografia de especialização em Ensino de Ciências, Novak (2013) retratou as dificuldades enfrentadas por professores de ciências com relação ao trabalho sobre Educação Sexual com adolescentes. Cinco desses professores reuniram-se e discutiram questões voltadas à sexualidade. Observou-se que as dificuldades enfrentadas pelos professores são divergentes, variando de caso para caso, como descrevemos a seguir:

> As maiores dificuldades referem-se à falta de material didático, a conversa paralela, as quais acarretam em discussões com os demais alunos. Fora da sala de aula o problema que os professores enfrentam é a não aceitação dos pais com a temática, pois acreditam que ainda não está na hora de seus filhos começarem a saber sobre sexualidade (NOVAK, 2013, p.28).

Na mesma pesquisa, a pesquisadora aplicou um questionário para alunos do 8.º ano do período matutino, indagando-os quanto à liberdade para falar de sexualidade na sala de aula. A maioria dos adolescentes afirmou que prefere tratar desse assunto com seus professores, no âmbito escolar, do que com seus pais. Segundo a autora, “muitos adolescentes afirmam que é mais difícil falar com seus pais sobre sexo, por medo, muitas vezes, da repressão” (NOVAK, 2013, p. 30).

Como conclusão, Novak (2013) afirma que muitos jovens ainda se sentem envergonhados e com medo de discutir a sexualidade tanto no âmbito familiar quanto no escolar. Observou-se que as principais dificuldades encontradas pelos professores também incluem a relação pai-aluno e escola, além da falta de informação por parte de alguns professores. Para minimizar tais dificuldades, os professores decidiram elaborar um material didático, ciclos de palestras temáticas para pais e alunos e a criação de grupos de estudos envolvendo vários professores na discussão da educação sexual nas escolas.

A pesquisa de Mestrado intitulada “Sexualidade: Professor que cala, nem sempre consente” de Katia Krepsky Valladares (2002) averigua o cumprimento do que preceituam os PCN de Orientação Sexual. Dessa forma, a

autora objetivou avaliar “se” e como a sexualidade está sendo abordada em escolas da rede pública de ensino na região Oceânica de Niterói/RJ. Dois grupos participaram da pesquisa: um formado por 200 alunos da sétima série, outro por 10 professores de diversas áreas, pertencentes a quatro escolas públicas diferentes. Com os alunos, a autora utilizou questionário; já com os professores, entrevista. Como essa pesquisa tem como foco principal os professores, iremos nos deter a esses dados.

Ao longo da pesquisa, a autora apresenta os questionamentos feitos aos professores em relação ao conhecimento dos PCN e constatou que a maior parte dos professores demonstrou conhecer muito pouco acerca desse documento. Um dos pesquisados ligado à disciplina de ciências acredita que desenvolve a Educação Sexual de maneira transversal, por ensinar os sistemas do corpo humano. Quanto à Orientação Sexual na escola, os professores consideram-na importante e complacente para o alunado, desde que não tenham que fazê-lo. A maioria afirma que os PCN não provocaram mudança alguma em sua prática, pois já o faziam naturalmente. As sugestões trazidas pelos professores partem para a recomendação de que o trabalho de orientação deve ser realizado por professores da área de ciências ou por especialistas da saúde (VALLADARES, 2002).

Apesar de os professores afirmarem que já contemplavam o tema sexualidade, tratado transversalmente em suas aulas, evidenciou-se grande dificuldade de compreensão de princípios básicos propostos nos PCN, tanto no que concerne à interdisciplinaridade quanto à transversalidade. “Se não há compreensão, dificilmente pode haver aplicação”. Observou-se que esses professores pesquisados se apegam ao temor das famílias dos estudantes para não abordarem a Orientação Sexual (VALLADARES, 2002, p.82).

Concluindo sua pesquisa, Valladares relata que, apesar de defender a Orientação Sexual na escola, acredita que a mesma só ocorrerá se os professores se sentirem confortáveis para abordar o tema; se lerem, estudarem e debaterem a sexualidade; se a escola e todos que fazem parte da comunidade escolar apoiarem os trabalhos efetuados. Dessa forma, “para que o trabalho aconteça com os estudantes é necessário completo e constante envolvimento dos educadores, apoio e conhecimento das famílias” (VALLADARES, 2002, p.96).

A importância da inserção de uma disciplina específica para a Educação Sexual nos cursos de Licenciatura foi objeto de pesquisa na tese de Doutorado de Bonfim (2009). Nesse estudo, a pesquisadora entrevistou coordenadores do curso de Ciências Biológicas da UFPR (Universidade Federal do Paraná) e UFBA (Universidade Federal da Bahia). Dessas universidades, apenas a Universidade baiana dispõe de uma disciplina específica que trata a sexualidade e seus desdobramentos, porém, trata-se de uma disciplina não obrigatória. Em relação à UFPR, o coordenador afirma que a ementa do curso sofreu alterações, direcionando-se para a área de Bacharelado e não de Licenciatura; afinal, o perfil dos universitários mudou.

Em um segundo momento, Bonfim realiza uma pesquisa com 28 professores da rede estadual de ensino do Paraná, usando como instrumento um questionário com cinco questões. O primeiro questionamento refere-se ao curso de graduação, procurando averiguar se os professores receberam algum embasamento teórico para subsidiar o seu trabalho com a sexualidade de forma plena. Como respostas, 25 docentes confirmam que não receberam formação específica para o conteúdo de sexualidade, além dos conceitos científicos biológicos. Somente 3 dos professores afirmaram ter recebido noções parciais sobre sexualidade (BONFIM, 2009).

Na segunda questão, inquiriu se o professor se sente preparado para debater ou elucidar as dúvidas dos alunos. Por meio das respostas, constatou que a maioria dos docentes afirma sentir-se mais seguro após vivências ocorridas na sala de aula. A partir destas, é que procuraram capacitar-se e informar-se sobre o tema, porém, acreditam que se sentem mais preparados em relação a questões biológicas. A autora acredita “ser necessária a proposição de uma disciplina na Licenciatura que possa realizar um trabalho com os graduandos, de modo que eles possam ao exercerem a docência, debater efetivamente sobre a Sexualidade Humana” (BONFIM, 2009, p.118).

Os professores foram também questionados acerca do conteúdo de Educação Sexual presente nos livros didáticos, se atendem ou não às expectativas dos alunos. Todos os professores entrevistados utilizam o mesmo livro didático, conforme verificado pela autora. O livro adotado “apresenta uma linguagem cientificista, descritiva, reprodutivista, biologista e funcionalista”. Constatou-se também que os professores adequam o conteúdo com a

necessidade escolar, porém que à escola cabe apenas o conhecimento biológico, do que discorda Bonfim, pois considera que a "família e escola devem estar integradamente envolvidos na educação sexual" (BONFIM, 2009, p.123).

A quarta questão se refere ao interesse que os alunos demonstram quanto ao conteúdo em relação à sexualidade humana. Vários tópicos foram mencionados pelos pesquisados quanto às inquietudes e expectativas dos alunos que vão além do biológico. Nesse caso, "as noções biológicas, que embora fundamentais para o entendimento corporal, não conseguem responder à totalidade das dimensões da sexualidade humana" (BONFIM, 2009, p.123).

A quinta e última questão, considerando a experiência dos professores, solicita a indicação de tópicos teóricos e/ou metodológicos que considerem necessários para a compreensão da Educação Sexual e a sexualidade humana. A seguir, as respostas dos professores em relação à questão:

> a) Dar continuidade sobre o assunto sexualidade nas 5as e 6as séries, já que na 4ª série do Ensino Fundamental o aluno estuda o aparelho reprodutor masculino e feminino. b) Deve ser discutida e ensinada Educação Sexual desde a 5ª Série do Ensino Fundamental." c) Métodos anticoncepcionais - Gravidez e parto – DSTs, Fecundação e Concepção. d) Ação dos hormônios sexuais. e) Homossexualidade, aborto. f) Fitas de vídeo explicando a educação sexual de maneira simples. g) Como ocorre a fecundação no organismo. h) Modificações biológicas e psicológicas que ocorrem na puberdade - Conhecimento de seu corpo. i) Que os livros didáticos sejam mais abrangentes, não tratando apenas do aspecto biológico, mas também do histórico, cultural e social do educando." j) Socialização que envolve "família" e "escola". k) Relacionamento entre pais e filhos. A transição entre a infância e as responsabilidades da vida adulta. l) Respeito mútuo e sexo seguro - Paternidade (e maternidade) responsável. m) O respeito na prática da sexualidade, não só o ficar, mas a responsabilidade - O respeito à vida: gravidez, estar bem informado quanto às consequências - O "crime" do aborto. n) Conteúdos atualizados sobre sexualidade para melhor preparo do professor. o) Palestras (BONFIM, 2009, p.125).

Como conclusão, a autora compreende que os alunos necessitam de informações que vão além do caráter biológico, porém, os professores não se

sentem preparados para desenvolvê-los transversalmente. Verificou-se também que os cursos de Licenciatura ignoram a necessidade de inserção de disciplinas de Educação Sexual; dessa forma, observam-se, ainda, professores com visão moralista, repressiva e biologista. É necessário que as escolas passem a abordar o sexo e a sexualidade de forma a superar, também, o preconceito, a discriminação e a banalização do sexo (BONFIM, 2009).

Com relação à abordagem do tema em pauta, destacamos o artigo "Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola" de Figueiró, (2004, p.1), o qual reflete sobre o ensino da Educação Sexual que deve ser tratado no ambiente escolar de maneira "formal, planejado e sistematizado, assim como ao informal, partindo das situações espontâneas que acontecem no cotidiano escolar". Analisando o papel do professor e do aluno, a autora leva em consideração os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1996, que corroboram o processo de inclusão.

É de extrema valia a consideração da autora quando remete ao processo de formação dos professores. Figueiró (2004) salienta que os cursos superiores não têm preparado os docentes para a Educação Sexual na escola, o que promove, nesses profissionais, sentimentos de insegurança e temor. Cabe ao professor criar um ambiente reflexivo que propicie aos alunos formar suas opiniões sobre a sexualidade, fazendo-se necessário que o assunto seja tratado de maneira clara, objetiva e científica.

Figueiró (2004, p.3) argumenta sobre a importância de se abordar a sexualidade nas escolas de maneira transversal, como indicado nos PCN. Dessa forma, pode ser incluído do 1.º ao 9.º ano "dentro da programação" que equivale à Educação Sexual formal, onde os conteúdos são organizados, planejados e divididos entre as séries e os professores, ou como "extraprogramação" – Educação Sexual informal, onde o professor pode, sem planejamento, ou conforme uma situação ocorrida, ensinar sobre sexualidade.

Algumas situações são trazidas pela autora para exemplificar como podem ocorrer as abordagens informais. Por exemplo,

> Um garoto deficiente mental, de aproximadamente 14 anos, estava na sala de aula, em uma APAE, quando se levantou e foi até a mesa da professora, levando nas mãos um saquinho para geladinho, que é estreito e comprido, e uma régua pequena. Pondo essa última dentro do saquinho, disse: "Olha

> professora, não parece que eu estou pondo a camisinha no pênis?" (FIGUEIRÓ, 1999, p.67 apud FIGUEIRÓ, 2004, p.4).

Figueiró considera oportuna a situação para que a professora indague o aluno e promova a participação de toda a sala, abordando questões como prevenção da gravidez, Doenças Sexualmente Transmissíveis, por exemplo. Caso a professora considere que não está preparada para tal abordagem, a sugestão é que os próprios alunos falem e exponham suas ideias, porém fica a cargo da docente responder as dúvidas em outro momento ou convidar alguém capacitado para fazê-lo; não é relevante que o aluno tenha suas dúvidas transformadas em tabus. O ideal é agir de forma natural, afinal é assim que a sexualidade deve ser vista (FIGUEIRÓ, 2004).

Para Figueiró, no caso da Educação Sexual formal, os seguintes princípios devem ser respeitados:

> - educar sexualmente é muito mais que ensinar os conteúdos de biologia e fisiologia da sexualidade; - educar sexualmente é criar oportunidades para o aluno expressar seus sentimentos, angústias e dúvidas, refletir sobre suas atitudes e rever preconceitos; - para educar sexualmente é preciso saber ouvir; - o aluno deve ser visto como sujeito ativo no processo ensino/aprendizagem e deve ter muito espaço para falar e ouvir seus colegas; - o professor deve ser a pessoa que cria as condições para o aluno aprender, ao invés de ser um simples transmissor de conhecimentos (FIGUEIRÓ, 2004, p. 7).

O complemento a esses princípios, como retrata a autora, é que o professor estimule os alunos em sua espontaneidade, levando em consideração os conhecimentos prévios dos mesmos e, dessa forma, propor atividades em grupos, por exemplo, "ao começar um trabalho sobre métodos contraceptivos, pode-se pedir aos alunos que relacionem quais métodos já conhecem, os que acreditam ser os mais seguros e quais se disporiam, ou não, a usar e por que". É necessário que os alunos sejam sujeitos ativos, participando através de suas opiniões, medos, angústias, dúvidas, entre outros. Esta pode ser uma ótima oportunidade para se gerar na sala de aula debates sobre sexualidade, o que é considerado pela autora uma ótima estratégia de Educação sexual, assim como a dramatização. Figueiró traz também exemplos de desenhos, colagens, modelagens, ou seja, diferentes estratégias que podem ser utilizadas e aprimoradas conforme a realidade e a necessidade do

alunado. Na Educação Infantil, por exemplo, podem ser utilizadas músicas, livros, poesias. (FIGUEIRÓ, 2004, p. 7).

Figueiró sugere ainda o uso de fontes científicas, como livros, revistas, e ressalta a “necessidade de recapitulação e de retomada dos conteúdos que já foram trabalhados. Os alunos precisam ter várias oportunidades de ver, rever, discutir e tornar a discutir um tema, pois educar sexualmente é um processo formativo” (FIGUEIRÓ, 2004, p. 15).

Para uma Educação sexual efetiva, precisamos perceber as funções da escola, não retirando dos pais a responsabilidade de educar, mas “se o professor não sentir a tarefa como sendo sua, de nada adianta conhecer estratégias de ensino, ou mesmo tentar colocá-las em prática”. A autora completa o artigo, ressaltando que as sugestões nele apresentadas devem ser pensadas e adequadas junto aos demais professores; afinal, essa atitude “assegurará o avanço constante na forma de ensinar sobre sexualidade” (FIGUEIRÓ, 2004, p. 18).

Para que possamos entender a prática e a concepção sobre Educação Sexual por parte dos professores, é necessário que conheçamos um pouco de sua história e vivência acadêmica, mas não somente; é indispensável apontarmos os principais pontos da Educação brasileira, sendo relevante a criação das Universidades e a formação inicial dos docentes. Acreditamos que os docentes em exercício devem ser a base da Educação Sexual vivenciada nas escolas atualmente.

1.2 Aspectos históricos da Educação Sexual no Brasil

A história da Educação Sexual retrata uma educação não autônoma da realidade social, com inter-relações econômicas, políticas, ideológicas e pedagógicas. Para compreendermos o atual sistema educacional, é necessário retomarmos a primeira metade do século XVI, quando Portugal ainda era regido pelo *orbis christianus* (imagem medieval do mundo), dando significado à grande influência estabelecida pela igreja católica, na época, a única aceita como representante de Deus no cristianismo. A igreja era responsável por expandir os preceitos da fé incondicional, ainda que pela imposição. A visão do mundo governado por Deus promoveu a união entre o clero e a nobreza na

busca por interesses comuns na sustentação de privilégios, acumulação de capital, livre produção e contratação de força de trabalho praticada pela burguesia (LEDESMA, 2010).

Os jesuítas traziam consigo uma atuação de estrutura militarista na qual se pregava a obediência absoluta aos superiores. Dessa forma, toda e qualquer ação jesuítica, inclusive sua estrutura escolar, estava alicerçada sobre quatro pilares: “o projeto português para o Brasil, os objetivos religiosos da Igreja Católica implícitos na catequese e no projeto educacional, a estrutura social brasileira e o modelo de homem necessário para esses tempos”. Esses pilares demonstram o momento de consolidação entre o Estado e a Igreja (LEDESMA, 2010, p. 10).

Para promover os interesses e a colonização portuguesa, a Companhia de Jesus desembarcou no Brasil em 1549 com a finalidade de converter o índio à fé católica, aliando o ideal religioso ao forte capitalismo mercantil da época. O objetivo da igreja era impedir que a cultura indígena se propagasse, assimilando-a ao pecado; afinal, mudando a concepção de crença dos índios, estes poderiam se adaptar à riqueza e acumulação de bens, essência do empreendimento colonizador (PAIVA, 1982). A catequese foi uma forma de educar oportuna, não somente sob o ponto de vista religioso; sobretudo, os jesuítas a utilizavam também como forma de comunicação, o que demonstra os primeiros passos da alfabetização indígena (NOLASCO, 2008).

O modelo educacional dos jesuítas era aplicado com base nas teorias de Aristóteles e de São Tomás de Aquino, pelo Movimento da Renascença e, por extensão, pela cultura europeia. Em suas escolas, eram ministrados conhecimentos eruditos, latim, lógica, retórica e aritmética. Um dos objetivos principais era evitar que os alunos tivessem contato com as novidades ideológicas e a incorporação das descobertas científicas de Galileu, Kepler, Newton e a filosofia de Descartes. Esse método educacional trazia consigo a unicidade do professor, no qual o mesmo docente acompanhava um grupo de alunos no estudo de cada matéria, do início ao fim (LEDESMA, 2010).

O ensino estava dividido em um único currículo denominado Ratio Studiorum; dois períodos dividiam o estudo, sendo o studia inferiora e studia superiora. Nos estudos inferiores, destaca-se o curso de Humanidades e Retórica, que promovia a formação literária e humanística com duração de

cinco anos, podendo ser prorrogado para seis anos. Segundo Leonel Franca (1952, p. 49), esse curso permitia adquirir uma expressão “rica e elegante, perfeita, poderosa e convincente”. Esse foi o curso que mais se difundiu na Colônia, por isso pode ser considerado o alicerce da estrutura educacional jesuítica. Os cursos superiores traziam as formações em Filosofia e Ciências e eram mais conhecidos como cursos de artes, duravam em média três anos e estavam voltados à formação do Filósofo. Destacava-se o estudo das disciplinas: lógica, metafísica, matemática, ética, ciências físicas e naturais, moral, geometria e cosmografia. O objetivo principal estava na formação de sacerdotes com o curso de Teologia ou Ciências Sagradas, “com estudos das escrituras, do hebraico, da teologia calcada nas obras de São Tomás de Aquino e Santo Agostinho e a teologia prática, atos, virtudes e vícios” (LEDESMA, 2010, p. 17). São Tomás de Aquino e Santo Agostinho tinham uma visão do homem como um ser muito superior à mulher (FIGUEIRÓ, 2001, p. 4).

> A fé cristã descobre no pensamento grego o desejado suporte filosófico para a sua pregação religiosa, ao perenealismo helênico é acrescido um corpo de doutrinas imutáveis, cuja validade é garantida não pela verificação experimental, mas pelo valor moral da autoridade que as revela. Assim, dogmatismo religioso corresponde a dogmatismo pedagógico, em que conservar é a palavra de ordem e, criatividade, crítica e inovação têm um espaço muito reduzido. É o espírito sobre a matéria. O eterno sobre o temporal. O permanente sobre o transitório. A fé sobre a ciência (LEDESMA, 2010, p.19).

Neste momento, podemos perceber claramente o início do que hoje entendemos por repressão, afinal, a educação jesuítica traz consigo objetivos bem definidos e amplamente seguidos. O homem educado naquela época e conforme a exigência da sociedade aristocrática do período era um homem culto, afável, distante da realidade que o cercava, onde a “cultura ficou sem pensamento e sem substância, quase exclusivamente limitada às letras” (AZEVEDO, 1997, p. 508).

Em se tratando da Educação Sexual, mais especificamente no final do século XVII, observa-se que esta ainda está atrelada aos dogmas religiosos, onde o certo e o errado eram estabelecidos pela igreja e os desejos carnais deviam ser levados à confissão. O termo sexualidade surge então marcado por

um conjunto de regras apoiadas principalmente pelas instituições religiosas (BONFIM, 2009).

Especificamente no século XVIII, nos deparamos com um fato muito importante para a Educação brasileira. Trata-se da Reforma Pombalina que veio substituir o sistema jesuítico; este, agora era considerado incapaz de se adaptar às novas necessidades sociopolíticas da mocidade, visto que o interesse da fé permanecia e era necessária a adaptação ao mercado de trabalho. Dessa forma, Marquês de Pombal teve por objetivo a organização do ambiente escolar para servir aos interesses do Estado (MENDONÇA, 2005). No entanto, a reforma não promoveu um rompimento com a igreja ou com o ensino teológico, mas, sim, uma nova estrutura administrativa da educação, agora realizada pelo Estado (VEIGA, 2007).

A Reforma Pombalina tinha como base o "despotismo esclarecido", e previa o aumento da cultura geral, o desenvolvimento das indústrias, a evolução das artes e das letras, o avanço científico, a "vitalidade do comércio interno, a riqueza do comércio externo, a paz política, a elevação do nível de riqueza e bem-estar" (SCHWARCZ, apud SAVIANI, 2007, p. 81).

Esse regime, de acordo com Saviani (2007, p. 81),

> Subordinou os organismos políticos e sociais ao poder central; enquadrou a nobreza eliminando os privilégios de nascimento; nobilizou os agentes da indústria e do comércio; neutralizou os conflitos de classe; extinguiu a Confraria do Espírito Santo da Pedreira ou Mesa dos Homens de Negócios (1755), criando a Junta do Comércio (1756) e a Aula do Comércio (1759); instituiu a política dos diretórios visando subtrair os indígenas do controle eclesial (1757); expulsou os jesuítas (1759); vinculou a Igreja ao Estado, tornando-a independente de Roma (1760); criou o Colégio dos Nobres (fundado em 1761 e aberto em 1766); aboliu a diferença entre cristãos velhos e novos (1768); criou a Real Mesa Censória (1768); secularizou a Inquisição, tornando-a um instrumento do Estado (1769); e decretou a reforma dos estudos menores (1759) e maiores (1772).

Desse modo, o Alvará de 28 de junho de 1759 determina o fechamento de todos os colégios jesuíticos, definindo a criação das aulas régias a serem mantidas pelo Estado. As Aulas Régias marcaram o surgimento do ensino público. Segundo Saviani (2007), o alvará solicitava que o diretor de estudos apresentasse um relatório anual sobre a situação do ensino, bem como

sugestões de melhoria, e os docentes que não cumprissem com seus comprometimentos poderiam ser advertidos ou denunciados ao rei, no caso de necessárias penas mais severas. A reforma curricular ocorrida entre 1759 e 1772 se deu através de Dom Tomás de Almeida, que promoveu medidas governamentais, como a nomeação dos Comissários de Estudos, os livros permitidos às Aulas Régias, os concursos nacionais e exames para Professores Régios e Mestres Particulares.

> Ao se tornar professor régio, o professor perde sua identidade e passa a ser nominado pelo nome da sua disciplina: professor de Retórica, professor de Grego, professor de Gramática Latina. A reforma decretou, também, o livro para ensinar e a adoção das ações pedagógicas (LEDESMA, 2010, p. 26).

De acordo com Rosito (2002), as Aulas Régias caracterizavam-se por promover certa autonomia, diferentemente do ensino jesuítico. Na Reforma Pombalina, havia a liberdade para entrar na classe que se desejasse; porém, para o ensino universitário, era de caráter obrigatório ter cursado aulas Régias de Gramática Latina, Grego e Retórica. Em Portugal, a Universidade de Coimbra foi considerada o centro da Reforma Pombalina. O Brasil condicionado, escravocrata, sem universidade, com elevado número de analfabetos e poucos letrados não acendia nenhuma atenção para ser colocado no trilho da reforma. Era como se no Brasil não estivesse ocorrendo nesse período nenhuma reforma cultural ou educacional (XAVIER, 1980). Os brasileiros continuam a nascer, crescer e necessitar de educação e de instrução e, então, “em vez de um único sistema, passaram a existir escolas leigas e confessionais, mas todas seguindo os mesmos princípios herdados do passado” (WEREBE, 1997, p. 26).

De acordo com Saviani (2007), a Reforma Pombalina chegou ao Brasil de algumas formas, por meio de leis, livros, cultura e literatura francesa, por pessoas que viajavam em visita ao Brasil, e que traziam consigo um pouco da cultura europeia, pelos jovens que iam para Coimbra ou cidades europeias para findar seus estudos. Em 1800, em Pernambuco, José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho funda o Seminário de Olinda e o Recolhimento de Nossa Senhora da Glória, que representou o primeiro estabelecimento brasileiro a aplicar a orientação da reforma educacional pombalina. Lá os ideais

republicanos e liberais incentivavam os jovens brasileiros a construir um país democrático e independente.

De acordo com Werebe (1998), no século XVIII, a Educação Sexual torna-se preocupante entre políticos, filósofos, médicos e educadores, pois é quando surgem os primeiros movimentos favoráveis ou não a ela, promovendo intensa repressão. Entende-se por repressão sexual “um conjunto de interdições, permissões, valores, regras, estabelecidos histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade” (CHAUÍ, 1984, p.9). A Educação Sexual começa a ser vista como um mal necessário, por isso precisa ser tratada como um método de intervenção voltado para resolver os problemas políticos e econômicos; afinal, as taxas de natalidade aumentam, as relações sexuais se tornam cada vez mais precoces, os contraceptivos passam a ser utilizados (FOUCAULT, 1997).

Com a vinda de D. João VI para o Brasil, observa-se uma preocupação em se abrir escolas, não por pensar que a educação brasileira precisava de avanços urgentes ou pela cultura que há tempos havia sido deixada de lado, mas, sim, por interesses próprios e do Estado. A finalidade não era a de formar homens, mas, sim, mão de obra qualificada, haja vista que a necessidade naquele momento era formar oficiais que defendessem a nação, a corte e o rei, o engenheiro e o médico para cuidar da saúde da realeza. Desse modo, eis que surgem os primeiros cursos superiores. As características desses cursos baseavam-se em aulas avulsas com direcionamento profissional, técnico e imediatista. Não houve aproximação alguma da Filosofia das Ciências da Investigação. A primeira instituição de ensino superior criada por D. João VI foi no século XIX, em 1810, através da Carta Régia de quatro de dezembro. A Academia Real Militar (posteriormente Escola Militar de Aplicação) que, juntamente com a Real Academia da Marinha, formavam engenheiros civis e preparavam a carreira das armas (LEDESMA, 2010).

O modelo educacional brasileiro era o mesmo praticado em Portugal, onde se instruía um número máximo de alunos com o mínimo de professores. Ledesma (2010, p. 36) explica que “para ministrar aulas a 500 alunos seria necessário um professor, que escolhendo dez alunos mais inteligentes – os decuriões, os instruiriam e estes repetiriam o conteúdo às classes de 50 alunos – os decúrias”. A vinda da família real para o Brasil gerou grande tirania,

descontentamento do povo e alta crise econômica; com isso, em 1821, D. João VI retorna a Portugal e entrega a seu filho D. Pedro a regência do Brasil.

Segundo Hilsdorf (2006, p. 43), o objetivo das Cortes Portuguesas era atribuir novamente ao Brasil a condição de colônia, o que gerou certo esforço por parte do chamado Partido Brasileiro em manter como regente D. Pedro. Dessa forma, passou-se então a ser defendida a independência regida por uma monarquia constitucional. Com a vitória instituída ao partido, o Brasil passa a estabelecer uma monarquia unificada, centralizada e um liberalismo não democrático. Com a Independência, o primeiro passo "constituiu-se na elaboração e promulgação de uma Constituição. Em junho de 1823, D. Pedro convocou a Assembleia Nacional Constituinte e Legislativa e destacou a necessidade de uma legislação especial sobre a instrução pública". Nessa assembleia, valorizava-se a formação de homens livres e habilitados ao mercado de trabalho, bem como a educação básica, como pré-requisito de riqueza e libertação (LEDESMA, 2010). Porém, "em novembro de 1823, apenas um projeto da Comissão de Instrução que criava duas Universidades, a de São Paulo e a de Olinda, estava aprovado e nem mesmo este projeto chegou a ser promulgado" (LEDESMA, 2010, p. 38).

Alguns cursos jurídicos são iniciados no ano de 1827, porém os que sofrem alterações significativas são instalados em 1828, no Convento São Francisco em São Paulo, e outro no Mosteiro São Bento em Olinda. Consideram-se esses dois cursos de grande influência, pois são elitizados e perfazem a mentalidade política do Império, além, claro, de serem centros de ideias filosóficas, literárias e culturais da época (MOREIRA, 1960, p.53). São criados também cursos médicos-cirúrgicos no Rio de Janeiro e na Bahia, que incentivaram a criação das Faculdades de Medicina, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade Federal da Bahia (UFBA) (SAVIANI, 2007).

Em 1831, após a abdicação do trono por D. Pedro, observou-se grande desagrado da população com o poder nas mãos do Imperador, promovendo um movimento com "tendência à monarquia federativa e descentralizadora". Desse modo, promulgou-se, em agosto de 1834, o chamado Ato Adicional à Constituição. Nele estavam descentralizados os assuntos voltados à política e educação. Nesse ato, instituiu-se que, nas Assembleias Legislativas

provinciais, poderia haver regimento próprio desde que estabelecidos conforme imposições gerais do Estado, cabendo a eles legislar sobre os âmbitos: civil, judiciário, eclesiástico (LEDESMA, 2010, p.39).

Foram vários os impasses sofridos até a criação das primeiras Universidades no Brasil, a resistência à criação dessas vinha tanto dos habitantes da colônia quanto dos governantes da época que não viam justificativa para tal. Para eles, era preferível que as elites fossem terminar seus estudos na Europa. Ao longo dos anos, tentativas sem êxito percorreram mais de um século. Segundo Fávero (2000, p. 18-19), todos “os esforços de criação de Universidades nos períodos colonial e monárquico foram malogrados”, haja vista que vislumbravam sinais de “independência cultural e política da Colônia”.

No ano de 1879, a Reforma Leôncio de Carvalho, através do Decreto 7.247 de 19 de abril, promoveu melhorias, mesmo que sucintas no ensino primário, secundário e superior. Com ela, a liberdade de ensino possibilitou um ideário pedagógico baseado no higienismo, no qual os discursos médicos passaram a fazer parte do vocabulário dos educadores e dos intelectuais da época (SAVIANI, 2007).

Os colégios e os internatos brasileiros no século XIX eram caracterizados como locais onde havia alta prática de onanismo (automasturbação manual masculina), fato considerado altamente imoral. É em meio às transformações universitárias que ocorre na sexualidade uma divisão médico-higienista, onde, de um lado, surge um “domínio médico-psicológico das perversões, tratadas através da psicologia e psiquiatria, e de outro lado o sexo era colocado como um caráter hereditário”. O discurso médico-higienista traz com ele a necessidade de controlar o sexo e de combater as doenças sexualmente transmissíveis com alegação de que elas seriam uma ameaça individual e às gerações futuras (BONFIM, 2010, p.26).

Segundo Figueiró (2001, p. 49), a prática do onanismo deixou de ser considerado pecado e passou a ser considerada uma prática doentia que representava perigo, degeneração física e mental, tanto em crianças como em adultos. “Juntamente com a masturbação, eram atacados, fervorosamente, a prostituição, a libertinagem, a homossexualidade e o celibato, uma vez que ameaçavam a ordem da família nuclear”.

Conforme Cunha (1980), do ano de 1889 até a Revolução de 1930, o ensino superior brasileiro passou por constantes alterações e a atuação de Benjamin Constant (1890-1891) promoveu grande influência positivista na política educacional. Apesar do desprezo relacionado ao surgimento das Universidades Federais, a desoficialização do ensino trouxe condições para que os estados instituíssem as próprias Universidades; com isso, surgem, em 1909, a Universidade de Manaus; em 1911, a Universidade de São Paulo; e, em 1912, a Universidade do Paraná como instituições livres (MICHELOTTO, 2006).

Em 1920, passa a ser cogitada a Educação Sexual nas escolas secundárias. Esta foi uma reinvindicação de Berta Lutz, uma das primeiras feministas preocupadas em proteger a infância e a maternidade. Após a descentralização política da Primeira República, no dia 14 de novembro de 1930, o governo provisório cria o Ministério da Educação e Saúde Pública. Nesse mesmo ano, o Colégio Batista do Rio de Janeiro inclui um projeto denominado “Ensino das espécies e da Educação Sexual”, que não obteve longa duração devido à grande resistência religiosa da época. Tempos depois, o projeto “Higiene Escolar” aplicado nas escolas do mesmo estado instruía os bons hábitos de saúde, alimentação e educação física. Aos poucos, o projeto com visão higienista passou a abordar outros assuntos (BRÊTAS, 2011).

O Ministério da Educação e Saúde Pública administrado por Francisco Campos passa, a partir de 1931, a implantar reformas no ensino secundário, superior e comercial. As reformas procuravam um direcionamento político e educacional, visando à modernização do país, formação da elite e capacitação para o trabalho. Surge, então, o Decreto-lei n.º 19.851/31, que promulga o Estatuto das Universidades Brasileiras e a criação do Conselho Nacional de Educação (Decreto-lei nº 19.850/31) (FÁVERO, 2006). Nesse sentido, a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública perfaz um singelo avanço; todavia, a forma higienista de se tratar do assunto foi reducionista, o que impediu a ampliação do diálogo acerca da educação sexual.

O Governo Provisório trouxe consigo um caráter autoritário, uma tendência centralizadora e aspectos contrastantes na educação superior, haja vista a criação da Universidade de São Paulo (USP) em 1934 e a Universidade do Distrito Federal (UDF) em 1935. As finalidades atribuídas a elas como

expresso no artigo 2.º do Decreto n.º 6.283/34 visavam a promover, por meio da pesquisa, o progresso científico; a transmissão de conhecimentos úteis à vida; a formação de especialistas culturais e artísticos, bem como de técnicos e profissionais em profissões de base científica ou artística e a realização de "obra social de vulgarização das ciências, das letras e artes por meio de cursos sintéticos, conferências e palestras, difusão pelo rádio, filmes científicos e congêneres" (FÁVERO, 2006, p.25).

Os anos de 1935 e 1936 foram considerados inquietantes devido ao vasto clima de guerra decretado no país. Diante disso, Anísio Teixeira solicita afastamento do cargo de Secretário de Educação. Em 1939, mediante o Decreto n.º 1.063, de 20 de janeiro, a Universidade do Distrito Federal é extinta e seus cursos são transferidos para a Universidade de Brasília. Tal ato é justificado pelo Ministro Capanema que, em uma de suas falas, frisa: "À universidade, instituída, mantida e dirigida pela União, há de caber, sob todos os pontos de vista, uma função de caráter nacional"; nesse contexto, acredita-se na necessidade de um padrão universitário (FÁVERO, 2006, p.27).

As décadas de 1940 e 1950 foram marcadas por intensa pressão exercida pela igreja contra o debate de temas atrelados à sexualidade (BRÊTAS, 2011). A década de 1950 é distinguida pelo desenvolvimento e crescimento do país tanto social e cultural quanto economicamente. Desse modo, percebeu-se a situação precária em que se encontravam as Universidades do Brasil. Essa percepção ocorre em decorrência da tramitação do projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (FÁVERO, 2006).

Na década de 1960, começam as discussões acerca da Pedagogia Libertadora advinda de movimentos populares, tornando-se um marco para a educação brasileira, culminando em experiências de Educação Sexual importantes. De acordo com Linhares (2008), a educação libertadora defendida por Paulo Freire "se constrói a partir de uma educação problematizadora, alicerçada em perguntas provocadoras de novas respostas, no diálogo crítico, libertador, na tomada de consciência de sua condição existencial".

Fávero (1994, p. 150-151) argumenta que a modernização do ensino superior brasileiro atinge seu auge com a criação da Universidade de Brasília (UnB), instituída em 1961. A UnB é considerada um "divisor de águas assim

como a USP e a UDF nos anos 30". De igual importância, pode ser destacada a participação do movimento estudantil, que se torna cada vez mais densa; afinal, os estudantes por intermédio da UNE (União Nacional dos Estudantes) queriam "combater o caráter arcaico e elitista das instituições universitárias". Os estudantes se reuniam e promoviam seminários e nestes eram discutidas questões, tais como:

> a) autonomia universitária; b) participação dos corpos docente e discente na administração universitária, através de critério de proporcionalidade representativa; c) adoção do regime de trabalho em tempo integral para docentes; d) ampliação da oferta de vagas nas escolas públicas; e) flexibilidade na organização de currículos (FÁVERO, 1994, p. 151).

De acordo com Brêtas (2011), as discussões sobre Educação Sexual foram interrompidas no ano de 1964, devido ao período de ditadura instaurado no país pelo regime militar. Em 1967, uma Comissão especial foi criada por meio do Decreto n.º 62.024. Do relatório final dessa Comissão, algumas recomendações também foram absorvidas pelo Projeto de Reforma Universitária. De todas as recomendações, algumas merecem destaque, como, por exemplo, "o princípio de autoridade e disciplina nas instituições de ensino superior; ampliação de vagas; implantação do vestibular unificado; criação de cursos de curta duração e ênfase nos aspectos técnicos e administrativos" (FÁVERO, 2006, p.32).

Começa-se, então, em 1968, por meio de Meira Mattos e os membros da Comissão, a instauração do recurso da intimidação e da repressão. Esse recurso foi implementado com a promulgação do Ato Institucional n.º 5 (AI-5), de 13 de dezembro de 1968, e com o Decreto-lei n.º 477, de 26 de fevereiro de 1969, que "definem infrações disciplinares praticadas por professores, alunos e funcionários ou empregados de estabelecimentos públicos ou particulares e as respectivas medidas punitivas a serem adotadas nos diversos casos" (FÁVERO, 2006, p.32).

Em meio ao militarismo, e apesar de toda a repressão sofrida na época, algumas pessoas denunciavam o regime. Destacam-se também alguns setores sociais que não concordavam com a arbitrariedade exercida pelo regime militar, a exemplo da Igreja Católica, por meio da Conferência Nacional

dos Bispos do Brasil – CNBB; do Movimento Democrático Brasileiro – MDB; da Ordem dos Advogados do Brasil – OAB e da Associação Brasileira de Imprensa – ABI. Também diversos artistas, como Geraldo Vandré e Chico Buarque de Holanda, utilizavam-se da música como instrumento de denúncia e de protesto (LEDESMA, 2010). No final dos anos de 1970, “as tendências pedagógicas passaram a exigir um ensino mais crítico, pautado nas transformações sociais. “O movimento para a Libertação Gay assumiu características políticas, foi a primeira vez que os homossexuais enfrentaram preconceitos” e assumiram uma postura politizada (BRÊTAS, 2011, p.188). Em 1971, ocorre a reformulação da educação primária e média, porém “a Lei de Diretrizes e Bases 5.692/71 preservou muitos artigos da Lei anterior e não se constituiu em uma ruptura com as diretrizes da Lei 4.024/61 (LEDESMA, 2010, p. 105).

O movimento para a Libertação Gay se articulava para que fossem oportunizados novos conhecimentos, iniciando amplos debates sobre a Sexualidade. Com o surgimento da AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), esses debates aumentaram, porém a falta de informação atrelada a um sistema de saúde pública precário oportuniza o drástico aumento da doença (BRÊTAS, 2011). Podemos dizer que o interesse do Estado para com a sexualidade do indivíduo estava condicionado ao gasto com a saúde pública devido a dois problemas sociais: primeiro, a disseminação do vírus da AIDS; segundo, o elevado número de adolescentes grávidas (ALTMANN, 2001, p. 576).

Em 1985, José Sarney assume o lugar de Tancredo Neves na presidência, e a política educacional em crise tentava amenizar os problemas com a reforma do ensino. Carregadas de uma “justificativa ideológica liberal de que se investia na melhoria do ‘capital humano’, para adequar a sociedade brasileira aos patamares das exigências modernas da produção Internacional”, propõe ver a educação como um investimento que gera maior produtividade e melhores condições de vida. (HILSDORF, 2006, p. 123). Foram difundidas, então, “as ideias relacionadas à organização racional do trabalho (taylorismo, fordismo), ao enfoque sistêmico e ao controle do comportamento (behaviorismo), que, no campo educacional, configuravam a ‘pedagogia tecnicista’” (SAVIANI, 2007, p. 367).

A Educação passa a refletir com grande influência o momento político e econômico pelo qual passava o Brasil. A eficiência, a racionalidade, o desenvolvimento, o controle e a repressão demonstravam a aplicação da pedagogia tecnicista. A departamentalização, um dos produtos gerados pela implantação da teoria empresarial para o interior da escola, “ao separar os professores em departamentos que os agrupam pela mesma área de conhecimento, dificultou e até mesmo destruiu as reuniões por afinidades ideológicas e teóricas” (LEDESMA, 2010, p. 105).

Com a redemocratização do país, fatos importantes foram conquistados, a exemplo da concessão do direito ao voto aos analfabetos e a elaboração da nova Constituição presidida por Ulysses Guimarães, promulgada em 1988, na qual se deu ênfase aos direitos humanos, à descentralização política e administrativa “na forma Federativa de Estado como princípio irrevogável e na participação e organização social como elementos fundamentais para o controle e a consolidação da democracia brasileira” (LEDESMA, 2010, p. 108).

Na Constituição Federal de 1988, é assegurado que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Na área da Educação, somente no final de 1990, ao serem implantados os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), a educação sexual na escola alcançou alguns resultados, ou seja, passou a ser abordada com maior liberdade (SILVA; CARVALHO, 2005). Inspirados no modelo de reformas curriculares da Espanha e para que fosse cumprido o artigo 210 da Constituição Federal de 1998, neles articula-se que deve ser defendida a formação básica comum e o respeito a valores, sejam eles culturais, artísticos, de procedência regional ou nacional. A proposta busca também melhorar a qualidade do ensino fundamental, articulando, assim, reformulações curriculares de âmbito escolar estadual e municipal (BRAGA, 2006).

Após a grande crise política vivida no Brasil pelo Governo Collor, em 1995, Fernando Henrique Cardoso assume a Presidência da República e várias são as reformas constitucionais. A primeira versão dos PCN datou do

final do ano de 1995, e sofreu avaliações por parte de especialistas nacionais e internacionais, além de 400 professores, que puderam opinar e pontuar aspectos positivos e negativos, oferecendo subsídios para a melhoria e a reformulação do documento (BRAGA, 2006). A título de esclarecimento, destacamos que a transversalidade sugerida pelos PCN será discutida no próximo capítulo.

Dentre as reformas constitucionais, merece destaque a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/9394-96), que, em seu artigo 2.º, destaca:

> A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 2016, p.1).

Dessa forma, a educação tem como base legal princípios que visam a ressaltar o respeito aos direitos do aluno, incluindo o de ter “educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma: pré-escola, ensino fundamental, ensino médio” (BRASIL, 2016, p.10).

Em 2003, é empossado Luiz Inácio Lula da Silva, seu mandato dura oito anos e, ao assumir, anuncia diversas reformas, dentre elas, tributária, fiscal, previdenciária, universitária. Após a LDB, algumas instruções normativas passaram a vigorar no mundo universitário, a exemplo das instituições que oferecem programas de pós-graduação credenciados, além de desenvolver atividades de pesquisa institucionalizadas. Essas instituições passam a ser classificadas como universidades; são as únicas que não necessitam do reconhecimento do Conselho Nacional de Educação (CNE) para oferecer cursos de graduação. Cursos como Medicina e Psicologia necessitam de autorização dos conselhos profissionais, e cursos de pós-graduação só terão reconhecimento depois de serem aprovados pela CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior) (ALMEIDA FILHO, 2008).

Almeida Filho (2008, p. 156-157) realiza uma análise epistemológica e curricular no que concerne às universidades brasileiras. De tal modo, epistemologicamente, o autor acredita que as universidades brasileiras estão

pautadas “sobre uma concepção linear e fragmentadora do conhecimento, alienada à complexidade dos problemas da natureza, da sociedade, da história e da subjetividade humanas”. Já do ponto de vista curricular, nosso país baseia-se em universidades europeias. Esses modelos são passíveis de várias incompatibilidades, as matrizes curriculares são “bastante confusas e diversificadas, caracterizadas por múltiplas titulações, produzidas por meio de programas de formação com reduzido grau de articulação”. O autor enfatiza que os problemas que necessitam ser superados pelas universidades brasileiras condizem com a precocidade ao escolher carreiras profissionais, o método de seleção para o ingresso, currículos “estreitos e bitolados”, o abismo ainda presente entre a graduação e pós-graduação, dificuldades de se integrar ao mercado de trabalho, incompatibilidade de modelos universitários baseados em modelos de países que vivem outras realidades, “formação tecnológico-profissional, que, quando eficiente, é culturalmente empobrecido” e a presença constante do anacronismo, que é a “dissonância da formação universitária com a conjuntura contemporânea”.

Diante de tais fatos, buscaremos discutir as relações existentes entre o Ensino Superior, a Formação de Docentes e a Educação Sexual, pautadas, principalmente, nas disciplinas de Ciências e Biologia. Acredita-se na articulação dessas disciplinas no desenvolvimento da Educação Sexual. É relevante ressaltar que o foco desta pesquisa é a Educação Sexual no ensino médio, atribuída na prática, de maneira geral à disciplina de Biologia, o que não retira das demais disciplinas e formações acadêmicas a responsabilidade de se promover a Educação Sexual de forma transversal, como preconizam os PCN.

2. FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE BIOLOGIA

Neste capítulo, daremos ênfase à formação inicial, destacando a importância da identidade social do professor de Ciências e Biologia no exercício da docência, em particular, no desenvolvimento da Educação Sexual, a qual deve ser abordada de forma transversal, conforme asseguram os PCN.

2.1 Construção de uma identidade social e docente frente à transversalidade

O histórico universitário do Brasil exerceu grande influência nos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, haja vista que o ensino de Biologia no Brasil referenciou-se no período Vargas, acoplado à disciplina Biologia Educacional, do professor Almeida Júnior, docente da Universidade de São Paulo. No ano de 1939, o ensino era tido como tradicional e estava à procura de uma nova pedagogia. A partir da década de 1960, as Ciências Biológicas substituem os cursos de História Natural nas Universidades e a formação docente passa a ser uma preocupação específica não só do curso, mas também dos legisladores (BIZZO, 2014).

Ainda de acordo com esse autor, a realidade atual da educação brasileira aponta para a urgente necessidade de se investir na qualidade do ensino; desse modo, concentra-se a formação de professores e de todos os que se dedicam à educação, sociedade, cultura e ciência, levando em conta que os resultados dependerão de investimentos e de ações. No caso das Ciências Biológicas, ainda é aguardada uma formação que garanta a esse futuro profissional da educação, ao menos a mínima capacidade e domínio em cada uma das áreas em que poderá atuar, seja no ensino ou na pesquisa (BIZZO, 2014). Diante disso, Bonfim (2009) afirma que, em sua maioria, as Licenciaturas não possuem em sua estrutura curricular nenhuma disciplina que trate a Sexualidade como construção sócio-histórico-cultural. Essa lacuna pode ser um dos fatores que impede o desenvolvimento de uma Educação Sexual emancipatória.

Em função da amplitude das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de Ciências Biológicas, as instituições têm liberdade de

estruturar individualmente os currículos dos cursos que oferecem. Gatti (2009, p. 137-138) explana que “particular atenção deve ser dispensada às relações estabelecidas pelos seres humanos, dada a sua especificidade. Em tal abordagem, os conhecimentos biológicos não se dissociam dos sociais, políticos, econômicos e culturais”. A área da saúde, por estar distante da ementa dos cursos, dificulta o trabalho do professor. O docente é caracterizado por ser “reflexivo e capaz de intervir na realidade regional”, porém esta parece ser uma proposta sem fundamento, já que não é concretizada no currículo.

Ao rever a prática desses professores e o domínio de conteúdos que visam à promoção do processo de ensino/aprendizagem, em específico na Educação Sexual, é necessário que se conheça a formação inicial e possíveis investimentos na formação continuada dos mesmos. De acordo com Alarcão (1996), o professor, em sua função determinante de promover a construção do conhecimento, tendo como reflexo a formação do sujeito, além de educador, possui papel ativo e não apenas técnico; o professor precisa de um conjunto de competências que dê sentido à aprendizagem, o que requer riqueza de experiências teóricas e práticas. Essas competências, tão necessárias à atuação do professor, se dão mesmo antes dos estudos acadêmicos, como argumenta Figueiró (2006), ao explicar que, antes do ingresso no curso de graduação, a pessoa traz consigo determinações sociais, como, por exemplo, suas concepções de ambiente escolar, relações entre docente e discente no processo de ensino/aprendizagem. Assim, a educação recebida pela família e sua trajetória de vida vão contribuir significativamente na formação do indivíduo, seja como profissional ou como sujeito.

Segundo Bonfim (2014, p.55), quando tratamos a formação inicial dos professores, primeiramente o educador deve conhecer-se, para que “possa desenvolver a sensibilidade e o respeito para com o desenvolvimento e as necessidades do seu aluno”. A autora deixa clara sua crença de que “quando o educador vivencia suas limitações e visualiza suas potencialidades, pode transmitir maior segurança e confiança nas orientações aos seus alunos, e assim ajudá-los a superar suas próprias dificuldades”.

Parte do que somos é resultado do que o outro nos desperta. Assim, o processo educativo não deve partir somente da instituição de ensino; deve, também, partir do âmbito familiar. Apesar de valorizarmos o ensinamento

advindo da escola, o seio familiar promove no indivíduo a transformação do ser biológico para o ser social; com isso, a sua individualidade, a sua personalidade e, principalmente, sua identidade são construídas.

Dentre esses três aspectos de transformação do indivíduo, entendemos que o mais pertinente para o desenvolvimento deste estudo é o de identidade, pois desde que foi estabelecida a condição de formação de seres humanos críticos, sociais e culturais, os educadores e familiares são, em grande parte, responsáveis pela construção da identidade dos sujeitos; afinal, identidade é tudo aquilo que se é, porém nem sempre o que sou é respeitado, fator muito influenciado pela cultura social (SILVA, HALL, WOODWARD, 2000).

Na busca de compreendermos melhor o conceito de identidade, deparamo-nos com a estreita relação entre diferença e identidade. Silva, Hall e Woodward (2000 p. 2) estabelecem que

> Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e auto-suficiente. Na mesma linha de raciocínio, também a diferença é concebida como uma entidade independente. Apenas, neste caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é: "ela é italiana", "ela é branca", "ela é homossexual", "ela é velha", "ela é mulher". Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como auto- referenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe.

Entender a identidade no âmbito da sexualidade nos faz entender as concepções de gênero, a posição de subordinação e de poder entre eles, mas, principalmente, nos leva a remeter a sexualidade em si como um fator social (BOZON; GIAMI, 1999). A pluralidade cultural envolvida na temática nos faz repensar se a sexualidade é realmente algo natural, inerente ao ser humano. Os corpos são vistos tanto social quanto culturalmente, e são esses aspectos que, na verdade, inserem o ser humano em seu meio de vivência. Temos visto diferentes formas de interpelação de sujeitos, principalmente dos jovens, na tentativa de recuperar valores e práticas tradicionais, deixando, muitas vezes, por pressão da família ou da sociedade na qual está inserido, o “eu”, a identidade à qual o sujeito realmente pertence (LOURO; 2000). “Cabe, portanto, à escola – e não mais apenas à família – desenvolver uma ação

crítica, reflexiva e educativa que promova a educação sexual das crianças e dos adolescentes" (ALTMANN, 2001 p.576).

Compreendendo a pedagogia como forma de articular as diversas práticas pedagógicas, tratando a diversidade em todas as suas esferas temáticas, torna-se necessário que não só os educadores, mas também as famílias preparem-se para elencar e promover ações que disseminem e tornem esse aprendizado mais eficaz. Para isso, não basta apenas uma formação acadêmica; é necessário estar elencado o saber social e cultural.

Para Louro (2000), a sexualidade é uma questão pessoal, social e política. Ela é construída ao longo de toda a vida de modos diferentes e por todas as pessoas. É, além de tudo, caracterizada por um processo cultural e plural, no qual os corpos ganham sentido, socialmente sendo "moldados pelo poder da sociedade" (LOURO, 2000). A autora afirma que

> [...] Somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural, afirmado pelos teóricos e teóricas culturais (LOURO, 2000, p.6).

Nesse sentido, observa-se a seriedade da Educação Sexual, que é definida como processo informal, pois aprendemos sobre a sexualidade ao longo da vida, "seja através da família, da religião, da comunidade, dos livros ou da mídia, mas principalmente em escolas" (JARDIM, BRÊTAS, 2006).

No que diz respeito à religião, sabemos que ela pode influenciar os indivíduos com relação a sua sexualidade. Assim, um educador ou professor que desenvolve a Educação Sexual pode apresentar duas diferentes formas de abordagem, Abordagem Religiosa Tradicional e a Abordagem Religiosa Libertadora. De acordo com Figueiró (2010), um educador sexual que aplica a primeira abordagem é aquele que:

- Liga a vivência da sexualidade ao amor a Deus e a submissão às normas religiosas oficiais;
- Tem como metas básicas a preservação dos valores morais cristãos e o desenvolvimento da vida espiritual;

- Vincula sexo ao amor pelo parceiro, ao casamento e à procriação;
- Encara o matrimônio e a virgindade/castidade como os dois únicos modos de viver a aliança com Deus;
- Valoriza a informação de conteúdos específicos da sexualidade, encarando-a, porém, como uma meta secundária;
- Pode estar comprometido com uma educação para o pudor (FIGUEIRÓ, 2010, p.34).

Porém, aquele educador sexual comprometido com a segunda abordagem:

- Liga a vivência da sexualidade ao amor a Deus e ao próximo;
- Tem como metas básicas a conservação dos princípios cristãos fundamentais, o desenvolvimento da vida espiritual e a conscientização do cristão para a participação na transformação social;
- Valoriza a informação de conteúdos, num contexto de debate, para, por meio da discussão sobre a sexualidade, levar à tomada de consciência da cidadania;
- Vê de maneira crítica as normas oficiais da Igreja sobre a sexualidade e procura levar o cristão a ser sujeito de sua sexualidade, com liberdade, consciência e responsabilidade;
- Vê a Educação Sexual como um ato político, ou seja, como uma atitude de engajamento com a transformação social. Neste ponto, portanto, é semelhante à Abordagem Emancipatória [...] (FIGUEIRÓ, 2010, p.35).

Vale ressaltar que esta pesquisa se respalda na abordagem emancipatória, pois acreditamos que ela é capaz de promover a autonomia do comportamento sexual de maneira libertadora, procurando fazer com que os indivíduos se desvencilhem de atitudes preconceituosas, tais como: homofobia, transfobia, desigualdades, violência sexual. Além disso, tal abordagem defende o exercício da sexualidade de forma autônoma e livre de opressão sexual, social e de sentimento de culpa, com dignidade e respeito, sem ser banalizada (FIGUEIRÓ, 2006).

Sobre o ambiente escolar Jardim e Brêtas (2006) enfatizam a sua importância para o desenvolvimento da Educação Sexual, trazendo alguns argumentos:

> [...] Sabe-se que a escola é um cenário muito apropriado para o desenvolvimento de um programa de educação sexual, porque além de uma ação direta que exerce sobre os educandos,

> indiretamente incentiva a própria família a desempenhar o seu papel. A educação sexual é com certeza uma grande estratégia de prevenção dos problemas relacionados ao desenvolvimento da sexualidade na adolescência, mas a escola apresenta dificuldades em cumprir seu papel, pois este trabalho resulta entre outros fatores, de docentes capacitados previamente para a função (JARDIM, BRÊTAS, 2006, p.158).

Concordamos com os autores acerca da importância do espaço escolar no desenvolvimento da educação sexual dos educandos, bem como da dificuldade dos docentes em cumprir com seu papel nesse processo. Acreditamos que tais dificuldades se devem às lacunas dos cursos de Licenciaturas em Ciências Biológicas.

No sentido social, Berger e Luckmann (1976) afirmam que o próprio indivíduo é capaz de construir-se socialmente, desde que esteja inserido em um meio propício para isso. Ele se autoconstrói se socializa. Diante das discussões apresentadas, podemos afirmar que o professor como sujeito, como possuidor de sua identidade e certo dela, pode auxiliar de maneira significativa na promoção da Educação Sexual em sua prática pedagógica. Acreditamos, no entanto, que isso só acontecerá de forma efetiva se o referido professor tiver conhecimentos teóricos suficientes para dar conta do tema sexualidade nos seus múltiplos aspectos, ou seja, cultural, social, psicológico, afetivo e biológico. Ao analisar a grade curricular dos cursos de Ciências Biológicas, Bonfim (2010, p.87-88) destaca que o currículo não se trata apenas de um espaço onde se planejam e transmitem conhecimentos, mas determina o que somos e o que seremos. De fato, torna-se necessário que venhamos a construir um currículo que seja capaz de contemplar a formação docente de forma interdisciplinar e transversal também no que concerne à sexualidade. Assim, a autora descreve:

> É possível verificar que, desde as primeiras versões oficiais de Diretrizes Curriculares para cada Licenciatura em Ciências (inicialmente denominada de História Natural), prevaleciam as visões focadas na formação de especialistas em Biologia, embora se diga que este curso tenha essencialmente nascido para a formação docente e não apenas de pesquisadores na área. A ênfase das disciplinas oferecidas deixa claro que a especificidade dos cursos é formar "bacharéis" e/ou como muitos deles imaginam que seja uma "atuação eficaz" em Escolas de Educação Básica, mesmo tendo, como na maioria dos casos, pouca vivência ou interação no âmbito escolar e um

> conhecimento limitado da História da Educação Brasileira, das Políticas Educacionais e das Filosofias ou diretrizes da educação que se fizeram/fazem presentes nas escolas, bem como das carências e problemáticas atuais da Educação Brasileira (BONFIM, 2010, p. 89).

Apesar de termos vivenciado algumas transformações sociais e comportamentais no campo da sexualidade, no ambiente escolar, observa-se que a maioria das iniciativas escolares voltadas à Educação Sexual é pautada em conteúdos biológicos voltados apenas ao corpo, sem levar em conta questões sociais, psicológicas e culturais. É comum que tais iniciativas pedagógicas estejam pautadas em projetos associados a campanhas sobre saúde, gravidez na adolescência, violência de gênero, entre outras. Dentre as políticas públicas que incorporam essas iniciativas, o governo federal reconhece a sexualidade a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN – 1997 e 1999) e de programas, tais como: Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE – 2003), Programa Brasil sem Homofobia – Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB (Gays, Lésbicas, Travestis, Bissexuais) e de Promoção da Cidadania Homossexual (PBSH – 2004) e o Gênero e Diversidade na Escola (GDE – 2006) (UNESCO, 2014).

O documento oficial denominado PCN foi publicado pela primeira vez para ser discutido nas escolas no ano de 1997. A princípio, os Parâmetros eram voltados apenas ao Ensino Fundamental, porém, dois anos mais tarde, estenderam-se para o ensino médio. Os PCN foram inspirados no modelo de reformas curriculares da Espanha e com o intuito de cumprir o artigo 210 da Constituição Federal de 1998, no qual se defende a formação básica comum e o respeito a valores, sejam eles culturais, artísticos, de procedência regional ou nacional. A proposta busca também melhorar a qualidade do ensino fundamental, articulando, assim, reformulações curriculares de âmbito escolar estadual e municipal (BRAGA, 2006).

De acordo com os PCN, o ensino da sexualidade nas escolas deu-se em meados da década de 1970 por ser considerado componente da formação humana. Alguns registros demonstram uma sucinta abordagem em forma de discussões e trabalhos nas escolas a partir da década de 1920. De fato, observa-se um crescimento maior nos anos 1980 por dois fatores ainda constantes na população brasileira: a elevada taxa de gravidez na

adolescência e a grande disseminação do vírus HIV (sigla inglesa que, traduzida, significa Vírus da Imunodeficiência Humana) e a AIDS ou SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida) (BRASIL, 1998). Esses fatores fizeram com que o Estado manifestasse seu interesse pela sexualidade da população, conforme descreve Altmann (2001, p.576):

> De acordo com os PCN, em virtude do crescimento de casos de gravidez indesejada entre adolescentes e do risco da contaminação pelo HIV, o tema Orientação Sexual criado como um dos temas transversais a ser trabalhados ao longo de todos os ciclos de escolarização. Cabe, portanto, à escola – e não mais apenas à família – desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa que promova a saúde das crianças e dos adolescentes.

Sobre a Educação Sexual, nota-se de maneira apenas biológica, o que não abarca certas curiosidades e ansiedades dos discentes, haja vista que não se levam em conta as dimensões culturais, afetivas e sociais contidas nessa mesma característica biológica. “Finalmente pode-se afirmar que a implantação de Orientação Sexual nas escolas contribui para o bem-estar das crianças e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura” (BRASIL, 1998, p.78). De fato, a inserção da sexualidade de forma pedagógica não se deu apenas pelos PCN. O que esses documentos sugerem é a abordagem da sexualidade de maneira transversal, que provoque no aluno reflexões, questionamentos que envolvam “postura, tabus, crenças e valores”, tratando, então, a temática com um enfoque biológico, psíquico e social, portanto, não pode ser considerada uma listagem de conteúdos a serem ministrados. Atentos à transversalidade, os temas transversais podem, de acordo com Garcia, ser exemplificados da seguinte maneira: “Se pensarmos que estamos estudando um bolo, e que cada fatia do bolo corresponde a uma disciplina, o tema transversal irá aparecer como um ingrediente totalmente diluído na massa, e não como uma fatia a mais” (GARCIA, 2007, p.3).

Com isso, os temas transversais constituem um modelo formador no que tange à educação para a cidadania. Mas o que é transversalidade? E temas transversais? Nos PCN, encontramos em suas partes a apresentação e discussão sobre a transversalidade e seus temas, de modo a auxiliar os setores da educação na construção dos currículos, ao integrar as

desigualdades sócio-étnico-culturais, e abranger todas as reflexões sociais que permeiam a nossa realidade.

Transversalidade é compreendida como a integração das áreas disciplinares, científicas, sociais e culturais, que buscam se comprometer com as relações interpessoais que ocorrem nas instituições de ensino. Portanto, a escola tem o papel de apresentar aos educandos um contato intelectual dos valores que os mesmos trazem da sua experiência. O conceito de transversalidade teve sua estreia no contexto dos movimentos de renovação pedagógica, e foi a partir da instauração da LDB de 1996 e dos PCN que o conceito foi aplicado. Nos PCN, a transversalidade é concebida por meio da possibilidade que existe em estabelecer, nas práticas pedagógicas nos ambientes de ensino, uma relação entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados e compreender as questões da vida real. É preciso esclarecer que a transversalidade não deve ser trabalhada paralelamente ao currículo, mas deve trazer para os conteúdos e para as metodologias utilizadas a perspectiva dos temas transversais (BRASIL, 1998).

Ainda é necessário ressaltar que o conceito de transversalidade é diferente do que entendemos por interdisciplinaridade, pois, mesmo que ambos busquem rechaçar a forma tradicional e totalizante de lidar com todas as áreas do conhecimento, a transversalidade busca trabalhar a dimensão didática de lidar com diversos conhecimentos, possibilitando uma integração entre esses saberes e a realidade que os alunos trazem consigo; já a interdisciplinaridade aborda a forma epistemológica de trabalhar com os objetos dos conhecimentos, diferente da visão compartimentada da realidade. Por isso, a transversalidade é discussão presente nos PCN, pois, além dessa tentativa de abranger todas as camadas de conhecimentos que existem na realidade escolar dos educandos e dos educadores, pretende-se, ainda que preferencialmente, formar o sujeito para o exercício da cidadania, reconhecendo e respeitando todas as desigualdades que fazem parte de sua realidade (BRASIL, 1998).

2.2 Diretrizes Curriculares de Ciências e Biologia no Estado do Paraná (DCE)

Em observação às Diretrizes Curriculares da Educação Básica (DCE) de Ciências e Biologia, vale ressaltar as várias justificativas para sua formulação. Chamou-nos a atenção um dos primeiros textos, presente nos documentos que tratam sobre os sujeitos da Educação Básica. Esse texto refere-se à justificativa quanto à escola pública, que passou a existir devido ao fato de o alunado pertencer, em sua maioria, às classes populares. Dessa forma, os conteúdos pré-estabelecidos pelas DCE são baseados na "formação de sociedade que se quer para o país". Sentimos a necessidade então de destacar a seguinte frase que compõe o documento: "nestas diretrizes, propõe-se uma reorientação na política curricular com o objetivo de construir uma sociedade justa, onde as oportunidades sejam iguais para todos" (PARANÁ, 2008a, p.14).

O documento apresenta o conceito de currículo baseado em Sacristan (2000), segundo o qual ele é considerado, através de suas impressões,

> [...] conjunto de conhecimentos ou matérias a serem superadas pelo aluno dentro de um ciclo – nível educativo ou modalidade de ensino é a acepção mais clássica e desenvolvida; o currículo como programa de atividades planejadas, devidamente sequencializadas, ordenadas metodologicamente tal como se mostram num manual ou num guia do professor; o currículo, também foi entendido, às vezes, como resultados pretendidos de aprendizagem; o currículo como concretização do plano reprodutor para a escola de determinada sociedade, contendo conhecimentos, valores e atitudes; o currículo como experiência recriada nos alunos por meio da qual podem desenvolver-se; o currículo como tarefa e habilidade a serem dominadas como é o caso da formação profissional; o currículo como programa que proporciona conteúdos e valores para que os alunos melhorem a sociedade em relação à reconstrução social da mesma (PARANÁ, 2008a, p.14 apud SACRISTAN, 2000, p. 14).

Assim, é necessário que o currículo promova ao estudante "a formação necessária para o enfrentamento com vistas à transformação da realidade social, econômica e política de seu tempo" (PARANÁ, 2008a, p.20).

A proposta das DCE é a de que os professores sejam ativos na construção curricular, organizando os trabalhos pedagógicos com base nos

conteúdos estruturantes, considerados fundamentais para que haja a "compreensão do objeto de estudo/ensino" da disciplina. A seleção de conteúdos pode ser reelaborada devido às "transformações sociais políticas, econômicas e culturais". Propõe-se uma abordagem contextualizada e articulada com outras disciplinas (PARANÁ, 2008a, p.26).

A partir dos conteúdos estruturantes, organizam-se os conteúdos chamados de básicos. Estes são divididos por ano (série) e, a partir daí, os professores poderão elaborar o plano de trabalho docente, levando em consideração, também, conteúdos adaptados às necessidades da escola (PARANÁ, 2008a).

As DCE requerem dos docentes um diálogo interdisciplinar, porém deixam claro que as disciplinas são campos do conhecimento, ou seja, são o desígnio para que ocorra a interdisciplinaridade. Dessa forma, esse conceito se estabelece quando

> Conceitos, teorias ou práticas de uma disciplina são chamados à discussão e auxiliam a compreensão de um recorte de conteúdo qualquer de outra disciplina;
> Ao tratar do objeto de estudo de uma disciplina, buscam-se nos quadros conceituais de outras disciplinas referenciais teóricos que possibilitem uma abordagem mais abrangente desse objeto (PARANÁ, 2008a, p.27).

Nesse sentido, nota-se, no documento, uma preocupação em se estabelecer relações interdisciplinares, nas quais os "conceitos, teorias e práticas enriquecem a compreensão" do conteúdo, ampliando a "abordagem dos conteúdos de modo que se busque, cada vez mais, a totalidade, numa prática pedagógica que leve em conta as dimensões científica, filosófica e artística do conhecimento" (PARANÁ, 2008a, p.27). Assim, o conhecimento passa a ter sentido ao aluno, a partir do momento em que o conteúdo é problematizado e aprendido. Não se deve, porém, limitar os conteúdos somente com base nas vivências do aluno, haja vista que compromete sua criticidade e a compreensão "da abrangência dos fatos e fenômenos" (PARANÁ, 2008a, p.28).

Para instigar a curiosidade dos alunos e promover sentimento de confiança, as diretrizes sugerem o processo de ensino-aprendizagem contextualizado, porém o mesmo está condicionado aos "modelos de

explicação e compreensão da realidade", onde se devem observar possíveis equívocos ou limitações em determinados contextos, "enfrentar o questionamento, colocá-los em cheque num processo de desconstrução de conceitos e reconstrução/apropriação de outros" (PARANÁ, 2008a, p.28). Assim,

> [...] é preciso ter claro que esse processo de ensino fundamenta-se em uma cognição situada, ou seja, as ideias prévias dos estudantes e dos professores, advindas do contexto de suas experiências e de seus valores culturais, devem ser reestruturadas e sistematizadas a partir das ideias ou dos conceitos que estruturam as disciplinas de referência (PARANÁ, 2008a, p.29).

Com base nos fundamentos que principiam os aspectos levados em conta nesse documento, faz-se necessário abordarmos as dimensões históricas e curriculares das disciplinas de Ciências e Biologia.

2.2.1 Dimensão histórica e curricular das disciplinas de Ciências e Biologia

A investigação da Natureza, que cientificamente constitui o conjunto dos elementos que integram o Universo, é o objeto de estudo da disciplina de Ciências. Segundo a DCE da disciplina, cabe aos seres humanos compreender de forma racional os fenômenos naturais "resultantes das relações entre elementos fundamentais como tempo, espaço, matéria, movimento, força, campo, energia e vida". (PARANÁ, 2008b, p. 41). Dessa maneira, o conhecimento é assegurado por meio da cultura, do trabalho e do processo educacional, pois através deles são estabelecidas novas maneiras de pensar, dominar, compreender e apropriar-se dos recursos da natureza (PARANÁ, 2008b).

O conceito de ciência considerado nesse documento apoia-se em Freire-Maia (2000, p. 24), que o descreve como

> [...] um conjunto de descrições, interpretações, teorias, leis, modelos, etc, visando ao conhecimento de uma parcela da realidade, em contínua ampliação e renovação, que resulta da aplicação deliberada de uma metodologia especial (metodologia científica) (PARANÁ, 2008b, p.41).

O ensino de Ciências no Brasil sofreu influências “através das relações de poder entre instituições de produção científica, pelo papel reservado à educação na socialização desse conhecimento e no conflito de interesses entre antigas e recentes profissões” (PARANÁ, 2008b, p. 49). Sua consolidação ocorreu durante o século XIX e contou com a ajuda de museus de história natural, universidades e institutos de pesquisas. Como disciplina, foi consolidada em 1931, no contexto da Reforma Francisco Campos, “com objetivo de transmitir conhecimentos científicos provenientes de diferentes ciências naturais de referência já consolidadas no currículo escolar brasileiro” (PARANÁ, 2008b, p. 51).

Mesmo com a consolidação da disciplina de Ciências no currículo escolar e investimentos em pesquisas, na década de 1980, o currículo era baseado em problemas sociais e o objetivo da disciplina era formar um futuro cientista ou qualificar o sujeito para o trabalho. Segundo PARANÁ (2008b, p.55), com as crises ambientais ocorridas na época, a “revolta estudantil, a efervescência social, as lutas antissegregação racial e o processo de redemocratização iniciado em 1985” fizeram com que o Governo do Estado do Paraná, juntamente com a Secretaria de Estado da Educação (SEED), desenvolvessem um currículo voltado para o ensino de 1.º grau, baseado na pedagogia histórico-crítica, considerando as relações existentes entre escola, trabalho e cidadania. Dessa forma, os conteúdos estruturantes baseavam-se em “1.Noções de Astronomia; 2. Transformação e Interação de Matéria e Energia; e 3. Saúde - melhoria da qualidade de vida” (PARANÁ, 2008b, p. 55).

A promulgação da LDB n. 9394/96 instituiu as Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, por meio das quais os PCN foram fundamentados, e os currículos básicos do Paraná foram então substituídos, o que, de acordo com as DCE do Estado do Paraná, descaracterizavam a disciplina de Ciências. A explicação para essa descaracterização foi baseada no fato de conceitos referenciais e históricos ficarem em segundo plano. Com os PCN, os conteúdos estruturantes passaram a ser: “1. Terra e Universo; 2. Vida e Ambiente; 3. Ser humano e Saúde; e 4. Tecnologia e Sociedade”. A proposta instituía que tudo que pudesse ser passível de aprendizagem na escola poderia ser então considerado conteúdo curricular. “Neste momento histórico houve a supervalorização do trabalho com temas, como por exemplo, a questão do lixo

e da reciclagem, das drogas, dos valores, da sexualidade, do meio ambiente, entre outros" (PARANÁ, 2008b, p. 56).

Argumenta-se, no entanto, que "a ênfase no desenvolvimento de atitudes e valores, bem como no trabalho pedagógico com os temas transversais, esvaziaram o ensino dos conteúdos científicos na disciplina de Ciências" (PARANÁ, 2008b, p. 55). Assim, o Governo do Estado do Paraná, juntamente com a SEED, passaram a construir coletivamente as DCE/PR, estabelecendo uma nova proposta para o ensino de Ciências. Não concordamos com as críticas das DCE relacionadas ao esvaziamento dos conteúdos científicos, ao se trabalhar temas transversais na disciplina de Ciências. Acreditamos que o problema maior esteja associado aos equívocos cometidos por professores ao atenderem recomendações dos PCN. Mesmo porque, eles não recebem uma devida preparação para pôr em prática os fundamentos teórico-metodológicos apresentados por esses documentos oficiais. Nas DCE da disciplina de Ciências (PARANÁ, 2008b, p.68), são estabelecidos cinco conteúdos estruturantes. Para cada conteúdo, ocorrem seus desdobramentos em básicos e específicos. Os conteúdos básicos já são estabelecidos, e os específicos podem ser adaptados pelo professor em seu plano de trabalho docente. O quadro a seguir demonstra a divisão de conteúdos estruturantes e básicos para a disciplina de Ciências.

Quadro 1- Conteúdos estruturantes e básicos da disciplina de Ciências

Conteúdos Estruturantes	Conteúdos Básicos
Astronomia	• Universo; • sistema solar; • movimentos celestes e terrestres; • astros; • origem e evolução do universo; • gravitação universal.
Matéria	• Constituição da matéria; • propriedades da matéria.
Sistemas Biológicos	• Níveis de organização; • célula; • morfologia e fisiologia dos seres vivos; • mecanismos de herança genética.
Energia	• Formas de energia; • conservação de energia; • conversão de energia; • transmissão de energia.
Biodiversidade	• Organização dos seres vivos; • sistemática; • ecossistemas; • interações ecológicas; • origem da vida; • evolução dos seres vivos

Fonte: Elaborado por Magalhães (2015).

Considerando os conteúdos estruturantes e básicos da disciplina de Ciências, atualmente temos conteúdos fisiológicos e anatômicos, que tratam dos sistemas reprodutores masculino e feminino, programados para o 8.º ano. Muitos professores acreditam que este seja o momento propício para se tratar a sexualidade com os alunos, dos quais discordamos, pois a Educação Sexual, os conhecimentos científicos históricos e epistemológicos podem ser desenvolvidos em todas as esferas de ensino, neste caso, desde a Educação Infantil, devendo os conteúdos ser adaptados à idade e à capacidade cognitiva do aluno. Mas não atrelado apenas a um determinado período letivo e/ou conteúdo.

Em relação à disciplina de Biologia, o objeto de estudo é o fenômeno Vida. Várias foram, ao longo dos anos, as concepções dadas a esse fenômeno, considerando sua complexidade e suas implicações no ensino; “buscou-se, na história da ciência, os contextos históricos nos quais influências religiosas, econômicas, políticas e sociais” promoveram o incentivo pela busca da concepção ideal (PARANÁ, 2008b, p. 49). Nessas Diretrizes Curriculares, são apresentados quatro modelos que visam a essa interpretação, permitindo-se conceituar Vida em diferentes momentos históricos.

No Brasil, foi com a criação do Colégio Pedro II em 1838, no Rio de Janeiro, que ocorreu a tentativa de organizar o ensino que hoje corresponde ao denominado Ensino Médio. Nessa época, o ensino adotava o método experimental como reforço à teoria científica. Somente na década de 1930 observou-se uma ampliação na abordagem biológica devido à criação dos cursos superiores de Ciências Naturais, porém permanecia o ensino calcado na memorização, no qual as aulas práticas eram apenas ilustrações das aulas teóricas (PARANÁ, 2008b).

A partir do lançamento do primeiro satélite artificial, no final dos anos de 1950, é que houve questionamentos referentes ao ensino de Ciências, o que promoveu, tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra, investimentos na formação de professores e na elaboração de materiais didáticos. Foi por meio desses materiais que o Brasil passou a desenvolver o ensino de Biologia. Os conteúdos abordados nesse material eram classificados em bioquímicos, ecológicos e celulares, com ênfase na evolução dos seres vivos. A prioridade do ensino era baseada na problematização através da investigação científica; só assim, poderia ser iniciada a formação daqueles que futuramente seriam cientistas. “Essa escola ainda estava voltada para atender os filhos da elite cultural brasileira, o que deu início ao deslocamento do foco da formação humanista para a científica” (PARANÁ, 2008b, p.45). Somente no início da década de 1970, depois da reforma do ensino básico através da Lei n. 5.692/71, é que o ensino passou a ser tecnicista, visando à formação de trabalhadores (PARANÁ, 2008b).

Ao final da década de 1980 e início da década de 1990, o Estado do Paraná e a SEED propuseram o Programa de Reestruturação do Ensino de Segundo Grau, estabelecendo que

> [...] sob o referencial teórico da pedagogia histórico-crítica, na qual o conteúdo é visto como produção histórica e social, a educação escolar tem a obrigação de oferecer e o aluno tem o direito de conhecer. A abordagem desses conteúdos deve se dar na interação com a realidade concreta do aluno. Esse novo programa analisava as relações entre escola, trabalho e cidadania (PARANÁ, 2008b, p.48).

Os primeiros conteúdos estruturantes da disciplina de Biologia foram organizados em: 1. Relações dos seres vivos e seu meio ambiente; 2.

Organização dos seres vivos; 3. Classificação dos seres vivos; 4. Hereditariedade e ambiente; 5. Desenvolvimento científico e tecnológico no campo da Biologia; 6. Saúde humana. Assim como os conteúdos de Ciências, estes sofreram interferências devido à promulgação da LDB 9394/96 e dos PCN (PARANÁ, 2008b). Tais conteúdos estruturantes foram reestruturados, conforme descrição apresentada no Quadro 2:

Quadro 2- Conteúdos estruturantes e básicos da disciplina de Biologia

Conteúdos Estruturantes	Conteúdos Básicos
Organização dos Seres Vivos	•Classificação dos seres vivos: critérios taxonômicos e filogenéticos; sistemas biológicos: anatomia, morfologia e fisiologia.
Mecanismos Biológicos	•Mecanismos de desenvolvimento embriológico; mecanismos celulares biofísicos e bioquímicos.
Biodiversidade	•Teorias evolutivas; Transmissão das características hereditárias.
Manipulação Genética	•Dinâmica dos ecossistemas: relações entre os seres vivos e interdependência com o ambiente; organismos geneticamente modificados.

Fonte: Elaborado por Magalhães (2015).

Com base nessa reestruturação, acreditamos que os conhecimentos relacionados à Educação Sexual podem ser articulados com qualquer um dos conteúdos estruturantes, podendo adaptar-se aos conteúdos específicos, por exemplo: no conteúdo Organização dos Seres Vivos, podem ser tratados temas como anatomia, fisiologia e morfologia dos seres vivos, diferenciando os casos de hermafroditismo, transgêneros, entre outros. Em Mecanismos Biológicos, podem ser abordados temas como direito reprodutivo, aborto. Ao tratar a Biodiversidade, podemos elencar também as doenças congênitas, como AIDS e Sífilis. No caso do conteúdo Manipulação Genética, podem ser abordados temas como gravidez na adolescência, má formação do feto, aborto, DSTs, entre outros.

As DCE explanam que o professor é quem irá selecionar os conteúdos específicos a serem ensinados nas disciplinas; para isso, a quantidade de aulas semanais, o Projeto Político Pedagógico da escola, a realidade do alunado, a metodologia a ser aplicada, os critérios avaliativos, entre outros,

devem ser objeto de reflexão (PARANÁ, 2008b). Quanto a isso, o documento deixa claro que

> Dificuldades na formação inicial ou a carência de formação continuada do professor podem tornar-se obstáculos ao processo de ensino-aprendizagem, pois a falta de fundamentação teórico-metodológica dificulta uma seleção coerente de conteúdos, bem como um trabalho crítico-analítico com o livro didático adotado. Autores como Carvalho e Gil-Pérez (2001) chamam a atenção para o fato de "[...] que algo tão aparentemente claro e homogêneo como 'conhecer o conteúdo da disciplina' implica conhecimentos profissionais muito diversos [...] que vão além do que habitualmente se contempla nos cursos universitários" (DCE, 2008a, p.60 apud CARVALHO, GIL PÉREZ, 2001, p.21).

Assim, acreditamos que a motivação propiciada aos alunos, por meio da escolha dos conteúdos específicos e/ou no desenvolvimento desses, o professor pode possibilitar "a aproximação entre o conhecimento alternativo dos estudantes e o conhecimento científico escolar que se pretende ensinar [...] de forma que o estudante sinta a necessidade do conhecimento científico escolar" (PARANÁ, 2008a, p. 74). No nosso ponto de vista, a questão da seleção de conteúdos não deve ficar restrita somente ao critério do professor e/ou da equipe pedagógica. O ideal seria que eles já fossem especificados nas Diretrizes Curriculares, de forma a assegurar o seu desenvolvimento.

3. PROCEDIMENTOS INVESTIGATIVOS

Neste capítulo, apresentamos a pesquisa, de caráter qualitativo, que, conforme concepção de Minayo (1996), é definida como aquela que apresenta indagações subjetivas, em que não há quantificação, pois se trabalha com um vasto universo de significados. Os atores sociais desta pesquisa são os professores, a quem tanto admiramos pelo que representam como pessoas vinculadas ao mundo social e multicultural. Dessa forma, o significado e a intencionalidade são incorporados aos atos, às relações humanas e às estruturas sociais, possibilitando construções significativas de conhecimento. Estes foram os baldrames que serviram de base teórica para a coleta e análise dos dados. Assim, é levando em conta a responsabilidade atrelada aos professores na formação de sujeitos críticos, que objetivamos identificar a concepção de professores de Biologia do Ensino Médio sobre Educação Sexual.

3.1 SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

Como a pesquisadora reside e atua como professora do Ensino Médio no município de Apucarana/PR, optou por realizar a pesquisa com professores de Biologia pertencentes ao Núcleo Regional de Educação (NRE) desse município. Ressaltamos que esse núcleo abrange um total de 16 (dezesseis) municípios. Assim, no mês de fevereiro de 2015, foi solicitado, junto à chefia do referido núcleo, por meio de uma visita in loco com um documento formalizado, autorização para coleta de dados da pesquisa com professores da disciplina de Biologia (ANEXO). A solicitação nos foi autorizada prontamente. Sabendo da necessidade do contato com os professores, a coordenadora de área nos forneceu uma listagem com 32 (trinta e dois) endereços de e-mail, englobando professores efetivos e os contratados por regime especial por processo seletivo simplificado (PSS).

O contato da pesquisadora com esses professores se deu inicialmente via e-mail, no qual foi apresentada a pesquisa e realizado o convite (priorizando os professores do quadro próprio do magistério - QPM), para colaborar com a mesma, participando de uma entrevista. Dos 32 professores contatados,

apenas 2 responderam à solicitação, aceitando participar da entrevista. Diante dessa dificuldade, entendemos que o problema poderia ter sido a prioridade do convite aos professores QPM. Assim, decidimos enviar um novo e-mail, agora estendendo o convite às duas categorias de professores, os QPM e PSS. Nesse segundo contato, obtivemos respostas de 11 (onze) professores que se dispuseram a participar da pesquisa. Dessa forma, totalizamos 13 (treze) professores participantes da pesquisa.

3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os 13 (treze) professores que aceitaram colaborar com a pesquisa foram contatados pessoalmente, sendo informados de que a referida pesquisa fazia parte de uma Dissertação em nível de Mestrado e que os nomes dos participantes seriam mantidos em sigilo.

Esclarecemos que dois dos que haviam aceitado colaborar desistiram de fazê-lo, alegando dificuldades de tempo e horário. Portanto, somente 11 (onze) participantes, 3 QPM e 8 PSS, dois do sexo masculino e 9 do sexo feminino, assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (ANEXO C), o qual foi assinado também pela pesquisadora. Além disso, preencheram uma ficha com dados de formação acadêmica e atuação profissional (ANEXO B), importantes para a elaboração do perfil do grupo pesquisado.

3.3 CONSTITUIÇÃO DOS DADOS

Os dados foram constituídos por meio de uma ficha de contato, preenchida por escrito, e entrevistas semiestruturadas gravadas em vídeo-áudio (autorizadas pelos professores). A seguir, detalhamos cada um dos percursos realizados.

a) Ficha de contato

Durante o processo de tramitação do projeto de pesquisa no Comitê de Ética e Pesquisa-COPEP, da Universidade Estadual de Maringá, procuramos nos aproximar do grupo a ser pesquisado, marcando um encontro individual

com cada um dos que se dispuseram a participar. Nesse encontro, os professores preencheram uma ficha que solicitava, além de endereço para contato, alguns dados pessoais, de formação acadêmica e de atuação profissional. Também foram informados de que seriam contatados posteriormente para agendamento da entrevista.

b) Entrevista semiestruturada

As entrevistas semiestruturadas foram norteadas por um roteiro com 14 (quatorze) questões relacionadas à Educação Sexual, envolvendo aspectos da formação familiar, escolar e profissional (ANEXO D). Tais questões dispensam uma ordem específica de aplicação; desse modo, o entrevistador é responsável por aprofundar ou não uma determinada questão; isso depende do direcionamento da entrevista e da liberdade concedida ao entrevistado (LÜDKE, ANDRÉ, 1986). Ressaltamos que as entrevistas foram realizadas no período de 28 de maio a 30 de junho de 2015, de acordo com o parecer consubstanciado número 1.055.509 do COPEP.

Os participantes tiveram a liberdade de escolher o local para a entrevista, desde que respeitassem algumas normas, como o silêncio no momento da gravação e a não interrupção do processo; com isso, muitos preferiram ir até a residência da pesquisadora, principalmente os que residem no Município de Apucarana/PR. Três dos participantes, residentes em outros municípios, receberam a pesquisadora em suas respectivas residências, sendo exigido nesse momento que não houvesse nenhuma interferência na entrevista.

A duração das entrevistas variaram de 30 (trinta) a 50 (cinquenta) minutos. Todas foram gravadas em vídeo através do software YouCam5 disponibilizado pelo Windows 8. Dessa forma, podem ser preservadas as expressões e transcrever as falas na íntegra. Posteriormente, os dados foram analisados conforme os pressupostos teóricos e metodológicos da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977), tornando ainda mais fidedigna esta pesquisa.

3.4 ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS

Os dados obtidos a partir das entrevistas foram analisados com base nos pressupostos da Análise de Conteúdos definida por Bardin (1977, p.42) como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações”, visando a obter, neste caso, indicadores quantitativos (frequência com que surgem determinadas características do conteúdo) e/ou qualitativos (presença ou ausência de uma dada característica do conteúdo ou fragmentos dele tomados em consideração) que permitem a inferência das variáveis advindas das falas dos entrevistados. Neste caso, Bardin (1977, p. 41) deixa clara a importância do momento de análise dos dados. Segundo a autora, o analista precisa “compreender o sentido da comunicação como se fosse o receptor normal, mas também e principalmente desviar o olhar para uma outra significação”. É como ler as entrelinhas.

> A leitura efetuada pelo analista do conteúdo das comunicações não é, ou não é unicamente, uma leitura <<à letra>>, mas antes o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano. Não se trata de atravessar significantes para atingir significados [...] mas atingir através de significantes ou de significados (manipulados), outros <<significados>> de natureza psicológica, sociológica, política, histórica, etc (BARDIN, 1977, p. 41)

Após a transcrição das entrevistas, as mesmas foram analisadas conforme o conjunto de técnicas sugeridas por Bardin (1977), que são a *homogeneidade* (obtenção dos dados de maneira igual); *exaustividade* (onde se deve esgotar a totalidade do texto de maneira que não ocorram omissões); *exclusividade* (a não classificação de um mesmo elemento em mais de uma categoria aleatoriamente); *objetividade* (por mais que os codificadores sejam diferentes, os resultados devem ser iguais); e *pertinência* (os documentos devem estar adaptados ao objetivo e ao conteúdo). As etapas seguidas são: 1) Pré-análise; 2) Exploração do material; e 3) Tratamento dos resultados, inferência (dedução) e interpretação.

No item de número 1 (Pré-análise), deve ocorrer a sistematização das ideias iniciais; dessa forma, concretizamos a transcrição das 11 (onze) entrevistas realizadas com os docentes do Ensino Médio, constituindo o que

Bardin (1977) denomina *corpus,* que é o conjunto de documentos que serão submetidos aos procedimentos analíticos e que estão inseridos como ANEXOS de A a K. Após a transcrição, realizamos uma leitura considerada flutuante; é através dela que poderão ser elaboradas as hipóteses e os objetivos com base nas teorias conhecidas. Nesse momento, foi realizada a escolha dos indicadores que viriam a fundamentar a interpretação final.

A exploração do material (item 2) foi concluída após inúmeras leituras e releituras do *corpus.* Nesse momento, ocorreu a apropriação do texto e a identificação de unidades de sentido que enumeradas constituem unidades de registro. Por fim, a terceira etapa, tratamento dos resultados, auxiliou-nos a definir categorias e subcategorias com base nas unidades de registro. Bardin (1977, p.119) explana que a categorização tem como primeiro objetivo "[...] fornecer por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos." Assim, organizamos as unidades de registro em focos de observação e categorias, as quais emergiram das respostas dadas na entrevista, constituindo os eixos temáticos para a análise. Realizamos, então, à luz do referencial teórico, a interpretação das categorias, objetivando a compreensão profunda do conteúdo estudado.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, discutimos os dados obtidos nesta pesquisa com base no referencial teórico estudado. Os nomes dos participantes da pesquisa foram substituídos por códigos para a preservação de suas identidades. Como se trata de professores, denominamos P1 para o primeiro professor entrevistado e assim, sucessivamente, até o 11.º professor, denominado P11.

A análise está organizada em dois momentos. No primeiro, discutimos o perfil dos participantes, organizado com base nos dados fornecidos por meio da ficha de contato, ou seja, dados pessoais e profissionais, importantes para a caracterização do grupo. No segundo, discutimos os dados obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas, que se constituíram em categorias e subcategorias e o número de unidades de análise que as compõem.

4.1. PERFIL DO GRUPO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Na sequência, sintetizamos, no quadro 3, o perfil dos participantes traçado com base nos dados solicitados na ficha de contato preenchida pelos professores. O grupo pesquisado é constituído de professores atuantes nas disciplinas de Ciências e Biologia do Núcleo Regional de Educação de Apucarana/PR.

Quadro 3 - Perfil dos professores pesquisados

Participantes da pesquisa	Sexo	Idade	Religião	Instituição de graduação	Tempo de duração do Curso de Graduação	Quantidade e Área de Especialização	Tempo de Atuação em Biologia	Vínculo Empregatício	Quantidade de estabelecimentos em que atuam/ disciplinas de atuação	Possui outra atuação
P1*	F	29	Evangélico	Privada	04 anos	(03) Biologia Aplicada à Saúde/ Educação Especial/ Genética	04 anos	PSS	03 escolas/ Ciências e Biologia	Não
P2	F	35	Evangélico	Privada	03 anos	(01) Anatomia Humana	13 anos	QPM	01 escola/ Ciências e Biologia	Não
P3	M	31	Evangélico	Privada	04 anos	(02) Neurociências para Educadores/ Educação Ambiental	01 ano	PSS	03 escolas/ Ciências, Biologia e Física	Não
P4	F	46	Católico	Privada	04 anos	(03) Neuropedagogia /Educação Especial/Gestão Escolar	05 anos	PSS	01 escola/ Ciências e Biologia	Sim – Técnica em Radiologia

P5	F	48	Evangélico	Privada	04 anos	(01) Metodologia de Ensino	20 anos	QPM	01 escola/ Ciências e Biologia	Não
P6	F	26	Católico	Privada	04 anos	(03) Meio Ambiente/ Ecologia/Tutoria a distância	08 anos	PSS	01 escola/ Ciências e Biologia	Sim Auditoria Ambiental
P7	F	31	Católico	Privada	04 anos	(03) Fisiologia Humana/ Educação Especial/ Gestão Escolar	06 anos	PSS	01 escola/ Ciências e Biologia	Não
P8	F	26	Evangélico	Privada	04 anos	(03) Neurociências para educadores/ Educação Ambiental/ Educação Especial	07 anos	PSS	03 escolas/ Ciências, Biologia e Física	Não
P9	F	26	Evangélico	Privada	04 anos	(02) Educação Especial/Gestão Escolar	06 anos	PSS	01 escola/ Ciências e Biologia	Não

P10	M	31	Católico	Privada	04 anos	(03) Neuropedagogia Educação especial/ Gestão escolar	04 anos	PSS	01 escola/ Ciências e Biologia	Não
P11	F	23	Católica	Privada	04 anos	(01) Educação Ambiental	06 meses	QPM	02 escolas/ Ciências e Biologia	Não

Fonte: Elaborado por Magalhães (2015).
P: Participante da pesquisa; F: Feminino, M: Masculino.
QPM: Denominação dos professores concursados da Rede Estadual de Ensino – Quadro Próprio do Magistério
PSS: Professores da Rede Estadual que lecionam por fazerem parte do Processo Seletivo Simplificado

Como pode ser observado no quadro 3, a maioria dos professores é do sexo feminino, ou seja, dos 11 (onze) professores entrevistados, 2 (dois) são do sexo masculino e 9 (nove) do sexo feminino. Possuem faixa etária que varia entre 23 (vinte e três) e 48 (quarenta e oito) anos, sendo a média de idade entre os pesquisados de 32 anos. Em relação à convicção religiosa dos pesquisados, 5 (cinco) deles se declararam católicos e 6 (seis) evangélicos.

Os dados que se referem à religião são considerados importantes para esta pesquisa, pois todos os participantes professam uma religião cristã. De acordo com Figueiró (2010, p.9), a religião exerce relevante "influência sobre a vida sexual das pessoas [...] em especial, no mundo ocidental, procurando ditar normas e controlando a sua observância, fazendo, enfim, do comportamento sexual, um objeto de preocupação moral".

Quanto à graduação realizada, pode-se observar que todos os entrevistados são formados em instituições privadas. Tal fato pode ser justificado pela existência de várias instituições de Ensino Superior dessa natureza na região onde reside boa parte dos entrevistados. Podemos ressaltar que o Ensino Superior privado no Brasil teve uma grande expansão nos últimos anos. De acordo com o censo do Ensino Superior de 2013, divulgado pelo INEP/MEC (2013, p.14), de 2011 a 2013, "o número de ingressantes cresceu 16,8% nos cursos de graduação, sendo 8,2% na rede pública e 19,1% na rede privada. Nos últimos 10 anos, a taxa média de crescimento anual foi de 5,0% na rede pública e 6,0% na rede privada".

Uma das razões relacionadas à alta procura pelo Ensino Superior privado pode estar voltada ao horário dos cursos. Em geral, os cursos diurnos são ofertados pelas instituições públicas e os noturnos pelas instituições privadas.

Com relação às especializações realizadas pelos docentes pesquisados, pode-se observar que aqueles que possuem vínculo PSS (Processo Seletivo Simplificado) cursaram, no mínimo, 03 (três) especializações. Isto porque, ao participarem do processo seletivo para serem contratados como professores PSS, quanto mais especializações tiverem, maior pontuação conseguirão para serem classificados. Já os professores que pertencem ao vínculo QPM (Quadro Próprio do Magistério) cursaram apenas uma especialização. Talvez porque a especialização não gere alteração

financeira significativa nos primeiros anos de carreira. Integram os entrevistados 3 (três) professores QPM e 8 (oito) PSS. Quanto ao tempo de atuação docente dos entrevistados no ensino da disciplina de Biologia, a variação foi de 6 (seis) meses a 20 (vinte) anos, porém a média do tempo de atuação é de 6 anos. Consideramos que essa informação é relevante, pois acreditamos que a experiência docente pode ser um fator determinante para o desenvolvimento da Educação Sexual, tendo em vista que, durante o exercício da docência, o professor pode ter tido oportunidades de aprofundar seus conhecimentos teóricos, discutir com seus pares etc.

Em relação ao número de escolas em que esses professores trabalham, a maioria deles (7 professores) trabalha apenas em uma escola. Três dos professores atuam em 3 (três) escolas, e apenas um em duas escolas. Como se pode perceber, a maioria dos professores (63,6%) atua somente em uma escola. Esse dado pode ser considerado interessante, pois sabemos o quanto é difícil para um professor ter que atuar em duas ou três escolas. Em geral, tem a sua prática um tanto quanto comprometida, seja pelo cansaço de ficar se deslocando de uma escola para outra, responsabilizar-se por um grande número de alunos, impossibilidade de conviver com colegas nos ambientes que atua, entre outras questões.

Quanto à disciplina de atuação, todos os professores pesquisados atuam nas disciplinas de Ciências e Biologia, sendo que dois deles (P3 e P8) atuam também na disciplina de Física. As disciplinas de Ciências e Biologia são consideradas propícias ou mesmo, responsabilizadas para o desenvolvimento da Educação Sexual nas escolas, devido seus conteúdos permearem a parte biológica dos sistemas reprodutores masculino e feminino. Vale ressaltar que todas as disciplinas podem desenvolver Educação Sexual, seja por meio de leituras de textos ou qualquer atividade que permita trazer aspectos relacionados a essa temática.

Quanto a ter outra atividade profissional além da docência, somente dois dos entrevistados possuem outra atividade. É o caso de P4, que é técnica em Radiologia e de P6, que presta serviços como Auditora Ambiental.

4.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Do conteúdo das entrevistas, emergiram 14 categorias, as quais se caracterizaram como eixos norteadores para a análise temática. Tais categorias estão relacionadas na sequência.

Categoria 1 - Fase em que optou por ser professor de Biologia
Categoria 2 - Motivação pela escolha da profissão
Categoria 3 - Educação Sexual recebida
Categoria 4 - Temas abordados na Educação Sexual durante a Educação Básica dos professores
Categoria 5 - Responsabilidade da escola na Educação Sexual
Categoria 6 - Concepção acerca de Sexo
Categoria 7 - Concepção acerca de Sexualidade
Categoria 8 - Abordagem da Educação Sexual no Ensino Superior dos professores
Categoria 9 - Estratégias didáticas no desenvolvimento da Educação Sexual na formação inicial
Categoria 10 - Confortabilidade para desenvolver a Educação Sexual
Categoria 11 - Dificuldades para desenvolver a Educação Sexual na escola
Categoria 12 - Desempenho dos alunos em relação à aprendizagem sobre Educação Sexual
Categoria 13 - Visão sobre o tema Orientação Sexual recomendado nos PCN
Categoria 14 - Influência dos PCN na prática do professor

4.2.1 Categoria 1 – Fase em que optou por ser professor de Biologia

Acreditando na importância e na valorização do profissional da educação, foi solicitado aos professores para relatarem como se deu a escolha pela profissão e o que os atrai na mesma. Com base nos relatos dos entrevistados, pode-se perceber que a opção de cada um pela profissão Professor de Biologia se deu em diferentes fases, conforme retratam as diferentes subcategorias, indicadas no quadro 4.

Quadro 4 - Subcategorias e unidades de análise obtidas com relação ao momento de escolha da profissão

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	Nº DE UNIDADES DE ANÁLISE
1- Fase em que optou por ser professor de Biologia	1.1 Durante o Ensino Médio	P2, P4, P7, P8
	1.2 Após o Ensino Médio	P1, P5, P10, P11,
	1.3 Na Infância	P9
	1.4 Não definida	P3, P6

Fonte: Elaborado por Magalhães (2015).

Como podemos observar no quadro 4, boa parte dos entrevistados teve um insight por essa profissão durante o Ensino Médio, ou seja, quatro dos onze professores (P2, P4, P7, P8) escolheram ser Professor de Biologia já nesse nível de ensino, conforme retratam alguns dos fragmentos de respostas.

> *[...] Professora eu já queria ser, desde infância. A disciplina foi mesmo no ensino médio, [...] que despertou o interesse (P4).*
>
> *[...] terminando o ensino médio (P7).*
>
> *Foi assim, eu estava no Ensino Médio, e já tinha um interesse pela disciplina de Ciências, logo depois pela Biologia também, e foi com a professora do terceiro ano (P8).*

Muitas vezes, o interesse por uma determinada área do conhecimento, ou até mesmo a identificação com a profissão, pode estar associado a

experiências positivas com professores. Isso fica evidente nos fragmentos de respostas das professoras P4 e P8. Tartuce, Nunes e Almeida (2010 p.464), em uma pesquisa realizada com 1501 alunos concluintes do Ensino Médio, na qual investigaram o possível interesse desses alunos pela docência, identificaram que apenas 31 alunos dos 1501 pesquisados demonstraram interesse pela carreira de professor, sob a influência dos bons professores que tiveram. Assim, destacam “para esses alunos, os professores passaram uma imagem positiva da profissão, despertando em alguns o desejo de “ser professor””.

De igual forma, também quatro dos participantes (P1, P5, P10, P11) afirmaram que a decisão pela profissão se deu após cursarem o Ensino Médio. Os fragmentos a seguir comprovam tal escolha.

> *[...] Acho que uns dois anos depois que eu terminei o Ensino Médio. Aí eu comecei a ler, sempre quis ser professor (P10).*
>
> *[...] Quando terminei o magistério. Era a disciplina que eu mais me identificava (P11).*

A adolescência é uma fase caracterizada pelas mudanças naturais do indivíduo e, com ela, surgem as dificuldades na tomada de decisão quanto ao papel que o sujeito irá exercer na sociedade. Os jovens precisam, neste momento, decidir se seguem a vida acadêmica e ingressam na universidade ou se entram para o mercado de trabalho. De acordo com Lassance, Grocks, Francisco (1993), entrar na universidade tem sido para os jovens uma evolução para si mesmo, como se esse nível de ensino fosse a única alternativa para um trabalho promissor futuramente. Essa valorização do Ensino Superior vem desempenhando influências negativas sobre as diretrizes do Ensino Médio, as quais defendem, através da LDB (9394/96), a preparação do jovem para o mundo adulto, porém o que se observa nos dias atuais é um ensino voltado à preparação para o vestibular. Pesquisas como a de Sparta e Gomes (2005, p.45) têm comprovado isso. Esses autores realizaram um estudo com 659 alunos do Ensino Médio de oito escolas públicas e particulares da cidade de Porto Alegre (RS), com o objetivo de investigar a importância atribuída por esses alunos ao ingresso na educação superior. “Os resultados indicaram que

86,2 % dos jovens pretendem prestar vestibular depois da conclusão do ensino médio".

Sparta e Gomes (2005, p.50) atentam para os resultados encontrados, pois estes corroboram a ideia de que

> [...] as influências marcantes de escolha profissional acabam se reduzindo ao papel histórico do Ensino Médio como preparatório para a educação superior, à desvalorização da educação profissional como alternativa de estudo para a população carente ou para quem não tem interesse no ensino superior, e a percepção da educação superior como alternativa de profissionalização de maior status social.

Voltando aos resultados de nossa pesquisa, destacamos que apenas uma das entrevistadas (P9) afirmou ter decidido ser professora de Biologia desde a infância:

> *[...] Desde a infância [...] Quando a gente é criança, a gente tem muito contato com os planetas, os animais, eu ficava encantada com tudo aquilo [...] (P9).*

Pasqualini, Garbulho e Schut (2004), levando em consideração a perspectiva sócio-histórica pesquisaram a probabilidade de orientação profissional de crianças na faixa pré-escolar. Os autores defendem que crianças nessa faixa etária reproduzem as funções sociais dos adultos, o que pode favorecer uma formação integral do sujeito e levá-lo a um futuro campo de atuação profissional.

Ainda com relação ao momento da escolha da profissão, dois dos participantes não deixaram isso claro, como se pode observar nos fragmentos de respostas.

> *[...] O prazer de ensinar, a vontade de ajudar o outro eu sempre tive meio intrínseco comigo [...] (P6).*

> *[...] Tinha acabado de sair da adolescência e tal, e fiquei naquele impasse, o que eu vou fazer, a princípio eu pensava em fazer cursos técnicos, profissionalizantes [...] O que eu gosto de mexer é, ou informática, ou ser professor, ensinar... algo assim. E coloquei na balança, entre informática e lecionar eu preferi lecionar. Foi assim que resolvi fazer faculdade de Ciências Biológicas [...] (*P3*).*

Apesar de esses dois professores (P6 e P3) não terem esclarecido bem o momento em que optaram ser Professor de Biologia, fica evidente em suas falas o interesse em ensinar.

4.2.2 – Categoria 2 – Motivação pela escolha da profissão

Com destaque à importância da afinidade pela profissão, esta categoria intencionou verificar as razões que levaram os professores pesquisados a escolherem a profissão de Professor de Biologia. No quadro 5 a seguir, apresentamos as subcategorias que se desdobraram dessa categoria em questão.

Quadro 5 - Subcategorias e unidades de análise obtidas mediante os relatos dos professores no que diz respeito à motivação pela escolha da profissão

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	Nº DE UNIDADES DE ANÁLISE
2- Motivação pela escolha da profissão	1.1 Afinidade pela genética	P4, P7, P8
	1.2 Afinidade pela disciplina de Biologia	P2, P3, P4, P5, P6, P9, P11
	1.3 O prazer em ensinar	P6
	1.4 Falta de opção	P1, P10

Fonte: Elaborado por Magalhães (2015).

Quanto à motivação em ser professor dessa área do conhecimento, a que mais se destacou foi a afinidade pela disciplina de Biologia. Boa parte, 7 (sete) dos 11 (onze) participantes, fez tal afirmação. Interessante notar também que três dos pesquisados (P4, P7, P8) afirmam possuir afinidade por uma área específica da Biologia: a genética. Em alguns fragmentos de respostas que se seguem, podemos observar tais afirmações.

> *[...] Na época eu nem queria muito fazer Biologia, eu queria fazer Fisioterapia, mas eu comecei a trabalhar em escola e gostei muito do ambiente escolar, aí eu pensei,*

> *então vou fazer para Biologia que é a disciplina que eu gosto [...] (P2).*
>
> *[...] Biologia é uma coisa que eu gosto, que vê tanto a parte científica, que é ciências, e a parte de diversidade, animal, fisiologia... Eu gostava de tudo isso na verdade, então eu falei: bom, então se eu devo fazer o que gosto, se eu gosto de lecionar, se eu gosto de ensinar, vamos dizer assim, então eu tenho que fazer licenciatura [...] (P3).*
>
> *[...] Eu gosto de tudo. Dentro da Biologia, tudo. Desde meio ambiente, corpo humano, fisiologia [...] (P4).*
>
> *[...] Eu pensava em fazer Licenciatura em Matemática, aí de repente eu gostei também da grade de Biologia, principalmente porque no terceiro ano tem genética e eu gosto bastante de genética, e aí entre a matemática e a genética, até porque dentro da genética também tem os cálculos [...] (P7).*

Com base nos relatos dos entrevistados, podemos perceber que o grupo pesquisado apresenta gosto pela docência e/ou pela área de Biologia, resultado bastante interessante. Nessa linha de pensamento, trazemos o relato da professora P6, a qual não menciona a afinidade pela área, mas, sim, o prazer em ensinar:

> *[...] Comecei a vivenciar a Licenciatura com outros profissionais da área, eu via o prazer com que eles faziam isso e me senti motivada. Foi mais ou menos assim que eu tomei coragem para ser professora. O que me atrai é ensinar (P6).*

Quando remetemos às motivações que propuseram a escolha da profissão, podemos nos apoiar em Romero (1997, p. 35) ao explicar que esta se dá sob aspectos objetivos e subjetivos: “o indivíduo procura identificar quais as representações sociais relativas à profissão escolhida e procede a uma auto-avaliação, buscando detectar características pessoais condizentes com o perfil profissional esperado”.

No grupo pesquisado, apenas dois professores mencionaram que fizeram Licenciatura em Ciências Biológicas por não terem opção, conforme retratam os fragmentos de resposta a seguir:

> *[...] Não iria abrir turma de Pedagogia na faculdade, aí eu poderia trocar por Licenciatura em Ciências Biológicas, e eu pensei... Ah vou fazer uns seis meses, se eu não gostar aí eu paro. Comecei a fazer e aí gostei, vi que estava além das minhas expectativas (P1).*
>
> *[...] Mas eu levei em consideração também bastante coisa, deslocamento, custo benefício também na hora de fazer, então optei pelo que tinha mais próximo e eu ainda estava em dúvida entre Biologia e Educação Física (P10).*

As falas dos professores nesta categoria vêm ao encontro dos resultados encontrados por Galindo (2004), que pesquisou 44 professores de escolas públicas e particulares de Recife com o intuito de saber como esses docentes se identificam. Na pesquisa de Galindo, 61% escolheram ser professor levando em conta as características do trabalho docente, seja pela afinidade no trabalho com crianças, ou até mesmo por gostarem de determinada área de estudo. Por outro lado, 39% afirmaram que a escolha pela profissão se deu por imposição da família, ou por outras circunstâncias, como opção de trabalho, por exemplo (GALINDO, 2004).

4.2.3 Categoria 3 – Educação Sexual recebida

Para iniciar a discussão dessa categoria, julgamos importante trazer novamente o conceito de Educação Sexual, destacado por Figueiró (2010):

> toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja no nível do conhecimento de informações básicas, seja no nível do conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionados à vida sexual (FIGUEIRÓ, 2010, p.3).

Concordamos que esse conceito abrange aspectos informativos e também formativos, em que não só a formação adquirida nos ambientes escolares, mas também a recebida em casa, na igreja, na sociedade e em outros ambientes podem influenciar a prática do professor no desenvolvimento da temática sexualidade. Na categoria em discussão, emergida das respostas referentes às questões 2 e 3, podemos identificar como se deu a Educação Sexual dos professores pesquisados, conforme retrata o quadro 6.

Quadro 6 - Subcategorias e unidades de análise obtidas a partir dos relatos dos professores no que diz respeito à Educação Sexual recebida

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	Nº DE UNIDADES DE ANÁLISE
3 - Educação Sexual recebida	1.1 Na escola	P2, P3, P4, P9, P10, P11
	1.2 Na família	P1, P5, P6, P8, P11
	1.3 Convivência social (Amigos)	P4, P7, P10
	1.4 Na igreja	P1

Fonte: Elaborado por Magalhães (2015).

Um número significativo de professores, ou seja, 6 (seis) dos 11 (onze) afirmaram que foi por meio da escola que obtiveram formação relacionada à sexualidade, como pode ser observado em alguns dos fragmentos descritos na sequência.

> *[...] Onde eu tive mais contato com a Educação Sexual foi no Magistério, pois a gente teve na minha turma várias meninas que foram ficando grávidas, e aí o que aconteceu, os professores começaram a achar um absurdo as meninas estudando para serem professoras e aparecendo grávidas e aí eles deram vários cursinhos, o Sesi uma vez estava promovendo um cursinho sobre isso, e falaram bastante, foi a primeira vez que eu vi a questão da sexualidade fora da anatomia e Biologia [...] (P2).*
>
> *[...] Aprendi mais foi na escola e na sociedade mesmo [...] (P3).*
>
> *[...] Na minha época, eu tenho 46 anos, pai e mãe não conversavam sobre esse assunto. Não teve participação de pais. Aprendi na escola [...] (P4).*
>
> *[...] Era mais tabu, tanto da parte dos pais, quanto dos professores [...]. Mas eu tive uma educação sexual boa, e eu posso falar que depois do colegial, as instruções que me passaram foram as instruções que eu levo até hoje, pra vida inteira. Inclusive eu sigo isso também dentro da sala de aula (P9).*

Pode-se perceber, pelos relatos dos entrevistados, que a escola teve um papel importante na formação dos pesquisados, no que diz respeito à

Educação Sexual. A professora P2, por exemplo, relata um problema social, (elevado índice de gravidez na adolescência), que fez com que a escola, na época, tomasse providências, promovendo cursos com vistas a desenvolver a Educação Sexual. A forma como os professores encararam o problema demonstra uma dificuldade de aceitação, provavelmente por estarem amparados em paradigmas relacionados à Educação Sexual recebida. Se levarmos em conta a idade atual de P2, que é 35 anos, e a idade que tinha no magistério, que foi cursado por volta dos 15 aos 17 anos, ou seja, no ano de 1996, as discussões sobre sexualidade eram, quando tratadas por professores, realizadas com receio, preconceito e, muitas vezes, voltadas somente aos aspectos médico-higienistas, forma pela qual esses professores provavelmente foram educados. O modelo médico-higienista, segundo Figueiró (2010, p.61), "passou a exercer um longo controle e regulação da vida social e sexual das pessoas, propondo-se a assegurar o vigor físico e a pureza moral". Isso retrata o preconceito e o receio de abordagem por parte dos professores da entrevistada.

O fato de a instituição escolar promover parcerias com outras instituições como Sesc (Serviço Social do Comércio), Sesi (Serviço Social da Indústria), ou pessoas capacitadas como médicos, mestres e doutores na área de Educação Sexual, para tratar o assunto pode ser considerado um ponto positivo; afinal, não devemos deixar de falar sobre o assunto. Isso vem ao encontro da afirmação de Bonfim (2009), ao enfatizar que a escola pode ser considerada um dos espaços mais adequados e propícios para o desenvolvimento da Educação Sexual dos adolescentes. Essa mesma autora argumenta também que a Educação Sexual abrange, além de outros conhecimentos, valores e práticas vinculados ao senso comum (BONFIM, 2010).

Corroborando a questão, Egypto (2012) afirma que a escola não pode fugir da responsabilidade em educar sexualmente, haja vista seu espaço na construção de conhecimento e na produção de diálogos e reflexões. Caso fuja dessa responsabilidade, a escola acaba por reforçar a "ideia de que a sexualidade não faz parte do conhecimento humano [...] que pode ser aprendida na rua, como alguma coisa suja e informal, aprendida de qualquer jeito" (EGYPTO, 2012, p.16).

Concordamos com Egypto (2012, p.17) no que concerne à seguinte afirmação:

> Estamos passando uma informação muito clara quando nos negamos a discutir a sexualidade. Estamos negando que compreender a sexualidade faça parte do conhecimento humano. Se reservamos espaços específicos para aprender Matemática, Português, História ou Ciências e não reservamos espaço para discutir questões que estão afetando diretamente a vida do jovem, como a sexualidade, as drogas, além do próprio desenvolvimento da adolescência, estamos dando um status diferente às informações discutidas na escola. Estamos dizendo que é muito importante aprender a fazer cálculos, mas não é importante ter domínio sobre seu próprio corpo e sobre sua vida sexual, sobre sua saúde sexual (EGYPTO, 2012, p.17).

Ainda quanto à Educação Sexual recebida, identificamos, entre os participantes da pesquisa, 5 (cinco) que disseram ter sido por meio da família que receberam Educação Sexual, como pode ser notado em 3 (três) dos fragmentos de respostas a seguir.

> *[...] Ah, assim, dentro de casa a minha mãe é uma pessoa muito aberta, muito direta, então assim, ela sempre conversou muito, ela não tinha um tabu, pelo contrário, ela sempre orientou [...] (P1).*

> *[...] Eu e minha mãe sempre fomos muito abertas uma com a outra, ela nunca me disse, ah... Sobre isso não vamos conversar, então eu não fui para a escola sem saber de nada, é claro que na escola tive excelentes professores que me orientaram, mas fui mais educada em casa (P8).*

> *[...] Minha mãe [...] Uma irmã mais velha [...] Ah, o básico, como menstruação, sobre como lidar com isso [...] (P11).*

A família exerce um papel muito importante no processo de Educação Sexual do sujeito, uma vez que é ela quem sustenta a afetividade, bem como os valores éticos e humanos, assim como a escola. No entanto, tratar da sexualidade com os filhos não é uma tarefa fácil, porém é necessário que os pais e/ou responsáveis entendam e respeitem as diferenças, lidando com os conflitos e tensões que possam prejudicar a convivência familiar e social. “O ideal seria que a família sempre conseguisse explicitar no que ela acredita e

por que ela acredita. Com certeza, os outros meios não o fazem" (EGYPTO, 2012, p.18).

Embora a família tenha sido citada por esses participantes como responsável pela Educação Sexual, percebe-se, nos relatos, que os pais sentiam-se desconfortáveis e tímidos para tratar de assuntos relacionados à sexualidade. Esse comportamento dos pais pode estar associado, segundo Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013, p. 7), "ao fato dos pais não terem vivenciado uma educação sexual emancipatória e acabam, portanto, reproduzindo os valores que lhes foram impostos ou oportunizados por outra geração, perpetuando a deseducação sexual".

É relevante discutirmos também o que sugerem os PCN, no caso da Educação Sexual integrada pela escola e pela família:

> a ação da escola como complementar à educação dada pela família. Assim, a escola deverá informar os familiares dos alunos sobre a inclusão de conteúdos de Orientação Sexual na proposta curricular e explicitar os princípios norteadores da proposta. O diálogo entre escola e família deverá se dar de todas as formas pertinentes a essa relação (BRASIL, 2000, p.124).

Consideramos fundamental a interação entre família e escola para a formação do indivíduo, pois o diálogo entre ambas as partes se torna importante para compreensão dos discursos e de atitudes em relação à sexualidade. Em vista dessa interação, compactuamos com Werebe (1998), que recomenda, como complemento à Educação Sexual dos educandos, algumas intervenções aos pais, visando a

> [...] informá-los sobre o trabalho realizado com os filhos. Muitos pais temem que a educação sexual contestará os valores morais, religiosos da família e que serão indicados caminhos contrários a estes valores, com a preconização de uma suposta liberdade sexual, ou melhor, "libertinagem" dos costumes. Deve ficar claro que o educador não imporá regras de conduta, mas tampouco não impedirá que os educandos exprimam suas preocupações, suas aspirações e desejos, deixando-os livres de [para] fazerem suas opções e assumi-las plenamente. (WEREBE, 1998, p.193).

Acreditamos que se os pais fossem reeducados sexualmente de forma conjunta com seus filhos, poderia haver maior contribuição para o diálogo e reflexão acerca da sexualidade.

Continuando a discussão da categoria “Educação Sexual recebida”, encontramos 3 (três) participantes que atribuíram ao convívio social, ou seja, à influência e conversa com amigos as orientações iniciais sobre Educação Sexual. A seguir, relacionamos os fragmentos de respostas desses entrevistados.

> *[...] Então assim, foi uma descoberta sozinha mesmo sabe... Conversas com amigos [...] (P4).*
>
> *[...] Era mais curiosidade mesmo, conversas entre amigas [...] (P7).*
>
> *[...] Aprendi mais pesquisando e com amigos, mas foi super tranquilo pra mim (P10).*

Como se pode perceber, quando o adolescente não tem uma abertura para o diálogo com os pais ou ainda não teve a oportunidade de discutir questões voltadas à sexualidade na escola, os amigos passam a ser uma opção. No entanto, corre-se o risco de se obter informações distorcidas.

A sexualidade na adolescência é refletida de acordo com o ambiente cultural e social no qual o adolescente está inserido. Dessa forma, podemos observar que as concepções e os valores acerca da sexualidade modificam-se com o tempo e com a evolução do pensamento humano. A dificuldade em lidar com as mudanças ocasionadas pela puberdade pode gerar no sujeito conflitos e ambiguidades, atrelados à desinformação (MOREIRA et al, 2007).

Em relação à última subcategoria apresentada nesta categoria, uma das entrevistadas, além de ter recebido orientações por meio da família, referiu-se também à igreja.

> *[...] na própria igreja, eu cresci em um ambiente religioso, com muitos jovens, e a pastora sempre falou sobre sexualidade fazendo analogias com a bíblia, a valorização do corpo e da virgindade até o casamento e também através da minha curiosidade [...] (P1).*

Pode-se observar, no relato, uma ênfase aos princípios religiosos no que se refere ao comportamento do indivíduo e à Educação Sexual promovida na igreja. Apesar de não considerarmos a virgindade como um padrão, respeitamos os valores considerados importantes para essa entrevistada.

4.2.4 Categoria 4 – Temas abordados na Educação Sexual durante a educação básica dos professores

Esta categoria nos remete às lembranças dos professores acerca da Educação Sexual recebida durante a formação inicial e continuada, ou seja, durante a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Conforme ilustra o quadro 7, os temas indicados pelos entrevistados afirmam que foram desenvolvidos por meio de aspectos biológicos e de saúde.

Quadro 7 - Subcategorias e unidades de análise sobre os temas abordados na Educação Sexual durante a Educação Básica dos professores

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	Nº DE UNIDADES DE ANÁLISE
4 – Temas abordados na Educação Sexual durante a Educação Básica dos professores	1.1 DSTs (Doenças sexualmente transmissíveis)	P2, P3, P8, P10, P11
	1.2 Transformações do corpo durante a puberdade	P3, P8, P9
	1.3 Gravidez na adolescência	P2, P11
	1.4 Não se recorda	P1, P6, P7,
	1.5 Não abordado	P4, P5

Fonte: Elaborado por Magalhães (2015).

Em relação à categoria em pauta, 5 (cinco) dos entrevistados (P2, P3, P8, P10 e P11) destacaram o tema DSTs, enfatizado durante sua formação.

> *[...] Era uma espécie de cartilha azul e amarela lá eles falavam de DSTs (Doenças sexualmente transmissíveis,*

> *aí eles vinham com aqueles cartazes mais horrorosos, acho que o objetivo era chocar mesmo, mas o enfoque era o HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana), sua prevenção [...] (P2).*
>
> *[...] O professor chegava, comentava coisas do cotidiano, passava o conteúdo, falava das doenças, a fisiologia daquela doença, eu sempre me interessava né, porque eu tinha medo, eu pensava: pô, eu não conhecia essa doença, a partir de então, eu comecei a conhecer melhor [...] (P3).*
>
> *[...] Já no Ensino Médio, eu me lembro que a abordagem era levada mais às DSTs, mas também não foi muito não, eu sinto que no Ensino Fundamental foi mais abordado que no Ensino Médio (P8).*

Outro tema enfatizado pelos participantes dentro dessa categoria foi a Gravidez na adolescência, citado por 2 (duas) dos professoras:

> *[...] No Ensino Médio, no segundo ano de magistério, mas só nossas turmas tinham palestras, o restante da escola não tinha, acho que era pelas meninas grávidas, e aí falavam, vinham enfermeiras (P2).*
>
> *[...] Sobre o uso da camisinha, sobre DST... Sempre voltado pra isso. Pra gravidez na adolescência... Eles tratavam desses assuntos (P11).*

Entendemos que os temas DSTs e Gravidez na adolescência estão diretamente articulados, por serem ancorados à área da saúde. Além disso, ambos são tratados quando o professor aborda Métodos Contraceptivos, uma vez que o uso de preservativo é um dos métodos de proteção eficaz quanto a doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada, porém, a Educação Sexual deve ir além das DSTs e gravidez, ela deve abordar diversidade, gênero, homofobia, transfobia, entre outros.

Considerando a idade dos participantes, podemos inferir que a época em que cursaram o grau escolar equivalente ao que denominamos atualmente de Ensino Médio coincide com algumas determinações dos PCN. Ou seja, na década de 1980, houve uma disseminação do vírus da Aids e um aumento de adolescentes grávidas. De acordo com Altmann (2001 p. 576), o tema transversal Orientação Sexual, um dos componentes dos PCN, foi criado em

função desses fatos. Assim, a escola passa a ter um papel em conjunto com a família para “desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa que promova a saúde das crianças e dos adolescentes”. Compactuamos com Bonfim (2009 p. 99) ao afirmar que

> A Educação Sexual além de ser uma maneira eficaz para combater as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), gravidez precoce, especialmente significa uma possibilidade de quebra de tabus e preconceitos. A sexualidade deve ser considerada em suas múltiplas formas de manifestação, tais como desejo, prazer, medo, amor, paixão e sensibilidade além da atividade reprodutiva.

O tema transformações do corpo durante a puberdade foi destacado por 3 (três) dos participantes como enfoque da educação básica, como pode ser constatado nos fragmentos a seguir.

> *[...] A partir do 3º ano do Fundamental I (Educação Infantil), eu já tinha conselhos sobre a sexualidade, só que aprender realmente a fundo, vamos dizer assim, foi com o passar dos anos, é claro, mas foi lá na minha oitava série, pois fala do corpo humano, da transição de adolescente para adulto [...] (P3).*
>
> *[...] Era um professor do sexo masculino ele começou a falar sobre célula, que somos formados a partir de uma célula reprodutiva tanto do homem quanto da mulher, lembro que ele falou como ocorria o ato sexual, as partes, menstruação, ovulação, nossa ele falou tudo bem detalhado, me lembro certinho, inclusive acredito que foi através das aulas dele que comecei a gostar de Ciências (P8).*
>
> *[...] Foi uma explicação muito detalhada sobre tudo. Até mesmo porque, na sétima série antigamente, não sei como que tá agora né, mas antigamente era assim: a sétima série era exclusiva da arte de ciências, pra falar sobre sexualidade, então desde o início da vida, até a velhice, e até o que acontece com nossos estágios corpóreos, tudo o que acontece com nosso corpo (P9).*

Fica evidente na fala dos entrevistados que o período em que transcorreu o ensino sobre as transformações do corpo se deu na sétima série. Atualmente, esse conteúdo é desenvolvido no oitavo ano em função das mudanças estruturais, conforme descrito na LDB 9394/96.

As mudanças no corpo durante o período denominado puberdade, de acordo com Bonfim (2009 p. 99), faz com que o adolescente se torne “apto para a reprodução, mas também, ansioso por afeto, interações, prazer, busca inexorável que está na essência da natureza humana”. Dessa forma, faz-se necessário um desprendimento do caráter puramente médico-higienista, incluindo também aspectos culturais e sociais. Reforçando essa questão, Altmann destaca que

> Vale observar que a educação sexual posta em prática dentro das escolas está, não raro, pautada em uma perspectiva biológica da sexualidade, o que se relaciona à forma como a sexualidade se constitui enquanto área de saber-poder na sociedade e adentra o espaço escolar (ALTMANN, 2010, p.9).

De acordo com Altmann (2010, p.77), quando a sexualidade é tratada sob uma perspectiva biológica, acaba por não contemplar a diversidade sexual, o que implica a sexualidade vista apenas em sua função reprodutora, em que o “afeto, prazer, erotismo, sensualidade” não são contemplados. “Ao não contemplar essas dimensões da sexualidade, provavelmente tão ou mais importantes hoje do que a função reprodutiva, ela corre o risco de se tornar pouco eficiente nos seus objetivos preventivos”.

> Em uma perspectiva reprodutiva tradicional, a diversidade sexual não é contemplada, pois a sexualidade é tida apenas segundo seu enfoque heterossexual. As políticas públicas de combate à homofobia buscam romper a invisibilidade da diversidade sexual, bem como sua visibilidade restritamente negativa, como quando ela é somente mencionada ao se abordarem temas como DSTs e AIDS. [...] Ao olhar para os sujeitos e para a sexualidade exclusivamente a partir de um referente biológico binário, naturalizam-se diferenças que dizem respeito ao corpo, ao gênero e à sexualidade. Não há espaço para a diversidade sexual segundo esta ótica de pensamento (ALTMANN, 2010, p. 78).

A autora ressalta outra maneira de a diversidade se tornar interesse de abordagem na escola. É quando a mesma se torna um problema, o que não deixa de ser uma situação potencial e dimensional. De modo formativo, os conhecimentos dos sujeitos “podem mobilizar sentimentos, reflexões, determinando novos entendimentos sobre a sexualidade. O desconforto

produzido pela própria experiência possibilita a construção de outros saberes" (ALTMANN, 2010, p.78).

Ainda sobre a categoria 4, identificamos que 3 (três) entrevistados afirmaram que não se recordam do que foi abordado, e 2 (dois) que mencionaram não terem recebido nenhuma forma de Educação Sexual durante sua educação básica.

> *[...] Eu não me lembro de ter recebido esse tipo de intervenção em nenhum momento. Nem no Ensino Fundamental, nem no Médio (P1).*
>
> *[...] Olha, de momento, eu não me lembro muita coisa não, eu lembro que era falado alguma coisa nas aulas de Biologia, mas muito pouco também, o professor não tinha domínio da sala, fazíamos muita bagunça, era um colégio de periferia e minha sala era multisseriada, então era passado algo bem superficial (P6).*
>
> *[...] Não abordava... de verdade (P4).*
>
> *[...] Olha eu não recebi, em nenhum momento. Quando eu era criança, o sexo ainda era um pudor, um tabu como eles chamam hoje né, não se falava, você só ia ter uma noção depois que casasse (P5).*

Analisando a fala dos entrevistados, podemos perceber que as professoras P4 e P5, que afirmam que não foi abordado nenhum aspecto relacionado à sexualidade, estão em uma faixa etária de 46 a 48 anos. Considerando que foi a partir dos PCN que a educação sexual começou a ser tratada com maior liberdade nas escolas, tal fato pode justificar a ausência de abordagem na educação básica desses professores.

Entre os participantes que afirmaram não se lembrar de nenhuma abordagem, a média de idade é de 28 anos. Esse dado não deve ser caracterizado como uma ausência de Educação Sexual na formação dos mesmos, mas talvez a forma como foi trabalhado o conteúdo não produziu nenhum significado para eles, haja vista que receberam Educação Sexual informal.

4.2.5 Categoria 5 – Responsabilidade da escola na Educação Sexual

A categoria ensejou investigar a visão dos entrevistados acerca da responsabilidade do ambiente escolar na Educação Sexual dos alunos. Essa categoria, bem como as subcategorias e unidades de análise, estão explícitas no quadro 8.

Quadro 8 - Subcategorias e unidades de análise sobre a responsabilidade da escola na Educação Sexual

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	Nº DE UNIDADES DE ANÁLISE
5 - Responsabilidade da escola na Educação Sexual	1.1 Como complemento ou para suprir a Educação Sexual por parte da família	P1, P2, P4, P5, P7, P8, P9, P10, P11
	1.2 A escola como uma autoridade do conhecimento	P3
	1.3 Não é papel da escola	P6

Fonte: Elaborado por Magalhães (2015).

Dentre os 11 (onze) professores que participaram da pesquisa, 9 (nove) afirmaram que a Educação Sexual na escola deve ser um complemento ou uma forma de suprir a Educação Sexual dada pela família, como se pode observar nos fragmentos de respostas a seguir.

> *[...] Eu acho que sim, acho interessante porque hoje muitos pais não têm diálogo com os filhos, então já que não tem dentro do lar acho que nós, professores de Biologia, deveríamos explicar, mas não só pelo fato da gravidez na adolescência ou doenças, mas falar do valor, do princípio do corpo [...] (P1).*

> *[...] Eu acredito que sim [...] Acho que deve ter essa conversa na família até mesmo por uma questão de confiança e proximidade [...] Mas acredito que a escola possa informar pelo menos no que se refere ao respeito entre relações do mesmo sexo, pelo menos no que se refere a doenças [...] (P7).*

> *[...] Não é um papel só da escola, mas é mais fácil pra um professor conversar com um aluno, explicar tudo e colocar as informações [...] O pai às vezes não vai saber explicar aquilo para o filho de uma forma correta, pode criar até mais dúvidas na cabeça da criança e fica mais difícil [...] (P9).*

As professoras P1, P7 e P9 ressaltam o dever do professor de explicar ou informar. Esse fato nos faz inferir que as referidas entrevistadas entendem que os professores são os detentores do conhecimento e que este deve ser transmitido e não construído pelos alunos. Merece destaque a visão simplista das professoras ao mencionarem que a escola precisa explicar ou informar. Na realidade, a escola tem um papel maior, ou seja, o de formar o cidadão para a vida em sociedade. O ideal é que o professor dê voz aos alunos, para que estes sejam protagonistas no processo de construção do próprio conhecimento. A participação dos alunos pode se dar por meio de debates, rodas de conversa em sala de aula, entre outros. Atentamos também para a preocupação da professora P1 de não se limitar apenas aos temas DSTs e gravidez na adolescência, mas também respeitar as diferenças, os valores religiosos, entre outros, o que consideramos pertinente.

Com relação à professora P2, sua fala é demonstrada da seguinte maneira:

> *[...] Eu acho assim, hoje existem os meios de comunicação, todo mundo está inserido e eles vão, de uma forma ou de outra, educando ou deseducando, mas a escola tem papel fundamental nisso também junto com a família, só que eu acho assim, a família já é muito ausente então a gente não pode esperar muito, né? [...] (P2).*

Essa professora denota o uso das tecnologias para a informação, comum para a maioria dos adolescentes na atualidade. A preocupação da professora é que muitas informações advindas da web podem ser erradas e promoverem a deseducação. Consideramos tal preocupação pertinente, pois nem sempre os alunos tem maturidade para questionar a veracidade das informações. A professora concebe que a escola possui um papel importante no processo da Educação Sexual, principalmente se for em conjunto com a

família. Mas, destaca a dificuldade para que isso ocorra na prática em função da ausência da família. Esta relação entre família e escola foi destacada também nas falas observar também na fala dos professores P8 e P10.

> *[...] Não somente da escola, assim como tudo né, na educação de um filho os pais têm que estar presente, a família tem que estar presente, lógico que a escola contribui [...] (P8).*

> *[...] Bom, a meu ver, eu acho que quem tem que falar, principalmente orientar, são os pais, com certeza, e eu acho que a escola poderia exercer um papel assim, e tirar algumas dúvidas que acontecem no cotidiano. Mas eu acho que quem tem que adotar isso, orientar, são os pais [...] por que existem muitos costumes, a religião da pessoa [...] eu acho que tem que optar se quer ou se não quer, como se fosse um ensino religioso mesmo. Fazer ou não [...] (P10).*

Percebemos na fala do professor P10 a pouca responsabilidade atribuída à escola. A escola aparece como uma figura responsável apenas por sanar algumas dúvidas e não notamos em sua fala nenhuma intenção de debates ou conversas entre ele e os alunos, nos levando a crer que dificilmente este professor desenvolve a Educação Sexual.

Entendemos que a escola tem o dever de desenvolver a Educação Sexual, mas não somente no sentido de ampliar ou complementar aquela recebida da família. A escola deve se responsabilizar pela formação integral dos sujeitos, pois a Educação Sexual é um direito de todos os indivíduos.

Esses resultados vão ao encontro do que argumenta Beraldo (2003, p.103): “Depois do ambiente familiar é a escola que complementa a educação dada pela família onde são abordados temas mais complexos que no dia-a-dia não são ensinados e aprendidos, tendo esta uma imensa responsabilidade na formação afetiva e emocional de seus alunos”. Concordamos com Beraldo (2003), pois também acreditamos que a escola deve complementar a Educação Sexual iniciada pela família. A escola é um ambiente multicultural, o que prioriza esse complemento. No entanto, a falta de diálogo com os pais pode promover uma lacuna que a escola precisa preencher, devendo os pais estar conscientes de que a educação familiar é o primeiro passo para a formação de uma pessoa justa e consciente de seus atos.

De acordo com Figueiró (2010, p.200), uma das formas potencializadoras de se desenvolver a Educação Sexual junto ao educando seria por meio da formação do leitor, em que o professor “desenvolve no aluno o gosto pela leitura, ajudando-o a encarar os livros como fonte de informação e respostas para suas dúvidas”. Nesse caso, a leitura também pode e deve ser motivada pelos pais.

No que concerne à subcategoria que traz a escola como autoridade do conhecimento, apenas 1 (um) dos professores afirmou que somente a escola deve educar o sujeito sexualmente, como demonstra o trecho da entrevista que segue.

> *[...] A escola vai mostrar o que é realmente [...] a sociedade, leva muitas coisas na brincadeira, vamos supor, tem alguma doença [...] fica tirando sarro, dando risada. Na escola, o que acontece? [...] Você vai mostrar qual que é a forma de prevenção, tratamento, e assim por diante. Então por isso eu acho fundamental que só a escola aborde (P3).*

Observa-se a preocupação desse professor com relação ao caráter científico da Educação Sexual, ou seja, para ele, somente o que é tratado pela escola sobre Educação Sexual é levado a sério, sem brincadeiras. Dessa forma, Bonfim (2009 p. 15) afirma que os PCN e a inclusão da Orientação Sexual como um tema a ser desenvolvido transversalmente na escola trazem, sim, uma legitimidade para o diálogo, porém a falta de formação adequada dos professores gera concepções errôneas e aprendizagens não significativas por parte dos alunos.

Reis et al (2013, p.24) analisaram uma amostra com 3.278 estudantes, dos 18 aos 35 anos, todos frequentando o Ensino Superior em cinco regiões distintas de Portugal. O objetivo desse estudo foi averiguar a avaliação dos estudantes do Ensino Superior face à Educação Sexual e analisar o grau de conforto dos jovens em conversar sobre métodos contraceptivos com amigos, professores e pais. “Quando questionados sobre quem deve ser responsável pela Educação Sexual nos jovens, a grande maioria da amostra concordou que são os pais, os técnicos de saúde e a escola (94,8%; 94,2%, 91,1%, respetivamente)”.

Ao contrário de todos os entrevistados, a professora P6 afirmou acreditar que não é papel da escola abordar a Educação Sexual conforme descreve o fragmento de resposta.

> *[...] Nós não somos educadores, nós somos professores, a educação tem que ser em casa, da mesma forma a Educação Sexual também tem que vir de casa (P6).*

Buscando entender o pensamento dessa professora, apoiamo-nos no livro “Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível”, de Figueiró (2006). Com base em Rubem Alves (1991), a autora reflete que o educador se difere pelo amor que envolve sua prática, não bastando técnicas e conhecimentos básicos. Destaca-se o fato das pessoas que ensinam terem duas dimensões: a de educador e a de professor, em que o educador é a pessoa, é a vocação; já o professor é a profissão.

A nosso ver, a entrevistada apresenta uma concepção equivocada quanto à responsabilidade ou não da escola em desenvolver Educação Sexual. Entendemos que a escola é, sim, responsável por essa questão, pois os adolescentes passam boa parte do seu tempo na escola. É nesse ambiente que começam a se socializar, aflorando sua sexualidade em função das transformações corporais; é lá que a Educação Sexual pode ser complementada ou, em alguns casos, abordada, sem contar que a maior função da escola é a formação integral da pessoa, do aluno.

> Se pensarmos que a finalidade maior da Educação Sexual é contribuir para que o educando possa viver bem a sua sexualidade, de forma saudável e feliz e, ao mesmo tempo, contribuir para que ele esteja apto a participar da transformação social, em todas as questões ligadas direta ou indiretamente à sexualidade, podemos concluir que o professor que ensina sobre sexualidade, de forma humanizadora, está sendo um mediador de esperanças e de projetos de vida (FIGUEIRÓ, 2006, p.17).

Acreditamos que o professor que ama o que faz e se sente motivado a contribuir para transformações sociais é um educador; assim, subentende-se que as duas concepções – educador e professor – podem até ser diferentes no conceito, porém, na prática, estão atreladas a um objetivo comum: o processo de formação humana e crítica.

4.2.6 Categoria 6 – Concepção acerca de Sexo

Esta categoria reúne algumas concepções apresentadas pelos professores a respeito da palavra sexo. Observamos, por meio dos relatos desses profissionais da educação, a divisão dessa categoria em duas subcategorias, como pode ser observado no quadro 9.

Quadro 9 - Subcategorias e unidades de análise sobre a concepção acerca de Sexo

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	Nº DE UNIDADES DE ANÁLISE
6 – Concepção acerca de Sexo	1.1 Ato e/ou relação sexual	P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11
	1.2 Expressão de Gênero	P3, P6

Fonte: Elaborado por Magalhães (2015).

Tanto o conceito de sexo quanto o de sexualidade remetem a valores, crenças revestidas de “preconceitos, tabus, mitos e estereótipos” (MOIZÉS; BUENO, 2010, p.206).

Assim, compreender e diferenciar esses termos se faz necessário. Portanto, para validar a discussão, vale observar conceitos referentes ao termo sexo, segundo alguns autores. Consideramos primeiramente o conceito de sexo apresentado por Guimarães (1995, p. 23), o qual afirma que

> Sexo é relativo ao fato natural, hereditário, biológico, da diferença física entre o homem e a mulher, e da atração de um pelo outro, para a reprodução. No mundo moderno, o significado dominante do termo passa a ser ‘fazer sexo’, referindo-se às relações físicas para o prazer sexual. No senso comum é: ‘relação sexual’, ‘orgasmo’, ‘órgão genital’, ‘pênis’.

Brêtas (2011) trata o termo sexo como uma forma de relacionamento físico com o objetivo de gerar prazer ou procriação, além de distinção entre macho e fêmea. Flores (2008, p. 4) considera o termo como “diferença biológica entre macho e fêmea incluindo as diferenças anatômicas, fisiológicas, genéticas, hormonais”. Os PCN concebem o sexo como “expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais)” (BRASIL, 2000, p. 117).

Com base nos diferentes conceitos acerca de sexo, observamos que todos os professores o veem como forma física, conforme retratam os fragmentos de respostas.

> *[...] O sexo está relacionado a uma junção carnal [...] (P1).*
>
> *[...] Para mim o sexo tem a ver com o ato sexual [...] (P2).*
>
> *[...] O sexo eu acho que é o ato sexual [...] (P4).*
>
> *[...] Sexo é uma coisa mais carnal, que envolve mais contato, mais intimidade [...] (P10).*

Para todos os professores relacionados anteriormente, o entendimento de sexo vem associado ao ato sexual como forma de obter prazer, vindo ao encontro de uma das características apontadas por Brêtas (2011).

Em relação à concepção de sexo como uma expressão de gênero, encontramos 2 (dois) professores que apresentam tal concepção, além do entendimento do sexo como ato físico, conforme ilustram os fragmentos a seguir.

> *[...] Há dois pensamentos sobre sexo, primeiro, feminino e masculino [...] Ou pornografia, relação sexual [...] (P3).*
>
> *[...] Tem duas formas a princípio, o sexo masculino e o feminino e o sexo como o ato sexual, comumente realizado entre duas ou mais pessoas [...] (P6).*

Esses resultados assemelham-se aos resultados encontrados por Quirino e Rocha (2012). Na pesquisa desses autores, sete professores concebem o termo sexo relacionado à forma anatômica e fisiológica, valorizando os conceitos biológicos. Tal resultado se aproxima do encontrado por Moizés e Bueno (2010) em uma entrevista com 13 professores do Ensino Fundamental. Além de aspectos fisiológicos e anatômicos, os entrevistados por Moizés e Bueno (2010) consideraram o amor, o companheirismo e a vida conjugal. Consideramos que os termos amor, companheirismo e vida conjugal sejam elementos que integram o conceito de sexualidade e não de sexo.

4.2.7 Categoria 7 – Concepção acerca de Sexualidade

Esta categoria foi destinada ao objetivo de verificar qual(is) a(s) concepção(ões) dos professores acerca da Sexualidade, como descrito no quadro 10.

Quadro 10 - Subcategorias e unidades de análise obtidas a partir dos relatos dos professores sobre a concepção acerca de Sexualidade

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	NÚMERO DE UNIDADES DE ANÁLISE
7 – Concepção acerca de Sexualidade	1.1 Expressão comportamental do indivíduo	P2
	1.2 Maturidade do indivíduo	P1, P7, P9
	1.3 Percepção do corpo	P4, P6,P11
	1.4 Relacionada à orientação sexual	P5, P8, P10
	1.5 Sob diferentes aspectos	P3

Fonte: Elaborado por Magalhães (2015).

Para esclarecimento do leitor, vale retomar os diferentes conceitos de sexualidade.

Os PCN consideram a evolução da sexualidade ao longo da vida biológica, psicológica, cultural e social, sendo que cada sujeito é singular em sua sexualidade, tendo, então, um sentido mais amplo que os aspectos reprodutivos. A sexualidade é marcada historicamente no sentido de que “cada sociedade cria seus conjuntos de regras que constituem parâmetros fundamentais para o comportamento sexual de cada indivíduo” (BRASIL, 2000, p. 53). Em concordância com os PCN, Altmann (2001) considera a sexualidade um tema de interesse de todos, pois pode repercutir na natalidade e vitalidade da população.

Lettner e Rangé (1987, p. 149) definem-na como “um fenômeno extremamente complexo que inclui fatores psicológicos, biológicos e sociais e que tem uma influência bastante significativa sobre o comportamento humano”.

Segundo Rangé (1995, p. 129), dois fatores podem definir a sexualidade humana: identidade sexual e comportamento sexual.

> A identidade sexual refere-se às características sexuais biológicas e psicológicas que marcam a auto-imagem e a imagem social de um indivíduo no que diz respeito a sua definição sexual. Inclui a orientação sexual, que se define por comportamentos consistentes na direção de um certo tipo de objeto sexual [...] O comportamento sexual refere-se a toda e qualquer resposta, aberta e encoberta, que envolve alguma excitação na direção de um objeto sexual.

A sexualidade nos seus diferentes aspectos é definida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como um aspecto humano necessário à vida. Assim,

> a sexualidade não é sinônima de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso. É energia que motiva encontrar o amor. Contato e intimidade, que se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e como estas tocam e são tocadas. A sexualidade influencia pensamento, sentimentos, ações e integrações e, portanto, a saúde física e mental. Se saúde é um direito humano fundamental, a sexualidade, a saúde sexual também deveria ser considerada como direito humano básico. A saúde mental e a integração dos aspectos sociais, somáticos, intelectuais, emocionais de maneira tal que influencie positivamente a personalidade, a capacidade de comunicação com outras pessoas e o amor (PERES et al, 2000, p. 17).

Analisando os diferentes posicionamentos, podemos inferir que a sexualidade é bastante complexa e abrangente. Todos os autores consideram-na em sua amplitude. Refletindo acerca do ensino da sexualidade na escola, optaríamos pelo conceito apresentado nos PCN, compactuando com Moizés e Bueno (2010, p. 207), que os consideram um “referencial fomentador de reflexão sobre os currículos escolares, como uma proposta aberta e flexível, que pode ou não ser utilizada pelas escolas na elaboração de suas propostas curriculares”.

A subcategoria 1.1 retrata a sexualidade como expressão comportamental do indivíduo e foi afirmada por 1 (uma) entrevistada (P2), como demonstra o fragmento de resposta a seguir.

> *[...] Sexualidade tem mais a ver com expressão da pessoa, como ela vive, como ela se comporta, mais relacionado com o amplo, tipo assim, ela tem a sua sexualidade, mas não está fazendo sexo [...] (P2).*

Pelo teor da fala dessa entrevistada, podemos identificar que seu entendimento acerca da sexualidade é voltado ao comportamento, o que caracteriza a identidade sexual do indivíduo explicitada por Rangé (1995) como imagem social.

A Sexualidade, conforme discute Brêtas (2011), nos remete a comportamentos, ações, relações sociais e identidades construídas pela sociedade e pela história. Segundo Moizés e Bueno (2010, p.207), a sexualidade é parte integrante do indivíduo, de forma "que valores sexuais e estilos de vida podem ser vivenciados de modo diferenciado de uma pessoa para outra".

Ainda sobre a concepção de sexualidade, algumas professoras afirmaram considerá-la um momento de maturidade do indivíduo, como demonstram os fragmentos retirados das entrevistas:

> *[...] Eu acho que tem a ver com a maturidade do indivíduo, sua formação, deixa eu ver se eu consigo me expressar... é um assunto bem complexo para mim... Ah, eu acredito que a sexualidade tenha a ver com o próprio bem estar do indivíduo, as mudanças fisiológicas, a saúde dele (P1).*

> *[...] A sexualidade, ela envolve [...] A questão de maturação sexual física, mas também emocional [...] (P7).*

> *[...] Desde quando é neném, até a vida adulta a sexualidade é uma série de fatores e características que desenvolve aquele ser. Aí é a emoção, o carinho afetividade [...] (P9).*

O que se evidencia nas falas desses entrevistados é a maturidade. Percebemos que se trata tanto da maturidade biológica, que envolve o período de puberdade, em que as alterações fisiológicas, como mudança de voz, aumento dos pelos, aumento dos seios, do órgão genital masculino, entre outros, podem ser observadas, quanto da maturidade emocional, que é um estado de equilíbrio entre o cérebro e as emoções, entre o mundo interno e externo do indivíduo (LANDAU, 2002).

Os jovens tendem a expressar sua personalidade, mesmo que esta esteja em construção, e são capazes de reinventá-la, já que a personalidade sofre alterações ao longo da vida. A personalidade não é vista somente como fruto de elementos biológicos ou sociais, “os traços de personalidade constituem a unidade base da personalidade, pois o traço seria estável ao longo de diferentes situações, permitindo prever o comportamento” (DIAS; QUEIRÓS, 2010, p. 1067).

Ainda como desdobramento da concepção de sexualidade, temos a subcategoria percepção do corpo, identificada nos fragmentos de respostas das entrevistadas P4, P6 e P11.

> *[...] A sexualidade eu percebo assim: a partir do momento, tanto o menino como a menina, percebe seu corpo, aí ele percebe que tem uma sexualidade ali também [...] (P4).*
>
> *[...] Então, por exemplo, o adolescente que está entrando na puberdade ele começa a descobrir através da sexualidade, que seu corpo está modificando, passa a ter sensações diferentes, a se atrair por outro ser [...] (P6).*
>
> *[...] A sexualidade é mais pra se conhecer, conhecer o próprio corpo [...] (P11).*

O que parece transparecer nesses relatos é a sexualidade no período da puberdade, na qual se intensificam os níveis hormonais, a atração e o desejo pelo outro, que se tornam mais acentuados. Segundo Braga, Molina e Figueiredo (2010, p. 88), o corpo é contemplado por duas dimensões: uma objetiva e outra subjetiva. Na primeira, que considera características orgânicas, médicas e biológicas, “valorizam-se aspectos que podem ser medidos e verificados com exatidão e, consequentemente, quantificados”. De forma subjetiva, o corpo pode ser vivenciado e sentido; nesse caso, “o corpo é entendido ao se levar em consideração sua interação com o mundo e as implicações dessa relação”. Dessa forma, percebemos também essa relação objetiva e subjetiva do corpo nas falas das entrevistadas.

Outra subcategoria desdobrada da categoria 7 foi a sexualidade relacionada à orientação sexual do sujeito. Em alguns relatos, como se pode

ver a seguir, é possível perceber que 3 (três) dos depoentes compreendem a sexualidade dessa maneira.

> *[...] A sexualidade, acredito que trate as questões voltadas à opção sexual das pessoas, se vão ser gays, lésbicas, aí a sexualidade explica o que é um e o que é outro [...] (P5).*

> *[...] A sexualidade é o conjunto que abrange todo o processo, inclusive de opção sexual [...] (P8*
> *[...] A sexualidade, acho que varia de indivíduo pra indivíduo, então a sexualidade da pessoa, ela tem que optar como que ela quer levar sua vida sexual. Pra que lado que ela quer seguir, porque são livres, então eles devem optar [...] porque a gente sabe que interferem vários fatores, como a homossexualidade, que está em alta né [...] (P10).*

Identificamos que os participantes P5, P8 e P10 possuem um entendimento equivocado tanto do termo sexualidade quanto do que seja orientação sexual, tratado por eles como opção sexual. É importante esclarecer que o termo opção sexual não é adequado, pois remete às escolhas, como se o indivíduo pudesse escolher entre ser homossexual ou heterossexual.

Esse mesmo entendimento de sexualidade também foi encontrado em uma pesquisa desenvolvida por Quirino e Rocha (2012).

Como última subcategoria, temos a sexualidade entendida sob diferentes aspectos, o que se pode observar no fragmento do professor P3, o qual afirma:

> *[...] a sexualidade não só trata do sexo (masculino e feminino), como homossexualismo, ela trata de doenças [...] ela trata de conhecimento, [...] sexo masculino, feminino, ou algo de relacionamento de homem e mulher, o ato sexual. Sexualidade, o cara já pensa: opa, agora a gente não vai mais ver literatura, vamos ver algo a mais. É medicina, doença, sociedade [...] (P3).*

A fala do professor P3 demonstra a sexualidade vista por ele sobre aspectos mais biológicos que sociais, culturais e psicológicos.

Analisando as falas dos entrevistados, percebemos que nenhum dos professores conseguiu dar uma explicação correta e objetiva do que é a

sexualidade. Por ser considerado um tema transversal, a sexualidade percorre diversas disciplinas e inclui temas geradores de debate como sexo, aborto, virgindade, homossexualidade, assuntos que envolvam a área médica em relação às Doenças Sexualmente Transmissíveis, à sociedade e seu papel na sexualidade, o que justifica sua pluralidade, de acordo com os PCN (2010).

4.2.8 Categoria 8 - Abordagem da Educação Sexual no Ensino Superior

Esta categoria teve como objetivo identificar como se deu a Educação Sexual dos professores entrevistados durante a formação inicial. Pode-se constatar, por meio dos relatos desses profissionais, o desdobramento dessa categoria em quatro subcategorias, como pode ser observado no quadro 11.

Quadro 11 - Subcategorias e unidades de análise sobre a abordagem da Educação Sexual no Ensino Superior

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	Nº DE UNIDADES DE ANÁLISE
8 – Abordagem da Educação Sexual no Ensino Superior	1.1 Não se lembra	P1
	1.2 Não abordado	P2, P11
	1.3 Doenças Sexualmente Transmissíveis	P3
	1.4 Anatomia e Fisiologia dos aparelhos reprodutores	P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10

Fonte: Elaborado por Magalhães (2015).

Conforme observado, a maioria dos entrevistados, 7 (sete), afirma que o conteúdo relacionado ao tema proposto foi voltado à anatomia e fisiologia dos aparelhos reprodutores, o que denota uma Educação Sexual voltada a aspectos biológicos, conforme demonstram os seguintes fragmentos de resposta.

> *Nós tivemos anatomia [...] (P4).*
>
> *Nós víamos os órgãos pelo livro de estudo, mas mesmo assim sentíamos vergonha, principalmente as meninas [...] (P5).*
>
> *[...] Seria a sexualidade de forma reprodutiva e também preventiva [...] (P6).*

> *[...] Disciplina específica não teve. Bem, eu lembro do Sistema Reprodutor que vimos em Fisiologia [...] (P7).*
>
> *[...] O professor mostrava a anatomia dos órgãos, passou vídeos, mas eu só me lembro da vergonha que sentia, lembro que começou em embriologia [...] (P8).*

Como se pode perceber nos fragmentos de respostas, boa parte dos professores entrevistados teve uma Educação Sexual voltada à anatomia e fisiologia dos aparelhos reprodutores. Isso provavelmente se deve ao fato de os Cursos de Ciências Biológicas possuírem uma disciplina específica de anatomia humana e uma de fisiologia. Jimena Furlani (2011 p. 15) critica a abordagem biológico-higienista, porém sua crítica não é relacionada à ausência dessa forma de abordagem, mas, sim, ao fato de a abordagem médico-biológico-higienista ser exclusiva e promover no currículo limitações e reduções do que realmente vem a ser a Educação Sexual.

Continuando a análise, 1 (um) professor afirmou que, durante a graduação, o conteúdo pertinente à Educação Sexual foi o de DSTs, conforme exemplifica seu fragmento de resposta.

> *[...] Algumas doenças [...] e alguns meios de transmissão dessa doença [...] (P3).*

As DSTs fazem parte do conteúdo a ser desenvolvido na Educação Sexual e é extremamente importante para a prevenção, além de promover a saúde sexual e reprodutiva das pessoas. Os PCN ressaltam a importância desse conteúdo, principalmente quanto aos métodos contraceptivos, suas indicações e contraindicações. Enfatizam também que essa abordagem deve ser feita com a divisão de responsabilidades do casal no uso de preservativos para prevenir a gravidez indesejada e a contaminação pelas DSTs (BRASIL, 2000).

O fato de somente um dos professores entrevistados ter tido esse conteúdo como Educação Sexual na graduação nos faz concluir que alguns dos professores podem ter conhecimentos insuficientes em relação às DSTs, o que entra em concordância com o estudo de Santos e Oliveira (2009). Esses

autores questionaram 289 alunos de diversos cursos sobre seus conhecimentos acerca de Aids e drogas. Como resultado, observaram uma precariedade de conhecimentos sobre as DSTs. Acreditam na importância de incluir conteúdos específicos de sexualidade nas disciplinas curriculares.

As entrevistadas P2 e P11 afirmam que nenhum tema relacionado à Educação Sexual foi abordado durante o ensino superior e a professora P1 afirma não se lembrar de nenhuma abordagem relacionada ao tema. Acreditamos que tais afirmações não devem ser totalmente verdadeiras, haja vista as disciplinas específicas de anatomia e de fisiologia humana, pertencentes aos cursos de Ciências Biológicas. Acreditamos que, nas concepções desses professores, os conteúdos fisiológicos e anatômicos não se incluem na Educação Sexual.

Com relação à Educação Sexual durante a formação inicial, podemos dizer que os professores pesquisados tiveram uma formação meramente biológica. Portanto, enquanto professores, poderão ter dificuldades de desenvolver uma educação Sexual, considerando outros aspectos, além do biológico, justificando, por exemplo, o fato dos professores não saberem definir sexualidade, condizendo então, com esta categoria. Constata-se que os professores pesquisados não tiveram uma Educação Sexual completa em sua formação inicial, tiveram apenas algumas aulas de Biologia e Fisiologia.

4.2.9 Categoria 9 - Estratégias didáticas no desenvolvimento da Educação Sexual na formação inicial

Esta categoria teve como objetivo identificar quais as estratégias didáticas utilizadas no desenvolvimento da Educação Sexual, durante a formação inicial dos pesquisados. Os professores revelaram tais estratégias, conforme indicam as subcategorias e suas respectivas unidades de análise, apresentadas no quadro 12.

Quadro 12 - Subcategorias e unidades de análise sobre estratégias didáticas no desenvolvimento da Educação Sexual na formação inicial

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	Nº DE UNIDADES DE ANÁLISE
9 – Estratégias didáticas no desenvolvimento da Educação Sexual na formação inicial	1.1 Maquetes dos aparelhos reprodutores	P1, P9
	1.2 Métodos contraceptivos	P3, P6
	1.3 Uso de tecnologias (multimídias, microscópios)	P9
	1.4 Seminários desenvolvidos pelos acadêmicos	P4
	1.5 Não contempladas	P2, P5, P7, P8, P10, P11

Fonte: Elaborado por Magalhães (2015).

Percebemos nas respostas das professoras P1 e P9 que a estratégia utilizada pelos seus professores durante a formação inicial foi maquetes dos aparelhos reprodutores.

> *Ah... eu só lembro dos sistemas fisiológicos genitais masculino e feminino, com maquetes, só neste sentido (P1).*
>
> *[...] maquetes, peças, tanto femininas como masculinas [...] (P9).*

As maquetes são consideradas modelos didáticos que promovem uma interação entre os conceitos teóricos e o real. É entendida como "um processo que consiste na elaboração de uma construção mental que pode ser manipulada e que procura compreender um real complexo" (PINHEIRO, PIETROCOLA; ALVES FILHO, 2001, p. 39).

A maquete pode ser uma ótima estratégia didática na Educação Sexual e pode ser inserida em todos os níveis de ensino, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior. Para as crianças, por exemplo, pode ser oportunizada a construção do corpo humano com suas diferenças biológicas. Com base no modelo de Duso (2012), na área de arquitetura, sugerimos a abordagem da diversidade, como a construção de uma cidade, onde pessoas de várias sexualidades (heterossexuais, homossexuais, bissexuais, travestis, transexuais) convivem com respeito e dignidade; dessa forma, estaremos

incentivando as crianças a conviverem harmônica e respeitosamente com o próximo. Em virtude disso, o uso de maquetes é interessante, pois o resultado final do trabalho como apresentação do modelo construído não é a etapa mais valorizada no processo, mas, sim, a construção, ou seja, a vivência.

Acreditamos que o uso de maquetes, visto por esses professores, também servirá como base para a construção de novos conhecimentos com alunos.

Os professores P3 e P6 asseguram que os recursos utilizados para a aprendizagem nesse contexto foram mais visuais, como camisinhas e kits contraceptivos, como demonstram os fragmentos de respostas a seguir.

> *[...] ela, a professora, levava o produto para a gente, tipo assim, camisinha [...] (P3).*

> *[...] eram disponibilizados alguns métodos contraceptivos, pílulas, diafragma, camisinha feminina e masculina, os aparelhos reprodutores. Tudo isso era disponibilizado pelos laboratórios da faculdade (P6).*

Alguns métodos contraceptivos não só previnem uma gravidez indesejada, como também as DSTs, que é o caso dos preservativos. Como professora, observo que esses são os temas mais esperados pelos alunos, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio.

Martins et al (2006) afirmam que o conhecimento errôneo sobre métodos contraceptivos pode influenciar na aceitação e no uso dos mesmos. Assim, é fundamental que os licenciandos conheçam todos os métodos contraceptivos para, assim, orientar e educar corretamente seus alunos.

Apenas uma entrevistada, P9, afirmou que as estratégias utilizadas eram voltadas às tecnologias, com o uso de multimídias e equipamentos eletrônicos como o microscópio, conforme podemos observar no fragmento.

> *[...] Vídeos, slides, data show, todo material áudio visual necessário pra mostrar, ilustrar e ensinar para as crianças da melhor forma (P9).*

Apesar de a entrevistada não declarar o tema utilizado para desenvolver a Educação Sexual por meio das multimídias, consideramos esse material de grande valia, pois existe uma vasta tecnologia que circula nas

escolas. Através do filme “Juno”, por exemplo, o professor pode abordar a gravidez na adolescência. Já com o filme “Homens não Choram”, os temas homossexualidade, transgêneros, homofobia, violência sexual, relações de gênero, violência moral e aceitação da família podem ser abordados. Conforme recomendam os PCN, o uso de propagandas pode demonstrar a violência de gênero e padrões estéticos normativos impostos pela mídia. “Por meio desses recursos podem-se trabalhar dúvidas, medos, informações e questões dos alunos ligadas ao corpo, de forma que ninguém se sinta ameaçado ou invadido em sua intimidade” (BRASIL, 2010, p.37).

Os seminários também foram mencionados como estratégia didática utilizada, os quais consideramos ótima ferramenta de aprendizado. A professora P4 foi a única a afirmar que os seminários foram importantes para o desenvolvimento da Educação Sexual durante sua formação inicial, como demonstra o fragmento de resposta a seguir.

> *[...] os livros foram separados nos seminários, os alunos mesmos que apresentavam, aí da minha parte ainda foi sistema genital masculino, daí nós abordamos tudo da fisiologia [...] eu trabalhei a parte da camisinha, contamos da história da camisinha. Então, me lembro desse fato pois fizemos o trabalho, eu ainda falei assim: vamos abordar a parte sexual, e foi nesse momento, no segundo ano que nós abordamos, levamos até camisinha, demonstramos, falamos dos espermatozoides, enfim (P4).*

O seminário é considerado por Veiga (1993, p. 103) como uma técnica de ensino socializado. Nessa estratégia didática, a participação do professor não predomina e ele é visto como um orientador, oportunizando aos alunos o desenvolvimento da investigação, da crítica e a independência intelectual, o que acreditamos ser ótimo para a construção do conhecimento. O método é adequado para apresentar um “tema novo ou aprofundar um assunto mais polêmico. Trata-se de uma técnica mais adequada às classes de ensino médio e aos alunos de graduação e pós-graduação”, estimulando a produção do conhecimento.

Quanto às estratégias didáticas no desenvolvimento da Educação Sexual, podemos afirmar que os seis professores que vivenciaram o ensino da Educação Sexual por meio de maquetes, kits de contracepção e

seminários entenderam que, mesmo que a ênfase tenha sido somente na parte anatômica e fisiológica, as metodologias discutidas foram importantes para sua formação acadêmica e, posteriormente, na atuação como professor de Ciências ou Biologia.

A maioria, ou seja, 6 (seis) dos professores entrevistados relataram que não houve abordagem de estratégias de ensino voltadas à Educação Sexual, como retratam alguns fragmentos de respostas.

> *Em se tratando de Sexualidade não, teve a questão da prática pedagógica que preparava a gente para ministrar qualquer conteúdo em si na parte de estágio curricular mesmo, em sala de aula, e vi a parte biológica da questão do Sistema Reprodutor, mas especificamente algo que preparasse para o tratamento do tema Sexualidade em sala de aula, não (P7).*
>
> *A estratégia que eles passam não é relacionada a um determinado conteúdo, é só mesmo em relação à postura do professor [...] (P8).*
>
> *A gente não teve nenhuma metodologia, pra trabalhar o assunto, para sala de aula, método de aplicar isso daí, de ajudar o conteúdo [...] (P10).*

Infelizmente, um número considerável de professores entre os participantes desta pesquisa afirma não terem sido desenvolvidas com eles formas de se tratar a Educação Sexual com os estudantes. O que é preocupante, tendo em vista sua responsabilidade no exercício da docência.

4.2.10 Categoria confortabilidade para exercer a Educação Sexual

Esta categoria ensejou investigar a visão dos entrevistados acerca de suas experiências discentes na graduação em relação ao sentir-se confortável para exercer a Educação Sexual. Dessa categoria, emergiram três subcategorias, como podemos observar no quadro 13.

Quadro 13 - Subcategorias e unidades de análise sobre confortabilidade para desenvolver a Educação Sexual

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	Nº DE UNIDADES DE ANÁLISE
10 – Confortabilidade para desenvolver a Educação Sexual	1.1 Parcialmente confortável	P5, P2
	1.2 Possui dúvidas sobre o tema	P1, P10
	1.3 Totalmente confortável	P3, P4, P6, P7, P8, P9, P11

Fonte: Elaborado por Magalhães (2015).

Sentir-se seguro sobre o que se ensina aos alunos é extremamente importante. Em relação à Educação Sexual, consideramos que seja ainda mais, devido a diferentes aspectos que a abrangem. A subcategoria 1.1 é composta por duas unidades de análise, as quais correspondem as professoras P2 e P5, os quais afirmam sentirem-se parcialmente confortáveis para desenvolver a Educação Sexual, como demonstram os fragmentos de respostas.

> *Oh... cem por cento não, mas hoje eu me sinto mais do que uns três anos atrás, eu acredito que já tenho uma experiência a mais. [...] Na verdade, eu não consigo começar espontaneamente, eu iria partir do assunto do livro, provavelmente do livro didático mesmo e a partir dali, eu iria promover um debate, ou dependendo a turma, se as meninas são mais tímidas, fazer a questão onde eles colocam as perguntas na caixinha... eu acho que faria mais ou menos assim. Não deixaria o biologismo, mas eu acho que enfocaria outras coisas (P2).*

> *Olha... eu particularmente até falaria, mas não tudo, ficaria mais com a área mesmo, a puberdade, as mudanças, mas não entraria na parte de sexualidade, explicando os relacionamentos. Acho que isso me traria problemas com os pais (P5).*

O fato de essas professoras não se sentirem totalmente confortáveis ao tratar a Educação Sexual pode estar associado à Educação Sexual que receberam. Neste caso, a capacitação seria a melhor forma de eliminar os dogmas e as impressões errôneas sobre o sexo e a sexualidade. Em uma das falas (P2), percebemos estratégias interessantes para facilitar o processo

ensino-aprendizagem, como promoção de debates e o uso da caixinha de perguntas.

Figueiró (2004) afirma que tem sido um grande desafio para os educadores trabalhar tal assunto no espaço escolar, tanto pela manifestação da sexualidade dos alunos de forma exacerbada, decorrente da forma como a sociedade e os meios de comunicação a tem abordado, quanto pelo rompimento dos valores morais e sexuais já estabelecidos antigamente. Ainda de acordo com a autora, além da necessidade dos alunos em conhecer cada vez mais sobre o tema, o professor nem sempre se sente à vontade para abordar tal temática, pois, "enquanto pessoa, na maioria dos casos, ele carrega consigo insegurança, dúvidas, desconhecimento, medos e tabus – fruto de sua própria história e de sua precária Educação Sexual" (FIGUEIRÓ, 2004, p.6).

Dois dos professores entrevistados (P1 e P10) declararam que possuem dúvidas sobre Educação Sexual, como demonstram os relatos:

> *Hoje eu me sinto, mas não cem por cento, preciso ainda me capacitar, pois tenho dúvidas sobre o tema (P1).*
>
> *Olha, em algumas partes sim, eu tento me focar, quando eu vou falar de assunto nas partes que eu tenho mais convicção [...] Quando foge um pouquinho do assunto, aí eu tento diminuir o ritmo, tento pesquisar alguma coisa, saber se eu posso ou não falar sobre aquele determinado assunto [...] (P10).*

Podemos perceber que esses professores admitem suas deficiências em relação ao tema e, ao mesmo tempo, buscam supri-las por meio de pesquisas e estudos. O reconhecimento da Educação Sexual como necessária e de grande importância na formação dos alunos precisa provocar nos professores o desejo de estarem aptos a promovê-la, apesar de se sentirem inseguros e temerosos por não terem sido preparados durante a licenciatura. Além disso, vemos a formação cultural enraizada aos tabus e preconceitos em relação ao sexo, dificultando ainda mais enfrentar esse desafio. Assim, "há que se pensar [...] em oportunizar aos professores o reeducar-se sexualmente, participando de estudos que os auxiliem a preparar-se para atuar como educadores sexuais" (FIGUEIRÓ, 2009, p. 141-142).

Os professores apresentaram como desconforto para o desenvolvimento do tema com os alunos: incerteza se deve abordar determinados assuntos, medo da reação dos pais, medo de estarem induzindo os alunos ao sexo. Essa insegurança dos professores pode ser compreensível se levarmos em conta que esses professores não tiveram uma Educação Sexual completa durante a formação inicial, a qual foi muito restrita a anatomia e fisiologia. Além disso, não tiveram amplas discussões acerca de estratégias didáticas no desenvolvimento da Educação Sexual, fator que limita esses professores a desenvolverem este tema com seus alunos.

A maioria dos entrevistados (sete professores) afirmou sentir-se totalmente confortável em promover a Educação Sexual na escola, como nos indicam as falas de alguns dos entrevistados.

> *Eu creio que sim, porque como eu te disse, quando se trata do assunto sexualidade, você não pode dizer que você é o dono da verdade, que sabe tudo. Isso aí é uma coisa que é polêmica, isso envolve gerações, pensamentos, por causa da época né, até porque foram descobertas novas doenças, novos tratamentos, novos pensamentos, então, eu acredito que sim de acordo com o que existe hoje. Por que o que existe no futuro, vai depender do quê? Da minha busca por esse conhecimento. Então se falar hoje, "você tá preparado pra falar sobre sexualidade na sala de aula?", eu acredito que sim por esse motivo (P3).*
>
> *É logico. Mas assim, a gente sempre tem muito mais a aprender. É um aprendizado constante, mas eu me sinto, sim, preparada para estar trabalhando com eles (P6).*
>
> *Hoje, sim, mas até por uma questão de interesse pessoal, eu fui pesquisar, e pela questão da especialização que foi feita de Fisiologia humana, e dentro desta especialização eu me lembro de ter trabalhado muito, inclusive nós tivemos aulas com uma psicóloga, teve a parte biológica, mas muito mais que isso, teve a parte desde o desenvolvimento dos caracteres sexuais primários do sexo genético, gamético (P7).*
>
> *Ah, eu acho que sim. Eu acho que eu abordaria os conhecimentos que eles já têm, num primeiro momento consideraria isso, e trabalharia em cima das curiosidades, de conhecer o corpo, um pouco de tudo assim... Esses quesitos. Agora... Respeitando os limites deles (P11).*

Sentir-se confortável na abordagem da Educação Sexual é de extrema importância. O professor precisa passar segurança ao aluno, para que ele compreenda o conteúdo e também sinta liberdade em fazer questionamentos. Observamos nessa categoria que os professores se sentem em dúvidas quanto o poder ou não falar sobre determinados assuntos, o que demonstra certa preocupação moral quanto ao pensamento dos pais em relação ao conteúdo abordado. O medo da reação dos pais também foi citado, neste caso,

Figueiró (2009, p.143) atenta para o papel do professor que promoverá a Educação Sexual. A autora afirma que os professores não podem influenciar os alunos com seus valores pessoais, “cabe a eles criar oportunidades várias, de reflexão, para que os alunos pensem e discutam com os colegas, a fim de que formem sua própria opinião”, tendo esses alunos “acesso a informações claras, objetivas e científicas sobre a sexualidade”. Assim, acreditamos que não haverão distorções por parte dos pais em achar que os professores estão induzindo o sexo ao invés de educar sexualmente.

4.2.11 Categoria dificuldades para desenvolver a Educação Sexual na escola

Esta categoria reúne algumas considerações levantadas pelos professores acerca das dificuldades encontradas na escola para desenvolver a Educação Sexual, conforme indicado no quadro 14.

Quadro 14 - Subcategorias e unidades de análise obtidas a partir dos relatos dos professores sobre Dificuldades para desenvolver a Educação Sexual na escola

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	Nº DE UNIDADES DE ANÁLISE
11 – Dificuldades para desenvolver a Educação Sexual na escola	1.1 Carga horária da disciplina	P1
	1.2 Em relação ao material didático	P8
	1.3 Incompreensão dos pais	P2, P4, P8
	1.4 Nenhuma	P6, P7, P11
	1.5 Imaturidade dos alunos	P1, P3, P5
	1.6 Falta de apoio da Equipe Pedagógica	P1, P9, P10

Fonte: Elaborado por Magalhães (2015).

Uma das professoras entrevistadas afirmou que sua maior dificuldade em desenvolver a Educação sexual na escola está atrelada à carga horária da disciplina, considerada insuficiente pelo professor para trabalhar os conteúdos específicos da mesma, como demonstra o fragmento de resposta.

> *Sim [...] por cumprir a carga horária, que é muito pouca na Biologia (P1).*

Não consideramos esse fragmento pertinente; afinal, como consideram os PCN, esse conteúdo deve ser tratado de forma transversal, ou seja, de modo que todas as disciplinas se envolvam na construção do conhecimento. Além do que, os conteúdos proporcionados pelas DCE promovem uma abertura no desenvolvimento de várias temáticas relacionadas à Educação Sexual. Acreditamos que, se cada professor capacitado para desenvolver a Educação Sexual se propor a fazer sua parte, o tempo não será mais um problema.

As professoras P2 e P4 afirmam que a dificuldade de se trabalhar a Educação Sexual está voltada à incompreensão dos pais, como podemos observar pelos relatos a seguir:

> *[...] O problema maior acho que ainda é com os pais, o ano passado (2014), por exemplo, com a vacina contra o HPV (Papiloma Vírus Humano), nós tivemos vários problemas, pois muitos pais foram até a escola e impediram suas filhas de tomar, pois achavam que a vacina induzia a prática do sexo, e nesse caso, a escola aceita né (P2).*

> *[...] Um colégio que eu trabalhei só, eles tiveram um critério, embora tivesse no livro didático do professor, o tema sexualidade pra abordar, no 6º ano, devido aos pais, não poderia ser abordado, mas nos outros colégios, eu trabalhei [...] (P4).*

Figueiró (2009) ressalta a preocupação dos pais, pois estes temem que os professores influenciem seus filhos, indo contra os valores defendidos por eles. Conforme a autora,

> [...] pais conservadores, que defendem a virgindade até o casamento (para as filhas, na maioria das vezes), temem que

> professores possam pregar valores divergentes, incentivando, no caso, o sexo antes do casamento. O contrário também pode acontecer, ou seja, pais que pretendem que seus filhos sejam livres para decidir, com responsabilidade, sobre sua vida sexual, temem que professores conservadores venham lhes incutir ideias de pecado (FIGUEIRÓ, 2009, p.143).

Para lidar com a preocupação dos pais em relação ao desenvolvimento da educação sexual com os seus filhos, Figueiró (2009) sugere algumas medidas que poderão amenizar esses conflitos, tais como:

- Realizar reuniões com os pais para expor os objetivos, os conteúdos e a forma como estes serão desenvolvidos na escola;

- Seria interessante que a escola dispusesse de educadores sexuais experientes para assessorar os professores;

- Promover a discussão “dos fatos geradores de medo, durante processos de formação em grupo de estudos, por exemplo, possibilita que os professores expressem e lidem com este sentimento” (FIGUEIRÓ, 2009, p.107).

A professora denominada P8 afirma ter dificuldades com o material didático e se enquadra também na subcategoria 1.3 ao relatar problemas com os pais, caso utilizasse alguns materiais cedidos pelo governo, como demonstra o fragmento de resposta.

> *Eu tenho dificuldades no material didático, e acho que a gestão não ajuda muito, o colégio repreende muito o ensino da Educação Sexual, já vi aquela cartilha do MEC e não aceitaria ensinar com ela, os pais me dariam trabalho. Dá a impressão que estou induzindo meus alunos ao sexo (P8).*

Em relação aos conteúdos de sexualidade nos livros didáticos, o PNLEM (Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio) deixa claro que as obras devem respeitar a laicidade do ensino público, não podendo ser privilegiado “um determinado grupo, camada social ou região do País; veicular preconceitos de origem, cor, condição econômico-social, etnia, gênero, orientação sexual, linguagem ou qualquer outra forma de discriminação” (BRASIL, 2006, p.14-15).

Em relação aos livros didáticos da disciplina de Ciências do estado do Paraná, Bonfim (2009) afirma que os conteúdos presentes nesses livros correspondem a aspectos biológicos, médicos-higienistas. Não são abordados conteúdos relacionados à diversidade sexual.

Três professoras (P6, P7 e P11) relatam que não têm dificuldade em desenvolver a Educação Sexual na escola. Os fragmentos de respostas comprovam tal afirmação.

> *No meu ambiente de trabalho, o que acontece, muitas vezes para trabalhar este tema, você precisa trabalhar com algo que chame a atenção, com a internet, muitas coisas eles já sabem, mas nem sempre de forma correta, agora em relação à equipe pedagógica e direção, como já passei por muitos colégios, entre sim e não, posso dizer que a maioria não se mostrou resistente, pelo contrário, eles até gostam, incentivam, apoiam bastante (P6).*
>
> *Olha, eu acredito que não, a equipe pedagógica apoia, mesmo porque é uma lacuna muito grande, o colégio não sabe como tratar, e a direção juntamente com a equipe não tem como fazer isso sozinho, e como eles sabem que muitos professores não trabalham o assunto, então quando queremos trabalhar eles apoiam (P7)*
>
> *Não, em nenhum quesito (P11).*

As falas dessas professoras nos motivam, pois sabemos das dificuldades encontradas por alguns professores interessados em promover a Educação Sexual, mas que infelizmente não possuem apoio da gestão escolar e/ou dos pais. Dessa forma, concordamos com Lück (2000), que considera o gestor escolar como dinâmico, que se preocupa com o caráter social da escola que dirige e articula a diversidade. Para Oliveira e Alencar (2010, p.246), “o bom gestor deve ter uma visão da escola inserida em sua comunidade, a médio e longo prazo, com horizontes largos, e ainda compartilhar o poder e a tomada de decisões de forma coletiva”.

Duas professoras (P1 e P5) e um professor (P3) expõem que a dificuldade encontrada por eles está relacionada à imaturidade dos alunos, como descrevem os fragmentos a seguir.

> *[...] o desrespeito entre eles e o falar o sexo de maneira explícita me incomoda, acho ofensivo e degradante, mas não me intrometo, o fato de ter que explicar sobre sexo oral, anal, por exemplo, os alunos são muito imaturos, fazem gracinha, tiram sarro e tenho dificuldade em lidar com isso (P1).*
>
> *[...] tem aluno que você vai falar assim, "pessoal, semana que vem vamos falar sobre a sexualidade", tem aluno que vai na internet e já pesquisa bastante coisa, então, tem aluno que já sabe muito, antes mesmo de você dar aquela aula. Aí tudo bem, eu aprovo isso porque o aluno está adquirindo conhecimento, já tem outros alunos que fazem isso, por exemplo: você começa a falar sobre uma doença, não tem interesse nenhum, só que ele começa a tirar sarro, aí tem o aluno, por exemplo, o amiguinho do lado, vai e faz uma pergunta importantíssima, que você quer responder, a sala começa a dar risada, o cara já não pergunta mais nada... Então é tipo assim, uma dificuldade por essa razão, acredito (P3).*
>
> *Olha, eu acho eles muito imaturos para falar de sexo. Isso é uma dificuldade para mim, dá a impressão de que você é uma profissional do sexo, sabe. Eles te olham assim (P5).*

Esse resultado vem ao encontro dos indicados por Paes, Favorito e Gonçalves (2015), que questionaram 21 professoras de ensino fundamental de Pires do Rio – Go. Nesse estudo, as professoras afirmaram que, dentre os principais fatores que dificultam a Educação Sexual na escola, é a imaturidade dos alunos. Assim, os autores ressaltam que

> É preciso entender que a educação sexual não se restringe a uma faixa etária específica, haja vista que a sexualidade é um componente integrante da vida de qualquer ser humano e aflora sob diferentes formas, contextos e práticas ao longo da vida. É importante ressaltar, ainda, que independente da faixa etária, as crianças querem e necessitam receber informações sobre os vários aspectos ligados à sexualidade para que possam ter uma vivência positiva e harmoniosa (PAES; FAVORITO; GONÇALVES, 2015, p.74).

Outra dificuldade apontada em nossa pesquisa foi a falta de apoio da equipe pedagógica, citada por duas professoras (P1 e P9) e um professor (P10), como descrito nos fragmentos a seguir.

> *[...] vejo que falta interesse até da própria equipe pedagógica que se preocupa com outros temas como inclusão, dengue, afro, e se esquece da sexualidade [...] (P1).*
>
> *Sim. Dificuldade de não querer enxergar que tem um problema e ele necessita ser solucionado até mesmo dentro da instituição. Algumas pessoas tiveram uma criação tão fechada que não conseguem nem abordar (falando de graduação pra graduação), elas não conseguem abordar esse tipo de assunto, fecha a cabeça, e não entendem o que se passa com os problemas de dentro da própria escola [...] (P9).*
>
> *Olha, de colégio pra colégio pra colégio, sim. Eu acho que varia muito já com o costume que vem da escola, a metodologia que a escola trabalha, eu acho que algumas dão mais liberdade pra gente trabalhar, algumas equipes pedagógicas, às vezes até pelo fato de algumas pedagogas terem alguma formação do lado biológico, acho que pode contribuir pra deixar a gente trabalhar mais abertamente, eu acho que quando nós temos uma equipe pedagógica mais fechada, mais reservada, eu acho que a gente encontra um pouquinho de dificuldade, chegam a falar "ó professor, eu acho que isso aí não é adequado" (P10).*

Entendemos que se o professor não tem o apoio da equipe pedagógica para trabalhar um determinado tema, ele se sentirá desestimulado a fazê-lo, o que poderá comprometer a sua prática.

4.2.12 Categoria Desempenho dos alunos em relação à aprendizagem sobre Educação Sexual

Esta categoria ensejou investigar a visão dos entrevistados acerca de suas próprias experiências docentes. Para tal, questionamo-los sobre de que forma percebem a aprendizagem de seus alunos sobre a Educação Sexual. Conforme podemos observar no quadro 15, essa categoria originou duas subcategorias.

Quadro 15 - Subcategorias e unidades de análise sobre desempenho dos alunos em relação à aprendizagem sobre Educação Sexual

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	Nº DE UNIDADES DE ANÁLISE
12 – Desempenho dos alunos em relação à aprendizagem sobre Educação Sexual	1.1 Aprendizagem Superficial ou imediatista	P1, P2, P3, P5
	1.2 Aprendizagem significativa	P4, P6, P7, P8, P9, P11

Fonte: Elaborado por Magalhães (2015).

Como se pode observar no quadro 15, os professores P1, P2, P3 e P5 acreditam que seus alunos aprendem Educação Sexual apenas de forma superficial ou imediatista, conforme mostram os fragmentos de respostas.

> *Como docente, eu acredito que tenha ocorrido uma aprendizagem superficial, eles acreditam que sabem, mas não sabem [...] (P1).*
>
> *Ai... de forma bem informal... um projeto específico eu não tenho. O pouco que eu trabalho, acredito que o aluno tenha um aprendizado imediatista, ele pergunta, eu respondo se sei, e pronto. Só isso (P2).*
>
> *Bom, da parte biológica acho que sim, mas sexualmente eu não sei. Se eles sabem, aprendem em casa ou pela internet daí (P5).*

A aprendizagem superficial é aquela considerada quando há apenas a memorização de informações, nesse caso, como sendo um requisito de tarefa ou discussão. Não havendo uma reflexão sobre o motivo da aprendizagem, ou os propósitos da mesma, o foco é colocado em elementos que ficam soltos e não se integram aos conteúdos. Por exemplo, em relação ao processo de respiração humana, o aluno “tem que saber descrevê-lo, tem que saber os nomes dos principais órgãos envolvidos, mas não faz contato com a importância de uma respiração plena para sua qualidade de vida” (SANTOS, 2013, p.5).

Santos (2013, p.5) afirma também que os enfoques dados ao tema de ministração se aplicam à forma como o professor aborda o conteúdo, e não como o estudante o concebe. Assim, “um aluno pode modificar seu enfoque de uma tarefa para a outra ou de um professor para o outro, embora sejam observadas tendências para o uso de enfoques profundos e superficiais”. O

que irá determinar seu empenho é a disponibilidade interna para que ocorra a aprendizagem.

Seis professoras (P4, P6, P7, P8, P9, P11) e um professor (P10) acreditam que ocorre a aprendizagem significativa da Educação Sexual, conforme podemos observar nos fragmentos de respostas.

> *Os meus sim (risos), os meus sim... (a entrevistada está se referindo aos seus alunos, que eles, sim, aprendem) (P4).*
>
> *Eu acho que está bom, procuro deixar em aberto para que tirem dúvidas, então acho que eles aprendem bem (P6).*
>
> *No geral, eu poderia falar por mim, eu trabalho a Sexualidade de uma maneira geral, acredito que eles entendam, geralmente eu puxo um assunto de acordo com um fato ocorrido, desta forma eu percebo que eles aprenderam a partir do momento em que não fazem aquilo que antes era errado e faziam (P7).*
>
> *Pensando em mim, nas minhas aulas e de alguns colegas que converso, eu acredito que esteja sendo proveitoso, lógico que não soluciona cem por cento do problema, mas eu vejo que eles já se sentem mais seguros, já não é mais um tabu, dá para ver no rosto deles a satisfação, principalmente quando é dito algo que nunca seria tratado em casa, eles se sentem mais confiantes, eu sinto que a grande maioria fica esclarecida com a aula (P8).*
>
> *Olha, eu acho sim. Eles já vêm com uma ideia formada, porque a tecnologia é muito prática hoje, né [...] (P10).*
>
> *Eu acho que hoje em dia, sim [...]. Nos debates, nos diálogos que a gente têm, eu vejo assim que eles não têm mais aquela opinião tão infantilizada, ou não têm preconceitos [...] (P11).*

Santos (2015) relaciona a aprendizagem significativa quando a intenção dos alunos é compreender o objeto de estudo e construir uma aprendizagem de forma que relacionem o conteúdo ministrado pelo professor às aprendizagens ocorridas anteriormente. Assim, levam em conta também suas vivências pessoais, o que lhes permite compreender o assunto. A aprendizagem significativa ocorre, então, “quando há a intenção de compreender o conteúdo e, por isso, há forte interação com o mesmo através

do constante exame da lógica dos argumentos apresentados" (SANTOS, 2015, p.6). O autor questiona, então:

> O que faz com que um aluno mostre maior ou menor disposição para a realização de aprendizagens significativas? Digamos que é um misto de condições que pertencem ao universo do aluno e questões que pertencem a própria situação de ensino, ao "contexto físico" da aprendizagem, que é resultante da pré-disposição do professor em promover uma aprendizagem superficial ou profunda (SANTOS, 2015, p.6).

Para promover uma aprendizagem significativa, é necessário organizar-se de maneira motivadora, desafiadora, para que os alunos sejam despertados para o universo do conhecimento (SANTOS 2015).

4.2.13 Categoria Visão sobre o tema Orientação Sexual recomendado nos PCN

Esta categoria reúne algumas considerações apresentadas pelos professores acerca de como deve ser abordado o tema Orientação Sexual, levando em conta as recomendações dos PCN, conforme indicado no quadro 16.

Quadro 16 - Subcategorias e unidades de análise em relação ao tema Orientação Sexual recomendado nos PCN

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	Nº DE UNIDADES DE ANÁLISE
13 – Visão sobre o tema Orientação Sexual recomendado nos PCN	1.1 Como um tema transversal	P2, P7
	1.2 Confusão entre os PCN e as DCE	P6
	1.4 Não se lembram	P1, P3, P4, P5, P8, P9, P10, P11

Fonte: Elaborado por Magalhães (2015).

Somente dois professores (P2 e P7) afirmaram que os PCN recomendam a abordagem do tema de forma transversal, como podemos observar nos fragmentos de respostas a seguir.

> *Já na época da faculdade, vi os temas transversais e me lembro que sexualidade era um deles, e que teria que ser trabalhado por todas as disciplinas [...] (P2).*

> *Já li (os PCN) mas não inteiro, sei que aborda a Sexualidade de maneira transversal. [...] transversal é*

> *tudo aquilo que pode ser trabalhado por todas as disciplinas, envolve o social, o respeito (P7).*

A Orientação Sexual, tema sugerido pelos PCN, pretende promover a reflexão, sendo tratado por diversas áreas do conhecimento. Sua abordagem deve ocorrer de duas maneiras. “Dentro da programação, através de conteúdos transversalizados nas diferentes áreas do currículo, e como extraprogramação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema” e devem ser constituídos em torno dos seguintes eixos norteadores: “Corpo: matriz da sexualidade”, “Relações de gênero” e “Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis/AIDS” (ALTMANN, 2001, p. 580).

Lira e Jofilli (2010) realizaram um estudo com 6 professores de Recife. Esse estudo assemelha-se ao nosso, pois aponta que somente um professor aborda o tema conforme os parâmetros transversais. Observou-se que a maioria desses professores é consciente dessa necessidade, porém não a coloca em prática. Devido ao fato de a Educação Sexual ser um tema de caráter social, a transversalidade possui um compromisso interpessoal e social, “a fim de que haja uma coerência entre os valores experimentados na vivência que a escola propicia aos alunos e o contato intelectual” com os mesmos (LIRA, JOFILLI, 2010, p. 38).

Em nosso estudo, observamos também que um dos professores entrevistados confundiu os PCN com as DCE, como podemos observar na fala do entrevistado P6.

> *Olha, eu procuro estar fazendo meu PTD de acordo com o que está sendo solicitado ali, mas é claro que não sigo à risca devido ao tempo para aplicar o conteúdo, devido à turma, mas a estrutura eu sei. [...] mecanismos biológicos, biologia celular, matéria, energia (P6).*

Quanto a essa confusão, acreditamos que seja em função do desconhecimento dos PCN, ou até mesmo por uma confusão entre as siglas PCN e PTD (Plano de Trabalho Docente). Apesar de a confusão de siglas ser pouco provável, o planejamento de conteúdos por parte dos professores deve ser construído conforme as DCE do Estado do Paraná e também de acordo

com os PCN, haja vista que Orientação Sexual trata-se de um tema transversal e deve ser abordado por todas as disciplinas.

Lira e Jofilli (2010) também observaram em seu estudo o desconhecimento das recomendações dos PCN em relação à Orientação Sexual por parte dos 6 professores entrevistados. Entre as afirmações desses professores, destacam-se: os PCN não fazem parte da prática pedagógica do professor; são considerados sem objetividade e clareza; não despertam interesse aos professores; metade dos entrevistados – 3 (três) – desconhece a orientação sexual como um tema transversal nos PCN.

Ainda em relação aos PCN, observamos em nossa pesquisa que a maioria dos professores entrevistados, ou seja, 8 (oito) deles (P1, P3, P4, P5, P8, P9, P10, P11) afirmaram não se lembrar das propostas contidas nos PCN, como demonstram os fragmentos de respostas.

> *Olha, na verdade, ele fala, não vou lembrar as palavras certinhas, mas ele fala das doenças, prevenção, tratamento, o quê que isso influencia no cotidiano do aluno, eu estava atrás de ciências, mas não me lembro, porque, claro, já faz muito tempo que eu li. Mas antes mesmo de eu dar aula, eu já peguei o PCN, já dei uma lida né, pra ver como eu ia trabalhar com os meus alunos, aí fala de abordagem, como você deve abordar o aluno, tal, e é mais ou menos por aí, né. E pra falar exatamente, eu não vou lembrar (P3).*
>
> *Ai... eu até li já... Eu até já fiz um trabalho, eu citei uma fala do PCN, mas eu não me lembro. De verdade, não me lembro. Eu li o PCN quando eu fiz esse trabalho de faculdade, mas eu não me lembro (P4).*
>
> *PCN eu já ouvi falar, mas nunca estudei ou li (P5).*
>
> *Sim, li várias vezes, mas não me lembro do que trata, eu lembro que trata as DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis), mas o restante, não (P8).*
>
> *Eu não me lembro agora no momento (P9).*
>
> *Eu li, mas eu não me recordo certinho, por onde que eles seguem (P10).*

Pelo teor das falas desses entrevistados, eles não conhecem o que ditam os PCN em relação ao desenvolvimento da Educação Sexual. Já até leram partes desse material no contexto de atividades acadêmicas, mas afirmam não se lembrar de mais nada.

Com base nos resultados de nossa pesquisa e nos estudos de Lira e Jofilli (2010), ressaltamos a importância da formação continuada, que se comprometa com o estudo dos PCN, assim como de outros documentos norteadores do currículo escolar.

4.2.14 Categoria Influência dos PCN na prática do professor

Com o objetivo de verificar a influência que os PCN exercem na prática dos professores entrevistados, solicitamos para que os professores relatassem se desenvolviam totalmente ou em parte as orientações sugeridas por tal documento quanto à Orientação Sexual. O quadro 15 indica os resultados encontrados.

Quadro 17 - Subcategorias e unidades de análise sobre a influência dos PCN na prática do professor

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	Nº DE UNIDADES DE ANÁLISE
14 – Influência dos PCN na prática do professor	1.1 Nenhuma	P2, P4, P6, P10,
	1.2 Pouca	P1, P3, P5, P7, P8, P9, P11

Fonte: Elaborado por Magalhães (2015)

Conforme podemos observar nesse quadro, 4 (quatro) professores afirmam que os PCN não exercem influência alguma em suas práticas, como ilustram os fragmentos de respostas.

> *Não, acho que não, eu trabalho mais o que contemplam as diretrizes. Na verdade, eu nem sei como deveria ser trabalhado. É que eu não me lembro quais são as recomendações do PCN (P2).*
>
> *[...] Eu procuro pegar alguns conteúdos que a gente trabalha mais no vestibular, [...] por que, na verdade, a sexualidade é uma orientação maior. Então, eu pego algumas aulas e tiro dúvidas, eu deixo aberto [...] quando a gente fala nesse assunto. "Pessoal, qualquer dúvida eu estou aqui, pode me chamar num canto, me ligar,*

> *qualquer dúvida eu ajudo se possível". Agora eu trabalho menos, sim, porque eu me volto mais à preparação (P10).*

Como pode ser visto, são as diretrizes que balizam o trabalho dos professores, de acordo com o professor P2. E ainda existem professores que estão mais preocupados em preparar os alunos para o vestibular, como no caso do professor P10.

Sete professores do grupo pesquisado (P1, P3, P5, P7, P8, P9, P11) consideram que os PCN exercem pouca influência em seu trabalho com os alunos, como retratam alguns dos fragmentos de respostas.

> *Eu acredito que em partes, por conta do tempo, mas quando surgem as dúvidas eu tento associar, depende muito do ano que a turma está. Procuro trabalhar a parte fisiológica e social, porque não tem como não falar (P1).*

> *Então, a turma que é mais interessada, você consegue falar mais, você consegue explicar melhor [...] eu não posso falar que são 100% em todas, por exemplo, "ah eu consegui trabalhar todo o PCN relacionado à sexualidade nessa turma, consegui trabalhar, nessa não", então varia muito de turma pra turma. Posso dizer que assim, já consegui. Teve uma turma que eu consegui, mas eu não vou dizer pra você que não são todas, não (P3).*

> *Em partes... Eu acredito que é um tema tão amplo que totalmente eu não sei se um dia eu vou conseguir, claro que eu gostaria de trabalhar integralmente tudo o que diz o PCN, mas a grade curricular contempla duas aulas semanais, é tanta coisa que recai sobre a disciplina que muitas vezes não conseguimos nem ao menos contemplar o conteúdo específico da disciplina. Não tem tempo hábil para isso (P7).*

> *Acredito que sim, em partes, explico bem os órgãos reprodutores, e as doenças (P8).*

> *[...] a parte de biologia, desde a parte mecânica e funcional, fisiológica, anatômica, até a parte prática e também psicológica, e emocional da sexualidade. Isso é abordado (P9).*

Ao analisarmos as falas desses entrevistados, percebemos que os professores consideram os PCN muito abrangentes em relação à Educação Sexual. Eles afirmam desenvolver apenas algumas partes dessa Educação Sexual, limitando-se mais aos aspectos biológicos, justificando o fato de a carga horária ser insuficiente, embora o professor P1 afirme abordar também o aspecto social.

É compreensível que os PCN tenham pouca ou nenhuma influência na prática dos professores pesquisados, pois ficou evidente, na categoria anterior, que eles desconhecem o teor do referido documento, particularmente no que diz respeito ao eixo temático Orientação Sexual.

Devido ao fato de a Educação Sexual ser um tema amplo, polêmico, plural, demarcado pela história, pela cultura e pela configuração social, os PCN indicam que o mesmo não só pode, mas deve ser tratado em momentos e disciplinas distintas, ou seja, deve "ser incorporado nas áreas já existentes e no trabalho educativo da escola" (BRASIL, 1998, p.17); afinal, "[...] sua complexidade faz com que nenhuma das áreas, isoladamente, seja suficiente para explicá-los; ao contrário, a problemática dos temas transversais atravessa os diferentes campos do conhecimento." (BRASIL, 1998, p.26).

Rufino et al (2013, p. 987), em uma pesquisa envolvendo 29 professores de 3 escolas estaduais de Goiânia-Go, concluíram que o professor precisa mobilizar o ambiente escolar com "capacidade de articular conteúdos e criar contextos pedagógicos adequados para reflexões e debates de ideias [...] deve estar em constante processo de atualização [...], por meio de educação continuada". Do total de entrevistados por esses autores, 89,6% afirmaram ter dificuldade e necessidade de capacitações. "Em relação a métodos e recursos para capacitações citaram que necessitam de tempo e planejamento para se capacitarem, assim como materiais didáticos" (RUFINO et al, 2013, p. 988).

Novamente, queremos reforçar a necessidade da formação continuada de professores, pois, por meio desta, muitos professores poderão refletir sobre questões inerentes a sua prática. E, em específico sobre o tema Educação Sexual, pode ser uma oportunidade para os professores conhecerem o motivo pelo qual foram implantados os PCN, bem como a necessidade da transversalidade discutida nesse documento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para as nossas considerações finais, nos pautamos em um conjunto de ideias, concepções e práticas reveladas pelos professores pesquisados por meio das entrevistas. Além de reflexões suscitadas no embasamento com autores que se dedicam ao estudo da Educação Sexual, objeto deste estudo.

Nesta pesquisa, propusemo-nos a investigar se professores de Biologia são preparados para desenvolver a Educação Sexual e como a desenvolvem na prática. Assim, no contexto da coleta e análise dos dados, buscamos responder a questão: A Educação Sexual no Ensino Médio vem sendo tratada pelos professores de Biologia sob os aspectos plurais de maneira cultural, social e biológica?

A partir da análise dos dados obtidos e do diálogo com os referenciais teóricos, identificamos as ideias e compreensões dos professores pesquisados a respeito de: responsabilidade da escola no desenvolvimento da Educação Sexual; compreensão sobre sexo e sexualidade; dificuldades para desenvolver a Educação Sexual na escola; visão sobre o tema Orientação Sexual recomendado nos PCN; e influência dos PCN na prática pedagógica do professor, entre outros aspectos.

Quanto à Educação Sexual recebida pelos professores pesquisados durante a formação escolar, pode-se constatar que esta foi muito mais voltada aos aspectos biológicos, com ênfase nos temas DSTs, gravidez precoce e transformações do corpo na fase da puberdade.

Com relação à responsabilidade da escola no desenvolvimento da Educação Sexual, nove dos professores concordam que a escola deve se responsabilizar pela Educação Sexual dos seus alunos, complementando ou suprindo as recebidas já no seio familiar.

No contexto dessa responsabilidade atribuída à escola para promover a Educação Sexual, pode-se identificar que algumas professoras entre os pesquisados apresentam uma visão tradicionalista de ensino, pois afirmam que a escola tem a função de explicar e informar sobre educação sexual. Ou seja, concebem que os professores são os detentores do conhecimento, que deve ser transmitido e não construído pelos alunos.

Sabemos que as concepções do professor podem influenciar, ou mesmo determinar, o trabalho que desenvolve em sala de aula. No caso da educação sexual, esta deve ser construída pelos alunos por meio de debates, reflexões ou outras formas que os mobilizem no processo. Assim, acreditamos que a prática desses professores relacionada à educação sexual esteja um tanto quanto comprometida.

Quanto à concepção que os professores possuem sobre o significado dos termos sexo e sexualidade, podemos afirmar que nenhum dos participantes considera os termos como sinônimos, e apesar de não citarem amplamente o significado desses termos, consideram Sexo como ato ou relação sexual, e Sexualidade como uma manifestação comportamental, um período de descoberta, maturidade e orientação sexual. Sobre sexualidade, percebemos que alguns professores ainda substituem em seu vocabulário o termo Orientação Sexual por opção sexual, sugerindo, neste caso, a orientação sexual como uma escolha.

Em relação à Educação Sexual desenvolvida na formação Inicial dos professores entrevistados, percebemos que ela está atrelada ao modelo médico-biologista. Tanto que as estratégias didáticas relacionadas ao ensino dessa temática, vivenciadas por apenas seis dos onze participantes, foram o uso de maquetes, kits de contracepção e seminários.

No que diz respeito às dificuldades para desenvolver o tema Educação Sexual, os professores apontaram a incompreensão dos pais, a imaturidade dos alunos e a falta de apoio da equipe pedagógica. Mesmo com tais dificuldades, sete dos professores disseram se sentirem totalmente confortáveis para abordar a temática em sala de aula. E seis dos professores afirmaram que conseguem promover aprendizagem nos seus alunos sobre Educação Sexual.

Sobre a pouca ou nenhuma influência dos PCN na prática desses professores, consideramos isso compreensível, tendo em vista o desconhecimento deles sobre o teor do documento, principalmente, com relação ao eixo temático Orientação Sexual.

Podemos perceber que ainda há um longo caminho a ser trilhado para a formação inicial do professor de Biologia e Ciências, no que diz respeito ao

desenvolvimento de uma Educação Sexual que considere os aspectos sociais, psicológicos, afetivos, culturais, além do biológico.

Considerando o ser humano como elemento principal das propostas educativas, e a Educação Sexual como um direito humano, que gera aceitação, criticidade, solidariedade, não podemos pensá-la dissociada da realidade social e cultural dos sujeitos.

Embora, parte dos professores pesquisados se sinta comprometida com a Educação Sexual dos educandos, podemos inferir que todos ainda carecem de uma formação mais ampla que os capacite a desenvolver a Educação Sexual, não só pautada nos aspectos biológicos, mas também nos aspectos sociais, culturais, psicológicos e afetivos, entre outros. Assim, vemos a necessidade de se repensar os currículos dos cursos de Biologia e Ciências com vistas à melhoria da prática pedagógica dos professores.

Outra sugestão seria o investimento em pesquisas, tanto na formação inicial como continuada de professores, de forma a superar sua falta de preparo, garantindo, assim, o desenvolvimento de alternativas condizentes com as recomendações dos PCN. Quem sabe chegaremos, em um futuro próximo, a desenvolver na escola uma Educação Sexual emancipatória que garanta aos indivíduos o exercício de uma sexualidade plena, com capacidade de tomar decisões coerentes quanto a si e ao seu corpo, respeitando também o outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, I. (ORG.) - **Formação reflexiva de professores** – estratégias de supervisão. Editora Porto. Porto, Portugal, 1996.

ALTMANN, H. Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Florianópolis: **Revista Estudos Feministas**, vol.9, n.2, 2001.

ALTMANN, H. Educação sexual na escola: o conhecimento como critério de verdade. **Instrumento.** Vol. 12, p. 137-145, jul./dez 2010. Disponível em: http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/revistainstrumento/article/viewFile/943/805. Acesso em: 12 de Novembro de 2015.

ALMEIDA FILHO. N. de. **Protopia:** universidade nova (Capítulo final do livro Universidade Nova: Textos Críticos e Esperançosos. Brasília/Salvador, co-edição Editora UnB e EDUFBA, 2008.

AZEVEDO, F. **A transmissão da cultura.** São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL, 1976.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

BERALDO, F. N. de M. Sexualidade e escola: espaço de intervenção. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)** [online]. 2003, vol.7, n.1, pp. 103-104. ISSN 1413-8557.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade:** Tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1976

BIZZO, N. **Ciências Biológicas.** Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/07Biologia.pdf> Acesso em 17 de Julho de 2014.

BONFIM, C. R. de S. **EDUCAÇÃO SEXUAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES:** da educação sexual que temos à educação que queremos. João Pessoa: Editora Universitária Da UFPB, 2010.

_____. **Educação Sexual e Formação de Professores de Ciências Biológicas:** contradições, limites e possibilidades. (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: Unicamp, 2009.

BOZON, M.; GIAMI, A. Les scripts sexuels ou la mise en forme du désir – présentation de l'article de John Gagnon. **Actes de la recherche en sciences sociales**, Paris, n.128, p.68-72, juin. 1999.

BRAGA, A.V. Temas transversais identidade sexual e cultura escolar: uma crítica à versão de sexualidade contida nos PCNs. **Revista Iberoamericana de Educación**. n.º 40, v.2 – 10 de octubre de 2006.

BRAGA, P. D.; MOLINA, M. del C. B.; FIGUEIREDO, T. A. M. de. Representações do corpo: com a palavra um grupo de adolescentes de classes populares. **Ciência & Saúde Coletiva,** 15(1):87-95, 2010.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação – LDB/ 9394/96.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em 16 de Janeiro de 2016.

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).** Primeira publicação em 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=859&catid=195%3Aseb-educacaobasica&id=12640%3Aparametros-curriculares-nacionais1o-a-4oseries&option=com_content&view=article> Acesso em 10 de Julho de 2014.

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação – LDB/ 9394/96.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> Acesso em 10 de Julho de 2014.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000 v.10

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília, 1998.

BRÊTAS, J. R. da S. **Sexualidades.** São Paulo: All Print Editora, 2011.

CARVALHO, A. M. P. de. e GIL-PÉREZ, D. A formação de professores de ciências. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CARVALHO, F. A.; BERTOLLI-FILHO, C. Sexualidade e educação sexual: enunciações e dispositivos nos contextos de ensino de ciências. 2011. Disponível em: <www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R1652-1.pdf> Acesso em: 12 de Janeiro de 2016.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual:** essa nossa (des)conhecida. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CUNHA, L. A. **A Universidade Temporã. O Ensino Superior da Colônia à Era Vargas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

DIAS, S.; QUEIRÓS C. **A influência dos traços de personalidade no burnout dos Professores**. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia Universidade do Minho, Portugal, 4 a 6 de Fevereiro de 2010.

DUSO, L. **O uso de modelos no ensino de Biologia.** XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012.

EGYPTO, A. C., (org.). **Orientação sexual na escola:** um projeto apaixonante. 2ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FÁVERO, M. L.A. **Vinte e cinco anos de reforma universitária:** um balanço. In: MOROSINI, M. C. (Org.) Universidade no Mercosul. São Paulo: Cortez, 1994, p 149- 177.

_____. **Universidade e Poder. Análise Crítica/Fundamentos Históricos (1930-45)**. 2. ed. Brasília: Plano, 2000.

_____. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 17-36, 2006. Editora UFPR.

FRANCA, L. **O Método Pedagógico dos Jesuítas.** Rio de Janeiro: Agir, 1952.

FOUCAULT, M. (1976). **A História da Sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **A formação de educadores sexuais.** Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2004/anaisEvento/Documentos/MR/MR-CI0163.pdf> Acesso em: 14 de dezembro de 2015.

_____.**Educação Sexual:** retomando uma proposta, um desafio. 3ed. Londrina: Eduel, 2010.

_____. Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (org.). **Educação sexual:** múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: UEL, 2009.

_____. **A formação de educadores sexuais:** adiar não é mais possível. Campinas/SP: Mercado de Letras; Londrina/PR: EDUEL, 2006.

_____. **Educação Sexual:** retomando uma proposta, um desafio. 2ed. Londrina: Eduel, 2001.

FLORES, A. M. P. **Sexualidade:** representações de professores do Ensino Médio. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Maria-RS. 2004.

FREIRE-MAIA, N. **A Ciência por dentro**. 6 ed. Vozes: Petrópolis, Rio de Janeiro, 2000.

FURLANI, J. **Educação Sexual na sala de aula:** relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GALINDO. W. C. M. A Construção da Identidade Profissional Docente. **PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO,** 2004, 24 (2), 14-23

GARCIA, L. A. M. **Transversalidade e Interdisciplinaridade.** Disponível em: <file:///E|/eeij2007/educação/4%20pilares/infoutil.org/4pilares/text-cont/garcia-transversalidade-print.htm> Acesso em 05 de Julho de 2014.

GATTI, B. A. **Formação de professores para o ensino fundamental: estudo de currículos das licenciaturas em pedagogia, língua portuguesa, matemática e ciências biológicas** / Bernardete A. Gatti; Marina Muniz R. Nunes (orgs.) são Paulo: FCC/DPE, 2009.

GONÇALVES, J. H. FALEIRO, G. MALAFAIA. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **HOLOS**, Ano 29, Vol. 5 . 2013.

GUIMARÃES, I. **Educação sexual na escola:** mito e realidade. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

HILSDORF, M. L. S. **História da educação brasileira:** leituras. São Paulo: Thomson Learning Edições, 2006.

INEP/MEC. **Censo da educação superior:** resumo técnico de 2013. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2014/coletiva_censo_superior_2013.pdf > Acesso em: 14 out 2015.

JARDIM, D. P.; BRÊTAS, J. R. da S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira - SP **Rev Bras Enferm** 2006 mar-abr; 59(2): 157-62.

LANDAU, E. **A coragem de ser superdotado.** Tradução: Sandra Miessa; São Paulo; Arte e Ciência, 2ed, 2002.

LASSANCE, M. C.; GROCKS, A.; FRANCISCO, D. J. **Escolha profissional em universitários:** Estilo de escolha. Em Associação Brasileira de Orientadores Profissionais (Org.), I Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional e Ocupacional. São Paulo: ABOP. (1993).

LEDESMA, M. R. K. **Evolução histórica da educação brasileira:** 1549-2010. Guarapuava: Ed. da Unicentro, 2010. (Coleção Pedagogia: saberes em construção).

LETTNER, H. W.; RANGÉ, B. P. **Manual de psicoterapia comportamental.** São Paulo: Manole, 1987. cap. 7, p.149-165.

LIMA, H. **Educação Sexual para adolescentes.** Desvendando o corpo e os mitos. São Paulo: Iglu, 1996.

LINHARES, L. L. **Paulo Freire:** por uma educação libertadora e humanista. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/729_522.pdf> Acesso em: 19 de Janeiro de 2016.

LIRA, A.; JOFILLI, Z. O tema transversal orientação sexual nos pcn e a atitude dos professores: convergentes ou divergentes? **REMPEC** Revista Eletrônica do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente. - Ensino, Saúde e Ambiente, v.3 n 1 p. 22-41 Abril 2010.

LOURO, G. L. (org). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Guacira Lopes Louro, Jeffrey Weeks, Deborah Britzman, Bell Hooks, Richard Parker, Judith Butler. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª Ed. Autêntica: Belo Horizonte, 2000.

LÜCK, E. Perspectivas da gestão escolar e implicações quanto à formação de seus gestores. **Em Aberto.** Brasília, v.17, n.72. p. 11-33, fev/jun. 2000.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, L.M.; COSTA-PAIVA, L.; OSISC, M. J.; SOUSA, M. H.; PINTO NETO, A. TADINIA, V. Conhecimento sobre métodos anticoncepcionais por estudantes adolescentes. **Revista de Saúde Pública,** 2006. 40, 1, 57-64.

MENDONÇA, A. W. P. C. Reforma Pombalina dos estudos secundários e seu impacto no processo de profissionalização do professor. **Revista Educação.** Centro de Educação, UFSM. v 30, n. 2, ed. 2005. Online. Disponível em: <http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2005/02/a2.htm> Acesso em 05 agosto 2015.

MICHELOTTO, M. R. **UFPR: Uma universidade para a classe média.** In: MOROSINI, M. C.(Org) A Universidade no Brasil: concepções e modelos. Brasília-DF: Inep, 2006, p. 73-84.

MINAYO, M. C. De S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo : Hucitec-Abrasco, 1996.

MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensões sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Rev. Esc. Enferm. USP**, 44(1):205-212, 2010.

MOREIRA, T. M. M., et al. Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. **Rev Esc Enferm** USP 2007; 42(2):312-20.

MOREIRA, J. R. **Educação e desenvolvimento no Brasil.** Rio de Janeiro: CLAPS, 1960.

NOLASCO, P. C. **Educação Jesuítica no Brasil Colonial e a Pedagogia de Anchieta:** Catequese e Dominação. Campinas: UNICAMP, 2008. Dissertação de Mestrado.

NOVAK, E. **Dificuldades enfrentadas pelos professores ao trabalhar educação sexual nas escolas.** Monografia apresentada como requisito à obtenção do título de Especialista na Especialização em Ensino de Ciências,

da Diretoria de Pesquisa e Pós-graduação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Medianeira, 2013.

OLIVEIRA, E. da L. L.; ALENCAR, E. M. L. S. de Criatividade e escola: limites e possibilidades segundo gestores e orientadores educacionais. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional,** SP. Volume 14, Número 2, Julho/Dezembro de 2010: 245-260.

PAES, D. C.; FAVORITO, A. P.; GONÇALVES, R. C. Educação sexual nas séries iniciais do ensino fundamental: o que educadoras da rede municipal de ensino de Pires do Rio (Goiás) têm a dizer? **Multi-Science Journal** 2015; 1(3):69-78 69.

PAIVA, J. M. **Colonização e Catequese.** São Paulo: Cortez, 1982.

PARANÁ – Secretaria Estadual de Educação. **DCE- Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Ciências.** 2008.

PARANÁ – Secretaria Estadual de Educação. **DCE- Diretrizes Curriculares da Educação de Biologia.** 2008.

PASQUALINI, J. C.; GARBULHO, N. F. ; SCHUT, T. Orientação profissional com crianças: uma contribuição à educação infantil. **Revista Brasileira de Orientação Profissional,** *5*(1), (2004). 71-85.

PERES, C. et al. **Fala educadora & fala educador.** São Paulo: Secretaria de Educação de São Paulo, 2000

PINHEIRO, T. de F.; PIETROCOLA, M. & ALVES FILHO, J. **Modelização de variáveis:** uma maneira de caracterizar o papel estruturador da Matemática no conhecimento científico. In: PIETROCOLA, Maurício (Org.). Ensino de Física: conteúdo, metodologia e epistemologia numa concepção integradora. Florianópolis: UFSC, p. 33-52. 2001.

QUIRINO, G. S.; ROCHA, J. B. T. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Editora UFPR. n. 43, p. 205-224, jan./mar. 2012.

RANGÉ, B. Psicoterapia comportamental e cognitiva de transtornos psiquiátricos. Campinas: **Editorial PSY,** 1995. cap. 15, p. 219-230.

REIS, M.; RAMIRO, L.; MATOS, M. G.; DINIZ, J. A. Educação sexual e estudantes do ensino superior- a importância da educação sexual e a influência da família, da escola e dos amigos na adoção de comportamentos sexuais saudáveis nos estudantes do ensino. **Revista saúde reprodutiva, sexualidade e sociedade** Nº 3, 2013 (20-27).

ROMERO, D. M. F. Tornar-se professor: reflexões sobre a construção da identidade profissional do professor do curso de magistério**. Interações: estudos e pesquisas em Psicologia**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 35-46, 1997.

ROSITO, M. M. B. **Aulas Régias:** currículo, carisma e poder - um teatro clássico? Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas - Unicamp - Faculdade de Educação, 2002.

RUFINO, A.C; MADEIRO, A. P.; GIRÃO, M. J. B. C. O Ensino da Sexualidade nos Cursos Médicos: a Percepção de Estudantes do Piauí. **REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MÉDICA** 37 (2) : 178-185; 2013.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo:** uma reflexão sobre a prática. Trad. Ernani F. da F. Rosa, Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOS, W. A. dos. Avaliação do conhecimento sobre o tema transversal "educação sexual". **Acervo da Iniciação Científica,** 2014, n.2.

SANTOS, J. C. F. O papel do professor na promoção da aprendizagem significativa. **Revista ABEU**, 2013.

SANTOS, S. M. S. dos; OLIVEIRA, M. L. F.de. Conhecimento sobre AIDS e drogas entre alunos de graduação de uma instituição de ensino superior do estado do Paraná. **Rev Latino-am Enfermagem** 2009 julho-agosto; 17(4)

SALLA, L. F.; QUINTANA, A. M. A sexualidade enquanto tema transversal: educadores e suas representações. **Revista do Centro de Educação,** 2002 - N° 19. Disponível em: <1/6coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2002/01/a8.htm> Acesso em 10 de Julho de 2014.

SAVIANI, D. **História das idéias pedagógicas no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SILVA, M. P.; CARVALHO, W. L. P. de. O desenvolvimento do conhecimento pedagógico do conteúdo de sexualidade na vivência das professoras. **Ciência & Educação**, v. 11, n. 1, p. 73-82, 2005

SILVA, T.T da; HALL, S.; WOODWARD, K. **A produção social da identidade e da diferença.** 2000 - Disponível em: <ccs.ufpel.edu.br> Acesso em: 16 de Abril de 2014.

SPARTA, M.; GOMES, W. B. Importância atribuída ao ingresso na educação superior por alunos do ensino médio. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, Ribeirão Preto, v.6, n.2, p.45-53, dez. 2005, Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v6n2/v6n2a05.pdf> Acesso em: 07 de Março de 2016.

TARTUCE, G. L. B. P.; NUNES, M. M. R; ALMEIDA, P. C. A. Alunos do Ensino Médio e atratividade da carreira docente. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.140, mai/ago. 2010.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **O perfil dos professores brasileiros:** o que fazem, o que pensam, o que almejam/ Pesquisa Nacional UNESCO, São Paulo: Moderna, 2004-74.

Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001349/134925por.pdf> Acesso em 05 junho 2014.

VALLADARES, K. K. **Sexualidade:** Professor que cala...nem sempre consente. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal Fluminense. Campo de Confluência: Linguagem, Subjetividade e Cultura, Curso de Mestrado em Educação. Niterói- Rj, 2002.

VASCONCELOS, N. **Os Dogmatismos Sexuais**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

VEIGA, C. G. **História da Educação.** São Paulo: Ática, 2007.

VEIGA, I. P. A. O seminário como técnica de ensino socializado. **Técnicas de ensino:** por que não, p. 103-113, 1993.

XAVIER, M. E. S. P. **Poder político e educação de elite.** São Paulo: Cortez, 1980.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, Política, Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

_____. **Grandezas e misérias do ensino no Brasil***.* 2 ed. São Paulo: Ática, 1997.

_____. Educação Sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? **Cadernos de pesquisa.** São Paulo (36); p.99-110,fev.1981.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Autorização para coleta de dados junto ao NRE de Apucarana

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA A CIÊNCIA E O ENSINO DE MATEMÁTICA - MESTRADO

CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS

AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS DE PESQUISA CIENTÍFICA

Prezada Senhora Maria Onide Ballan Sardinha

É com grande satisfação e respeito que gostaríamos de solicitar autorização para coleta de dados com professores do Núcleo Regional de Educação de Apucarana – Paraná.

A coleta será parte essencial da pesquisa intitulada **A Educação Sexual na concepção de professores de Biologia do Ensino Médio,** de autoria de Kécia Priscilla Palombello Magalhães, que faz parte do curso de Mestrado em Educação para a Ciência e o Ensino da Matemática, e é orientada pela professora Drª Maria Aparecida Rodrigues da Universidade Estadual de Maringá. O objetivo geral da pesquisa é identificar como os professores de Biologia promovem a Educação Sexual em sala de aula. A participação dos professores é muito importante, e ela se daria da seguinte forma: Entrevista semiestruturada destinada a 15 professores de Biologia da Rede Estadual de Ensino, pertencentes ao Núcleo Regional de Ensino de Apucarana. Serão investigadas questões relacionadas à prática e formação desses profissionais em relação ao Ensino da Sexualidade. As questões que permearão a pesquisa consistirão de perguntas abertas e objetivas. Após, além de capacitação gratuita, a pesquisadora apresentará um modelo de sequência didática cujo qual os professores terão acesso e poderão aplicá-lo em suas aulas.

Informamos que poderão ocorrer desconfortos relacionados a prática docente já que o sujeito deverá ressaltar alguns pontos da mesma por se tratar da Educação Sexual, porém, ressaltamos não ser o intuito da pesquisa bem como do pesquisador, contudo, lembramos que qualquer aspecto ou dado relacionado a prática docente que não esteja voltada a temática Sexualidade

e/ou Educação Sexual não serão utilizados nesta pesquisa. Gostaríamos de esclarecer que a participação dos professores é totalmente voluntária, podendo eles recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade dos professores entrevistados. As gravações da entrevista serão armazenadas durante o período de 1 ano e serão posteriormente apagadas.

Os benefícios esperados são o desenvolvimento do tema levando em conta as recomendações dos Planos Curriculares Nacionais (PCNs) e autores que defendem a Educação Sexual nas suas diferentes dimensões. Caso esta formação transdisciplinar for oportunizada ao aluno em todas as esferas do ensino, e lhe ocorra escolher como formação superior a Licenciatura, poderá proporcionar aos seus alunos um olhar diferenciado, promovendo um novo significado ao processo de ensino-aprendizagem.

Acreditamos que com o desenvolvimento desta pesquisa possamos promover uma melhoria na Educação Sexual, uma vez que se pretende propiciar aos professores reflexões sobre a sua prática pedagógica. Durante o andamento da pesquisa serão ofertados aos professores participantes, um curso de capacitação para a Educação Sexual nas escolas.

Caso haja mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento.

Maringá, 06 de Fevereiro de 2015.

Kécia Priscilla Palombello Magalhães
Pesquisador Responsável

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: Kécia Priscilla Palombello Magalhães

Endereço: Rua Martins, 147 – Vila Martins/ Apucarana-Pr CEP: 85.800-440

Telefones: (43) 3422-1834

(43) 9931-3279

E-mail: kecia.magalhaes@hotmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM

Universidade Estadual de Maringá.

Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM.

Bloco da Biblioteca Central (BCE) da UEM.

CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3261-4444

E-mail: copep@uem.br

Estando ciente da importância da pesquisa para o ensino, declaro estar autorizada a participação de 15 professores escolhidos aleatoriamente pertencentes à disciplina de Biologia do Núcleo Regional de Educação da cidade de Apucarana – Paraná.

Maria Onide Balan Sardinha
Chefe do NRE- Apucarana

Maria Onide Ballan Sardinha
CHEFE DO NÚCLEO REGIONAL DA EDUCAÇÃO
Decreto 84/15 - DOE - 05/01/15 - RG. 1.014.809-0
APUCARANA - PR

Apucarana, 06 de fevereiro de 2015.

APÊNDICE B – Ficha de contato dados de formação acadêmica e atuação profissional

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA A CIÊNCIA E O ENSINO DE MATEMÁTICA - MESTRADO
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS

FICHA DE CONTATO
DADOS DE FORMAÇÃO ACADÊMICA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Caro professor de Biologia!

Estamos realizando uma pesquisa que servirá de base para uma dissertação de MESTRADO EM EDUCAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A MATEMÁTICA, da Universidade Estadual de Maringá – Centro de Ciências Exatas. Para tanto, gostaríamos de contar com sua contribuição por meio de uma entrevista. Ressaltamos que o anonimato será mantido em todos os níveis de divulgação dos resultados. Caso concorde voluntariamente com este pedido, preencha os dados requeridos neste documento para posterior agendamento da entrevista.

1. NOME:.....

2.ENDEREÇO:.....

Nº.....BAIRRO:.....COMPLEMENTO.....

CIDADE.....FONE:.....

E-mail: .....

IDADE: .....

RELIGIÃO: .....

3. FORMAÇÃO ACADÊMICA:

GRADUAÇÃO:.....

INSTITUIÇÃO:.....

TEMPO DE DURAÇÃO DO CURSO.....

ANO DE CONCLUSÃO:.....

ESPECIALIZAÇÃO:

.....CONCLUSÃO.....

.....CONCLUSÃO.....

.....CONCLUSÃO.....

4. ESTABELECIMENTO(S) DE ENSINO ONDE ATUA:

.....

5. HÁ QUANTO TEMPO LECIONA.....

EM QUAIS DISCIPLINA(S):.....

6. HÁ QUANTO TEMPO ATUA NO ENSINO DE BIOLOGIA?

.....

7. POSSUI OUTRA PROFISSÃO/OCUPAÇÃO? QUAL?

.....

APÊNDICE C – TCLE- Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada **A Educação Sexual na concepção e prática de professores de Biologia do Ensino Médio,** que faz parte do curso de Mestrado em Educação para a Ciência e o Ensino da Matemática, e é orientada pela professora Drª Maria Aparecida Rodrigues da Universidade Estadual de Maringá. O objetivo geral da pesquisa é identificar como os professores de Biologia promovem a Educação Sexual em sala de aula. Para isto a sua participação é muito importante, e ela se daria da seguinte forma: Entrevista semiestruturada destinada aos professores de Biologia da Rede Estadual de Ensino, pertencentes ao Núcleo Regional de Ensino de Apucarana. Serão investigadas questões relacionadas à prática e formação desses profissionais em relação ao Ensino da Sexualidade. As questões que permearão a pesquisa consistirão de perguntas abertas e objetivas. Após apresentação e discussão de modelo de sequência didática com os professores, estes avaliarão o referido material por meio de respostas a um questionário, quanto às possibilidades de sua implementação em sala de aula.

Informamos que poderão ocorrer desconfortos relacionados a prática docente já que o sujeito deverá ressaltar alguns pontos da mesma por se tratar da Educação Sexual, porém, ressaltamos não ser o intuito da pesquisa bem como do pesquisador, contudo, lembramos que qualquer aspecto ou dado relacionado a prática docente que não esteja voltada a temática Sexualidade e/ou Educação Sexual não serão utilizados nesta pesquisa. Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. As gravações da entrevista serão armazenadas durante o período de 1 ano e serão posteriormente apagadas.

Os benefícios esperados são o desenvolvimento do tema levando em conta as recomendações dos Planos Curriculares Nacionais (PCN) e autores que defendem a Educação Sexual nas suas diferentes dimensões. Caso esta formação transdisciplinar for oportunizada ao aluno em todas as esferas do ensino, e lhe ocorra escolher como formação superior a Licenciatura, poderá proporcionar aos seus alunos um olhar diferenciado, promovendo um novo significado ao processo de ensino-aprendizagem.

Acreditamos que com o desenvolvimento desta pesquisa possamos promover uma melhoria na Educação Sexual, uma vez que se pretende propiciar aos professores reflexões sobre a sua prática pedagógica. Durante o andamento da pesquisa serão ofertados aos professores participantes, um curso de capacitação para a Educação Sexual nas escolas.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você, como sujeito de pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu,.....
(nome por extenso do sujeito de pesquisa) declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pela Profª Maria Aparecida Rodrigues por intermédio da aluna Kécia Priscilla Palombello Magalhães.

_____

Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu, Kécia Priscilla Palombello Magalhães, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

_____

Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: Kécia Priscilla Palombello Magalhães

Endereço: Rua Martins, 147 – Vila Martins/ Apucarana-Pr CEP: 85.800-440

Telefones: (43) 3422-1834

(43) 9931-3279

E-mail: kecia.magalhaes@hotmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM

Universidade Estadual de Maringá.

Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM.

Bloco da Biblioteca Central (BCE) da UEM.

CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3261-4444

E-mail: copep@uem.br

APÊNDICE D – Roteiro de Entrevista

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1- Em que momento de sua vida decidiu ser professor de Biologia? O que o atrai nesta profissão?

2- Como foi sua Educação Sexual?

3- E da parte familiar, você recebeu Educação Sexual? Fale um pouco sobre essa questão.

4- Em que momentos de sua educação escolar você recebeu embasamento sobre a sexualidade? Algum professor (a) abordou o assunto? Como? Em que série foi?

5- Você acha que é papel da escola tratar o ensino da Sexualidade ou não? Argumente sua resposta.

6- Dois termos muito usados: sexo e sexualidade. Você acha que tem diferença ou são sinônimos? Poderia esclarecer cada termo?

7- Fale-me de como foi abordada a Educação Sexual, ou mesmo alguma temática relacionada à Sexualidade no seu curso de graduação.

8- No seu curso de graduação foram abordadas estratégias didáticas para a Educação Sexual em sala de aula que contribuíram na sua formação docente?

9- Você se sente preparado para ensinar sobre Sexualidade a seus alunos?

10- Você encontra dificuldades no seu ambiente de trabalho para desenvolver a Educação Sexual com seus alunos ou acha que encontraria caso decidisse começar a desenvolver este tipo de trabalho?

11- Você vivenciou alguma situação relacionada à Sexualidade, na escola, em que teve dificuldade de lidar? Esclareça, por favor.

12- Como docente do Ensino Médio, como você acha que tem transcorrido a Educação Sexual de seus alunos? Você percebe esta aprendizagem?

13- Você já leu ou estudou o documento dos PCN que trata da Educação Sexual?

14- Você desenvolve totalmente ou em parte (ou não desenvolve) as recomendações sugeridas no PCN? Especifique.

ANEXOS

ANEXO A – Transcrição da entrevista professora P1/ 4 anos de atuação

ENTREVISTADA: P1

1- Em que momento de sua vida decidiu ser professor de Biologia? O que o atrai nesta profissão?

Assim, na verdade, eu sempre gostei dessa área de docente, mas, eu gostava mais do público infantil. Depois do ensino médio, eu optei. Não era que vinha ao longo dos anos, não iria abrir turma de Pedagogia na faculdade, me sugeriram trocar por Licenciatura em Ciências Biológicas, e foi o que fiz. Eu pensei... vou fazer uns seis meses, se eu não gostar eu paro. Comecei a fazer e gostei, vi que estava além das minhas expectativas.

2- Como foi sua Educação Sexual?

Você quer saber como os meu pais passaram para mim?

Quero saber de forma geral, como foi a sua Educação Sexual.

Dentro de casa a minha mãe era uma pessoa muito aberta, muito direta, então ela sempre conversou muito, não tinha um tabu, pelo contrário, ela sempre orientou. Na própria igreja, eu cresci em um ambiente religioso, com muitos jovens, e a pastora sempre falou sobre sexualidade fazendo analogias com a bíblia, a valorização do corpo, da virgindade até o casamento e também através da minha curiosidade, eu ia me informar, conversava com pessoas mais maduras e casadas. Agora na escola eu não me recordo, nem no ensino fundamental, nem no médio, não me lembro de palestras, vídeos ou filmes que tenha assistido. Tudo o que eu tenho de conhecimento sobre isso é de casa e da igreja mesmo.

3- E da parte familiar, você recebeu Educação Sexual? Fale um pouco sobre essa questão.

Só da minha mãe mesmo. Meu pai não falava sobre o assunto. Eu me lembro que minhas primas que eram mais velhas do que eu, iam em casa antes de casar para conversar com minha mãe e saber como era, o que tinham que fazer na lua de mel. Elas tinham receio de conversar com a própria mãe e iam procurar a minha.

4- Em que momentos de sua educação escolar você recebeu embasamento sobre a sexualidade? Algum professor (a) abordou o assunto? Como? Em que série foi?

Eu não me lembro de ter recebido esse tipo de intervenção em nenhum momento. Nem no Ensino Fundamental, nem no Médio.

5- Você acha que é papel da escola tratar o ensino da Sexualidade ou não? Argumente sua resposta.

Eu acho que sim, acho interessante porque hoje muitos pais não tem diálogo com os filhos, então já que não tem dentro do lar acho que nós professores de Biologia deveríamos explicar, mas não só pelo fato da gravidez na adolescência ou doenças, mas falar do valor, do princípio do corpo.

Você citou os professores de Biologia, você acha que a responsabilidade é de professores dessa área?

Pode ser tratada de forma multidisciplinar, mas tem questões que os professores de outras áreas não sabem responder, ai eles acabam pedindo para que os alunos recorram a nós.

6- **Dois termos muito usados: sexo e sexualidade. Você acha que tem diferença ou são sinônimos? Poderia esclarecer cada termo?**

Sexo e sexualidade? Deixa eu pensar... ah! Mais ou menos. Não sei se eu posso explicar. Assim: a sexualidade não tem haver só com o ato carnal, então eles não são sinônimos. Na minha opinião, o sexo está relacionado a uma junção carnal, e a sexualidade entra várias formas, desde o psicológico, eu diria o comportamento do indivíduo, da pessoa.

Você pode me dar um exemplo de sexualidade?

O comportamento, porque a própria palavra tem um significado que não se refere à sexo. Mas eu acho que tenha haver com a maturidade do indivíduo, sua formação, deixa eu ver se eu consigo me expressar. É um assunto bem complexo para mim. Ah, eu acredito que a sexualidade tenha haver com o próprio bem estar do indivíduo, as mudanças fisiológicas, a saúde dele.

7- **Fale-me de como foi abordada a Educação Sexual, ou mesmo alguma temática relacionada à Sexualidade no seu curso de graduação.**

Olha eu acredito que foi abordado, mas eu também não lembro de terem trabalhado algum projeto, de levarem para a escola, eu não consigo lembrar.

8- **No seu curso de graduação foram abordadas estratégias didáticas para a Educação Sexual em sala de aula que contribuíram na sua formação docente?**

Eu só lembro dos sistemas fisiológicos genitais masculino e feminino, com maquetes, só neste sentido.

9- **Você se sente preparado para ensinar sobre Sexualidade a seus alunos?**

Hoje eu me sinto, mas não cem por cento, preciso ainda me capacitar pois ainda tenho dúvidas sobre o tema.

10- **Você encontra dificuldades no seu ambiente de trabalho para desenvolver a Educação Sexual com seus alunos ou acha que encontraria caso decidisse começar a desenvolver este tipo de trabalho?**

Sim, pois vejo que falta interesse até da própria equipe pedagógica que se preocupa com outros temas como inclusão, dengue, afro, e se esquece da sexualidade, além de ter que cumprir a carga horária da disciplina, que é muito pouca na Biologia.

11- **Você vivenciou alguma situação relacionada à Sexualidade, na escola, em que teve dificuldade de lidar? Esclareça, por favor.**

Eu como professora já, mas eu não interferi. O desrespeito entre eles e o falar do sexo de maneira explícita me incomoda, acho ofensivo e degradante, mas não me intrometo, o fato de ter que explicar sobre sexo oral, anal por exemplo, os alunos são muito imaturos, fazem gracinha, tiram sarro e tenho dificuldade em lidar com isso.

Você encontra esta imaturidade mesmo no Ensino Médio?

Sim.

12- Como docente do Ensino Médio, como você acha que tem transcorrido a Educação Sexual de seus alunos? Você percebe esta aprendizagem?

Como docente eu acredito que tenha ocorrido uma aprendizagem superficial, eles acreditam que sabem, mas não sabem. Não consigo perceber esta aprendizagem, talvez pela imaturidade.

13- Você já leu ou estudou o documento dos PCN que trata da Educação Sexual?

Já. Já li, já estudei.

E você pode me dizer do que se trata?

Fala sobre o preconceito, o desrespeito, se preocupa mais com as doenças e a gravidez na adolescência. É uma preocupação numérica e não humana.

14- Você desenvolve totalmente, em parte, ou não desenvolve as recomendações sugeridas no PCN? Especifique.

Eu acredito que em partes, por conta do tempo, mas quando surgem as dúvidas eu tento associar. Depende muito do ano que a turma está. Procuro trabalhar a parte fisiológica e social, porque não tem como não falar.

ANEXO B – Transcrição da entrevista professora P2/ 13 anos de atuação

ENTREVISTADA P2

1- Em que momento de sua vida decidiu ser professor de Biologia? O que o atrai nesta profissão?

Em que momento? Bom, foi no Ensino Médio. Eu tive uma professora, ela era muito generalzona (referindo-se ao comportamento expressivo e rígido da docente). Ela foi minha professora desde a quinta série. Na época eu gostava muito da matéria, fui gostando da Biologia e fui fazer o magistério. Logo que eu terminei o magistério, fui trabalhar com a educação infantil e ai eu pensei, o que eu vou fazer agora? Faculdade de que? Na época eu nem queria muito fazer Biologia, eu queria fazer Fisioterapia, mas eu comecei a trabalhar em escola e gostei muito do ambiente escolar. Ai eu pensei, então vou fazer para Biologia que é a disciplina que eu gosto, e foi bem acertada a minha decisão, não me arrependo, gosto muito do que eu faço.

O que te atrai nesta profissão então?

O que me atrai nesta profissão é a convivência com os adolescentes, ensinar algo. Eu sei que é difícil mensurar o ensino, mas me satisfaz levar o conhecimento para os alunos, estar ensinando eles a descobrir alguma coisa. Às vezes na prova você não percebe, pois eles vão mal. Mas você olha nos olhos, o olhar curioso, ou até mesmo aquele gesto mostrando que você ajudou, tirou a dúvida. O que mais me fascina é passar para eles o que eu aprendi também.

2- Como foi sua Educação Sexual?

Minha Educação Sexual? Bom em casa, quase zero. Minha mãe nunca foi uma pessoa fechada, mas também não foi aberta**.** Onde eu tive mais contato com a Educação Sexual foi no Magistério, pois na minha turma haviam várias meninas ficando grávidas. Com isso, os professores começaram a achar um absurdo as meninas estudando para serem professoras e aparecendo grávidas, ai eles deram vários cursinhos.

O Sesi uma vez estava promovendo um cursinho sobre isso, e falaram bastante, foi a primeira vez que eu vi a questão da sexualidade fora da anatomia e Biologia, porque o básico que a gente sabia era isso. Uma professora do ano passado (2014) costumava dizer muito que a Educação Sexual era tratada somente como biologismo. Foi nesta faze que eu passei a integrar a Sexualidade com sociedade, o papel sexual, gênero, mas não envolvendo o homossexualismo, o papel do homem, da mulher**.**

3- E da parte familiar, você recebeu Educação Sexual? Fale um pouco sobre essa questão.

Minha mãe e meu pai sempre tiveram livros em casa, tinha um livro chamado Lar em Família, um livro cristão adventista. Minha mãe deixava a gente folhear, falava de sexo, mas assim, a gente perguntar ou conversar sobre isso nunca, e até hoje, nós sabemos que existe, sabemos que todos fazem mas ninguém comenta.

E na questão da primeira menstruação? Você já sabia?

Já sabia, a questão da menstruação ela (mãe) me ensinava, falou quando eu tinha uns dez anos, principalmente por questão de higiene, não deixar ninguém saber que estava menstruada, nem meus irmãos.

E como você fazia para esconder isso deles?

Ah... eu não tinha um banheiro só meu, mas a casa tinha dois banheiros, quando eu estava menstruada eu usava o banheiro do quarto dela, ai meu pai e meus irmãos tinham que usar o lavabo, era como se menstruar fosse contagioso**.**

Entendi, mais algum ente familiar participou da sua educação sexual?

Como assim?

Avós, tios...

Ah tá. Não, as primas às vezes tinham outras conversas, não sobre educação. Experiências. Era muito bom!

É não deixa de ser uma forma educativa.

Não era nada formal e nem havia ninguém impondo o que poderíamos falar ou não**.**

4- Em que momentos de sua educação escolar você recebeu embasamento sobre a sexualidade? Algum professor (a) abordou o assunto? Como? Em que série foi?

No Ensino Médio, no segundo ano de magistério, mas só nossas turmas tinham palestras, o restante da escola não tinha, acho que era pelas meninas grávidas, e aí falavam, vinham enfermeiras.

Foi só através de palestras e enfermeiras ou teve algum professor que abordou o assunto?

O que me faz lembrar deste assunto são as dinâmicas, tinha até um livro na época que o governo mandou, não sei te dizer se eles escolheram nossa turma por serem meninas, por haverem grávidas, mas tinha um livro que o governo federal mandava que tinha várias histórias em quadrinhos, nossa me lembro até hoje! era uma espécie de cartilha azul e amarela lá eles falavam de DSTs (Doenças sexualmente transmissíveis), ai eles vinham com aqueles cartazes mais horrorosos. Acho que o objetivo era chocar mesmo, mas o enfoque era o HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) e sua prevenção, era mais ou menos assim.

Certo, mas professores você se lembra?

Não, era sempre pessoal de fora, mais enfermeiros mesmo.

Mesmo com os livros escolares?

Sim, raramente um professor falava sobre isso.

5- Você acha que é papel da escola tratar o ensino da Sexualidade ou não? Argumente sua resposta.

Também da escola. Eu acho assim, hoje, existem os meios de comunicação que todo mundo está inserido que vai de uma forma ou de outra educando ou deseducando, mas a escola tem papel fundamental nesta educação junto com a família. Só que eu acho assim, a família já é muito ausente, então a gente não pode esperar muito né? Na maioria dos casos. No meu caso, eu sei que não tinha este diálogo aberto porque vinha da minha mãe, que vinha da minha avó e

que foi vindo né! (gesticula com as mãos como um retrocesso), hoje, mesmo esse assunto já não sendo um tabu, eu acho que os pais não tem tanta ligação com os filhos para ter tanta intimidade assim. Não só neste aspecto, mas em todos os outros, então para a escola é importante sim trabalhar este assunto.

Você acha que é a relação de intimidade entre pais e filhos como você me falou ou falta de conhecimento dos pais?

As duas coisas. A falta de intimidade pesa, pois o conhecimento hoje tem nos livros, revistas, internet. E não adianta falar que é pobre. Hoje em dia eles fazem dívidas para comprar celulares caros de última geração, então a informação está ai. Se tiver a necessidade e o filho vier buscar, eu acho que todo o pai se quiser ajudar ele liga na escola, conversa com o diretor e procura ajuda com o professor para ensinar.

Você acha que um aluno conseguiria se educar sexualmente sozinho?

Não, eu acredito que não, porque as informações da internet, são informações técnicas, é anatomia, fisiologia, é estático, eles acham que aprendem algo com os filmes pornográficos, mas não. É tudo muito estático, e na educação sexual a ansiedade deles é mais relacionada também no sentir, ao ser aceito, ao como que foi com o outro para saber se o que acontece com eles está dentro da normalidade. Então eu acho que tem que ser discutido para quebrar também bastante tabus na escola, sozinho não. E outra, nossos adolescentes não tem esta estrutura, eles são imaturos por natureza e o jeito da criação deles hoje não ajuda, e pela natureza do assunto também.

6- **Dois termos muito usados: sexo e sexualidade. Você acha que tem diferença ou são sinônimos? Poderia esclarecer cada termo?**

Ai meu Deus que medo! Olha, eu acho que se complementam. Acho que sexualidade é muito mais amplo que o sexo.

Certo, você consegue me explicar os dois termos?

Ai meu Deus jura? Vou ter que superar isto, vamos lá! Para mim o sexo tem a ver com o ato sexual, relacionado com tudo o que o envolve. Sexualidade tem mais a ver com expressão da pessoa, como ela vive, como ela se comporta, mais relacionado com o amplo, por exemplo, ela tem a sua sexualidade mas não está fazendo sexo, é o meu entendimento né, não sei se isso é certo ou não.

7- **Fale-me de como foi abordada a Educação Sexual, ou mesmo alguma temática relacionada à Sexualidade no seu curso de graduação.**

Na época de graduação?

Sim...

Olha eu acho que a única coisa que eu me lembro foi um teatro que a gente fez para um festival que ia ter na Universidade. Todos os cursos tinham que apresentar e a minha turma fez um teatro sobre gravidez, DSTs, essas coisas, mas não tivemos uma orientação específica. Eu acho que deveria ter tido pelo menos um módulo, umas horas destinadas a isso, porque tivemos dificuldade para demonstrar, falar e você quando é professor de biologia é incrível, eles já vem com as perguntas no bolso.

Certo, mas então, nenhum professor preparou vocês para apresentarem?
Não nenhum. Nós tivemos que nos virar.

E como fizeram?
Olhamos em livros e na internet, montamos alguns cartazes e fomos com a cara e a coragem distribuir camisinhas para a galera.

8- No seu curso de graduação foram abordadas estratégias didáticas para a Educação Sexual em sala de aula que contribuíram na sua formação docente?
Na graduação não. Agora no programa PDE sim.

Você pode me contar como foi?
Então a gente teve um módulo com uma professora e a partir dai eu vi que o que eu fazia em sala de aula não era Educação Sexual e sim biologismo puro. Ela deu um histórico do sexo, coisas que eu nunca imaginei, ela explicou alguns termos como afogar o ganso, deu um contexto para a gente e depois aplicou várias dinâmicas com o pessoal do PIBID. Primeiro fazíamos a dinâmica e depois ela explicava o fundamento daquela dinâmica, foi muito interessante, isso foi bem gostoso.

9- Você se sente preparada para ensinar sobre Sexualidade a seus alunos?
Cem por cento não, mas hoje eu me sinto mais do que uns três anos atrás, eu acredito que já tenho uma experiência a mais.

Você pode me dar um exemplo de uma aula sua? O que você abordaria?
Na verdade eu não consigo começar espontaneamente, eu iria partir do assunto do livro, provavelmente do livro didático mesmo, e a partir dali eu iria promover um debate, ou dependendo a turma, se as meninas são mais tímidas fazer a questão onde eles colocam as perguntas na caixinha... eu acho que faria mais ou menos assim. Não deixaria o biologismo, mas eu acho que enfocaria outras coisas.

Você tem uma noção do que enfocaria mais?
Dentro da sexualidade?

Isso, dentro da sexualidade.
A questão das escolhas, o ato né, que consequências teria, não é porque está todo mundo fazendo que você tem que fazer, e que tudo tem uma consequência. Focaria as doenças, a gravidez na adolescência. Uma vez eu já trabalhei, mas no fundamental, o filme Juno, ai eles fizeram cartazes, a partir dali eu trabalhei a questão do aborto e das coisas que poderiam ter acontecido, foi interessante, eu gostei e tive um resultado bom com esse trabalho, mas hoje, acho que eu diria que a sexualidade é uma fase da vida, que acontece com todo mundo, que cada um tem o seu momento.

Você me disse que a sexualidade é uma fase da vida. Entendo que por ser uma fase ela é passageira. O que você pode me dizer sobre isso?

Ixi... a não sei se ela é passageira... talvez a puberdade seja, mas a sexualidade não.

10- Você encontra dificuldades no seu ambiente de trabalho para desenvolver a Educação Sexual com seus alunos ou acha que encontraria caso decidisse começar a desenvolver este tipo de trabalho?

Não, na escola nós temos até um apoio considerável. Assim, no ano passado (2014), no grêmio da escola, eles pediram. Era um grêmio atuante, então eles falaram o que eles queriam e uma das coisas foi a palestra sobre sexualidade, sobre sexo, que viesse alguém para falar, neste caso nós professores nem fomos atrás, quem marcou foi a pedagoga, eram grupos pequenos, os meninos foram com os homens e as meninas com as mulheres, eram enfermeiras. Com os meninos sentimos que foi mais proveitoso porque eles conseguiram falar coisas que para nós professoras e mulheres já não conseguiriam. Foi algo que partiu deles e a escola ajudou.

Acho que se eu quisesse desenvolver algo conseguiria sim, sem problemas. O problema maior acho que ainda é com os pais, o ano passado por exemplo, com a vacina contra o HPV, nós tivemos vários problemas, pois muitos pais foram na escola e impediram suas filhas de tomar a vacina pois achavam que induzia a prática do sexo, e nesse caso, a escola aceita né.

11- Você vivenciou alguma situação relacionada à Sexualidade, na escola, em que teve dificuldade de lidar? Esclareça, por favor.

Agora nem tanto, mas o que me causava mais constrangimento era a questão do homossexual, os meninos sofrem muito bullying, o pessoal tira sarro, ai você explica, fala que todos temos direitos de viver como achar melhor, ai eles perguntam mas porque que ele é assim, e você também não tem uma explicação científica né, acho que o que me gera uma situação de maior conflito é essa. Eu me lembro quando o governo federal mandou uns cartazes para as escolas que tinham dois rapazes e dizia respeite o amor desigual, não à homofobia, era mais ou menos assim, me lembro que nenhuma escola colocou os cartazes naquela época pois achavam que iria induzir à homossexualidade.

E qual sua postura sobre isso na época?

Na época eu também concordei, se não tinha cartazes héteros porque teria que ter homossexuais?

E qual sua reação frente à homofobia?

Quando acontecem na minha aula eu tento dispersar o assunto, não fico dando trela, só mudo de assunto, também não tomo partido de ninguém para não me prejudicar. Eu acho que nessas horas por mais que você saiba que está errado, quando acontece, aquilo que você aprendeu na infância grita sabe.

12- Como docente do Ensino Médio, como você acha que tem transcorrido a Educação Sexual de seus alunos? Você percebe esta aprendizagem?

De forma bem informal. Um projeto específico eu não tenho. O pouco que eu trabalho, acredito que o aluno tenha um aprendizado imediatista, ele pergunta, eu respondo se sei, e pronto. Só isso.

13- Você já leu ou estudou o documento dos PCN que trata da Educação Sexual?

Já na época da faculdade, vi os temas transversais e me lembro que sexualidade era um deles e que teria que ser trabalhado por todas as disciplinas, é só isso que eu lembro.

14- Você desenvolve totalmente ou em parte (ou não desenvolve) as recomendações sugeridas no PCN? Especifique.

Não acho que não, eu trabalho mais o que contemplam as diretrizes. Na verdade, eu nem sei como deveria ser trabalhado. É que eu não me lembro quais são as recomendações do PCN.

ANEXO C - Transcrição da entrevista professor P3/ 1 ano de atuação

ENTREVISTADO P3

1- Em que momento da sua vida você escolheu ser professor de biologia?

Olha, na verdade foi assim: eu trabalhava como auxiliar de produção, numa indústria. Eu tinha interesse em fazer uma faculdade, só que tinha acabado de sair da adolescência e fica naquele empasse. O que é que eu vou fazer? A princípio eu pensava em fazer cursos técnicos mesmo, profissionalizantes. Mas eu queria chegar um pouco mais longe, pelo menos ter uma graduação, seria um passo a mais pra mim.

Aí eu trabalhando daqui, trabalhando dali, comecei pensar, “nessa empresa que eu trabalho, o que eu posso fazer para crescer?”.Aí eu pensei... Lá é administração, contabilidade, economia... Só que não era a área que eu gostava naquele dado momento. O que eu gosto na verdade é mexer com informática ou ser professor, lecionar, vamos dizer assim.

Entre informática e lecionar, eu prefiro lecionar. Então foi assim, eu resolvi entrar na faculdade de licenciatura de Ciências Biológicas, biologia é uma coisa que eu gosto, que vê tanto a parte científica, que é ciências, e a parte de diversidade, animal, fisiologia... Eu gostava de tudo isso, se devo fazer o que eu gosto, se eu gosto de lecionar, se eu gosto de ensinar, então eu tenho que fazer licenciatura.

E como você descobriu que você gostava de lecionar?

Quando eu era menino, tinha entre sete ou oito anos, minha mãe comprou um quadro negro pra mim, daqueles portáteis e em casa eu começava a brincar de ensinar a escrita, português no caso. Eu me via como professor já, tipo assim, numa sala, minha mãe como aluna no caso, imaginava alguns alunos, e ia ensinando esses alunos a ler, a escrever, e a calcular. Pra você ver, eu me formei atualmente só em Ciências Biológicas, a maioria dos professores têm duas graduações, vamos supor, Matemática e Ciências, ou Biologia e Física, e eu ainda pretendo ser formado em outra, se eu quiser dar continuidade na minha carreira profissional como professor, a gente muda muito os pensamentos ao longo do tempo. Por exemplo, eu me ajusto mais à economia, vamos supor, eu gosto de uma coisa, eu gosto de ser professor, mas se eu ver que ser professor não dá mais dinheiro pra mim, eu vou procurar outra área pra seguir. Quando eu era menino eu tinha esse prazer sabe, eu brincava, ás vezes trocava um carrinho por exemplo, por um giz e um apagador. Eu imaginava que eu era o professor, professor bem dedicado e tal, então isso já cresceu comigo, não foi uma coisa que surgiu, assim tipo “ai, é gostoso dar aula.” Desde pequenininho mesmo, fui crescendo um pouco com essa mentalidade de querer ensinar as pessoas.

O que é que você pode me dizer sobre o que te atrai nessa profissão?

Olha, o prazer de você ver um aluno dedicado dizer: “professor, eu entendi o que eu não estava conseguindo aprender.” O desafio na sala de aula pra mim é o seguinte, eu quando eu comecei a dar aula, eu vi que tinha um lá que falava: “professor eu tenho medo de matemática, ou de física, ou dessa disciplina aí que o professor vai passar, eu já sou reprovado, não consegui entender nada depois que eu reprovei...” Eu falava “fica tranqüilo, que você vai aprender”. Então assim, na confiança né, não que a gente ache que a gente é capaz de tudo, não, não é isso, mas a gente pensa que o primeiro passo é tranquilizar o aluno, porque esse aluno já está apavorado, então eu

tenho que dar tranqüilidade pra ele. A partir de então você vê que o aluno pegou essa confiança, ele começa a se dedicar mais, daí ele fala “não, eu consegui ver que esse professor aí, pelo jeito vai dar um jeito, não sei, vai dar um jeito de enfiar esse conteúdo na minha cabeça”. Aí você tem a satisfação de ver um aluno falar “professor, consegui entender”, então o que me atrai nessa profissão é isso. Você vê que o aluno tem dificuldade em aprender algo, que na verdade é necessário para sua vida como cidadão, você consegue colocar aquilo na cabeça dele. Por mais difícil que seja, você olhar pro aluno e ele falar “professor, obrigado, viu?”. Porque ele sabe que em uma sociedade, tem os que querem e os que não querem, vamos definir por esse modo, e no meu ver os que querem, quando eles aprendem com você, você tem algo de bom a oferecer que faz nascer uma semente que vai frutificar futuramente, ele assimila aquilo e ele fica contente com você também. Aí você sente que seu trabalho está sendo reconhecido, entendeu? É mais ou menos por aí.

2- Como foi sua educação sexual?

Olha, minha educação sexual foi uma educação básica. Meus pais não conversavam abertamente comigo, mas meu pai sempre vinha, vamos supor assim, quando ele sabia que eu ia fazer algo de errado, ele dava um toque pra mim. Então por isso que eu digo básico, por que o que eu aprendi mais foi na escola, na sociedade mesmo. A gente não pode negar, que hoje em dia, cada vez mais cedo, tantos alunos como qualquer cidadão aí, qualquer criança, está aprendendo cada vez mais cedo por causa da convivência social. A internet, depois que surgiu, a idade pra aprender sobre sexualidade, ela reduziu, e o perigo é que, de que forma eles estão aprendendo isso? Eu graças a Deus, eu aprendi isso de uma maneira 100% segura, mas eu aprendi a maior parte, uns 80% de um método mais seguro de aprender sobre sexualidade. Hoje em dia não, hoje em dia o que às vezes um pai, uma mãe acredita, deveria comentar com o filho, pois eles aprendem muito mais fora de casa, entendeu? Então no meu caso, eu aprendi o básico com os meus pais, sociedade e escola.

O que seria o básico pra você?

O básico seria assim, vamos supor... Meu pai dá uma indireta por exemplo, “ai esse rapaz ta saindo demais”, aí fala “não vai engravidar a menina pra não cuidar do seu filho depois hein”, vamos supor, por aí né. Ou vamos voltar um pouquinho mais pra trás, na adolescência, fala assim “ó filho, não vai com tal pessoa, que essa tal pessoa não tem nada de bom pra te trazer, fala muita besteira e tal”, e falando umas indiretas assim, vamos dizer, aí no caso, como que eu vou dizer pra você... é... por exemplo... deixa eu te contar um caso, uma vez minha mãe tinha um vizinho por exemplo, que ela já sabia que ele era um sabichão de sexualidade, e eu, brincando dali, com essa pessoa, já peguei também. E minha mãe falou “não com anda com esse fulano tal que ele é muito besterento, ele fala muita besteira, só fala pornografias...”, aí já começou a falar também, “o negócio é o seguinte, quando você tem relação sexual, você tem que se prevenir, tem que evitar tal coisa...”. Então o básico ali, era falar de preservativo, tomar cuidado com quem eu me relaciono, tomar cuidado pra eu não me relacionar com tais pessoas, ter um firmamento na minha cabeça da minha sexualidade, da minha relação sexual sem preconceitos, é mais ou menos por aí entendeu? Sem entrar em detalhes é isso...

Eu posso afirmar que a sua Educação Sexual não se deu só de maneira familiar, mas também através de situações cotidianas?

Exatamente. Aproveitar uma coisa que estava acontecendo naquele momento né, e, deixava um comentário sobre aquilo, então por isso que eu falo que foi bem o básico, porquê eles sabiam da verdade, na escola eu ia aprender mais, e assim... pra enriquecer eles falavam “estuda, o que a professora falar de tal coisa, vai e tira dúvida, então ta falando de sexualidade,não deixa passar em branco uma coisa que você sabe que é uma coisa importante, porquê a sexualidade desprevenida pode causar uma doença, se você não se previne, você pode prejudicar sua vida financeira...”, porquê tem gente que não estuda porquê tem um ou dois indo atrás de outro, vamos dizer assim né, não que isso seja pecado e um erro, não, não estou condenando isso, mas tem pessoas que atrapalham né, a vida delas, em todos os sentidos, e tem pessoas que conseguem tocar normalmente, a vida familiar, um amigo, então eles sempre falavam “ tenta ver esse lugar, tentar, -aproveitar todos os cotidianos que você deixou aqui-“, eles já deixavam algo lá pra mim pra é... aproveitar da situação pra dar um toque, vamos dizer assim.

Ainda sobre a parte familiar, você comentou que a sua mãe tinha te educado sexualmente, seu pai... tinha mais alguém dentro do círculo familiar que promovia essa educação sexual?
Olha, quando eu tinha, eu vou ser bem sincero com você, primos, tios, é tudo na base da brincadeira, sabe assim, não é aquele negócio de “vem cá, vamos conversar”, é assim, contar uma piadinha, pra falar de mim, ou de outro, ou de uma pessoa que de repente conhecia, não tinha nada a ver, né... Então assim, na base da brincadeira, por que chegar assim “senta aqui, vamos conversar”, não, isso não.

3- Em que momento da sua vida, na sua educação escolar você recebeu um embasamento sobre a educação sexual?
Olha... é... como assim você fala?
- Por exemplo, eu quero que você retorne aos seus primeiros anos de vida escolar, desde a sua educação infantil, em que momento você acredita que teve uma educação sexual? Que ocorreu por parte do professor, da escola...
Você fala em termos de série?
- Tudo.
Tudo...
- Em termos de abordagem, como foi a abordagem desse professor...
Ah, perfeito. Isso tudo desde pequeno mesmo, na verdade eu tive, uma adversidade de, vamos supor, escolas que eu estudei, estudei em São Paulo e estudei aqui, então tem uma diferença. Em São Paulo, eu não sei a cidade que eu morava lá, mas, naquela época pra você ver, não tinha internet em casa, todo mundo tinha computador, e já aparecia, mais ou menos como, não era igualzinho, mas era meio que parecido com os tempos de hoje. A meninada, tanto menina como rapaziada, já tinham crescimento e eu acredito, por mim, crescimento avançado pra falar sobre sexo...
- Ta, mas você está falando de que série por exemplo?
3ª série. Então o que acontece? A professora não tinha o conteúdo ali de sexualidade, mas a professora via que, como já havia um crescimento avançado pela idade da garotada, já se comentava em sala de aula sobre sexo. Por que eles começavam a falar, conversar sobre sexo na sala de aula. E o professor que é esperto, a sala pode estar bagunçando, pode estar pegando fogo lá na frente, não tem problema, eu sentava geralmente no fundo né, por que não gostava da frente... Então o quê que acontecia? A professora pegava você. Eu pelo menos na época era

quietinho, eu ficava com vergonha, mas os meus amigos não estavam nem aí, davam risada... Então, a professora via que estava muito bochicho, muita conversinha daqui, muita conversinha dali, as meninas entravam na onda. Então a partir do 3º ano Fundamental I, eu já tinha conselhos sobre a sexualidade, só que aprender realmente a fundo, vamos dizer assim, foi com o passar dos anos é claro, mas foi lá na minha 8ª série, porquê tem ciências, fala do corpo humano, e nesse período aí é um período que está passando, quer dizer já está na transição de adolescente pra adulto.

- Puberdade né?

Isso, puberdade. Então ali eu aprendi muito, por quê? Porque ali a professora trata do conteúdo, nesse período, e tem a sociedade que influencia muito, e a curiosidade minha, de como fazer para, tipo assim, como proceder de maneira mais correta, vamos dizer assim, em relação à sexualidade... Entendeu? Então foi mais ou menos por aí. Bom, aí entra o ensino médio, aí aprendi mais um pouco, fui enriquecendo mais isso, e dizer que a gente sabe tudo sobre a sexualidade, a gente não tem como falar, porquê doenças surgem, pensamentos novos surgem, então é um aprendizado dia após dia, por mais que pare por ali, por exemplo, surge alguma coisa nova né. Então foi assim mais ou menos.

- No ensino médio, você se lembra assim, no ensino fundamental II né, que seria no 8º ano, que na época era 7ª série, e agora no ensino médio você se lembra como foi a abordagem do professor?

Bom, na verdade, foi uma abordagem, vamos dizer assim, tradicional. O professor falava "Hoje o conteúdo vai ser tal", aí ele começava a falar varias coisas, daí começava com as doenças, prevenção, e o que acontecia? Eu muito curioso mas sempre tímido, me perguntava, mas como tem muito aluno que mesmo tímido, e muito, a curiosidade é maior e ele vai lá e pergunta, aí eu aprendia com a pergunta e a resposta do professor, a pergunta do meu amigo né, e o professor no caso respondendo. Bom, eu pensei em perguntar isso, mas não perguntava, então foi assim, de uma maneira tradicional, o professor chegava, comentava coisa do cotidiano, passava o conteúdo, falava das doenças, a fisiologia daquela doença, e eu sempre me interessava né, porque eu tinha medo, eu pensava "pô, eu não conhecia essa doença", a partir de então eu comecei a conhecer melhor... Então assim, quando eu falo de sexualidade, o meu maior assunto, interessa muito aos alunos, porquê assim como eu, eu creio, que é uma área que tem medo, o receio de pegar aquela doença, se tem cura ou não, qual que é a forma de cura, então, eu tinha muita curiosidade, mas como eu era um aluno tímido, eu não perguntava, mas eu anotava, eu prestava bastante atenção, então foi por aí que eu aprendi muitas coisas em relação à educação.

4- Você acha que é papel da escola tratar o ensino da sexualidade?

Ah com certeza. Porque na verdade assim, a escola vai mostrar o que é realmente. Porquê se você falar, vamos supor, a sociedade, leva muitas coisas na brincadeira, vamos supor, tem alguma doença, até o próprio nome da doença, fica tirando sarro, dando risada. Na escola, o que acontece? Além do professor, falo de mim também, apresentar aquela doença, os riscos, o que acontece com a pessoa, tal, o quê que você vai fazer? Você vai mostrar qual que é a forma de prevenção, tratamento, e assim por diante. Então por isso eu acho fundamental que só a escola aborde.

5- Nós temos dois termos que utiliza muito hoje em dia, o sexo e a sexualidade. Você acha que tem diferença entre os dois ou que são sinônimos?

Bom, eu acho que na verdade tem. Tem porquê assim, a sexualidade, você vai, como eu posso dizer... O sexo, é uma coisa mais especifica, tipo assim...

- Explica pra mim...

Por exemplo, chega ali fora e falar sobre sexo, há dois pensamentos sobre sexo, primeiro, feminino e masculino, que vêm na mente, vamos falar psicologicamente, que surge na mente do cidadão, ou o quê? Ou pornografia, ou relação sexual. Já a sexualidade não, a sexualidade não só trata do sexo (masculino e feminino), como homossexualismo, ela trata de doenças, (ao meu ver né), ela trata de conhecimento, então por isso que o sexo, você joga a palavra sexo na frente da pessoa, e joga sexualidade, qualquer cidadão com um pouquinho de cultura, o quê que ele pensa? Ta aqui, sexo... sexualidade, falou sexo, ele pensa masculino, feminino, ou algo de relacionamento de homem e mulher, o ato sexual. Sexualidade, o cara já pensa "opa, agora a gente não vai mais ver literatura, vamos ver algo a mais... é... medicina, doença, sociedade..." Por isso que eu não falo que pode se comparar, quero dizer que é assim que funciona né.

6- Fala pra mim como foi abordada a educação sexual ou mesmo alguma temática relacionada à educação sexual na sua graduação.

Ó, matéria de fisiologia, eu tive muito assim, que ta falando do corpo humano, foi meio que, vamos dizer assim, foi meio parecido com o colégio, só que de uma maneira mais aprofundada. Por quê? Porque na verdade, nós que somos professores temos que aprender mais e passar pro aluno, então estamos adquirindo conhecimento, e a gente tem a consciência disso, é um conhecimento que você vai adquirindo pra depois ser repassado. Então não foi tão diferente. O que eu vi de diferente na verdade, foi que. Algumas doenças que eu não conhecia na escola, e alguns meios de transmissão dessa doença, mais afundo, mais aprofundadamente, vamos dizer assim, que eu não aprendi na escola, eu aprendi na faculdade. E repetindo o que eu disse alguns minutos atrás. Eu como um cara muito curioso, as pessoas quando falam dessa parte de sexualidade, parte de doenças, eu me interesso muito porquê, vamos dizer, um ser humano que gosta muito de prevenir. Então assim, eu busquei um pouco mais conhecimento além... do que eu aprendi ali. Foi uma maneira parecida, mas mais de uma maneira mais aprofundada.

- E por exemplo, no curso de graduação, foram abordadas algumas estratégias didáticas, em sala de aula, algo que pôde te dar uma base ou subsídio para que você abordasse hoje da mesma forma, ou não?

Na verdade foi assim, foi porquê eu na minha época por exemplo, quando eu estudei educação sexual na escola, a professora falava muito, era mais teoria, vamos dizer assim, não é uma época tão distante né. Então assim, falava bastante das coisas que aconteciam em relação à sexo, por exemplo, doenças, prevenção, só que uma coisa, ela levava produto pra gente, tipo assim, "a camisinha, como ela funciona? Como ela é?", eu não tinha... por exemplo, na minha cabeça, eu conhecia um pouco de fora, porquê assim, da escola, ali não. Então o que aconteceu? Quando eu entrei na faculdade, eu pensei assim comigo, " ou a escola mudou, ou isso aqui eu estão apresentando pra nós professores que estamos graduando né, vai mudar". Quando eu vi na faculdade, eu vi aparência que eu nunca tinha visto, eu vi, preservativos (claro que já vi), mas outros que eu não tinha conhecimento, aparelhos que eram usados em exames, pra toque, vamos dizer assim... Na escola eu nunca vi isso aí, eu não vi nem fotos, quanto mais pessoalmente, na carteira da professora, por exemplo, ela mostrou na sala, na faculdade eu já vi. Isso aí, no caso quando eu estava me formando, as professoras, os professores falavam pra nós, "isso aqui, você pode usar na sala de aula, pode levar pro aluno, a faculdade disponibiliza". Então já meio que um

enriquecimento, coisa que eu não utilizo. Então por aí já melhorou um pouco mais, além de quê? Data show, hoje em dia, já tem o projetor, retoprojetor, na minha época era mais fala e livro, então ficava tipo né, muito extinto... Então tudo isso aí, eu pegava da faculdade, então foi melhor né, além da gente fazer aula em laboratório, ver tal lamina, tal coisa, por exemplo...

- E isso contribuiu pra sua formação?

Fui uma... vamos dizer, a grosso modo, a gente subiu de nível.

7- Você se sente preparado pra ensinar sobre sexualidade pros seus alunos?

Eu creio que sim, porquê como eu te disse, quando se trata do assunto sexualidade, você não pode dizer que você é o dono da verdade, que sabe tudo. Isso aí é uma coisa que é polêmica, a cada... Isso envolve gerações, pensamentos, por causa da época né, até porquê foram descobertas novas doenças, novos tratamentos, novos pensamentos, então, eu acredito que sim de acordo com o que existe hoje. Porquê o que existe no futuro, vai depender do quê? Da minha busca por esse conhecimento. Então se falar hoje, "você ta preparado pra falar sobre sexualidade na sala de aula?", eu acredito que sim por esse motivo.

8- Você encontra alguma dificuldade no seu ambiente de trabalho (quando você deu aula no ensino médio), você encontrou alguma dificuldade pra trabalhar a educação sexual com seus alunos? Só que essa dificuldade eu quero assim: eu gostaria de saber se essa dificuldade foi relacionada à gestão escolar, com a equipe pedagógica, ou propriamente dentro da sala de aula.

Eu acredito que seja mais próprio dentro da sala de aula. Porquê hoje em dia... Eles têm muita informação, na verdade tem aluno que é assim: você ta falando de um assunto, gonorréia por exemplo, ou sífilis, ou seja lá o que for, AIDS... Qualquer assunto que você jogar na sala de aula, vai comentar sobre aquele assunto. Tem aluno que você vai falar assim, " pessoal, semana que vem vamos falar sobre a sexualidade", tem aluno que já vai na internet e já pesquisa bastante coisa, então tem aluno que já sabe muito, antes mesmo de você dar aquela aula. Aí tudo bem, eu aprovo isso porquê o aluno ta adquirindo conhecimento, já tem outros alunos, que faz isso por exemplo, você começa a falar sobre uma doença, não tem interesse nenhum, só que ele começa a tirar sarro, aí tem o aluno, por exemplo, o amiguinho do lado, vai e faz uma pergunta importantíssima, que você quer responder, a sala começa a dar risada, o cara já não pergunta mais nada... Então é tipo assim, uma dificuldade por essa razão, acredito. Porquê às vezes a sua aula fica tão enriquecida, que você quer falar bastante, o tanto que você quiser, mas às vezes o aluno ajuda muito o professor em sala de aula, e você sabe muito bem disso, por quê? Porquê às vezes, você passou batido algum detalhezinho ali, o aluno faz uma pergunta pra você que você fala: "boa pergunta", só que aí, ao mesmo tempo que o professor encara como uma boa pergunta e se ente satisfeito, os amigos tiram sarro, eles dão risada. E o que acontece? Isso empobrece a alma, sem contar que às vezes você não consegue falar tantas coisas, por causa da própria turma que você joga ali, que pra eles é como se você jogasse uma piada.

- É mecânico.

É muito mecânico. Então eu encontrei dificuldade quanto à isso. Mas quanto à equipe pedagógica, não. Até porquê, se você pedir pra equipe pedagógica, fazer um projeto, eles tocam, se você pedir pro diretor, ou seja a equipe pedagógica, disponibilizar o laboratório, liberar pra levar em algum lugar, eles te levam. Então a escola em si, não é o problema, o problema é dentro mesmo. Porquê que nem eu te falei... às vezes o aluno, fez uma pergunta ali, e viu que a sala inteira começou a dar

risada desse indivíduo, então o que acontece? O outro às vezes tinha 2, 3 perguntas pra fazer, ele viu esse aluno, ele para por ali. E você não pode ficar instigando pra... Você pode até falar, “você não tem mais nenhuma dúvida?”, e depois de um fato desse, iriam muitos alunos perguntarem e enriquecerem a aula.

- Às vezes mais importante né?

Exatamente.

9- Você já vivenciou alguma situação relacionada à sexualidade, na escola, em que você teve dificuldade em lidar?

Olha... Eu desconheço.

- Não?

Não, nenhuma.

10- Como professor do ensino médio, como você acha que tem ocorrido a educação sexual dos seus alunos?

Olha, é triste dizer, mas, ao meu ver, não são todos ta? Você sabe disso, mas você sabe uma coisa que é tudo brincadeira, muito assim...

- Mas agora você ta falando assim, dos seus alunos né?

É.

- Eu vou retomar a pergunta ta? Você como professor, você acha que tem, os seus colegas, outros professores, eles têm transcorrido a educação sexual com seus alunos?

Olha, nem todos. Vou ser bem sincero assim, até porquê, hoje em dia, como eu vou dizer pra você? Você sabe que professor trabalha... Quem é de fora, pensa assim: “esse professor só ensina”. Não, muito pelo contrário, professor estuda mais do que ensina. Então muitos professores, estão em busca de conhecimento, seja pra crescer profissionalmente, ou enriquecer seu intelecto, vamos dizer assim, então tipo assim, eu vejo que não. Por esse motivo. Porquê professor, tem a obrigação de sempre estar estudando. E vamos supor, professor de libras, não todos é claro, não to julgando ninguém, tem um professor de libras lá que ele faz o quê? Ele trabalha a sexualidade na sua aula, ou com o professor de biologia, ou ele mesmo. Mas já tem professor que não, o foco dele é própria libras, MS tem professor que não ta focado no seu conteúdo, o quê que acontece? Ela da aula de libras, ele da aula de matemática, só que se ele ver que a sala de aula ta uma algazarra, ele viu que “o navio ta afundando”, o quê que acontece? Ele puxa lá um pouquinho as rédeas, ele segura um pouquinho ali, de repente ele faz um comentário, mas assim, entre os professores, dentro da sala dos professores, eu não sei se é pela minha falta de experiência né, eu não percebi isso não.

- E agora assim, relacionado aos alunos, você percebe que eles têm aprendido sobre sexualidade?

Ah eles aprendem. Eles aprendem com certeza. Até porquê assim... Pra quem não gosta de estudar, é divertido, e pra quem gosta, é algo pra ser absorvido de uma forma mais séria, ele quer aprender aquilo lá porquê ele acha importante pra vida dele, o quê não tem tanto interesse, ou ele fica com medo, no caso se fosse uma doença, ou ele aprende por quê? Por causa da brincadeira ali, conta uma piadinha aqui tal... Eu acredito que a sexualidade é um tema, é um dos temas que, vamos dizer assim, que usamos mais além, interessa muita a eles, então se você pegar todos os conteúdos que você tem lá na escola, existem outros que os alunos têm facilidade maior de aprender, mas o termo sexualidade em si, é m termo muito tenso ali, sabe? Seja por brincadeira, interesse do próprio aluno, eu acredito nisso sabe? Se você faz uma prova, a prova ta ali pra, eles

respondem ali do jeito deles, mas você viu o quê ele quis dizer, o jeito que ele aprendeu sobre o assunto em si.

11- Você já estudou, leu, ou teve contato com o PCN?

Sim.

- Que são os Parâmetros Curriculares Nacionais...?

Nós, assim, pra ver se... Bom eu já li porquê a gente quer ver se, eu no caso o professor, ver da maneira que eu estava passando ao aluno, se encaixava um pouco ali né, então, eu vou fazer o quê eu lembro, mas a gente lê assim, pra aprimorar, vamos dizer assim.

- Certo, e você se lembra assim, de como o PCN trata da educação sexual?

Olha, na verdade ele fala, não vou lembrar as palavras certinhas, mas ele fala, das doenças, prevenção, tratamento, o quê que isso influencia no cotidiano do aluno, eu estava atrás de ciências, mas não me lembro, porquê claro, já faz muito tempo que eu li. Mas antes mesmo de eu dar aula, eu já peguei o PCN, já dei uma lida né, pra ver como eu ia trabalhar com os meus alunos, aí fala de abordagem, como você deve abordar o aluno, tal, e é mais ou menos por aí né. E pra falar exatamente, eu não vou lembrar.

- E você acredita que você desenvolve totalmente, em partes, ou não desenvolve aquilo que o PCN sugere?

Ah isso aí é uma coisa que eu vou ser bem sincero. É uma realidade assim, depois que eu entrei, que pra você fazer estágio é uma coisa né, quando você trabalha, ta ali, é mesmo diferente. Então tem turmas, que eu vou dizer pra você, são mais interessadas e outras menos. Então, a turma que é mais interessada, você consegue falar mais, você consegue explicar melhor, você consegue perguntar mais pro aluno responder mais perguntas. Então é uma variação que ocorre aí. E eu não posso falar que são 100% em todas, por exemplo “ah eu consegui trabalhar todo o PCN relacionado a sexualidade nessa turma, consegui trabalhar, nessa não”, então varia muito de turma pra turma. Posso dizer que assim, já consegui. Teve uma turma que eu consegui, mas eu não vou dizer pra você que não são todas não.

- Você se lembra quais são as orientações que o PCN traz?

Olha... Não me lembro totalmente não.

ANEXO D – Transcrição da entrevista professora P4/ 5 anos de atuação

ENTREVISTADA: P4

1- Em que momento da sua vida você resolveu ser professora de biologia?

Professora eu já queria ser, desde infância. A disciplina foi mesmo no ensino médio, fundamental, que despertou o interesse. Então foi nesse momento. Eu fiz também o magistério além do ensino médio, que na época era profissionalizante, contabilidade. Eu também fiz magistério. Aí, o amor surgiu no magistério mesmo.

2- E o que te atrai nessa profissão?

Eu gosto de tudo. Dentro da biologia, tudo. Desde meio ambiente, corpo humano, fisiologia... genética sou apaixonada. Tudo mesmo, assim, dentro da nossa área de biologia... Eu gosto de tudo mesmo, de verdade. Parte celular... E se fosse pra fazer um mestrado hoje seria difícil escolher na minha área o que me atrai mais.

3- Como foi sua educação sexual?

Na minha época, eu tenho 46 anos, então pai e mãe não conversavam sobre esse assunto. Pelo contrário, meu pai falava que os homens eram os bichos papão... (risos). Então assim, foi uma descoberta sozinha mesmo sabe... conversa com amigos, mas enfim... Não teve participação de pais. Aprendeu-se na escola também...

- Eu entendo, mas assim... por exemplo, no âmbito familiar, quando você foi menstruar, você tinha uma conversa básica com a sua mãe?...

Não... judiação, nem culpo ela, porquê foi educação que ela teve... Teve só até o 4º ano, nem alfabetizada direito ela era, depois que ela fez a EJA. Então a vergonha não deixou. Eu sabia que ia acontecer... menstruei com 15 anos... Menina, eu achava que eu era homem... Olha pra você ver o tamanho do meu medo... Eu mentia pras minhas amigas que tinha menstruado, por que eu achava... Gente do céu, todo mundo menstruou e eu não, e agora? Então na minha primeira menstruação, foi muita felicidade, foi onde eu descobri que era mulher (risos), e que eu estava igual à todas as outras, entendeu? Então assim, não me assustei... Pelo contrário, foi um momento de emoção pra mim, a minha primeira menstruação. Foi na semana que eu fiz 15 anos, então foi tardia...

-Que legal, mas é bom né?

É...

-Quer dizer acho que é, hoje em dia as meninas estão menstruando tão cedo...

Tão cedo... mas por quê? É o que eu falo pras minhas alunas... a menstruação vem de acordo com o despertar de nossa sexualidade. Se a gente ver muitos filmes pornográficos, muitas cenas eróticas, é óbvio que nossos hormônios também irão atuar com facilidade, de forma mais precoce hoje. Eu falo pra eles sempre: Vão dormir cedo e não insistir menos nessa rotina de dormir cedo... Não assistir filmes até tarde, pornografia nem pensar, novela das oito, não assistia por que tinha cenas proibidas. Então meu pai e minha mãe eram rigorosos nesse sentido, mas de certa forma ajudou no despertar da sexualidade. Eu acho que foi no momento certo. E hoje no crescimento... pode ver que tem muito aluno baixinho, eu falo pra eles: Vocês estão

assistindo filme até muito tarde?... O hormônio do crescimento vai só atuar 10, 11 horas da noite, e tem que estar num sono profundo, falei “vão ficar baixinhos” (risos). Sempre brincando.

- Então assim, no âmbito familiar você considera que não foi educada sexualmente por ninguém da sua família?

Não... não, não fui.

- Certo... nem primos, tios...?

Não... foi na escola mesmo. Só com os colegas.

4- E na escola? Como foi essa educação sexual? Você se lembra?

Ai eu tinha uma amiga chamada Aparecida, ela era terrível (risos). Ela sabia de tudo. Então era ela que levava as informações pra nós né... Isso lá atrás, eu estava acho que no 3º ano, 4º ano, então já iniciou desde aí. Mas a vergonha, tinha – mos vergonha...

- 3º, 4º ano fundamental né?

Pensa bem! Quando eu cheguei no... 5º ano, 5ª série era na época... Eu não me lembro muito bem dos assuntos, então já era menstruação... “Você menstruou... Você não...”. Então a sexualidade mesmo... foi assim com os colegas. E era uma coisa muito proibida. Eu me casei com 20 anos virgem, então era muito proibido.

- Que legal, você foi se descobrindo na verdade.

Sim...

5- Em que momento da sua educação, você recebeu algum vazamento sobre sexualidade? Eu quero que você volte lá atrás, desde a sua educação infantil, e reviva algum momento...

Na escola...

- Na escola, que você se lembre que algum professor abordou esse assunto. Como foi...

Não abordava... de verdade.

- Nem no ensino médio?

(Negação)

-Nada, nada, nada?

Nada, nada, nada.

- Que dó hein... Lamentável...

Hoje trabalho tanto isso...

- Se bem que era repressão, era um momento assim... era a própria época...

Nem podia...

- Foi em que ano, mais ou menos que você se lembra?

Quando eu fui pra faculdade... Acho que casei em 90... Eu me casei em 90. Acabei o ensino médio em 1990... 1989.

- Começou um pouquinho em 85, quando deu aquela disseminação de AIDS, então que eles começaram a acordar um pouquinho pra sexualidade...

Sim...!

- Mais foi uma preocupação mais governamental do que educacional. Então eles queriam impedir na verdade, um processo, que estava vendo da doença, e não do corpo, do conhecimento da própria pessoa.

Eu lembro que nós trabalhávamos muito célula, eu lembro dos cromossomos (risos), dos lisossomos, mas não lembro... minha professora de biologia... Não me lembro de verdade.

- Mas o corpo humano assim... teve?

Teve...

- Higiene, saúde...

Não... De verdade? Não me lembro.

6- Você acha que é papel da escola tratar o ensino da sexualidade? Ou não?

Eu acho que hoje teria que ser o papel da escola sim. Porque como eu te falei, ainda os pais têm vergonha, a maioria, e receio de falar sobre isso com os filhos. Eles acham que os filhos são bebês para sempre. “Minha filha não vai fazer isso.”. Aí quando a filha aparece grávida, aí vem o susto. “Nossa, eu nem sabia que ela tinha namorado, nem sabia que ela beijava, como que ia ficar grávida?”. Então você entendeu? Eu acho que tem que ser o papel da escola sim.

- Entendi.

Eu acho. Na minha opinião.

7- Bom, nós temos dois termos muito utilizados, sexo e sexualidade. Você acha que esses dois termos são diferentes ou que eles podem ser sinônimos?

O sexo eu acho que é o ato sexual. A sexualidade é o despertar. “Como que eu vou usar essa sexualidade?” “Quando?” “Quando que eu vou usar a sexualidade para o ato sexual?” – que é o sexo na minha opinião. Sexualidade é uma coisa, sexo é outra.

- Explica pra mim separadamente, eu sei que você já deu uma prévia, mas eu quero que você aprofunde um pouquinho mais a sua explicação sobre sexualidade.

A sexualidade eu percebo assim: a partir do momento, tanto o menino como a menina, percebe seu corpo, aí ele percebe que tem uma sexualidade ali também. A ereção do pênis, logo pela manhã eles já acordam com o pênis ereto, eles não entendem aquilo, eles já acham que é um despertar sexual, mas igual eu falo pra eles sempre, “O pênis ereto pela manhã é a bexiga, vontade de fazer xixi mesmo.” (risos). Ainda brinco sempre nesse sentido. Mas ainda, eles acham... Eles relacionam o órgão ao sexo e não percebem que aquilo pode ser o despertar da sexualidade também. Porque a ereção de certa forma é. Não naquele momento pela manhã, vê um filme, uma cena de sexo, o menino também já fica ali... Isso é o despertar da sexualidade. Na minha opinião. E o sexo, é o ato sexual, o momento que ele vai escolher pra fazer o sexo. Pra aí, utilizar a sua sexualidade.

- E você acha que há alguma coisa a mais que possa ser acrescentada ao termo sexualidade?

A menina, a menina também tem o despertar da sexualidade dela. Ela percebe também sensações quando é tocada, né... Não sabe lidar com aquilo. Porque é igual eu falo pra eles, que eles precisam conhecer sua sexualidade pra saber o momento de usar. Saber quando que tem que segurar pra não fazer, não vai fazer no meio da rua né, tem que ter um bom relacionamento, eu falo sempre que pra acontecer o despertar da sexualidade pra evoluir, ter uma vida sexual, precisa ter um relacionamento bacana. Não importa, hoje se é depois do casamento, antes do casamento, o ideal seria que fosse depois mas... ninguém vai fazer isso. Mas ela precisa ter segurança pra que isso aconteça, então ela precisa conhecer, a sexualidade.

- Por quê que você acha que o ideal seria depois do casamento?

Porque eu ainda sou careta (risos). Meus filhos... Menina, eu tenho 2 meninos, um com 19, vai fazer agora semana que vem, e outro com 23 anos. Ai eu segurei tanto esses moleques pra não namorar, por que eu sabia que eles iam começar a namorar e iam iniciar a vida sexual (risos). Aí eu colocava medo... O problema, é que eles não tem maturidade, na minha opinião não tem

maturidade ainda, pra começar uma vida sexual com 15 anos não tem maturidade se de repente escapa uma gravidez precoce, entendeu? Então ficava... “pra namorar só depois dos 18...”. Na verdade eu não colocava idade, eu colocava, “ pra namorar só quando estiver trabalhando, porquê tem levar a namorada pro cinema, tem que levar ela pra jantar... Então vocês precisam ter grana pra ofertar isso pra sua namorada.” Aí eles começaram a namorar realmente com 18 anos, os dois (risos), um foi atrás do outro, muito bacana. É lógico que eles começam, eu sei que eles já tiveram vida sexual logo nos primeiros meses de namoro. Porque eu acho que hoje, igual você falou “por que só depois do casamento?”, por que na verdade ta muito desabrochada essa sexualidade mesmo. Eu corri do meu marido (risos). Eu corria do meu marido por que eu sabia que se tivesse muito contato físico, eu sabia que ia acontecer também, que ia deixar meu pai chateado, pela educação que a gente teve na época né. Mas hoje, a gente consegue orientar a respeito de camisinha, de a menina usar o anticoncepcional, então hoje é possível ter uma vida sexual antes do casamento, desde que tenha dinheiro.

8- Qual a sua religião?

Católica.

- Você acha que religião influencia? No seu conceito?

No meu conceito não. Foi mesmo conceito de educação... Como que eu posso te explicar?... Questão de índole familiar, educação mesmo...

9- Eu quero que você me diga, como foi abordada sua educação sexual, no período que você estava na graduação. Se você teve algo relacionado a isso.

Não, não teve. Nós tivemos anatomia, que nem... nós trabalhamos corpo humano, aí... os livros foram separados nos seminários, os alunos mesmos que apresentavam, aí da minha parte ainda foi... sistema... genital masculino, daí nós abordamos tudo, da fisiologia tudo né... cada um teve um... ainda eu trabalhei a parte da camisinha, contamos da história da camisinha, então me lembro desse fato porquê nós fizemos o trabalho, eu ainda falei assim: vamos abordar a parte sexual, e foi nesse momento, no segundo ano que nós abordamos... levamos até camisinha, demonstramos lá, falamos dos espermatozóides, enfim. Então foi nesse momento. Falamos da AIDS... isso mesmo.

10- E você acha assim, teve algum professor que te deu um embasamento didático ou usou alguma estratégia didática que influencia hoje na sua prática pedagógica?

Não. Não. Eu que me preocupo muito, eu trabalho sexualidade no 6º ano, no 7º, no 8º, até no 3º ano do ensino médio. Quando eu chego no 3º ano do ensino médio, eu me assusto, por que aí eu percebo que eles fazem o ato sexual, mas não conhecem sua sexualidade (por isso que eu falo que é diferente). Ta? Então eles realizam o ato, mas não têm conhecimento da sua própria sexualidade. Pra você ter uma idéia, eu dando uma aula... e na EJA também para os adultos porquê eles têm muita dúvida, então eu separo uma ou duas aulas, eu tenho uns slides muito bacanas que eu renovo todo ano (claro), eu faço palestra na escola, já me convidaram pra fazer em umas duas escolas aqui, sobre a sexualidade e sobre drogas, são dois pontos que eu gosto bastante de abordar para os jovens. Aí a minha surpresa, sempre que eu trabalho com o EJA, uma disciplina começa... eu começo, 1º, 2º, 3º, aí no final eu peço um relatório de prova no último dia, abordando o que eles aprenderam, enfim... Aí uma aluna, já mãe, escreveu “que bacana que foi a aula que a professora nos falou sobre sexualidade e o nosso corpo, pois eu não sabia que tínhamos dois orifícios, um que saia a urina e outro da menstruação”. Então isso me

surpreendeu ainda mais, por que ela já era mãe, tava terminando o ensino médio, e não conhecia o próprio corpo, entendeu? Então eu acho que esse conteúdo deveria ser grátis. Tem o conteúdo né, que o professor não trabalha, tem vergonha e tal, mas eu trabalho, de 6º à 3º ano.

11- Você se sente preparada pra ensinar sobre sexualidade pros seus alunos?

Eu me sinto.

- E como você faria esse ensino?

Eu... hãn... Desculpa não entendi.

- Por exemplo, quando eu pergunto se você se sente preparada...

A respeito da base do conteúdo?

- É... mas assim, eu gostaria de saber, como você chega ao assunto? E o que você aborda quando você ta falando sobre sexualidade? Quais são suas abordagens dentro do conteúdo?

Olha, por exemplo, quando eu trabalho 6º ano...

-Eu posso te cortar um pouquinho?

Pode...

- Eu quero que você se concentre no ensino médio.

Ah... sobre biologia....

- E a minha base de pesquisa é justamente pelo o que você falou, a gente chega no 3º ano e eles não sabem o que estão fazendo. Então eu quero saber assim... Eu sei que eles não estão sendo educados sexualmente "ali atrás", no ensino fundamental II, mas eu vou ter que começar a consertar o ensino médio também.

Então ta. Todos os momentos: quando trabalhamos o 1º ano, trabalhamos então biologia celular, nesse momento eu abordo, sexualidade, eu já coloco a diferença dos... a evolução celular do espermatozóide, com espermatozóide e óvulo, você incendeia, é aí que eu trabalho.

- Certo.

Aí eu já trabalho nesse momento tudo, orientação sexual, DST, relacionamento (por que eles começam a se relacionar já, mas firmemente... vão pra vida sexual aquele que não foi lá no 7º ano, eles vão nesse momento do 1º ano. Eu abordo... que mais meu Deus... Ah, eu também trabalho células tronco, inseminações, enfim, eu faço um leque nesse conteúdo. Aí quando eu chego no 2º ano, vírus, bactéria, aí eu já uso como leque também. Aí já abordo de novo a sexualidade, abordo da importância da prevenção, aí eu já levo eles pra um data show, levo pra um ambiente que eles ficam à vontade, passo uma caixinha, para as perguntas no final, não levo camisinha, ainda não.

- Por quê?

Porque eu acho que o pai pode achar que estou estimulando. No 3º ano eu levo camisinha. Nesse momento, tanto no 1º quanto no 2º, eu apresento as duas, tanto a feminina quanto a masculina, ensino como coloca e tudo mais. Agora no 3º eu levo pro noturno.

- Pra distribuir?

Pra distribuir. Aí eu levo também panfletinhos pro noturno sobre hepatite, os exames que devem ser feitos, daí eu passo, aqui nós temos um pessoal bacana de epdemologia, que eles ofertam todos esses materiais que eu falei, daí é só chegar lá. Aí já falo sobre câncer, do pênis, a higiene que tem que lavar com bucha mesmo, "com esponjão", sempre brinco (risos), "pega o cabeção e lava com esponjão" (risos), então assim, eu trato esse assunto de forma muito dinâmica, e, cômica mesmo, pra eles darem risada e não ficarem com vergonha. "Ai a professora fala cada

coisa...", as meninas falam (risos), mas eu falo mesmo, de forma clara, que é pra eles não terem vergonha da própria sexualidade. Uma vez que de repente até fazem como eu falei, não é pra ter vergonha se tão fazendo. Falo do problema do testículo, da descida. Têm meninos que ainda não tiveram a descida ainda e não falam pra mim, falo do problema da fimose, que é grave, que é no 1º ano que eles começam no mexe aqui, mexe ali, masturbação né, aí inflama, tivemos casos graves, e como eu trabalhei no hospital, então a gente já via casos graves de inflamação peniana por causa da fimose. Então eu abordo 'n' assuntos, e é muito bacana, dava assim, duas aulas eu falando e eu reservo um finalzinho pra eles, quando é aula geminada, daí se não... eu abordo em duas aulas.

12- Quando você falou pra mim sobre a educação sexual, a parte de orientação que você aborda primeiro... agora que você disse no comecinho...

Sim... sim...

- O que você aborda nesse quesito?

Na orientação, primeiro: DST e o uso de camisinha. Não tem sexo sem camisinha. Eles precisam ter essa consciência, embora não tenham. Aí eu cito exemplos como eu falei do hospital, meninos de 17 anos que foram contaminados pelo vírus do HIV na primeira relação sexual, um menino de 22 anos, de moças... Eu abordo também não só AIDS mas também a gonorréia que é presente na sociedade, tem didíase que é muito comum. E tem as minhas alunas que me contam, 6º ano... Então tem, essa orientação... E ah, higiene, por que a higiene é fundamental tanto pro menino quanto pra menina, é... falo pra elas levarem papel higiênico na bolsa, porquê as vezes chega na escola e não tem, e elas precisam ter esse cuidado... A prevenção, aí sim, iniciou uma vida sexual, a partir do momento que teve início e não quer ter uma gravidez precoce, além da camisinha, tem que fazer o uso de pílulas, que hoje tem 'n' marcas, tem pílulas, tem injeção, esses dois que elas não... Nada de pílula do dia seguinte, porquê isso afeta o óvulo delas, elas podem ter uma esterilidade lá no futuro, sem saber que foi do uso da pílulas seguinte. – que mais eu abordo nesse momento?... – Ah, hoje nós temos a injeção também, vacina né,

aí eu falo bastante do HPV, que é presente na nossa sociedade, explico até que a verruguinha que nós temos... Tem vários tipos de HPV, mais de 118 catalogados, 118 falo assim da presença deles na sociedade... da herpes... Então, é muito bacana, que é igual te falo, tem muita coisa para ser falado dentro da sexualidade, uma aula as vezes é pouco. No 2º ano eu trabalho mais, porquê fala da bactéria, eu trabalho, fala do vírus, eu trabalho, o fungo, eu trabalho... Então é bacana, quando eu chego no 2º ano. E no 3º ano... eu abordo quando, logo no comecinho, quando eu já vou falar os... os gametas. Os gametas masculinos, os gametas femininos né, e quando eu entro em cromossomos. Eu trabalho né, eu trabalho as doenças cromossômicas, aí eu já abordo também, vários parceiros pode levar à uma mutação celular, blá blá blá, e já... entro na deixa.

13- Você encontra alguma dificuldade no seu ambiente de trabalho? Aí pensando na equipe pedagógica, no gestor, você encontra alguma dificuldade para abordar?

Eu nunca encontrei. Um colégio que eu trabalhei só, eles tiveram um critério, embora tivesse no livro didático do professor, o tema sexualidade pra abordar, no 6º ano, devido aos pais, mas nos outros colégios, eu trabalhei, não precisei, pelo contrário, as pedagogas vieram atrás de mim sabendo que eu desenvolvi esse trabalho, pra estar falando com alunos que não eram meus, sobre esse assunto, que estava muito "furado" sabe... lá no 6º ano, tinha mais alunos

repetentes... Aí, eu já aproveitei a deixa, uma vez que ela já tinha pedido, já trabalhei com os meus também. Uma vez que eu tinha tido essa orientação nessa outra escola de não trabalhar, com medo dos pais... enfim, eu também falei, “bom, não vou trabalhar em um colégio, não vou trabalhar no outro também...”, mas aí eu aproveitei e trabalhei sim, desde o 6º ano.

14- Você já vivenciou alguma situação dentro do ambiente escolar, em relação à sexualidade (pode ser com aluno, professor), da qual você teve dificuldade em lidar?

Ah... não.

- Não?... Uma situação de preconceito, uma coisa que seja...

Hum... não

15- Como professora do ensino médio, você acha que tenha acontecido o ensino da sexualidade? Eu não digo só na disciplina de biologia, eu digo em todas. Você acha que isso tem acontecido?

Não.

- E você acredita que os seus alunos tenham aprendido, sobre sexualidade?

Os meus sim (risos), os meus sim...

16- Você já estudou, ou leu de repente o PCN (Parâmetro Curricular Nacional)?

Conheço.

- Conhece? Você sabe o que eles solicitam, no ensino da sexualidade?

Ai... eu até li já... Eu até já, fiz um trabalho, eu citei uma fala do PCN, mas eu não me lembro. De verdade, não me lembro. Eu li o PCN quando eu fiz esse trabalho de faculdade, mas eu não me lembro.

ANEXO E - Transcrição da entrevista professora P5/ 20 anos de atuação

ENTREVISTADO P5

1- Em que momento de sua vida decidiu ser professor de Biologia? O que o atrai nesta profissão?

Eu tinha uns 19 anos, foi a época em que eu casei, eu gostava da Biologia, mas na verdade eu queria fazer matemática, mas meu professor de biologia era um médico e eu amei Biologia, foi por isso que resolvi fazer. O que me atrai nesta profissão é o fato de eu gostar do ser humano, o corpo humano, a mente, acho que toda esta parte da Biologia em si eu gosto. Eu não sei te dizer se sou uma boa professora, mas eu gosto muito do que eu faço. Eu tenho um relacionamento muito bom com meus alunos, eu penso mais nos outros do que em mim mesma, talvez seja por isso que me dou bem com eles.

2- Como foi sua Educação Sexual?

Olha eu praticamente não tive, meus pais nunca falaram muito comigo sobre isso, na escola pouco se falava e ainda não tínhamos noção do que era o ato sexual ou até mesmo a menstruação.

3- E da parte familiar, você recebeu Educação Sexual? Fale um pouco sobre essa questão.

Quando eu menstruei fiquei muito assustada, me lembro da diretora da escola ligando para minha mãe ir me buscar, e lá ela começou a me explicar o que tinha acontecido. Quando cheguei em casa ela não trocou uma palavra comigo, eu fiquei assustada, mas logo passou, com o passar dos anos ai ela começou a falar sobre relacionamentos, que não podia deixar o namorado beijar antes de casar, umas coisas assim, talvez seja por isso que me casei cedo.

4- Em que momentos de sua educação escolar você recebeu embasamento sobre a sexualidade? Algum professor (a) abordou o assunto? Como? Em que série foi?

Olha eu não recebi, em nenhum momento. Quando eu era criança, o sexo ainda era um pudor, um tabu como eles chamam hoje né, não se falava, você só ia ter uma noção depois que casasse.

5- Você acha que é papel da escola tratar o ensino da Sexualidade ou não? Argumente sua resposta.

Eu acho que sim, mas precisa ser algo complementar, afinal, os pais não podem fugir desta responsabilidade, eu sei que alguns não conseguem falar disso com os filhos, mas é essencial. A escola serve para ensinar o biológico o aparelho reprodutor as doenças, mas questão de valores precisa vir dos pais.

6- Dois termos muito usados: sexo e sexualidade. Você acha que tem diferença ou são sinônimos? Poderia esclarecer cada termo?

Acho que não são sinônimos não. O sexo é o ato sexual, a reprodução, já a sexualidade, acredito que trate as questões voltadas a opção sexual das pessoas, se vão ser gays, lésbicas, ai a sexualidade explica o que é um e o que é outro.

Entendi. Você acredita então que a sexualidade explica a orientação sexual do sujeito?

É porque pensa comigo, não tem porque explicar mais nada, a criança sabendo essas diferenças já ajuda muito.

Você acha que só isso basta na Educação Sexual?

A eu acho sim, tem coisas que não devemos interferir, somos professores de Biologia e não sexólogos. Se eles quiserem aprender mais sobre isso eles olham na internet.

7- **Fale-me de como foi abordada a Educação Sexual, ou mesmo alguma temática relacionada à Sexualidade no seu curso de graduação.**

Na graduação eu aprendi sobre os aparelhos reprodutores, que eu me lembro foi só isso, não falávamos muito sobre isso na época, os professores tinham medo das represarias e não tocavam no assunto. Era o básico do básico, naquela época nem se ouvia falar muito de gays, se tinham eram mais enrustidos.

8- **No seu curso de graduação foram abordadas estratégias didáticas para a Educação Sexual em sala de aula que contribuíram na sua formação docente?**

De maneira nenhuma, nós vimos de uma maneira muito básica e se fôssemos para a sala de aula tínhamos que ensinar da maneira básica também.

Certo, mas o que era o básico?

Nós víamos os órgãos pelo livro de estudo, mas mesmo assim sentíamos vergonha, principalmente as meninas, parecia que aquilo não era de Deus, era um pecado mortal sabe.

Entendo.

9- **Você se sente preparado para ensinar sobre Sexualidade a seus alunos?**

Olha... eu particularmente até falaria, mas não tudo, ficaria mais com a área mesmo, a puberdade, as mudanças, mas não entraria na parte de sexualidade, explicando os relacionamentos. Acho que isso me traria problemas com os pais.

10- **Você encontra dificuldades no seu ambiente de trabalho para desenvolver a Educação Sexual com seus alunos ou acha que encontraria caso decidisse começar a desenvolver este tipo de trabalho?**

Olha, eu acredito que não teria problema por parte da equipe não, acho que eles aceitariam sim, mas também nunca procurei me envolver. Já por não ter muita afinidade sabe? **Entendo.**

11- **Você vivenciou alguma situação relacionada à Sexualidade, na escola, em que teve dificuldade de lidar? Esclareça, por favor.**

Olha eu acho eles muito imaturos para falar de sexo. Isso é uma dificuldade para mim, dá a impressão de que você é uma profissional do sexo sabe. Eles te olham assim.

Você acredita que falando sobre sexo e sexualidade seus alunos te veem como uma prostituta? É isso?

É isso mesmo, depois vão sair da sala e ficar falando que a professora faz isso, faz aquilo. Eles não relacionam com a vida dele, relacionam com a sua. E isso é ruim.

Você encontra esta imaturidade mesmo no Ensino Médio?

Sim, a maioria é imaturo.

12- Como docente do Ensino Médio, como você acha que tem transcorrido a Educação Sexual de seus alunos? Você percebe esta aprendizagem?

Bom da parte biológica acho que sim, mas sexualmente eu não sei, se eles sabem, aprendem em casa ou pela internet daí.

13- Você já leu ou estudou o documento dos PCN que trata da Educação Sexual?

PCN eu já ouvi falar mas nunca estudei ou li.

E você pode me dizer do que se trata?

Com certeza não, eu saberia dizer de fosse chutando né, mas acho que fala sobre o homossexualismo e o sexo biológico.

14- Você desenvolve totalmente ou em parte (ou não desenvolve) as recomendações sugeridas no PCN? Especifique.

Se falar sobre o sexo biológico eu desenvolvo, as outras partes não.

ANEXO F - Transcrição da entrevista professora P6/ 8 anos de atuação

ENTREVISTADA P6

1- Em que momento de sua vida decidiu ser professor de Biologia? O que o atrai nesta profissão?

O prazer de ensinar, a vontade de ajudar o outro eu sempre tive meio intrínseco comigo, desde cedo já dava aulas na catequese e fazia parte do grupo de jovens, quando fui para a faculdade o meu intuito não era lecionar, mas sim o Bacharelado em Biologia, eu queria atuar no campo de pesquisa, mas ai comecei a vivenciar a Licenciatura com outros profissionais da área, eu via o prazer com que eles faziam isso e me senti motivada. Foi mais ou menos assim que eu tomei coragem para ser professora. O que me atrai é ensinar.

2- Como foi sua Educação Sexual?

A minha? Nossa... deixa eu pensar se eu tive... (risos). O que eu soube assim, foi minha mãe quem ensinou, minha mãe... porque... como ela tinha que trabalhar, tanto ela quanto meu pai e eu tinha que ficar em casa sozinha com meu irmão, e apesar de eu não saber me virar muito bem pois vivíamos muito protegidos, minha mãe desde muito cedo chegou e explicou, olha, o mundo é assim, é assim que vai acontecer e isso me levou a um amadurecimento mais cedo, mas na escola, raramente, eu me lembro que na faculdade por mais que eu soubesse assim, o que minha mãe já havia ensinado, eu morria de vergonha, quando o professor ou alguém começava a falar eu já ficava vermelha, era constrangedor porque eu não tinha este costume.

3- E da parte familiar, você recebeu Educação Sexual? Fale um pouco sobre essa questão.

Só minha mãe mesmo e ainda assim, bem sucinto, foi um pouco antes de eu menstruar, naquela época não se falava palavrão, e se falássemos algo sobre sexo era feio, sujo. E se perguntasse com curiosidade, já achavam que queria saber pois queria praticar.

4- Em que momentos de sua educação escolar você recebeu embasamento sobre a sexualidade? Algum professor (a) abordou o assunto? Como? Em que série foi?

Olha de momento eu não me lembro muita coisa não, eu lembro que era falado alguma coisa nas aulas de Biologia mas muito pouco também, o professor não tinha domínio da sala, fazíamos muita bagunça, era um colégio de periferia e minha sala era multiseriada, então era passado algo bem superficial.

Você se lembra o que era abordado?

Não. Não lembro mesmo.

5- Você acha que é papel da escola tratar o ensino da Sexualidade ou não? Argumente sua resposta.

Não, não acho. Nós não somos educadores, nós somos professores, a educação tem que ser em casa, da mesma forma a Educação Sexual também tem que vir de casa. O professor tem papel de orientar, explicar, esclarecer dúvidas, ampliar este conhecimento, é claro que o pai e a mãe não vão ter o conhecimento total, mas ai o professor pode auxiliar, é algo que vem para complementar. Seria em partes em casa e em partes na escola.

6- Dois termos muito usados: sexo e sexualidade. Você acha que tem diferença ou são sinônimos? Poderia esclarecer cada termo?

Tem diferença, o sexo em si pode ser classificado... deixa eu pensar e reformular, espera ai... tem duas formas à princípio, o sexo masculino e o feminino e o sexo como o ato sexual, comumente realizado entre duas ou mais pessoas e a sexualidade é aquela relação que a pessoa tem com esse tipo de situação, até com o seu corpo, nestes momentos, a sexualidade é muito mais ampla que o ato.

Você poderia me dar um exemplo desta amplitude da Sexualidade?

Então, **(pensa),** por exemplo o adolescente que está entrando na sexualidade, ele começa a descobrir através da puberdade que seu corpo está modificando, passa a ter sensações diferentes, a se atrair por outro ser, dentro dessa sexualidade eles irão aprender a utilizar os órgãos, a utilizar essas sensações da melhor forma ou de forma incorreta também, acaba envolvendo a parte da vida dele relacionada a encontrar um outro ser ou o prazer nos órgãos genitais, ai, não sei... nunca parei para pensar desta forma **(sente-se envergonhada).**

7- Fale-me de como foi abordada a Educação Sexual, ou mesmo alguma temática relacionada à Sexualidade no seu curso de graduação.

Então, na faculdade, como até então eu sabia, mas sabia aquela coisa restrita, assustei pois o professor lá mostrava a anatomia dos órgãos, passou vídeos, mas eu só me lembro da vergonha que sentia, lembro que começou em embriologia.

8- No seu curso de graduação foram abordadas estratégias didáticas para a Educação Sexual em sala de aula que contribuíram na sua formação docente?

A estratégia que eles passam não é relacionada a um determinado conteúdo é só mesmo em relação a postura do professor, como é um assunto constrangedor, eu sempre parto mais para a parte biológica, explico as razões de estar entrando neste assunto, pro aluno prestar atenção e parar para entender e aprender de forma mais coerente.

9- Você se sente preparado para ensinar sobre Sexualidade a seus alunos?

Sim, só preciso estudar mais o conteúdo, geralmente eu uso o livro cedido pelo Governo, acho que ele traz bem o conteúdo, mas depende da maturidade da turma e da série.

Em se tratando do Ensino Médio, como faria?

Iniciaria com reprodução humana, o que é, como acontece, os órgãos, doenças, métodos contraceptivos.

10- Você encontra dificuldades no seu ambiente de trabalho para desenvolver a Educação Sexual com seus alunos ou acha que encontraria caso decidisse começar a desenvolver este tipo de trabalho?

Eu tenho dificuldades no material didático, e acho que a gestão não ajuda muito, o colégio repreende muito o ensino da Educação Sexual, já vi aquela cartilha do MEC e não aceitaria ensinar com ela, os pais me dariam trabalho. Dá a impressão que estou induzindo meus alunos ao sexo.

11- Você vivenciou alguma situação relacionada à Sexualidade, na escola, em que teve dificuldade de lidar? Esclareça, por favor.

Não, não tive nenhuma.

12- Como docente do Ensino Médio, como você acha que tem transcorrido a Educação Sexual de seus alunos? Você percebe esta aprendizagem?

Eu acho que está bom, procuro deixar em aberto para que tirem dúvidas, então acho que eles aprendem bem.

13- Você já leu ou estudou o documento dos PCN que trata da Educação Sexual?

Sim, várias vezes, mas não me lembro do que trata, eu lembro que trata as DSts (Doenças Sexualmente Transmissíveis), mas o restante não. **(É possível que ela tenha confundido com as DCEs).**

14- Você desenvolve totalmente ou em parte (ou não desenvolve) as recomendações sugeridas no PCN? Especifique.

Acredito que sim, em partes, explico bem os órgãos reprodutores, e as doenças.

ANEXO G - Transcrição da entrevista professora P7/ 6 anos de atuação

ENTREVISTADA P7

1- **Em que momento de sua vida decidiu ser professor de Biologia? O que o atrai nesta profissão?**

Terminando o Ensino Médio.

Como se deu esta descoberta?

Ah... eu sempre tive facilidade com as disciplinas, eu gostava de praticamente todas e até então eu pensava em fazer Licenciatura em Matemática, ai de repente eu gostei também da grade de Biologia, principalmente porque no terceiro ano tem genética e eu gosto bastante de genética, e ai entre a matemática e a genética, até porque dentro da genética também tem os cálculos, envolve matemática, então eu achei que conseguiria aliar as duas coisas.

O que então atrai você a esta profissão?

Ah... eu gosto de dar aula, gosto também da pesquisa, mas me sinto muito bem quando leciono.

2- **Como foi sua Educação Sexual?**

Na escola eu não tive, em casa também não (risos).

E como você fazia para se informar?

Não fazia (risos), era mais curiosidade mesmo, conversas entre amigas, mas a minha mãe ela era fechada nesse aspecto, (coça a orelha com aspecto de preocupação) ela não comentava nada comigo e nem com a minha irmã, nem questão de menstruação, nada, só respondia o que eu perguntava, mas assim, nunca teve uma conversa, e em questão, à, durante a grade da escola, mesmo no Ensino Médio, não foi falado nada, eu pelo menos não me recordo de ter nenhuma professora, de nenhuma disciplina comentado nada.

3- **E da parte familiar, você recebeu Educação Sexual? Fale um pouco sobre essa questão.**

Neste momento, devido a entrevistada já ter relatado da mãe na questão anterior, reformulei a pergunta da seguinte forma:

Bem, da parte familiar você relatou que sua mãe era muito fechada neste aspecto, teve mais algum familiar que educava você sexualmente?

Não, ninguém. Eu também era muito tímida. Não se tinha essa conversa em casa, nunca teve.

4- **Em que momentos de sua educação escolar você recebeu embasamento sobre a sexualidade? Algum professor (a) abordou o assunto? Como? Em que série foi?**

Devido a entrevistada já ter relatado um pouco de sua educação sexual escolar, reformulei a pergunta da seguinte forma:

Bem, você afirmou em uma das questões anteriores durante sua educação escolar, não teve a educação sexual não é?

Não que eu me lembre. Em momento nenhum.

Certo, nem no Ensino Médio?

Não eu não lembro, não só professor de Biologia, porque é um assunto transversal e poderia ser tratada com qualquer outra disciplina, eu não lembro **(neste momento aparenta estar decidida e gesticula apontando o dedo para si).** Não tem como eu afirmar sim ou não, eu pelo menos

não recordo **(demonstra confusão ao tentar se lembrar e fica inquieta ao perceber que não lembra).**

5- **Você acha que é papel da escola tratar o ensino da Sexualidade ou não? Argumente sua resposta.**

Eu acredito que sim, acredito que sou o oposto do que deveria ter acontecido, acho que deve ter essa conversa na família até mesmo por uma questão de confiança e proximidade, porque assim, muitas pessoas como eu, talvez fossem bem tímidas e não conseguiria se expressar fora de casa, então é interessante pelo menos a mãe ser próxima, ou o pai no caso de menino, ser próximo nesse aspecto. Mas eu acredito que a escola possa informar pelo menos no que se refere ao respeito entre relações do mesmo sexo, pelo menos no que se refere a doenças, porque eu lembro que DST, teve alguma coisa, **(em relação à questão anterior)** mas assim, vagamente, não foi uma Educação Sexual em si, foi assim: tal doença é tal sintoma e acabou **(bate uma palma).** Não foi falado tudo aquilo que envolve isso, não só a questão de saúde é muito mais que isso, é uma questão emocional, é uma questão social, e não... era só questão assim ó: o nome da doença é tal, é bactéria ou vírus tal, é assim que pega, é assim que evita e pronto. Era uma coisa mecânica.

6- **Dois termos muito usados: sexo e sexualidade. Você acha que tem diferença ou são sinônimos? Poderia esclarecer cada termo?**

Tem diferença. Olha eu particularmente acredito assim, o sexo tem o sexo genético, que é diferenciação sexual né, o indivíduo do sexo masculino e feminino, (xx e xy), **(exemplo genético),** tem mesmo o sexo masculino e feminino em si e a sexualidade ela envolve a questão comportamental, tudo o que envolve o tema, não só a ação sexual, mas tudo que envolve a questão de maturação sexual física, mas também emocional, a questão de todas essas doenças, de tudo o que pode envolver, então, Sexualidade para mim seria assim, bem mais amplo, que envolve toda essa questão, todo o desenvolvimento, desde à partir da puberdade, desenvolvimento físico mesmo, maturação sexual tanto física quanto emocional e... **(pensa)** todo um contexto, a questão da homossexualidade os tipos de relações sexuais que existem hoje, e o sexo em si, ele pode ser, ou o sexo genético, ou uma questão de gênero mesmo para identificar um indivíduo do outro e ponto. Eu não faço relação do sexo em si com o ato sexual, acho que seriam coisas diferentes.

7- **Fale-me de como foi abordada a Educação Sexual, ou mesmo alguma temática relacionada à Sexualidade no seu curso de graduação.**

No curso de graduação... **(pensa).** Olha, bem pouco eu estou lembrando também. Sabe o que eu lembro mesmo na questão da Sexualidade, de um seminário que eu fiz na UEM, durante uma especialização, durante a graduação o tema em específico eu não me lembro. Disciplina específica não teve, bem eu lembro do Sistema Reprodutor que vimos em Fisiologia, mas não lembro do tema Sexualidade como um todo. Não lembro. Seria apenas a parte biológica.

8- **No seu curso de graduação foram abordadas estratégias didáticas para a Educação Sexual em sala de aula que contribuíram na sua formação docente?**

Em se tratando de Sexualidade não, teve a questão da prática pedagógica que preparava a gente para ministrar qualquer conteúdo em si na parte de estágio curricular mesmo, em sala de

aula, e vi a parte biológica da questão do Sistema Reprodutor, mas especificamente algo que preparasse para o tratamento do tema Sexualidade em sala de aula, não.

9- Você se sente preparado para ensinar sobre Sexualidade a seus alunos?

Hoje sim, mas até por uma questão de interesse pessoal, eu fui pesquisar, e pela questão da especialização que foi feita de Fisiologia humana, e dentro desta especialização eu me lembro de ter trabalhado muito, inclusive nós tivemos aulas com uma psicóloga, teve a parte biológica mas muito mais que isso, teve a parte desde o desenvolvimento dos caracteres sexuais primários do sexo genético, gamético, eu lembro! Mas assim... da graduação em si não, e da especialização aliada a minha busca pessoal, por interesse, porque quando eu comecei a trabalhar eu vi que havia ainda muito preconceito de professores sobre o assunto, e eu já tive vários alunos homossexuais, por exemplo, né, e eu sentia de vivência mesmo, uma questão de discriminação, que seja um olhar, ou um tipo de tratamento de professores com esses alunos.

Eu percebi que por mais que você tente como professor pregar o respeito, eu percebia que era "Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço", às vezes até por uma questão involuntária, por falta de conhecimento, eu entendo que não seja por maldade, pois se eu não tive nenhum conhecimento específico na graduação, eles que são professores mais antigos muito menos, eles não sentem segurança em tratar disso, e também a formação rígida neste aspecto que devem ter recebido de casa. Isso influi no preconceito, que embora velado, existe. Eu como sempre tive mais contato com meus alunos, não sei porque mas eles sempre tinham um contato maior comigo, e muitas vezes chegavam particularmente e conseguiam se abrir para suprir uma dúvida, procurando um aconselhamento, sem constrangimento, então eu queria estar capacitada para poder ajudá-los e quem sabe ajudar até os professores. Acredito que nosso problema maior sejam os professores. Então perto deles eu me sinto sim, preparada para tratar o tema.

10- Você encontra dificuldades no seu ambiente de trabalho para desenvolver a Educação Sexual com seus alunos ou acha que encontraria caso decidisse começar a desenvolver este tipo de trabalho?

Olha eu acredito que não, a equipe pedagógica apoia, mesmo porque é uma lacuna muito grande, o colégio não sabe como tratar, e a direção juntamente com a equipe não tem como fazer isso sozinho, e como eles sabem que muitos professores não trabalham o assunto, então quando queremos trabalhar eles apoiam.

11- Você vivenciou alguma situação relacionada à Sexualidade, na escola, em que teve dificuldade de lidar? Esclareça, por favor.

Olha, até sim, mas como eu te disse, no sentido de um outro professor, em relação ao comportamento dele a um aluno homossexual, na hora eu não pude tomar qualquer atitude para não desautorizar, desmerecer, aquele professor justamente por uma questão ética, depois do ocorrido eu conversei com a turma envolvida, era um segundo ano do Ensino Médio, no fim acabei não conversando com esta professora, mas assim como o aluno me senti ofendida e chateada por não poder tomar partido. A sala apoiou o aluno ofendido.

12- Como docente do Ensino Médio, como você acha que tem transcorrido a Educação Sexual de seus alunos? Você percebe esta aprendizagem?

No geral eu poderia falar por mim, eu trabalho a Sexualidade de uma maneira geral, acredito que eles entendam, geralmente eu puxo um assunto de acordo com um fato ocorrido, desta forma eu percebo que eles aprenderam a partir do momento em que não fazem aquilo que antes era errado e faziam.

13- Você já leu ou estudou o documento dos PCN que trata da Educação Sexual?

Para ser sincera tudo não, já li mas não inteiro, sei que aborda a Sexualidade de maneira transversal.

Você pode me explicar?

Sim, transversal é tudo aquilo que pode ser trabalhado por todas as disciplinas, envolve o social, o respeito.

14- Você desenvolve totalmente ou em parte (ou não desenvolve) as recomendações sugeridas no PCN? Especifique.

Em partes... **(respira fundo)**. Eu acredito que é um tema tão amplo, que totalmente eu não sei se um dia eu vou conseguir, claro que eu gostaria de trabalhar integralmente tudo o que diz o PCN, mas a grade curricular contempla duas aulas semanais, é tanta coisa que recai sobre a disciplina que muitas vezes não conseguimos nem ao menos contemplar o conteúdo específico da disciplina. Não tem tempo hábil para isso.

ANEXO H - Transcrição da entrevista professora P8/ 7 anos de atuação

ENTREVISTADA P8

1- Em que momento de sua vida decidiu ser professor de Biologia? O que o atrai nesta profissão?

Foi assim, eu estava no Ensino Médio, e já tinha um interesse pela disciplina de Ciências, logo depois pela Biologia também, e foi com a professora do terceiro ano, com a matéria de genética que eu me interessei, achei fascinante, e ai eu disse para mim mesma: Nossa! Eu tenho que fazer um curso que eu possa dar aula de Biologia. Ai foi quando eu cheguei na professora e perguntei qual curso eu teria que fazer, e ela me disse que era Ciências Biológicas. Então eu já tinha aquele interesse, foi só um estímulo a mais para fazer.

O que te atrai então nesta profissão?

Olha, em termos de disciplina, de conteúdo, o que me atrai é a área da genética, gosto muito da tecnologia, biotecnologia, também o trato com os alunos na higiene pessoal e a proximidade dos alunos devidos aos conteúdos que trabalhamos em aula.

2- Como foi sua Educação Sexual?

Como ocorreu? **(pensou)** Então eu e minha mãe sempre fomos muito abertas uma com a outra, ela nunca me disse, ah... sobre isso não vamos conversar, então eu não fui para a escola sem saber de nada, é claro que na escola tive excelentes professores que me orientaram, mas fui mais educada em casa.

3- E da parte familiar, você recebeu Educação Sexual? Fale um pouco sobre essa questão.

Da parte familiar você me disse na questão anterior, que foi educada sexualmente mais pela sua mãe. Tem algum outro ente familiar que promoveu ou auxiliou nesta educação?

Foi só ela mesmo, ela iniciou me explicando como surgíamos neh **(risos),** eu queria saber como tinha nascido, mas é claro que ela contou a história da sementinha pois eu não tinha idade para saber a sexualidade de maneira mais clara, aos poucos ela foi falando das consequências de se ter um filho muito cedo, das DSTs (doenças sexualmente transmissíveis). Ela começou a falar do período menstrual quando eu tinha 12 anos, e só depois passou a tratar estes assuntos, acho eu que ela pensava que só a partir dali eu poderia engravidar **(neste sentido, a entrevistada refere-se ao fato da menstruação não ser fator único de gravidez, pois meninas que não menstruam podem engravidar).**

4- Em que momentos de sua educação escolar você recebeu embasamento sobre a sexualidade? Algum professor (a) abordou o assunto? Como? Em que série foi?

Na escola eu tive contato com a Educação Sexual apenas na sétima série **(hoje denominado como oitavo ano)** lembro que na educação infantil vagamente vimos os órgãos reprodutivos, onde a professora dizia: a menina tem o órgão tal e o menino o tal. Só isso na educação infantil. Mas uma explanação melhor elaborada foi mesmo na sétima série. Era um professor do sexo masculino ele começou a falar sobre célula, que somos formados a partir de uma célula reprodutiva tanto do homem quanto da mulher, lembro que ele falou como ocorria o ato sexual, as partes **(referindo-se aos órgãos genitais),** menstruação, ovulação, nossa ele falou tudo bem

detalhado, me lembro certinho, inclusive acredito que foi através das aulas dele que comecei a gostar de Ciências. Já no Ensino Médio, eu me lembro que a abordagem era levada mais às DSTs, mas também não foi muito não, eu sinto que no Ensino Fundamental foi mais abordado que no Ensino Médio.

5- Você acha que é papel da escola tratar o ensino da Sexualidade ou não? Argumente sua resposta.

Não somente da escola, assim como tudo né, na educação de um filho os pais tem que estar presente, a família tem que estar presente, lógico que a escola contribui, mas vejo que é só um aparato e uma variância entre a família e a escola **(mostrou-se confusa em utilizar as palavras aparato e variância).**

Você pode me explicar melhor aparato e variância neste sentido?

Olha... não sei se saberia explicar... **(pensa),** é não sei te explicar.

Como você acha então que a escola poderia tratar este assunto no Ensino Médio?

Eu acho que dá pra tratar com eles de um modo que mostre realmente as consequências pois no Ensino Fundamental a criança fica meio impressionada com as imagens, no Ensino médio, você já pode abordar a moralidade do sexo que é ao contrário da promiscuidade, hoje em dia os adolescentes estão terríveis, o sexo tem se tornado algo muito banal para eles, um dia estão se relacionando com uma pessoa, no outro dia com outra, você não pode instigar a praticar o sexo, mas tem que mostrar ao mesmo tempo que é algo gostoso e que se eles estiverem prontos e decidirem praticar, que tem consequências, o índice de meninas grávidas é alto, doenças também, uma outra coisa é a depressão, na busca de se igualar às outras meninas, elas acabam em um beco sem saída.

6- Dois termos muito usados: sexo e sexualidade. Você acha que tem diferença ou são sinônimos? Poderia esclarecer cada termo?

Eu acho que tem diferença. A sexualidade é o conjunto que abrange todo o processo inclusive de opção sexual e o sexo é o ato em si. **(O termo opção não é utilizado pois acredita-se que o indivíduo já nasça com características oriundas geneticamente, por isso, o termo correto é orientação sexual).**

7- Fale-me de como foi abordada a Educação Sexual, ou mesmo alguma temática relacionada à Sexualidade no seu curso de graduação.

Na minha graduação, os professores falavam, assim, a respeito das doenças, foi falado bastante ali da parte desde o princípio né, das células, como que se maduram **(amadurecem)** tanto a masculina quanto a feminina, então eu achei que foi bem falado, para mim não deixou a desejar não. Seria a sexualidade de forma reprodutiva e também preventiva, até porque eu e uma equipe, na época sempre fazíamos trabalhos juntos, montamos um projeto sobre sexualidade e tivemos o apoio de alguns professores, e deu super certo.

Você pode me falar um pouco sobre este projeto?

Posso, posso sim, nós íamos nos colégios, a professora dava sua aula lá dentro da Biologia e deixava para nós um espaço para falarmos de algumas coisas, métodos contraceptivos, doenças, eram 10 minutos da aula do professor uma vez por semana, eu percebi que foi bom

pois os alunos conseguiam tirar suas dúvidas, eles talvez pelo contato diário não conseguiam tirá-las com a professora regente, mas com a gente eles conseguiam.

8- **No seu curso de graduação foram abordadas estratégias didáticas para a Educação Sexual em sala de aula que contribuíram na sua formação docente?**

Tive sim, eram disponibilizados alguns métodos contraceptivos, pílulas, diafragma, camisinha feminina e masculina, os aparelhos reprodutores. Tudo isso era disponibilizado pelos laboratórios da faculdade.

9- **Você se sente preparado para ensinar sobre Sexualidade a seus alunos?**

É logico. Mas assim, a gente sempre tem muito mais a aprender. É um aprendizado constante, mas eu me sinto sim preparada para estar trabalhando com eles.

10- **Você encontra dificuldades no seu ambiente de trabalho para desenvolver a Educação Sexual com seus alunos ou acha que encontraria caso decidisse começar a desenvolver este tipo de trabalho?**

No meu ambiente de trabalho, o que acontece, muitas vezes par trabalhar este tema, você precisa trabalhar com algo que chame a atenção, com a internet, muitas coisas eles já sabem, mas nem sempre de forma correta, agora em relação a equipe pedagógica e direção, como já passei por muitos colégios, entre sim e não posso dizer que a maioria não se mostrou resistente, pelo contrário, eles até gostam, incentivam, apoiam bastante.

11- **Você vivenciou alguma situação relacionada à Sexualidade, na escola, em que teve dificuldade de lidar? Esclareça, por favor.**

Olha na escola, **(pensa)...** não, não me deparei com algo que eu tivesse dificuldade de lidar não.

12- **Como docente do Ensino Médio, como você acha que tem transcorrido a Educação Sexual de seus alunos? Você percebe esta aprendizagem?**

Pensando em mim, nas minhas aulas e de alguns colegas que converso, eu acredito que esteja sendo proveitoso, lógico que não soluciona cem por cento do problema, mas eu vejo que eles já se sentem mais seguros, já não é mais um tabu, dá para ver no rosto deles a satisfação, principalmente quando é dito algo que nunca seria tratado em casa, eles se sentem mais confiantes, eu sinto que a grande maioria fica esclarecida com a aula.

13- **Você já leu ou estudou o documento dos PCN que trata da Educação Sexual?**

Já sim, eu vejo o PCN, **(gesticula bastante e aparenta estar em dúvida sobre sua colocação),** bom, eu acho que fala pouco sobre a sexualidade, acho que deveriam dar mais foco nisso, deveria ser algo... **(pensa),** como posso colocar para você **(pensa)** a que salientasse a sexualidade **(neste momento acredito que a entrevistada confundiu o PCN com a DCE).**

14- **Você desenvolve totalmente ou em parte (ou não desenvolve) as recomendações sugeridas no PCN? Especifique.**

Olha eu procuro estar fazendo meu PTD de acordo com o que está sendo solicitado ali, mas é claro que não sigo a risca devido ao tempo para aplicar o conteúdo, devido a turma, mas a estrutura eu sei.

Você pode me dizer quais as estruturas do PCN?

Sei sim, mecanismos biológicos, biologia celular, matéria, energia **(neste momento a entrevistada confirma a hipótese de estar confundindo o PCN com a DCE).**

ANEXO I - Transcrição da entrevista professora P9/ 6 anos de atuação

ENTREVISTADA P9

1- Em qual momento da sua vida você decidiu ser professora de biologia? Tipo assim, o que te atraiu nessa profissão?

Desde a infância, quando eu já via a biologia e meus professores explicar sobre ciência... Quando a gente é criança, a gente tem muito contato com os planetas, tem muito contato com constelação, eu ficava encantada com tudo aquilo. Foi o que me encantou, animais, sempre. Já nasci com essa vontade.

- Então o que te atrai nessa profissão foi mais a questão da astronomia, planetas...?

Foi, foi... Aliás, toda a questão da biologia, mas inclusive os planetas, que é a primeira coisa que se apresenta a uma criança, é essa parte. Depois os animais, depois o nosso eco sistema, fiquei apaixonada por tudo. Já me atraí.

2- Como foi a sua educação sexual?

A minha educação sexual foi boa, apesar de que, não tinha muito contato, era mais tabu, tanto da parte dos pais, quanto dos professores, quanto da parte em casa, do seio familiar. Então... Mas eu tive uma educação sexual boa, e eu posso falar que depois do colegial, as instruções que me passaram foram as instruções que eu levo até hoje, pra vida inteira. Inclusive eu sigo isso também dentro da sala de aula.

- Entendi. Mas você acha que foi um tanto quanto mais educada sexualmente dentro da escola ou dentro do seio familiar?

Dentro da escola. Com certeza. Toda a informação, é dentro da escola. E ainda bem que é dentro da escola com os professores, e não de uma forma erronia na rua, ou algo assim. Mas assim, dentro da família, não se tem muitas explicações, até hoje pai e mãe tem dificuldade de sentar o filho e conversar sobre essa parte de educação. É mais dentro da escola, por isso o professor tem que ser um ótimo educador pra poder passar aqueles aprendizados que as crianças necessitam, ainda mais hoje que tudo muito informatizado, as crianças hoje têm acesso, às vezes acesso errado e é necessário ter o professor que passe certamente, de maneira mais correta a educação sexual deles, dentro da escola.

3- Eu quero que você conte pra mim sobre a sua educação sexual na sua casa. O quê a sua família explicou pra você sexualmente.

(Longa pausa)... Praticamente não teve (risos). Essa parte praticamente não teve, muito pouco, muito pouco. Até mesmo por que quando eu era criança, eu lembro disso. Quando eu era criança, eu vi uma propaganda de carnaval. Eu tinha 6 anos, eu estava na sala, junto com a família em horário comercial, era coisa de seis horas da tarde, e tinha uma propaganda do carnaval, " Coloque a camisinha no peru". Muito antigamente fizeram essa propaganda, há uns 20... 25 anos atrás, e aí eu olhei pra cara da minha vó, e da minha mãe que estavam sentadas junto comigo, e eu perguntei assim: O quê que é colocar a camisinha no peru? E a minha vó falou, mais do que depressa, " Ué, é uma camisetinha bem pequenininha que você veste no peru, porque se não ele pode ficar resfriado..." (risos). Então não se tinha muito diálogo nessa parte não. Não havia...

- Nem assim, porquê você ta falando num âmbito infantil. Após a adolescência mudou?

Mudou. Aí vem a preocupação dos pais em relação... " Ah não vai ficar grávida... Cuidado com quem você beija... Como que é o rapazinho que você gosta?... ", e tudo mais. Aí mudou. Há uma abertura de diálogo, porquê há uma necessidade que os pais vêem que você está ficando adolescente, seu corpo muda, e aí vem uma necessidade de abrir pelo menos um mínimo de um assunto pra falar. "Se cuida, se proteja, se previna pra não ter filho, pra não pegar nenhuma doença...", aí sim, mas pouco. Muito mais na escola.

4- Em que momentos da sua educação escolar, você recebeu um embasamento sobre sexualidade? Algum professor abordou o assunto? Em que série que foi?

Sétima série. De 13 pra 14 anos... É faixa etária. Foi uma explicação muito detalhada sobre tudo. Até mesmo por que, na sétima série antigamente, não sei com que ta agora né, mas antigamente era assim: a sétima série era exclusiva da arte de ciências, pra falar sobre sexualidade, então desde o início da vida, até a velhice, e até o quê acontece com nossos estágios corpóreos, tudo o quê acontece com nosso corpo. E a parte da sexualidade é muito tratada na sétima série. E foi muito interessante por que a professora levava maquetes, ilustrava, mostrava até mesmo vídeos de pessoas fazendo abortos pra ficar fixado na cabeça de nós, que ainda éramos crianças, que aquilo era errado.

- Em algum momento assim, dessa abordagem pelo professor, era tratado questões sobre homossexualidade, homofobia, algo do gênero, ou não?

Essas questões eram tratadas pouco. Hoje em dia não, eu vejo que há uma necessidade muito maior até mesmo de ser tratado isso. Porquê antigamente, pode ser até que tinha, mas era menos do quê hoje em dia.

- Seria mais uma... Algo mais biológico...

É, algo muito mais biológico e necessidades fisiológicas mesmo. Sobre hormônios, heferomônios, sobre... Até mesmo na parte biológica, falando dos animais, de como os machos atraiam as fêmeas, e por aí, trazendo isso para os humanos, a parte de gostar, de se apaixonar, de querer... Mas era sempre tratada a parte do homem e mulher, do modo correto.

- Ou seja, a heterossexualidade.

A heterossexualidade.

5- Você acha que é papel da escola tratar o ensino da sexualidade, ou não?

Sim.

- Argumenta pra mim.

É fundamental.

- Por quê que você acha que tem que ser a escola pra tratar isso?

Não só a escola. "É papel da escola?", é, papel da escola, de trazer a abordagem sobre instrução de pessoas, porquê até hoje, pais e mães, se sentem muito desconfortáveis quando os filhos vão perguntar sobre alguma questão dessa parte. A escola não. A professora tendo conhecimento, ou professor tendo conhecimento teórico embasado ali nas estruturas pra colocar na cabeça de uma criança ou desenvolver na cabeça de uma criança de uma forma certa, é necessário sim uma boa abordagem. Por isso eu acho que é uma boa abordagem, porquê é mais fácil pra um professor conversar com um aluno e explicar tudo e colocar as informações do quê se for no caso de um filho e um pai. O pai às vezes não vai saber explicar aquilo pro filho de uma forma correta, pode criar até mais dúvidas na cabeça da criança e fica mais difícil.

6- Dois termos que a gente utiliza muito atualmente, sexo e sexualidade. Você acha que eles têm diferença entre si ou são sinônimas?

Não, eles não são sinônimos.

- Você pode esclarecer pra mim?

Sexo é uma coisa, sexualidade é outra totalmente diferente. Sexo, sexo é, toda criança quando nasce, ela nasce com um sexo, ou o sexo feminino ou o sexo masculino. Quando cresce, desenvolve-se, aí vem o termo de relação sexual, que também é tratado como sexo hoje em dia. Relação sexual é o coito entre duas pessoas, que tem lá suas partes íntimas expostas e eles criam um momento harmônico e acaba ali, nas vias de fato. A sexualidade, é tudo o que é tratado sobre sexualidade mesmo. Desde quando é neném, até a vida adulta a sexualidade é uma série de fatores e características que desenvolve aquele ser. Aí é a emoção, o carinho a efetividade, o comportamento dos pais, tudo envolve na sexualidade, e já é bem diferente do sexo em si, que é o ato...

- Quais seriam esses fatores, que indicam por exemplo a sexualidade?

Ta. Quando a criança... Vamos colocar uma criança do sexo feminino. Ela pergunta pra mãe dela "Ah mãe por quê que ele é diferente de mim, ele tem uma coisinha lá que eu não tenho?", e a mãe vai dar a resposta, "porque ele é menininho e você é menininha". No jeito de se vestir, no jeito de se comportar, a menina é puxada de uma outra forma, diferente do menino. Teoricamente falando, a menina gosta de brincar mais de boneca, de casinha, de coisas que interferem a menina. E o menino não. Menino já gosta de jogo, de luta, de carrinho, de outras coisas.

- O quê que você acha que influencia nesses fatores?

A criação.

- Você acha que a criação então vai fazer com que o menino seja um pouco mais agressivo, e as meninas sejam mais delicadas...?

Não, isso vem da cultura. É culturalmente. Mas por exemplo, se nós temos um lar onde existe um pai e mãe, as duas estruturas, o pai vai ensinar o garoto coisas de homem, " Ah você tem que ser macho... Menino não chora... Ah, tal coisa você já parte pra porrada...", e já a cultura da menina também sendo criada nessa cultura machista, ela já vai discenir pra outro lado, "Ah menina não pode usar uma saia e ficar abrindo as perninhas... Menina tem que se comportar... Menina tem que passar batom, colocar brinco e ser mais feminina...", então essas duas características são culturais que são impressas à nós mesmos, desde criança quando a gente já tem uma percepção sobre o mundo.

7- Fale-me como foi abordada a educação sexual, ou mesmo até uma temática relacionada à sexualidade no seu curso de graduação.

No curso de graduação, foi, algumas experiências muitos interessantes. Por quê? Porque os professores e educadores abordavam a sexualidade de uma forma muito mais dinâmica, muito mais interessante, aonde nós poderíamos aprofundar a questão de sexualidade, tanto num nível teórico, quanto num nível prático. Por quê? Alguns professores da área de biologia, davam o direito do aluno ir lá e fazer entrevistas, pra tirar depoimentos de pessoas, pra colher informações que agregassem em toda uma estrutura de conhecimento teórico.

- Você teve alguma disciplina específica, que tratasse da sexualidade ou não?

Não.

- Nem em biologia...

Fisiologia, anatomia humana...

- Sim, mas isso é a parte reprodutiva né, nada como a sexualidade num todo.

Não. Tanto é que esses trabalhos de abordagem que eu estou falando, teve um professor da área de psicologia que sugeriu pra fazermos.

8- Você teve alguma estratégia didática de educação sexual em sala de aula, que contribuiu nessa formação?

A ilustração pros alunos sobre materiais... Vídeos... Slides, data show, todo material áudio visual necessário pra mostrar e ilustrar e ensinar para as crianças da melhor forma, maquetes, peças, tanto femininas como masculinas, até mesmo diferença entre uma camisinha masculina e uma feminina, como se deve colocar uma camisinha num pênis, e tudo mais.

9- Você se sente preparada pra ensinar sobre sexualidade para os seus alunos?

Totalmente preparada. Um professor que ensina sexualidade pra qualquer pessoa, pra qualquer aluno, ele precisa ter uma cabeça aberta, um embasamento teórico, de ter pratica e dinâmica. E principalmente, ser... Ao falar de uma maneira totalmente esclarecida dentro da sala de aula, ser receptivo às perguntas, mas esclarecer de uma maneira correta, para que não haja nenhum mal interpretamento aí das perguntas...

10- Você encontra no seu ambiente de trabalho alguma dificuldade pra desenvolver educação sexual com os seus alunos? Ou você acha que encontraria caso começasse a desenvolver esse tipo de trabalho?

Encontra-se. Hoje em dia encontra. Porque hoje em dia a sexualidade, você precisa abordar que, psicologicamente falando, um homem nasceu do sexo masculino, mas ele tem interesse em um outro homem que também é do sexo masculino e isso caracteriza a homossexualidade, e abordar temas assim não é fácil, você tem que ter um esclarecimento, então é dessa forma, é nesse estilo que tem que pegar. Há algumas perguntas que até mesmo deixa os professores com mais curiosidade pra entender mais sobre o assunto pra poder explicar melhor. E hoje em dia encontra-se muita dificuldade entre alunos também que não tem o conhecimento e só que, por exemplo, um aluno é mais quietinho, mais recatado, aí já começa a fazer bullying, chamando ele de “bixinha”, ou chamando ele de “ Ah aquele ali é o mariquinha/mulherzinha”, pra caracterizar algo de homossexual. Essas questões têm quer muito bem abordadas dentro da sala de aula.

- Ta. Mas por exemplo, suponhamos que essa dificuldade que você ta encontrando, ela parta da gestão, equipe pedagógica... gestão. Você já encontrou alguma dificuldade na equipe pedagógica?

Sim.

- Que tipo de dificuldade?

Dificuldade de... Não de querer enxergar que tem um problema e ele necessita ser solucionado até mesmo dentro da instituição. Algumas pessoas tiveram uma criação tão fechada que não conseguem nem abordar (falando de graduação pra graduação), elas não conseguem abordar esse tipo de assunto, fecha a cabeça, e não entendem o quê se passa com os problemas de dentro da própria escola do núcleo de ensino.

11- Como docente do ensino médio, ta, falando um pouquinho dos jovens ainda, como você acha que tem transcorrido a educação sexual deles?

Eles já tem uma base, um pouco antes do ensino médio, e quando chega no ensino médio, eles querem colocar tudo em prática, eles estão muito mais rápidos, muito mais velozes, eles querem logo treinar o quê é sexo, querem fazer o ato sexual, querem fazer acontecer, e é necessário muita informação pra esses jovens, sobre prevenção, sobre cuidados, sobre DST, sobre tudo o que eles precisam saber pra ter um esclarecimento sobre o que é certo e o que é errado, pra começar a praticar uma vida sexual ativa e saudável.

- Mas você tem percebido essa aprendizagem, você acha que eles aprenderam alguma coisa?

Acho. A maioria sim.

12- Você já leu ou estudou os PCN, que trata da educação sexual?

Sim, sim.

- E o quê que você achou?

Eu achei que falta conteúdo no PCN, falta material, é necessário uma abordagem um pouco mais profunda pra lidar porquê é necessário a evolução. Não da pra se trabalhar hoje da mesma forma como se trabalhava a 5 ou 10 anos atrás com o mesmo conteúdo, com o mesmo embasamento. As coisas mudaram, hoje em dia tem internet, tem mais meios de informação onde os jovens pegam até informações que são erradas pra trazer pra sua vida prática. Então é necessário um abordamento um pouco mais profundo e até mesmo a parte de uma disciplina que seja mais concentrada por exemplo, ou abrir um parâmetro dentro da própria biologia que seja mais concentrada essa parte sexual, sobre sexualidade.

13- Você sabe quais são as orientações que o PCN traz para que o professor aborde sobre a sexualidade?

Eu não me lembro agora no momento.

14- Você desenvolve totalmente, ou em parte, ou não desenvolve as recomendações sugeridas pelo PCN?

Sim...

- Especifique, por exemplo. Algo que você trate no cotidiano escolar.

A abordagem na sala de aula, sobre a parte de biologia, desde a parte mecânica e funcional, fisiológica, anatômica, até a parte prática e também psicológica, e emocional da sexualidade. Isso é abordado.

ANEXO J - Transcrição da entrevista professor P10/ 4 anos de atuação

ENTREVISTADO P10

1- Quando que você resolveu ser professor de biologia?

Bom, acho que uns dois anos depois que eu terminei o ensino médio. Aí eu comecei a ler, sempre quis ser professor, e as outras matérias não me destacava muito, a não ser educação física que eu sempre gostei. Mas eu levei em consideração também bastante coisa, deslocamento, custo benefício também na hora de fazer, então optei pelo que tinha mais próximo e eu ainda tava em dúvida entre biologia e educação física.

2- O que te atrai em ser professor?

Olha eu acho que, eu tenho um pouco de jeito com adolescentes né, com ensino, e é uma coisa que eu gosto de fazer também. Bom... assim, eu gosto mesmo do assunto, eu busco bastante em aprender, me interesso, e acho que foi o que mais levou em consideração.

3- Como foi a sua educação sexual?

Em qual parte você fala?

- Qualquer uma... durante a infância, familiar, escolar...

Bom, meus pais eles vieram do campo né, a maior parte da vida deles, então eu não tive muita... eles não me orientaram muito na verdade, eu aprendi mais na escola, e como acontece realmente com os jovens, aprendi mais pesquisando e com amigos, mas foi super tranqüilo pra mim.

- Quando você fala na escola, você lembra em que ano... ou como foi...?

Bom, principalmente a partir do ensino médio, os amigos, acho que já estavam todos na fase avançada né, namorinho né, e a gente já começa a trocar idéia, experiências e eu acho que aí que eu fui aprendendo mais.

- Entendi, da parte familiar? Sua mãe falava pouco? Seu pai... Como é que era?

Sim, bem pouco.

- Mas você tinha coragem de perguntar alguma coisa ou não?

Na verdade, algumas coisas eu perguntava. Mas eu acho que eles não tinham estudo pra me instruir, era mais experiência, mas eles evitavam em falar do assunto também.

- Por vergonha também né?

Também né... (risos). Geralmente pessoas mais do campo tem mais vergonha né...

- São mais retraídos né (risos)...

É...

- Ta. Na parte familiar ainda, você disse que a sua mãe e seu pai vieram do campo, tem algum, outro ente familiar que sugeriu, ou esboçou sobre isso ou...?

Bom, na verdade até minha adolescência não. Por que a gente era um pouco distante dos nossos familiares, então, não teve muita influencias de outras pessoas, então na verdade eu trocava algumas experiências, conversa sobre algumas coisas com um primo meu, mais ou menos da minha idade, então era o que a gente mais trocava era experiência.

- Você falou que teve um pouquinho de educação sexual no ensino médio né, e você se lembra o que era abordado, o que um professor falou sobre isso?

Bom, lembro sim. Lembro o nome da professora, lembro como ela dava aula, na verdade ela... o nome dela era Renildes, e ela era bem solta mesmo pra falar todos os tipos de assunto. Então ela abordava desde os assuntos mais básicos, da higiene nos órgãos genitais e até os ensinamentos, as técnicas que a gente... ela baseava os passos que a gente ia estar futuramente né, no caso que a gente ia passar, e ia orientando a gente, nos ensinava a ir conhecendo o corpo da gente, então ela ia direto ao ponto mesmo.

- E você acha que isso contribuiu?

Olha, por um tempo sim. Porque eu acho que depois que ela começou a falar mais abertamente, eu acho que eu tive mais facilidade, pra conversar, e tive mais curiosidade. Então eu acho que contribuiu sim, foi muito bom.

4- E você acha que é papel da escola tratar da educação sexual ou não?

Bom, ao meu ver, eu acho que quem tem que falar, principalmente orientar, são os pais, com certeza, e eu acho que a escola poderia exercer um papel assim, e tirar algumas dúvidas que acontecem no cotidiano. Mas eu acho que quem tem que adotar isso daí, orientar... por que existe muito costumes, a religião da pessoa, que também é mais conservadora né, então eu acho que tem que partir dos pais, e a pessoa ser uma pessoa aberta né, eu acho que tem que optar se quer ou se não quer como se fosse um ensino religioso mesmo. Fazer ou não...

- Entendi, é complicado ainda né...

5- Nós temos dois termos bem utilizados, que é o sexo e a sexualidade. Você acha que os dois são sinônimos ou não?

Bom, na verdade eu acho que são bem distintos.

- Você pode me explicar?

Bom, eu tenho o meu ver né... **(risos)**. Bom, eu acho que sexo é uma coisa mais carnal, que envolve mais contato, mais intimidade. E a sexualidade, acho que varia de indivíduo pra indivíduo, então a sexualidade da pessoa, ela tem que optar como que ela quer levar sua vida sexual. Pra que lado que ela quer seguir, por que são livres, então eles devem optar como eles vai levar a sexualidade, porquê a gente sabe que interfere vários fatores, como a homossexualidade, que ta em alta né, então eu acho que existe uma grande diferença nisso. Então sexo eu acho que caminha um pouco distante da sexualidade, mas não deixam de ser muito parecidos, se juntar em alguma parte...

- Não são sinônimos, mas quase.

Isso. Não são sinônimos mas estão interligados.

6- O que é a sexualidade pra você?

Bom, sexualidade pra mim, acho que são minhas escolhas...

- Quando você fala em escolha você quer dizer o que?

Porque a gente... como que eu te explico... A gente ta exposto à várias coisas que acontecem durante a nossa vida, principalmente hoje a gente tem amigos héteros, homossexuais, então algumas situações, da vida da gente, eu acho que nos implica a algumas escolhas, até na fase adolescente, a gente é chamado a experimentar algumas coisas diferentes, então, a sexualidade é essa liberdade que a gente têm de fazer escolhas. Adolescência principalmente, ou a fase adulta também.

- Você acredita que na fase de infância, nós já podemos fazer esse tipo de escolha ou não?

Eu acho que não estamos maduros o suficiente, eu acho que a gente tem que viver, conforme a gente vai levando né, a gente tem que ir vivendo e deixar pra fazer as escolhas quando a gente se sentir mais maduro, mais orientado. Então eu acho que o que acontece na infância, eu acho que não deve ser relevado na hora da gente fazer alguma escolha, quanto à sexualidade, que é uma época de experiência né, eu acho que deve ser discutido sim, mas eu acho que não deve influenciar.

7- Como que a gente sabe que estamos maduros?

Eu acho que a partir da hora que você tem uma convicção, que você está apto a assumir riscos, as conseqüências ou não das decisões que você toma, e quando você ta preparado pra isso e sabe o quê que aquilo vai te trazer, eu acho que você ta amadurecendo.

- E você acha assim que a homossexualidade pode ser genética ou não?

Bom....

- Como biólogo agora.

Certo, eu acho que na verdade sim, eu acho que tem uma influência principalmente que os hormônios, é, varia muito de pessoa pra pessoa e influência querendo ou não no comportamento, na sexualidade das pessoas. As vezes ela não leva a pessoa pro lado homossexual, mas ela afemina alguns instintos, o modo de se vestir, o modo de andar, então eu acho que com certeza, o lado biológico a genética acho que influencia sim.

8- Na sua graduação, você se lembra de algum professor que trabalhou essa temática (sexo e sexualidade)?

Não, na minha graduação não.

- Nada, nada, nada?

Não, nada.

- Em nenhum período, nem em algumas disciplinas específicas?

Não. Eu tive um professor que era homossexual, mas nunca, trabalhou com o assunto, nunca transpareceu muita coisa também. Tentou ser o mais discreto possível... Mas eu nunca tive uma disciplina, que eu me lembre, que tratou diretamente do assunto.

- Tenta puxar lá, quando a gente vê de sexo e sexualidade, lembra que... (to tentando te dar uma luz ta?) lembra quando a gente vê parte de fisiologia, embriologia? Aquela parte de maturação... Se naqueles momentos eles abordaram alguma coisa que fosse útil pra você hoje.

Sim, eu lembro quem que era a professora, como que trabalhou tudo, não me lembro.

- Dessa parte não se lembra?

Dessa parte não me lembro. O que eu te falei que, trabalha na parte hormonal, que a gente viu que sim, os hormônios interferem principalmente na formação de corpo, mas leva a pessoa a ter um... como eu digo... uma... ah, não sei se interfere na escolha da pessoa... Mas muda sim, principalmente no corpo da pessoa muda. E eu acho que dependendo de pessoa pra pessoa pode interferir na decisão sobre sexualidade.

- Você se lembra, ainda na graduação, se houve alguma estratégia didática para te ajudar educação sexual?

Bom, que eu me lembre não. A gente não teve nenhuma metodologia, pra trabalhar o assunto, pra sala de aula, método de implicar isso daí, de ajudar o conteúdo, eu não me lembro.

- Vocês fizeram algum trabalho relacionado ao DST?

Na verdade, o meu TCC foi relacionado à isso, sexualidade na adolescência. Então foi aonde eu vi que tinha um espaço vago na minha graduação, e eu conversei com a minha professora orientadora e, eu quis aperfeiçoar mais um pouquinho isso aí, mas foi um único momento que eu me lembre.

- E você foi bem orientado?

Fui. Muito boa minha orientadora... muito mesmo.

9- Você se sente preparado pra ensinar sobre educação sexual?

Olha, em algumas partes sim, eu tento me focar, quando eu vou falar de assunto nas partes que eu tenho mais convicção, onde eu já trabalhei com pesquisa no ensino médio, aí eu tento me focar mais ali. Quando foge um pouquinho do assunto, aí eu tento diminuir o ritmo, tento pesquisar alguma coisa, saber se eu posso ou não falar sobre aquele determinado assunto, mas no espaço que eu vi que eu posso entrar...

- E o quê que você aborda, quando você vai trabalhar?

Bom, no ensino médio, a gente trabalha um pouquinho mais aberto, fala sobre escolhas, por que os alunos gostam muito de discutir. Então a gente trata de variados assuntos, escolhas, eu não gosto de discutir, tipo assim, um caso Quando o tema é geral, eu trabalho praticamente todos os assuntos, ta? Então, agora quando pega um assunto mais específico, que eu vejo que a pessoa ta querendo né, aí ou eu trato isolado aquele caso, ou eu...

- Você consegue me dar um exemplo? Questão de conteúdo?

Hum Kécia... de cabeça assim, não vai...

- Se você entrar numa sala de ensino médio, e aí chegasse um aluno e fizesse uma pergunta pra você, que deixa a gente na saia justa geralmente. Como você começaria a abordagem sobre sexualidade?

Olha, as vezes eu posso sugerir, citar algumas situações que eu vivi, ou de alguma parte que eu já presenciei, pra eu dar uma introdução ao que ele me perguntou. Então se ele me perguntar uma coisa muito... eu falo assim “num caso parecido, que eu já tive conhecimento...”, mais ou menos assim.

- E se ele não te perguntasse?

Ta. Se ele não me perguntasse...

- É, se ele não te perguntasse, se você visse que a sala ta muito assim... eufórica, muito afobada, nessa questão, como você...?

Olha, aí eu entraria já... dentro do conteúdo, mas dentro da genética, como você falou, eu começaria abordando um assunto mais teórico, explicando, mas que existe, que acontece, falaria principalmente da questão hormonal, que eu acho muito importante e no decorrer eu acho que eu poderia ir me ramificando mais, dando espaço, abrindo pra pergunta, questionamentos. Eu acho que é aí que a gente vai conseguindo, falar mais abertamente sobre o assunto. Por que a gente chegar e falar diretamente do assunto, eu acho complicado, até por que o ensino médio a gente pega hoje mais maduros, principalmente 2º, 3º ano, então alguns gostam de falar já... e alguns ainda são tímidos, fogem um pouquinho disso daí né, então eu acho que se a gente for devagarzinho, contando algumas coisinhas, vai surgindo brechas pra gente abordar, eu acho que tudo o que ta ali.

10- Você encontra alguma dificuldade no ambiente de trabalho pra trabalhar assim, temático?

Você fala assim, dentro da sala de aula?

- Dentro da escola.

Dentro da escola?

- Equipe pedagógica... direção, alguns professores...

Olha, de colégio pra colégio pra colégio, sim. Eu acho que varia muita já com o costume que vem da escola, a metodologia que a escola trabalha, eu acho que algumas dão mais liberdade pra gente trabalhar, algumas equipes pedagógicas, as vezes até pelo fato de algumas pedagogas terem alguma formação do lado biológico, acho que pode contribuir pra deixar a gente trabalhar mais abertamente, eu acho que quando nós temos uma equipe pedagógica mais fechada, mais reservada, eu acho que a gente encontra um pouquinho de dificuldade, que as né, "ó professor, eu acho que isso daí não é adequado...". Então eu acho que varia sim de escola pra escola.

11- Você já vivenciou uma situação relacionada à sexualidade dentro da escola?

Sim.

- Que você teve dificuldade em lidar?

Sim.

- Pode falar? (risos)

Bom, quando eu tava no meu 1º ano, tava dando aula no 1º ano, eu vi um aluno, dentro da sala, se masturbando, durante a aula, e eu tive dificuldade em lidar com isso, né. Não sei se é por que ele era novo... encontrei dificuldade.

- Eu acho que não. Eu acho que qualquer professor teria dificuldade de saber o que fazer nesse caso né (risos).

É (risos), no começo eu não soube como agir, só que eu fui bem auxiliado por que a pedagoga da escola que eu trabalhava me deu muita orientação...

- Mas o quê que você fez na hora?

Na hora na verdade, nada. Ta? Por quê? Eu acho que foi só eu e outro aluno que viu. Então quando terminou a aula, esse aluno é bem tímido, mas esse aluno tava no final da sala, usou a bolsa pra cobrir quando ele tava fazendo, e uma tesoura. E o aluno que viu ficou constrangido, na verdade, eu percebi. E tava no final da aula, aí terminou a aula, eu sai pra troca, depois eu pedi pra pedagoga chamar, aí expliquei pra ela, pedi pra ela chamar, até pra não espalhar isso dentro do colégio e o colega que tinha visto também... mas... não sei como eu faria pra trabalhar ali, se a sala tivesse visto e tumultuado.

- E você se lembra o quê que foi feito?

Olha, a pedagoga orientou ele, chamou os pais, pra conversar o quê que os pais estavam trabalhando com ele, por que era do fundamental, menino novo do sítio, então eu lembro que a pedagoga chamou, conversou, aí nem conversou com ele, chamou a mãe, pra conversar, orientou a mãe sobre isso, e depois não teve mais problema, em relação à isso.

12- Como professor do ensino médio, você acha que seus alunos têm aprendido algo sobre educação sexual?

Olha, eu acho que eles já vêm com uma idéia formada, por que a tecnologia é muito prática hoje né, então qualquer dúvida que surge, eles não vêm mais no professor, eles vão direto no Google, então o professor Google ensina pra eles. Então algumas mais conservadas, até teve

colégios que vários alunos vieram falar comigo sobre vários assuntos abertamente, então foi até uma surpresa, pra mim, alguns alunos do fundamental, vindo conversar abertamente comigo sobre isso. Então eu acho muito pouco os alunos que vêm e querem saber " ah você vai explicar alguma coisa? Já sei isso professor". Isso, nós estamos aprendendo que eles já sabem, que eles já buscam isso daí, então até que pra você trabalhar o conteúdo de sexualidade dentro da sala de aula, fica muito mais fácil por causa disso, por que eles já buscam muita informações, então já vêm com uma idéia pra dentro da sala, então o que você fala pra eles ali dentro, a maioria das coisas não é mais novidade, as vezes eles podem ter uma visão distorcida, por que a gente sabe que nem tudo o que a gente acha na internet é real, e eles podem viajar um pouquinho na interpretação que eles têm ali, mas eles já vêm com um conhecimento prévio.

13- Você já estudou ou leu os PCN? Que são os Parâmetros Curriculares Nacionais?

Li. Na verdade eu li poucas vezes.

- Você já leu o que trata da educação sexual?

Eu li, mas eu não me recordo certinho, por onde que eles seguem. Algumas partes como a gente trabalha muito pouco isso daí, principalmente, a gente usa... principalmente eu, a gente usa isso daí quando a gente ta falando de genética mesmo, de fisiologia, que eu abordo mas pouca coisa também. Então eu tenho não abordar mais isso, um pouco menos na verdade.

- Então eu posso considerar que você não desenvolve o que o PCN pede?

Na verdade, como ta tão corrido, como é tão corrido o ensino médio né, eu procuro fazer diferente, eu procuro buscar diminuir alguns conteúdos, eu procuro pegar alguns conteúdos que a gente trabalha mais no vestibular, e pegar em cima deles, por que na verdade a sexualidade é uma orientação maior. Então eu pego algumas aulas e tiro dúvidas, eu deixo aberto, minhas aulas realmente no ensino médio elas são abertas quando a gente fala nesse assunto. "Pessoal, qualquer dúvida eu estou aqui, pode me chamar num canto, me ligar, qualquer dúvida eu ajudo se possível". Agora eu trabalho menos sim, por que eu me volto mais à preparação.

ANEXO K - Transcrição da entrevista professora P11/ 6 meses de atuação

ENTREVISTADA P11

1- Em que momento da sua vida, você decidiu ser professora de biologia?

Acho que quando eu terminei o magistério. Era a disciplina que eu mais me identificava.

2- E o que mais te atrai nessa profissão?

O contato com eles, o contato com esses temas mais atuais que a gente tem que trabalhar muito com os animais, que eu gosto bastante. Por isso mesmo.

- A questão do que te atrai nessa profissão você fala que é mais o contato com os alunos?

Sim. A interação com eles. Conhecer mais eles, que às vezes a gente não tem conhecimento, só tem o conhecimento teórico, não ali na prática com eles. Foi isso que me fez ir por biologia. E por se tratar de um assunto interessante. Não ser aquela aula maçante, que sempre da sono, que trata de assuntos variados. Por isso.

- Você consegue trabalhar de uma forma mais diversificada né?

Sim. Mais dinâmica.

3- Como foi sua educação sexual?

Acho que foi tradicional. Na escola, quando eu fazia, quando eu estudava, não se falava muito sobre isso, em casa também não. Eram mais informações que a gente lia. Palestras que eu lembro que tinha bastante, mas assim... Mas foi tradicional.

- Certo, da parte da sua família, da parte familiar, você teve alguém que te instruísse, de repente até sua mãe, no começo da menstruação... alguma coisa relacionada à isso?

Minha mãe.

- E algum outro parente?

Uma irmã mais velha.

- E o que era tratado com você? Você se lembra?

Ah, o básico... Tipo como... Sobre a menstruação, sobre como lidar com isso, mas sobre sexo, essas coisas não era conversado, então era meio que... eu descobri ao acaso.

- E como você fez pra descobrir?

Ah, com experiências de amigas mais velhas, ou das amigas que já eram mais adiantadas, ou que já tinham casado...

- Entendi. No caso, você disse que tem uma irmã mais velha... E ela foi educada sexualmente da mesma maneira que você?

Sim. Também.

- Sempre do método tradicional?

Sim.

- E vocês são de uma religião específica...?

Nós somos católicas. É que era um método que se perguntasse pra minha mãe, ela ia responder. Mas se não perguntasse, ela não ia falar.

- Então vocês preferiam não perguntar? (risos)

Não, e até hoje a nós temos um pouco de vergonha. Vejo pelos alunos mesmo, eles perguntam pra gente e o que não perguntam para os pais.

4- Em que momento da sua educação escolar, você se lembra de ter recebido algum embasamento sobre a sexualidade?

No ensino médio, somente.

- Só no ensino médio, educação infantil...? Nada?

Nada. Nem no ensino fundamental.

- Nem assim, você tentando lembrar a respeito do corpo humano... uma coisa mais biológica assim...? Nada.

Não. Quando... Tanto é, quando eu estava no ensino médio, que tava naquela parte de trabalhar o corpo humano, que a gente trabalha, o professor deixou de trabalhar com o que ele achava que era um assunto desnecessário pra nossa idade... Eu lembro disso. E o assunto do corpo humano, reprodução humana, foi pulado.

- Mesmo no ensino médio?

Mesmo no ensino médio, como no fundamental também.

- Então nesse caso vocês também não tinham nem orientação dos pais, e nem dos professores. É isso?

Não, na escola não.

- Entendi...

Mais com palestras mesmo.

- E essas palestras eram na escola?

Sim, a escola, eles trouxeram.

- Foi no ensino médio que você falou...?

Sim.

- E você se lembra o que era abordado nessas palestras?

Sobre o uso da camisinha, sobre DST... Sempre voltado pra isso. Pra gravidez na adolescência... Eles tratavam desses assuntos.

5- Bom, você acha que é um papel da escola tratar o ensino da sexualidade?

Não somente... Eu acho que assim, a escola tem totalmente o papel de ensinar, e em casa o pai também, não adianta só a gente falar... E em casa o pai repudiar o assunto, “não, meu filho não pode fazer isso”, o pai tem que ter uma mente aberta pra conversar também com o filho. Não é também só papel da escola.

- Entendi. Nesse caso, você acha que os pais têm cumprido o papel deles?

Eu acho que bem pouco.

- E a escola?

Também bem pouco. Assim, ainda hoje, eu vou falar sobre sexo, certos professores têm pudor, mesmo sendo em biologia eles têm pudor a falar ao em reprodução. E quando chega na sala, que tem as aulas que o tema é relacionado a reprodução, é um alvoroço, eles acham que “é coisa de outro mundo, não posso escutar isso”. Então os professores deixam de falar sobre isso, por pudor, ou às vezes medo da reação deles, de não conseguir dar aula de maneira correta...

É hoje em dia nós temos muitos professores que dão aula há 30 anos. A aula de biologia deles é totalmente diferente. É mais assim, ali é teoria, pronto. Não tem a explicação, não tem a parte de tirar dúvidas. E a parte de tirar dúvidas, eu vejo assim: que surge muita coisa... útil e coisa inútil. E muitos professores evitam por causa disso.

6- Nós temos dois termos que a gente utiliza. Que é o sexo e a sexualidade. Você consegue diferenciar os dois? Você acha que os dois são sinônimos ou não?

Eu acho que, a sexualidade em si, não precisa envolver o ato sexual, o sexo. A sexualidade é mais pra se conhecer, conhecer o próprio corpo... E o sexo... É como assim... Digamos, é uma conseqüência disso, depois que você se conhece, e conhece a outra pessoa, você tem que conhecer o funcionalismo do corpo...

- Mas você consegue, se eu te perguntasse assim: Qual a diferença dos dois?

Não, não saberia diferenciar.

7- Fala pra mim, como foi abordada a educação sexual ou mesmo alguma temática relacionada à sexualidade, na sua época de graduação.

Não foi.

- Não foi em nenhum momento...?

Em nenhum momento. O único momento assim que eu lembro... Foi quando a gente fez um painel, mas sem... Tipo assim fomos nós que escolhemos o próprio tema e pesquisamos, não foi o professor que estabeleceu os temas. Em nenhum momento foi abordado, nem sobre DST, nem sobre nada.

- Como que você entende a sexualidade?

A sexualidade?

- É, por que quando eu falo assim: como foi tratada a sexualidade... O quê que você entende da sexualidade?

Conhecer o próprio corpo. Eu entendo assim. Qual o conhecimento. E em nenhum momento isso também foi trabalhado.

- Nem também, fisiologia, embriologia...? Por que tem um momento que eles trabalham aparelhos reprodutores, né?

Sim, embriologia. Mas assim, o professor, ele era muito tradicional, em biologia, então, era mais leitura mesmo. Então nós acabávamos lendo ali, e descobrindo ali.

- E daí nesse caso, você, vocês tiveram algum caso de estratégia didática, pra abordar assuntos como a sexualidade?

Na faculdade?

- Na faculdade.

Não também.

Tem essa formação do painel que você falou pra mim, foi por que vocês tiveram a vontade de montar um painel?

A-hã.

- E você se lembra o que vocês abordaram nesse painel?

Ah, se eu não me engano era conhecendo o próprio corpo. Esse era o tema do painel. Mas só isso também.

- Bom, então vocês não tiveram nenhuma estratégia de didática...

9. Você se sente preparada pra ensinar sobre sexualidade?

Ah eu acho que sim.

- E o que você abordaria?

Eu acho que eu abordaria os conhecimentos que eles já têm, a primeiro momento consideraria isso, e trabalharia em cima das curiosidades, de conhecer o corpo, um pouco de tudo assim...

Esses quesitos. Agora... Respeitando os limites deles, que eles têm limites ainda, que por exemplo, tem uma turma dele lá que eu trabalho que uma das alunas não pode ouvir nada que envolva corpo humano.

- Por quê?

Ela começa a ter tipo algum surto sabe? E tipo, quem conhece ela, fala que não é vítima de abuso, nem nada. Mas ela começa a ter uns surtos, começa a fazer barulho, começa a se bater, começa a gritar...

- Que estranho.

É muito estranho. Mas eu acho que eles mesmos têm um limite...

- É do ensino médio?

Isso.Só que assim, ela faz tratamento, mas o que ela mesma alega é que ela tem esse tipo de reação pra chamar atenção. Ela gosta de chamar atenção, nesses exatos momentos. Disse que em casa ela também é assim. É bem estranho... principalmente quando você ta dando aula, quando ela começa... Fiquei bem assustada no primeiro dia.

8-Você encontrou alguma dificuldade nos seus ambientes de trabalho, pra abordar o ensino da sexualidade?

Não...

- Assim, eu gostaria de saber se parte alguma coisa, alguma dificuldade da equipe pedagógica, direção... Você tem algum impedimento?

Não.

9-Você já vivenciou alguma situação relacionada à isso, que você tivesse dificuldade de lidar? Principalmente na escola? Que nem você falou dessa menina, teve dificuldade de mais alguma situação?

No ensino médio não. Não presenciei.

- Nem preconceito nada... Nenhum aluno de... Trangênero?

Não. Assim, nas turmas que eu trabalho, eles são bem aceitos, convivem, normalmente...

- Mas você tem à noite a... Juliana, acho que Juliana...

A-hã.

- Você... Consegue lidar normal com a situação?

A-hã.

- E a sala também não tem nenhuma dificuldade com ela?

Não, em nenhuma das turmas que eu leciono tem dificuldade.

10.Você acha que, como professora do ensino médio, tem ocorrido a educação sexual nos seus alunos?

Eu acho que hoje em dia sim, na maior parte deles conhece já essa parte de sexualidade já, sabe falar melhor do que antes.

11.E como que você percebe que isso ocorreu?

Nos debates, nos diálogos que a gente têm, eu vejo assim que eles não têm mais aquela opinião tão infantilizada, ou não tem preconceitos, tantos preconceitos como antes a gente tinha, eu terminei o ensino médio faz 5 anos, e quando eu fazia o ensino médio, era totalmente diferente, tinha muito preconceito. Quem manifestava, que era homossexual, era motivo de vexame na

sala, sofria bullying a todo o momento. Hoje em dia não, eu acho que eles já são bem mais preparados.

12.Você já leu, ou estudou os PCN?

Já.

- Que tratam do conteúdo da sexualidade?

O conteúdo da sexualidade, em si só, não. Mas de uma maneira ampla.

- Certo, e o que você achou dos PCN?

Eu acho assim que, é muita teoria, é muito bonito ali na teoria, só que, não traz muitas metodologias pra gente trabalhar aquilo na prática.

13.Como que você acha que o PCN aborda a sexualidade? Você concorda com a metodologia que o PCN trás?

Eu acho que não, eu acho que tinha que tinha que ser uma coisa mais diversificada, uma coisa mais... Como eu posso dizer... Mais dinâmica com eles, não daquela forma tradicional. A sexualidade, a sexualidade em si, é diferente de trabalhar conteúdo sobre as plantas, sobre outras coisas. Eu acho que assim, deveria ser uma metodologia mais dinâmica, mais interativa.

- E você se lembra qual é o objetivo do PCN?

Não.

- Como que ele quer que seja abordado?

Não.

14.Você desenvolve totalmente ou em partes, ou até não desenvolve as objeções dos PCN? Você acha que você faz as aulas de acordo com o PCN?

Acho que sim, em partes sim. De acordo com a realidade do lugar...